CORRESPONDENCIA

DO

MARECHAL DUQUE DE SALDANHA

PUBLICADA POR

GUILHERME J. C. HENRIQUES

(DA CARNOTA)

III

CARTAS E OFFICIOS CONFIDENCIAES
DE RODRIGO DA FONSECA MAGALHÃES
OFFICIOS RESERVADOS E CONFIDENCIAES
DO MARECHAL DUQUE DE SALDANHA
ENVIADOS DE MADRID
AO MINISTRO RODRIGO DA FONSECA MAGALHÃES
DURANTE A MISSÃO DE 1840-41
INSTRUCÇÕES QUE O MARECHAL LEVOU
PARA AQUELLA MISSÃO

LISBOA
Typ. da Empreza da Historia de Portugal
[illegible]—RUA IVENS—[illegible]
[illegible]

CORRESPONDENCIA

DO

MARECHAL DUQUE DE SALDANHA

III

CARTAS E OFFICIOS CONFIDENCIAES DE
RODRIGO DA FONSECA MAGALHÃES
OFFICIOS RESERVADOS E CONFIDENCIAES
DO MARECHAL DUQUE DE SALDANHA
ENVIADOS DE MADRID
AO MINISTRO RODRIGO DA FONSECA MAGALHÃES
DURANTE A MISSÃO DE 1840-41
INSTRUCÇÕES QUE O MARECHAL LEVOU
PARA AQUELLA MISSÃO

CORRESPONDENCIA

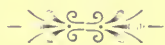
DO

MARECHAL DUQUE DE SALDANHA

EDITADA POR

GUILHERME J. C. HENRIQUES
(DA CARNOTA)

III

CARTAS E OFFICIOS CONFIDENCIAES
DE RODRIGO DA FONSECA MAGALHÃES
OFFICIOS RESERVADOS E CONFIDENCIAES
DO MARECHAL DUQUE DE SALDANHA
ENVIADOS DE MADRID
AO MINISTRO RODRIGO DA FONSECA MAGALHÃES
DURANTE A MISSÃO DE 1840-41
INSTRUCÇÕES QUE O MARECHAL LEVOU
PARA AQUELLA MISSÃO

LISBOA
Typ. da Empreza da Historia de Portugal
45 — RUA IVENS — 47
190[illegible]

INTRODUCÇÃO

Esta terceira parte da correspondencia do Marechal Duque de Saldanha constitue, talvez, debaixo do ponto de vista historico-politico, a serie mais interessante d'ella, porque se refere, na maior parte, á epocha do *Ultimatum* hespanhol, epocha tão grave para Portugal que o espirito verdadeiramente patriotico não pode deixar de ficar impressionadissimo, pezando bem as consequencias que podia ter tido, e que, devido á grande consideração e estima que Saldanha gozava, tanto em Hespanha, como entre os politicos inglezes, foram evitadas.

Não é só em Portugal que estes documentos serão lidos com interesse; terão valor para os que, no visinho reino, estudam a historia moderna da Hespanha.

Os originaes foram depositados na Collecção Carnotense, na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Apesar de toda a nossa boa vontade, não nos foi possivel collocar todos os documentos na devida ordem chronologica, não só pela deficiencia de datas d'esses documentos, mas ainda, porque, como andavam dispersos, alguns d'elles só foram encontrados depois de estar muito adiantada a impressão d'este volume.

ALGUMAS NOTAS BIOGRAPHICAS

SOBRE

RODRIGO DA FONSECA MAGALHÃES

Nasceu este estadista notavel em Condeixa, a 24 de julho de 1787, e era filho de Luiz da Fonseca Magalhães, proprietario e senhor d'Azenhas, em Condeixa, e natural da villa de Midões, e de D. Joanna da Costa Carvalho, natural de Santa Christina de Condeixa, filha de Antonio de Carvalho Serrano e de D. Maria Antonia da Costa, ambos naturaes da mesma freguezia. Pelo lado paterno, seus avós eram Manuel da Fonseca Magalhães, proprietario, capitão das Ordenanças da villa de Midões, e sua mulher D. Michaela Soares de Albergaria, natural da mesma villa.

Tendo aprendido em Condeixa as primeiras letras e o latim, passou a frequentar as aulas do Collegio das Artes, em Coimbra, matriculando-se em seguida na Faculdade de Theologia, por ser vontade da familia que se dedicasse á vida ecclesiastica; mas, ao passo que frequentava as aulas de Theologia, estudava tambem Philosophia e Mathematica. A primeira invasão franceza, em 1808, obrigou a fechar as aulas da Universidade, vendo-se Rodrigo da Fonseca na necessidade de tomar a espingarda para defender a patria. Foi por este tempo que escreveu e publicou algumas poesias, para accender no espirito dos seus compatriotas o quasi apagado amor da patria, instigando-os a pelejar pela defeza dos lares tão injustamente flagelados pelos soldados de Napoleão.

Do Batalhão Academico, onde primeiramente se alistára, passou para o corpo de Guias, onde permaneceu até que foi collocado, como alferes, no regimento de Infanteria n.º 15, com o qual tomou parte na guerra da Peninsula. Durante a campanha chegou ao posto de tenente, e foi agraciado com a me-

dalha portugueza da Guerra Peninsular, de 4 campanhas, e com a medalha britannica de 5 batalhas.

Em 1817, achando-se em Lisboa, fez parte da mallograda conspiração liberal de que foram victimas o general Gomes Freire e mais alguns officiaes, ignominosamente mortos no Campo de Sant'Anna. Escapando ás pesquizas de Beresford, mas não se julgando seguro em Lisboa, embarcou para o Brazil, onde ao tempo o seu antigo commandante, Luiz do Rego, estava governando Pernambuco. N'aquella cidade encontrou o nosso biographado o mais benevolo acolhimento, dispensando-lhe Luiz do Rego toda a protecção.

Em 1821 publicou, em Pernambuco, a *Aurora Pernambucana*, primeiro jornal politico que appareceu em Pernambuco. Luiz do Rego voltou para Portugal, em 1821, acompanhado de Rodrigo da Fonseca Magalhães, que, pouco tempo depois de chegar á patria, casou, em 1822, em Vianna do Castello, com D. Ignacia Candida do Rego Barreto, que nasceu a 1 de dezembro de 1803 e morreu a 1 de junho de 1838, segunda filha do general do mesmo nome, depois 1.º visconde de Geraz de Lima, seu intimo amigo e antigo commandante.

No mesmo anno foi Rodrigo da Fonseca nomeado Official da Secretaria da Justiça, conforme o respectivo *Diario do Governo*. Restabelecido, em fevereiro de 1828, o Governo Absoluto, e sendo já notorios os talentos de Rodrigo da Fonseca, quizeram os Miguelistas chamal-o ao seu Partido, offerecendo-lhe honras e mercês. Recusou o nosso biographado acceitar as honrarias provenientes dos sectarios do Absolutismo, mas prevendo os perigos a que ficava sujeito, homiziou-se do paiz embarcando, com o seu amigo José da Silva Carvalho, para Inglaterra, chegando a Londres em fins de setembro de 1828.

Em Londres publicou varios artigos, em defesa do Systema Liberal, na *Aurora* e no *Paquete de Portugal*, jornaes que os emigrados alli crearam e sustentaram, e fez umas annotações ao denominado *Manifesto do Infante D. Miguel*.

Regressando á patria, pouco depois do desembarque do exercito de D. Pedro na praia do Mindello, foi encarregado, entre outros serviços, de ir a Inglaterra entender-se com Luiz Antonio de Abreu Lima, João Antonio Alvares, Mendizabal e Francisco Antonio Wanzeller ácerca da promptificação dos vapores e das munições de guerra e de bocca; commissão esta que, á mingua de recursos pecuniarios, fracassou completamente.

Tempos depois, coadjuvou muito Abreu Lima nos arranjos da expedição que se organisou sob o commando de Napier.

Quando voltou a Portugal, achando-se já o Governo Constitucional restabelecido, foi logo nomeado Director Geral do Ministerio da Justiça, e Administrador da Imprensa Nacional, logares que conservou até entrar, pela primeira vez, em Ministerio.

Eleito Deputado ás Côrtes que se reuniram em 15 d'agosto de 1834, diz um seu biographo, alli revelou logo os seus talentos oratorios, e o espirito de tolerancia e conciliação, que foi uma das suas qualidades caracteristicas durante toda a sua carreira politica.

Aos creditos de orador eloquente e de jornalista distincto, deveu Rodrigo da Fonseca o ser nomeado, em 15 de julho de 1835, Ministro do Reino, em cujo Ministerio se conservou quatro mezes apenas, sahindo a 18 de novembro seguinte.

Por alvará de 2 de agosto de 1835, foi nomeado Fidalgo Cavalleiro da Casa Real.

A Revolução de Setembro teve, em Fonseca Magalhães, um dos seus mais resolutos adversarios, e os Cartistas acharam no intemerato Liberal um dos seus mais galhardos campeões.

Entrou novamente para o Ministerio, juntamente com Costa Cabral, Florido Ferraz, Conde de Bomfim e Conde de Villa Real. N'este Gabinete, teve a pasta do Reino desde 26 de novembro de 1839 até 9 de junho de 1841, e a dos Estrangeiros de 23 de junho de 1840 até 7 de fevereiro de 1842, sendo da primeira data até 12 de março de 1841 interino, d'aquella data até 21 de abril do mesmo anno como substituto do Barão de Moncorvo, que não chegou a exercer, e effectivo desde 9 de junho de 1841 até ao fim. D'este modo achava-se á frente da administração publica na occasião da restauração da Carta, effectuada em janeiro de 1842, tendo dirigido todas as negociações com a Curia para o restabelecimento das relações entre a Côrte de Lisboa e a Santa Sé, que se achavam interrompidas desde a entrada de D. Pedro.

Foi nomeado Par do Reino por Carta Regia de 22 d'outubro de 1847, prestando juramento e tomando posse em Sessão da Camara dos Dignos Pares, a 13 de janeiro de 1849.

Levantado o grito da Regeneração pelo Duque de Saldanha, foi Rodrigo indigitado para Ministro do Reino, cuja pasta sobraçou a 7 de julho de 1851 e conservou até 6 de junho de 1856. No mesmo Gabinete teve, interinamente, a pasta da Justiça desde 7 de julho de 1851 até 4 de março de 1852, por ausencia do Bispo do Algarve, que não chegou a exercer, e depois, desde 19 de agosto de 1852 até 3 de setembro de 1853. Tambem teve a pasta das Obras Publicas de 8 de novembro

de 1855 a 3 de janeiro de 1856, por ausencia de A. M. de Fontes Pereira de Mello.

Durante os cinco annos que esteve no poder, manifestou, em tudo, o espirito de tolerancia a que sempre foi affeiçoado.

A Rodrigo da Fonseca Magalhães deve o paiz a maior parte dos melhoramentos materiaes que a Regeneração introduziu no paiz, bem como a creação de varios estabelecimentos scientificos e de Bellas Artes. Foi Socio Emerito da Academia Real das Sciencias. Além da medalha das campanhas peninsulares, e do gráo de Cavalleiro da Ordem da Torre e Espada, teve Rodrigo a Grã-Cruz de Christo, que, já no ultimo quartel da vida, se viu forçado a acceitar para satisfazer aos desejos de Sua Magestade a Rainha, que tinha por Rodrigo da Fonseca a maior estima e consideração. A 11 de maio de 1858, falleceu, em Lisboa, este notavel estadista, que foi, incontestavelmente, um dos maiores homens que no seculo XIX honraram a nação.

Do seu consorcio houve um filho, e uma filha que nasceu a 9 de julho de 1836 e falleceu a 11 de agosto de 1838, isto é, dois mezes depois da morte da mãe. O filho, Luiz do Rego da Fonseca Magalhães, nasceu a 15 de outubro de 1827 e falleceu a 31 de julho de 1868, tendo casado, a 21 de maio de 1849, com D. Julia Sophia de Almeida Brandão e Sousa, que, em seguida ao fallecimento do marido, isto é, a 26 de agosto de 1868, foi agraciada com o titulo de Condessa de Geraz de Lima, e passou a segundas nupcias, em 1870, com Antonio Joaquim da Veiga Barreira, e a terceiras nupcias, em 1880, com o Conde da Folgosa. Do primeiro matrimonio teve dous filhos e duas filhas, e de tres d'elles parece haver geração.

CARTAS

DE

RODRIGO DA FONSECA MAGALHÃES

CARTAS

DE

RODRIGO DA FONSECA MAGALHÃES

I

Lisboa, em 29 de Maio de 1840.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Tenho a satisfação de annunciar a V. Ex.ª que Sua Magestade concede ao general de Brack, Chefe da Eschola de Cavallaria, e ao Dr. Sichele, medico oculista de S. M. o Rei dos Francezes, ambos subditos do referido Monarcha, a commenda da ordem de Christo.

Fiz presente a Sua Magestade quanto V. Ex.ª se interessava nestes despachos, o que por certo concorreu, como parte principal, para que a mesma Augusta Senhora se dignasse de condecorar as duas benemeritas pessoas.

Fiz procurar em um Almanack francez os nomes de Baptismo dos *agraciandos*, para que os seus Diplomas fossem expedidos na melhor forma; se, porém, não forem encontrados, se fará menção dos seus appellidos unicamente, a fim de não demorar a remessa dos mesmos Diplomas, que serão dirigidos a V. Ex.ª pelo seguinte paquete.

Pode pois V. Ex.ª, desde já, annunciar aos interessados a concessão da graça com que Sua Magestade os distingue.

Tenho a honra de ser

De V. Ex.ª
Am.º Att.º V.^{or} e Cr.^{do} Obg.^{mo}

R. Fonseca Magalhães.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Marquez
de Saldanha.

II

Lisboa, 6 de Junho de 1840.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Conforme escrevi a V. Ex.^{a} pelo paquete passado, tenho a honra de remetter a V. Ex.^{a} as duas Cartas Regias, uma para o general de Brack e a outra para o Dr. Sichele.

Este objecto fôra por V. Ex.^{a} entregue ao meu cuidado, e com esta remessa me lisongeio de ter cumprido as ordens de V. Ex.^{a}

Tenho a honra de ser

De V. Ex.^{a}
Am.^{o} Att.^{o} V.^{or} e Cr.^{do} Obg.^{mo}

R. Fonseca Magalhães.

III

Lisboa, em 11 de Setembro de 1840.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Com muita satisfação tenho a honra de enviar a V. Ex.^{a} a junta Carta Regia, em que S. M., de modo mui explicito, testemunha a V. Ex.^{a} a sua Real approvação pela maneira com que V. Ex.^{a} se houve no desempenho da commissão a que A Mesma Senhora se refere. Quanto em mim cabe ajunto, tão-bem, a minha debil voz de applauso ao procedimento de V. Ex.^{a}, applauso de que V. Ex.^{a} não carece, porque o seu nome é conhecido, e o seu zelo pelo serviço de Sua Magestade e da Nação formam o brazão da sua gloria.

Tenho a honra de ser

De V. Ex.^{a}
Am.^{o} Att.^{o} V.^{or} e Cr.^{do} Obg.^{mo}

R. Fonseca Magalhães.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Marquez
de Saldanha.

IV

Secretaria d'Estado dos Negocios Estrangeiros, em 28 de Outubro de 1840.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Particular.

Estimarei muito que V. Ex.ª me faça saber que foi e chegou felizmente.

Parece-me que a sua ida teve todas as circumstancias da opportunidade.

Tãobem me parece que o bom exito da commissão de que V. Ex.ª está incumbido depende do *ar* com que V. Ex.ª se houver na primeira apresentação, e como eu sei que ninguem o teria melhor, confio, e seriamente o affirmo, em que tiraremos feliz resultado.

Nós somos conformes com os principios ahi proclamados, de que é preciso um governo nacional e sinceramente liberal, e verdadeiramente representativo. Ha só differença na respectiva situação dos dois paizes.

Para que bem nos entendamos, e ambos os Governos concorram para a prosperidade das nações que representam, carecemos de obrar em tudo com lisura e franqueza. Da parte de Portugal sempre a haverá; e o nosso proceder, principalmente desde que appareceram os ultimos acontecimentos n'esse Reino, é tão claro e patente que não receamos os mais minuciosos exames.

E' tempo de que nos entendamos como povos, e governos amigos: se o fizermos daremos a Portugal e a Hespanha um manancial de prosperidades.

Em Hespanha fez-se um grande movimento para tornar firme e estavel uma ordem de cousas qual convem á Nação; em Portugal qualquer movimento imitativo destruiria o muito que já se tem feito no caminho do verdadeiro progresso. V. Ex.ª poderá desenvolver estas proposições em vantagem nossa, e ainda de Hespanha, que eu não concebo verdadeiro bem para um d'estes paizes que o não seja para o outro; aliás esse bem é um sonho.

Para remover toda a desconfiança da nossa parte, desconfiança que eu não tenho, mas que se procura levantar nos animos da gente incauta, e até da gente turbulenta, cumpre que o governo Hespanhol ordene e torne effectiva a retirada dos refugiados Portuguezes dos Povos da Fronteira — e ordene ás

autoridades que cumpram litteralmente os Tratados que nos unem. Ultimamente annuiram essas autoridades á remoção do major Cabral, de Ayamonte; mas deram-lhe quartel em Huelba, e deixaram na primeira d'estas terras os seus companheiros. Em Huelba está elle concitando, como fazia em Ayamonte, os seus co-partidarios á revolta. Em S. Vicente, em Zarza Maior, e em outras povoações limitrofes, toleram-se e se festejam os nossos refugiados: de um desses logares já fizeram uma incursão em Portalegre, tirando um preso da cadeia. Agora fizeram correr que uma força destinada para Ayamonte (que já lá está) e outra que se espera em Badajoz, vem destinadas a fomentar a revolução em Portugal.

V. Ex.ª terá a bondade de fazer sobre isto as observações que são obvias, e certo estou que serão attendidas, porque são justas. Pedirá que se dêem ordens positivas para a effectiva remoção dos turbulentos refugiados, e para que as autoridades dêem todas as seguranças que satisfaçam os timidos, e contenham os aspirantes ao resultado das revoluções.

Isto é de summa urgencia; porque os homens inimigos da paz ganham esperanças com essas que lhes parecem demonstrações de parcialidade da parte do Governo de Hespanha a favor das suas tentativas.

Por este motivo sollicito eu toda a actividade, todo o zelo de V. Ex.ª, em objecto de tamanha importancia.

Por agora vão as cousas regularmente; e só poderia alterar-lhes o andamento algumas d'essas occorrencias, a que désse logar o proceder menos justo que tanto se receia das autoridades Hespanholas — proceder que eu sei que ha de ser reprovado e enfreado pelo Ministro dos Negocios Estrangeiros, o sr. Ferrer, de cuja capacidade e honra eu tenho a mais elevada idea.

Sua Magestade continúa em suas melhoras.

Peço a V. Ex.ª que se vir o sr. Arguelles me recommende a elle mesmo como constante amigo e admirador.

Saudades ao Ximenes, e ao Conde de Almoster.

Tenho a honra de ser

De V. Ex.ª
Am.º Att.º V.or e Cr.do Obg.mo

R. Fonseca Magalhães.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Marquez
de Saldanha.

V

Lisboa, 31 de Outubro de 1840.

Confidencial. Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Já V. Ex.ª terá chegado a essa côrte, e estou ancioso por saber qual o recebimento que n'ella teve.

Tenho esperança de que fosse em tudo conforme.

Sua Magestade a Rainha vae sem novidade, antes direi que se acha de todo boa, porque assim o parece.

Recebi aqui o sr. Viniegra, na qualidade de Encarregado de Negocios, antes de apresentar as suas credenciaes, e com elle tenho falado officialmente sobre as occorrencias da fronteira de Hespanha, pelo lado do sul, com a devida franqueza.

Chamo sobre este assumpto a attenção de V. Ex.ª. Rogo-lhe que veja V. Ex.ª o *Nacional*, de Cadiz, de 19 do presente, e achará n'elle uma propaganda furiosa para as doutrinas mais subversivas. Longe estou de crêr que o Governo de uma nação tão grave como a Hespanhola, auctorise tal abuso; mas é certo que, sendo seguidos artigos de tal natureza por movimentos de tropas sobre a nossa fronteira, e armamento de fortalezas assestando artilharia para o lado de Portugal, como se fez em Ayamonte, ninguem dirá que deixa de haver intenções que causam vivas suspeitas, e até mais do que isso.

As participações officiaes das autoridades expõem estes factos, positivamente; o da entrada de forças em Ayamonte, e a marcha de outras que formarão uma especie de cordão sanitario desde aquella cidade até Badajoz. Os agitadores exaggeram, mas só se exaggera o positivo; e este procedimento é verdadeiramente hostil.

Os officios que temos sobre taes movimentos do visinho Reino, são do Governador do Algarve, e de Elvas e dos Administradores Geraes respectivos.

Em nenhum ponto tem as autoridades attendido ás reclamações feitas pelos nossos a respeito dos refugiados; quando nós, pelo contrario, temos feito internar os de Hespanha a vinte leguas da fronteira: temos todo o direito para exigir correspondencia ao nosso modo de proceder, que é franco e leal, e não deve ser correspondido por maneira tão impropria.

V. Ex.ª terá a bondade de fazer valer, com a sua energia, estas razões de bom comportamento da nossa parte, e da justiça e direito para com o Governo de Hespanha: e poderá en-

tender-se, directamente, com o sr. Aston, ministro de S. M. Britannica, do qual estou certo que cooperará com V. Ex.ª para haver um reparo a este proceder, tão injusto e pouco amigo, das autoridades dos districtos da fronteira.

Isto é tanto mais urgente quanto os homens, que fomentam a desordem no nosso paiz, se valem de taes occorrencias para levantarem o espirito dos seus confrades e excital-os á anarchia. Espalham noticias fabulosas, mas que tendo por fundamento factos existentes induzem os animos á credulidade, uns por esperanças e outros por temores.

N'estes termos já V. Ex.ª pode avaliar de quanta utilidade será que V. Ex.ª obtenha, quanto antes, medidas terminantes a respeito d'esses movimentos de tropas, e sobre a internação dos nossos emigrados, publicando-se as que forem convenientes nos jornaes d'essa capital. Da nossa parte corresponderemos lealmente a tudo quanto se julgar justo, e d'esta sorte affastaremos para longe as desconfianças e receios de que não vem bem a nenhuma das duas nações.

Talvez ainda hoje escreva a V. Ex.ª de officio sobre esta materia; mas, em todo o caso, tome V. Ex.ª esta por official.

Repito, V. Ex.ª pode dar todas as seguranças da nossa lealdade; e se continuarmos n'ella, correspondidos por esse Ministerio, poderemos, emquanto V. Ex.ª ahi estiver, terminar alguns negocios importantes.

Tenho a honra de ser

De V. Ex.ª
Am.º Att.º V.or e Cr.º Obg.mo

R. Fonseca Magalhães.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Marquez
de Saldanha.

VI

Em 2 de Novembro (de 1840?).

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Hontem recebi a muito estimada de V. Ex.ª, de 26 do p. p.

Li-a a Suas Magestades, que folgaram muito da fortuna que V. Ex.ª teve, ficando incolume no accidente de que tantos sahiram maltratados, e que na verdade é perigosissimo.

Não occulto a V. Ex.ª que houve *riso Real* na passagem

em que V. Ex.ª se declarou naturalmente assentado sobre o seu companheiro de *coupé*.

Folgo no intimo do coração que V. Ex.ª fosse bem recebido pelos Ministros e pela Duqueza de Victoria; nunca pude persuadir-me de que o contrario succederia.

Tão bem estimo muito que esse Governo apreciasse o testemunho dado por S. M. a S. M. Catholica, de haver, por beneficio da Providencia, escapado ao perigo em que estivéra na noute de 7 para 8 do proximo passado. O Governo Portuguez considerou na tentativa, que então se fez, de arrebatar S. M. Catholica, um facto gravissimo de desacato á Sagrada Pessoa da Rainha de Hespanha, em quebra do principio monarchico, ainda prescindindo de outras considerações dignas da mais séria ponderação.

Felizmente, a tormenta está passada; e praza a Deus que á severidade na execucão das Leis succedesse a clemencia e a generosidade proprias de um governo forte e consciencioso da sua força.

Em officio separado participarei a V. Ex.ª o conteúdo em uma nota do snr. Aguilar, que, em nome do seu Governo, pede a entrega dos officiaes que vieram refugiar se n'este paiz, pedindo a hospitalidade que o direito das gentes concede em casos d'esta natureza.

Sou,

De V. Ex.ª,
Amigo e Cr.do Obrg.do

R. F. Magalhães.

VII

Lisboa, em 7 de Novembro, 1840.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

A'manhã, ou depois de ámanhã, ou o mais tardar a 10 do corrente, parte d'aqui o Secretario d'essa Legação, pelo qual a V. Ex.ª escreverei sobre objectos de maior monta. Por agora basta que V. Ex.ª saiba que o Reino está em paz, que o Corpo Legislativo continua em suas regulares discussões, e que, geralmente falando, se espera feliz resultado da missão de V. Ex.ª

Estou ancioso por haver noticias da chegada de V. Ex.ª a essa Côrte, aonde o bando dos que tudo acham mau e desgra-

çado quanto é feito pelo Governo, diz que V. Ex.ª não ha sido recebido n'essa Côrte *(sic)*. O sobredito Secretario chegará quanto antes; mas talvez ainda antes d'elle cheguem ás mãos de V. Ex.ª alguns officios ou cartas do correio seguinte.

Consta aqui, já ha alguns dias, que a força Hespanhola que viéra a Ayamonte se retirára, mas não assim os refugiados portuguezes que se achavam em S. Vicente, os quaes continuam a permanecer, havendo alli chegado o Barão de Oleiros e outros que foram socios ou cooperadores da revolta do batalhão n.º 6, em Castello Branco.

De novo chamo sobre este negocio a attenção de V. Ex.ª, porque é elle o mais interessante.

A questão do Douro será tratada na Camara dos Deputados segunda-feira, 9 do corrente. Já está dada para Ordem do Dia. Haverá opposição grande, e V. Ex.ª notará que esta é feita pelos que dizem que seguem a politica progressista do Governo d'esse paiz! Taes são as inconsequencias d'estes homens, que nada mais são, em realidade, do que inimigos de todos aquelles que occupam os logares que elles desejam occupar.

SS. MM. e AA. passam sem novidade em sua saude. A'manhã ha grande festa na Cathedral, de acção de graças pelas melhoras e restabelecimento de Sua Magestade.

Tenho a honra de ser

De V. Ex.ª,
Amigo Att.º Ven.ºʳ e Cr.º Obrg.º,

R. Fonseca Magalhães.

Ill.ᵐᵒ e Ex.ᵐᵒ Snr. Marquez
de Saldanha.

VIII

Em 18 de Novembro de 1840.

Confidencial.

Ill.ᵐᵒ e Ex.ᵐᵒ Sr.

Finalmente tive noticias da chegada de V. Ex.ª a essa capital. A sua tardança na jornada deu-me acerbos cuidados que tive a cautella de guardar em segredo, e que por isso mais pesados se me tornavam.

Sempre entendi que os homens da desordem procurariam pelos seus meios em que não reina escrupulo nem o menor respeito á verdade, desfavorecer a *pessoa politica* de V. Excellencia junto a esse Governo. De facto conseguiram parte do que desejavam; mas *comtanto que o deixassem chegar a Madrid*, seguro estava eu de que V. Ex.ª faria desapparecer a sombra de suspeitas levantada pelos calumniadores. Eis aqui o motivo dos meus cuidados que, felizmente, estão dissipados.

Não preciso eu de insinuar a V. Ex.ª qual deve ser a sua marcha nas presentes circumstancias; porque como V. Ex.ª a enceta a seguirá com a franqueza propria do seu caracter, e a unica maneira adoptavel hoje para negociações diplomaticas e politicas.

Segundo vejo do officio de V. Ex.ª, não me parece o Ministro dos Negocios Estrangeiros muito franco e sincero a respeito dos Portuguezes reunidos em varios pontos da fronteira, e concitando os povos á desordem. Já no correio passado fiz passar a essa Legação copia dos escritos que os mesmos refugiados estão introduzindo no Reino, com escandalosa infracção de todos os principios, e dos tratados subsistentes entre as duas nações. Conto receber no correio seguinte alguma explicação obtida por V. Ex.ª sobre este objecto, sendo certo que se o Governo Hespanhol se obstinar a permittir esses ajuntamentos, obra hostilmente contra nós, e manifesta flagrante contradicção entre seus actos e protestações, ao que nós não poderemos ser insensiveis. Ao mesmo tempo insta esse Governo pelo final ajuste do Regulamento para a navegação do Douro; e por uma d'estas contradicções miseraveis que revelam a incerteza dos principios, e a hesitação nas escolhas, ao mesmo tempo que deixa dar calor aos revoltosos de Portugal, é hostilisado na Camara dos Deputados, pelos representantes do Progresso, que se oppõem furiosamente a esse Tratado, dizendo que sympathisam com os movimentos de Hespanha!

O Tratado foi decidido válido, e ratificado por uma boa maioria; mas o Regulamento tem pontos arduos, e clausulas que, sendo em si ridiculas, apresentam uma desigualdade que não deixa de excitar murmuração.

Não posso ainda assegurar que não haja alguma modificação inevitavel; e eu a concederia, depois de exgotados todos os meios de resistencia, uma vez que esse Governo, confidencialmente, estivesse de acordo, até por seu proprio interesse; porque lhe não pode convir que o negocio se vença de espada na mão, antes sim com todas as demonstrações de boa intelligen-

cia, e com o intuito de igualdade de interesses para ambas as Nações.

Um receio tenho eu, e é de que não seja possivel acabar-se a discussão do Regulamento em ambas as Camaras, na sessão actual. A dos Senadores vai ficar sem o numero legal se os trabalhos continuarem alem do fim deste mez; e eu mesmo duvido que lá chegue a assistencia dos que o formam. Isto peço eu a V. Ex.ª que diga a esse Governo, verbalmente, preparando-o para a demora que d'aqui se seguirá até janeiro—demora, a meu entender, util, e durante a qual cederá a irritação excitada em todo o Ribatejo e Alemtejo contra o negocio da Convenção. Não se creia que eu receio os maus resultados d'ella, nem as inundações de contrabando; mas na verdade as classes interessadas em que tal negociação não tenha logar, e os seus protectores politicos no Parlamento, fazem um alarido enorme, e convém deixar passar a tempestade, e ir illustrando os preconceituados que não são poucos.

Espero que V. Ex.ª possa interessar em nossas cousas o sr. Mendizabal, que conhece melhor do que ninguem ahi o nosso estado, e as nossas tendencias. Não duvido que, pessoalmente, me não esteja affeiçoado, porque jamais se dignou responder a tres ou quatro cartas que lhe escrevi; e porque eu, em memoria, deixei sem resposta uma sua em que me propunha um objecto de grave inconveniencia, então, para o nosso estado de cousas.

Reconheço, com tudo, em Mendizabal um espirito vasto, e coração proporcional. No Duque da Victoria estou certo que V. Ex.ª achará mais franqueza do que me parece ter encontrado no sr. Ferrer.

Parece-me que V. Ex.ª não interpretou a minha verdadeira idea sobre a vinda do sr. Aguilar para o exercicio de Ministro d'essa côrte, porque me procura persuadir da conveniencia d'essa vinda, quando eu tinha escrito a V. Ex.ª precisamente n'esse sentido. O que eu desejo é que elle venha quanto antes. Nada tenho contra o actual Encarregado de Negocios, o sr. Viniegra, mas é certo que durante o tempo em que serviu de Consul Geral aqui, se manifestou partidista caloroso das doutrinas setembristas, e não poucas vezes (segundo constou) fez côro com os inimigos da actual Administração, condemnando-a como fautora dos principios absolutistas.

E posto que no dia de hoje elle me proteste que avalie a differença que existe entre os exaltados d'este paiz e os Progressistas de Hespanha, é bem certo que os nossos amigos politicos que o viram e ouviram, desconfiam da sua sinceri-

dade a respeito do systema do Governo, e por conseguinte da exactidão das suas participações ao Governo Hespanhol.

O sr. Aguilar é um antigo Liberal, mas homem de mais largo trato do mundo, cavalheiro de sentimentos generosos, e que por isso merece aqui o conceito de todos os Liberaes mais ou menos exaltados.

O sr. Viniegra perguntou-me se eu tinha noticia da vinda do sr. Aguilar, ao que respondi negativamente, e vi que esta resposta o satisfez — rasão de mais para que eu deseje a prompta partida d'aquelle cavalheiro.

V. Ex.ª verá pelos jornaes o caminho que levam os debates nas Côrtes. Os bandidos do Alemtejo e Algarve hão sido batidos, e dispersados, e continuam a ser perseguidos. Por essa parte vamos melhor: na parte do norte do Reino tãobem ha mais ordem e menos bandoleiros.

Os homens das revoluções fazem continuos ajuntamentos, e procuram ter sempre em pé as esperanças da sua soldadesca, donde vem que lhes dão repetidas ordens para estarem promptos; mas até aqui não creio que hajam accrescentado o seu numero.

Não posso mais; porem não creio que seja pouco o já escrito.

Tenho a honra de ser

De V. Ex.ª
Am.º Att.º V.or e Cr.dº

R. Fonseca Magalhães.

P. S. — Peço a V. Ex.ª que previna o amigo X.[1] de que é mister não escrever para aqui o que não convem se divulgue, e sobre tudo cousas tendentes ao assumpto politico de V. Ex.ª

IX

Lisboa, em 21 de Novembro, 1840.

Confidencial. Ill.mo e Ex.mo Sr.

Levei á presença de S.S. Magestades a carta, officio e bilhete de V. Ex.ª, datados de 13 do corrente, e posso asseverar a V. Ex.ª que foram lidos com o maior interesse.

---

[1] Manuel Ximenes, depois Visconde do Pinheiro.

Posto que, em officio, eu diga a V. Ex.ª o que me parece mais interessante, sempre n'esta mais claramente desejo que V. Ex.ª leia qual o verdadeiro estado da discussão sobre o Douro. O Regulamento está pessimamente redigido, e da má redacção nasce o motivo da maior parte das questões, que sobre os seus artigos se ventilam. Os nossos adversarios na Camara dos Deputados, tanto os exaggerados do movimento, como os extremosos Cartistas, tem-lhe feito muita guerra, aproveitando-se do terror panico dos Lavradores, — mas este terror cederá breve, uma vez que não suffoquemos despoticamente a discussão. O grande passo do reconhecimento do Tratado deu-se: o Regulamento, mais semana menos semana, passa. A sessão está muito adiantada, e entre ella e a que vem, a 2 de janeiro, é força que medeie ao menos um mez. Além d'isto, muitos dos nossos mais seguros deputados faltam agora, e duvido muito que os Senadores estejem em numero além do fim d'este mez, o que, se acontecer, obriga o Governo a cerrar as Côrtes até janeiro, deixando por concluir boa parte de negocios, e sem meios além do fim de Janeiro. Tenha, pois, V. Ex.ª a bondade de fazer, por todos os modos, entender a esse Governo que temos procedido com a maior diligencia e boa fé, na persuasão intima de que o Tratado, depois de effeituado, mostrará as vantagens que dá a ambos os paizes; e por isso anhelamos reduzil-o a effeito quanto antes; mas que, se não fôr possivel por falta de tempo, o primeiro cuidado do Governo, na sessão de janeiro, será terminar este negocio, tanto mais facil então de concluir, quanto teremos os amigos agora ausentes. V. Ex.ª terá a bondade de fazer bem sentir quaes são as nossas circumstancias, e como ha sido necessario tudo isto, e ainda mais, para tirar bom resultado, sem excitar no povo movimentos que sopram os chamados aqui Progressistas, que muito differem dos d'esse paiz.

Note bem V. Ex.ª que esses Progressistas são os que hoje accusam o Governo, e principalmente a mim, por haver dito que Hespanha não estava em revolução; e agora, na questão do Douro, se tem elles distinguido com uma grande animosidade contra os Hespanhoes, procurando tornal os odiosos e figurando-os como nossos mais implacaveis inimigos.

Não entendo isto, ou se o entendo fica-me a convicção desgraçada de que poucos homens ha de caracter e honra, quando se trata dos seus interesses suppostos ou verdadeiros. Tenho muito empenho em que V. Ex.ª alcance que d'ahi parta, quanto antes, o sr. Aguilar. Escuso de declarar a V. Ex.ª os motivos, porque basta que V. Ex.ª presuma um d'elles; e estou

certo que me faz a justiça de crêr que não faço esta instancia sem causa. V. Ex.ª, no caso de que elle venha, lhe dará uma carta para o Duque de Palmella, e eu me encarrego de que aqui SS. MM. o recebam optimamente. O Encarregado de Negocios que aqui está excita no P. uma certa desconfiança, em attenção a dizer-se que frequentava (d'antes) os clubs mais ferventes do partido ultra-liberal, ou republicano. E, sem embargo de que, pelo que a mim diz respeito, tanto me importa essa opinião como outra qualquer, não succede o mesmo com quem cuida que de taes opiniões nascem factos infalliveis e necessarios. E como seja sempre mais de meio caminho andado que haja confiança, e eu sei que a reputação de probidade e honra do sr. Aguilar é aqui muita; por isso, além do que omitto, insto com V. Ex.ª para que veja se obtem a sua prompta vinda.

Repito a V. Ex.ª o meu empenho em que certifique o Duque da Victoria e o Sr. Ferrer das circumstancias em que estamos, quanto ao Douro, e obtenha d'elles uma declaração de convicção sobre a impossibilidade de que se discuta n'esta sessão; isto na certeza de que é o primeiro negocio que levamos ás Côrtes na sessão seguinte. Considere V. Ex.ª que o Senado está com o numero certo, e mais um ou dois: nem ha forças humanas que os façam demorar mais do que até o fim do mez.

Lord Howard parece-me satisfeito. Se V. Ex.ª, de quando em quando, lhe escrever uma cartinha, elle a estimará.

Agora deu aqui a Relação uma sentença, que geralmente se crê muito injusta, na causa de um negociante inglez com o celebre *Manuel dos Contos*, em odio aos Inglezes. — Letrados e jurisconsultos me tem assegurado que é um escandalo; e este escandalo faz-nos o maior transtorno em nossas negociações. Quem votou contra, por votar contra Inglezes, foram juizes do progresso, e entre elles os Campos.

Lord Howard me disse, que bem sabia que o Governo não podia intrometter-se nestes negocios, mas que sentia dizer-me quanto este caso retardaria o nosso Tratado, principalmente emquanto á cessação do privilegio do fôro. Isto mesmo faz com que eu me abstenha de fazer aquelle negocio de que V. Ex.ª me falou para bem do Ximenes; porque isso será inspirar desconfianças que quero remover; porque não ha nada mais desgraçado do que parecer que o Governo tem parcialidades que realmente não tem, principalmente quando se reconhece porque lado está a Justiça.

Veremos se ha revista, o que não sei se terá logar, e se se remove o preconceito: o que será difficil.

Muito confio das diligencias e amor ao nosso paiz, de que V. Ex.ª nunca se esquece de dar provas, para remover as difficuldades dos negocios. Da nossa parte ha sinceridade; oxalá que haja a mesma d'esse Governo.

Parece-me que são objecto de alguma reclamação os artigos de jornaes e jornaes inteiros que se dedicam a prégar a união dos dois paizes. V. Ex.ª os verá; mas de qualquer modo que seja, estando nós em paz e boa harmonia, parece-me insolito que se deva consentir estes ataques á soberania da Nação e da Corôa; nem sei que o direito das gentes permitta similhantes publicações impunemente.

Ao Ximenes rogo a V. Ex.ª que recommende que não escreva ao Carvalho, da Rua dos Fanqueiros, que é um grande pateta, e que ha de continuar a mostrar as suas cartas, em que faz ler cousas que são de segredo, ou ao menos de reserva: isso é facilidade de mais.

O Sr. Marquez tem sido entregue das cartas de V. Ex.ª

Sou de V. Ex.ª
Am.º Verd.º e Cr.º Obg.º,

R. Fonseca Magalhães.

X

Lisboa, 24 de Novembro de 1840.

Particular — Confidencial.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Tenho presente a que V. Ex.ª me escreveu em data de 17, sentindo muito a falta de que V. Ex.ª se queixa de officios ou carta minha, porque me parece que nenhum correio se tem passado, desde que me constou a chegada de V. Ex.ª a Madrid, sem que eu lhe escrevesse. Mandei averiguar na Secretaria se ha officios que venham a corresponder á chegada a essa Corte no dia 16. — Digo isto porque tenho algumas desconfianças sobre a fiel entrega dos correios.

Já tive a honra de escrever a V. Ex.ª sobre a discussão do Regulamento da navegação do Douro que tem sido buliçosa, mais por falta da nossa gente na Camara do que pelo resultado. Ganhamos o principal; o accessorio não pode deixar de

ganhar se tãobem; mas é impossivel que isto tenha logar antes de janeiro, que está á porta, e os Senadores querem descançar um mez, e ameaçam-me de sairem, deixando o Governo sem elles, se não se encerra esta sessão. Qualquer que fosse a demora já não podia este objecto ser decidido em ambas as Camaras. V. Ex.ª terá a bondade, pois, de significar isto a esse Governo, e dizer-lhe que na falla do Throno, da abertura das Camaras, a 2 de Janeiro, a Rainha dará a discussão do Douro como assumpto a que se deve dar fim quanto antes; que os Deputados, nossos amigos, virão então ajudar-nos; e que o negocio se levará, ligeiramente, em metade do tempo que agora gastaria. Não podemos deixar de fechar as Côrtes no fim d'este mez para não passarmos pelo desaire de ficar sem gente.

Continuam os facciosos portuguezes a achar guarida na fronteira visinha, e, ao mesmo tempo que de lá inundem o Alemtejo e Algarve de Proclamações, representa aqui o sr. de Viniegra sobre os *armamentos da nossa margem do Guadiana*, — digo armamentos de fortalezas e augmento de forças!!

Isto ou é uma irrisão e ironia insultante, ou é a mais completa estolidez. Mandou se levantar duas carretas do forte de Villa Real, e ter cuidado em que algum ponto da nossa fronteira não fosse, para dar começo a algum tumulto, invadido pelos refugiados Portuguezes; mas nem um só homem se acrescentou, nem um soldado passou ás provincias do sul, a não serem tres destacamentos de cavallaria, em busca dos bandoleiros, que se intitulam guerrilhas de D. Miguel, e que tem commettido muitas depredações no Alemtejo e Algarve; e que hão sido perseguidos e batidos n'estes ultimos dias.

E', pois, para mim muito estranho que, ao passo em que d'esse paiz se zomba de todas as nossas reclamações, esteja aqui este Encarregado de Negocios a inventar movimentos, e a fazer noticias cuja redacção não é das mais polidas; e pede de cada cousa uma explicação, com tal arrogancia que me parece um diplomata de Napoleão nos dias da gloria imperial.

Peço a V. Ex.ª que inste pela vinda do sr. Aguilar, homem com quem estou certo que conservaremos boa intelligencia, porque nos unem a elle laços de antigo liberalismo, que hoje é fidalgo, e sem as pequenezas e ridicularias de quem é diplomatico desde hontem, e ligado a outras pessoas aqui.

Este homem devia ver que hontem se deu na Camara o negocio da navegação do Douro para Ordem da Dia; mas, apesar d'isto, me pergunta, em uma longa nota, cheia de impertinencias, se o Governo tinha posto a questão do Douro de parte indefinidamente?

Isto é insofrivel, quando elle tem visto a força com que temos defendido o negocio, contra todas as prevenções do paiz. Repito, peço a V. Ex.ª que empenhe o amigo Mendizabal, e todos os meios que puder, para que venha Aguilar quanto antes, porque aliás a petulancia do sr. Viniegra nos pode causar desgosto.

SS. MM. tem recebido, gostosamente, as noticias e officios de V. Ex.ª que lhes tenho mostrado, mui contentes de V. Ex.ª

Tenho a honra de ser

De V. Ex.ª
Am.º Att.º V.or e Cr.do

Rodrigo da F. Magalhães.

XI

25 de Novembro (de 1840?).

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Agora, que são 10 da manhã, recebo a de V. Ex.ª de 20, e o officio correspondente que, d'aqui a uma hora, será presente a SS. MM. O Leal está já armado de *pied en cap*, com latego a tiracol, faltando-lhe só a corneta de correio á antiga.

Veja V. Ex.ª a carta que por elle escrevo a V. Ex.ª, sentindo muito que V. Ex.ª não tenha recebido as minhas cartas e officios, que todos os correios tenho escripto.

O negocio da navegação do Douro é o que mais me afflige; mas saiba V. Ex.ª que não é possivel ter as Côrtes abertas além do fim do mez: antes de lá chegar se ausentam os membros do Senado, e muitos deputados fazem o mesmo, de sorte que podemos passar por uma desfeita se não fecharmos.

Em janeiro vencemos tudo. V. Ex.ª o póde assegurar ao Governo, com a reserva necessaria, porque a Maioria nos ajuda. Porém d'essa Maioria faltam agora muitos membros, e é preciso contemplal-os. V. Ex.ª fará o mais importante serviço a Sua Magestade, fazendo convencer a Regencia da nossa boa vontade, e da lealdade do nosso proceder n'este assumpto.

Não quero demorar a partida do Leal, que chegará ao mesmo tempo que o correio. Leva uma carta da sr.ª Marqueza de Saldanha.

Responderei ao officio de V. Ex.ª, e estimo muito que se explicasse no sentido em que o fez, e deixar fallar estes politicos de cá, que são fraca cousa, ou fingem que não entendem.

De V. Ex.ª,
Am.º e Cr.º Obg.mo

R. Fonseca Magalhães.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Marquez
de Saldanha.

XII

Lisboa, 28 de Novembro, 1840.

Reservado.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Pouco extenso posso ser hoje.

Depois de ámanhã fecha Sua Magestade a sessão ordinaria, para ter algum descanso o Governo e para dar algum repouso aos membros do Corpo Legislativo.

Pela copia da nota que enviei ao sr. Viniegra, verá V. Ex.ª quaes os motivos que o Governo teve para terminar a sessão, accrescentando eu só a V. Ex.ª que os Senadores e Deputados se ausentariam se não condescendessemos com elles em darlhes o descanço de um mez. Não ha razão de queixume da parte d'esse Governo do comportamento do nosso. A discussão do Regulamento não podia terminar em 15 dias, e com muitos deputados nossos ausentes, não digo que nos arriscavamos a perder, mas tinhamos certa uma dilação indefinida; e accrescendo a tudo isto a certeza da retirada dos membros das Camaras, bem se vê que o Ministerio padeceria dois desaires: o de não acabar, e o de se mostrar um desaccordo entre o Governo e as Côrtes, que nos podia ser funesto, digo á causa publica. O parecer de Lord Howard, a quem consultei, foi conforme o meu; e elle que aqui está e conhece, não só o estado das cousas, mas tão bem as minhas opiniões sobre esta materia, achou que o Governo obrava com muito fundamento, e que a tardança de um mez é nada para o andamento da questão.

Vi o discurso da apresentação que V. Ex.ª teve a bondade de dirigir-me, e o approvo, porque é elle uma prova de que

V. Ex.ª aprecia a situação dos dois paizes, e conhece quanto convem que estejamos de intelligencia. Além d'isso a indole dos nossos Governos acceita como apropriadas as idéas e as palavras e até o estylo por V. Ex.ª usado.

Uma observação amigavel me permittirá, comtudo, V. Ex.ª, na confidencia da amisade, e vem a ser que no seu logar eu fallaria e escreveria, ou em Portuguez ou em Francez, porque se me affigura, na adopção do idioma, uma especie de confissão de superioridade moral que não desejo que confessemos, por attenção nenhuma. Tãobem eu gosto de fallar essa lingua, que é bella, mas em acto solemne não o faria.

O nosso Ministro em Londres usa, por ordem minha, de lingua portugueza em suas communicações; porque o Governo Inglez usa da lingua ingleza.

Como dizia; isto é uma simples observação amigavel, que V. Ex.ª permitte a um collega que sempre foi amigo.

SS. MM. acceitaram, com muito gosto, as expressões de V. Ex.ª

Serei mais extenso no correio seguinte, porque hoje mal posso acudir a metade do que tenho que fazer.

Em que termos está esse Governo com a Curia Romana?

Esta pergunta requer o trabalho que dou a V. Ex.ª de fazer algumas indagações sobre este negocio.

Tenho a honra de ser

De V. Ex.ª,
Am.º e Cr.º Obg.mo

R. Fonseca Magalhães.

XIII

Lisboa, 2 de Dezembro, 1840.

Particular.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Fecharam-se as Cortes no dia 30, como havia annunciado a V. Ex.ª, pela rasão mui ponderosa de irmos, dentro de 8 dias, ficar sem Senadores, em numero, e até sem Deputados. Esta falta seria um desaire, e levaria o desgosto aos nossos amigos politicos — áquelles que mais nos apoiam em Parlamento.

Consideradas todas as cousas, e consultados todos os interesses, vi que este era o unico meio de levar por diante, na proxima sessão, o negocio do Douro, que a mim me pêsa tanto como áquelle, d'entre os Ministros actuaes, que mais compromettido está; porque, de facto, foi a Convenção feita no nosso Ministerio, digo n'aquelle em que V. Ex.ª era Presidente do Conselho, e eu Ministro do Reino.

Fallei sobre este assumpto a Lord Howard, que me achou rasão; porque, mui conhecedor das nossas cousas, as póde avaliar melhor do que o sr. Ferrer; alem de que, mais do que esse snr. avalia elle as intenções do Governo, e até o meu caracter pessoal, que é de nunca faltar ás minhas promessas, qualidade que me préso de possuir sem a invejar a ninguem.

Para tirar toda a duvida, não esperei para a falla do Throno da sessão futura, na qual eu prometti ao sr. Viniegra que inseriria a especie; porque a mencionei no discurso de encerramento. Eis quanto o Governo podia fazer, como caução da sua sinceridade: este caminho é franco, e mal merecemos nós as desconfianças que esse Governo quer nutrir, de um proceder que tem por fim obter a conclusão de materia grave pelo meio mais proprio e menos violento. Espero que V. Ex.ª faça sentir ao Governo Hespanhol quão longe está o Ministerio Portuguez de participar das prevenções ficticias, que são obra d'aquelles homens que neste paiz se chamam do *progresso* — que fingem querer irmanar os interesses de ambas as nações, quando, na verdade, de Hespanha só querem auxilio de perturbação e de desordem, aquecendo com elle as paixões obscuras de meia duzia de individuos, entre quem faz figura o França e o Mantas! Se V. Ex.ª puder, ou quizer, descrever as qualidades d'estes chefes de partido, conseguirá desenganar esse Governo, de que cousa são os Moderados Liberaes d'aqui, e quanto mais se igualam, se é que não precedem, aos Progressistas de Hespanha. Creio que o partido do Huracan seja parente proximo do nosso Arsenal; e o Arsenal é o Capitolio dos Progressistas de cá!

No officio confidencial n.º 2, que hoje recebi, me declara V. Ex.ª que esse Governo dera as ordens para serem internados, a 20 leguas, os refugiados portuguezes, e que estas ordens seriam mandadas aos Capitães Generaes de Galiza, Castella, e Extremadura: peço a V. Ex.ª que seja comprehendido o de Andaluzia tãobem. Pelo que respeita aos desertores, entendo que os officiaes se devem considerar refugiados politicos; mas attenda V. Ex.ª que, convindo eu em que assim se avaliem as praças de pret que, ás ordens dos mesmos, entraram no visinho

Reino para n'elle obterem hospitalidade, não daria egual qualificação aos soldados da Guarda Municipal de Portalegre, e de algum outro corpo militar, que, um apoz outro, tem desertado de suas bandeiras, e ido ajuntar-se aos outros que mormente (?) se hão consentido nas povoações ultimas da raia de Hespanha. Nenhum acontecimento os levou ali; nenhum official os commandou: hão desertado a occultas, como se deserta em tempos ordinarios. Se isto valesse, facilmente seriam illudidos os Tratados; porque, d'aqui a dez annos, os desertores de ambos os paizes poderiam allegar motivos politicos e até referir-se ao anno de 1840!

Um Governo illustrado como esse, cujos membros são tão superiores ás conveniencias insignificantes das subdivisões dos partidos; um Governo que abrange de um lançar de olhos a nossa respectiva situação, e calcula os seus resultados, não é possivel que se negue a fazer a distincção que eu faço, que é sem duvida mais generosa, em quanto ás applicações, do que restricta. Tãobem eu me lembro de que V. Ex.ª e muitos outros militares e não militares, nossos amigos, correram na adversa fortuna ao azilo do reino visinho.

Esses respeito-os eu; mas não posso applicar o principio á sequencia de deserções que são promovidas por esses homens.

Nada V. Ex.ª exija que seja improprio; porque o caracter hespanhol é pundonoroso; mas não deixe de considerar o que é justo; porque devemos pôr um tropeço ás deserções.

Adeus! não posso mais. A festa da Estrella, os annos do Imperador do Brazil [1], e mil cousas, me roubam o tempo.

De V. Ex.ª
Am.º e Cr.º Obg.º

R. F. Magalhães.

P. S. — SS. MM. folgam sempre de ter noticias de V. Ex.ª, e ouvem com satisfação as expressões da sua respeitosa lembrança.

Saudades ao Ximenes; bom é que não escreva a tolos.

---

[1] O Imperador D. Pedro II nasceu a 2 de Dezembro de 1825, no Palacio da Boa-Vista, no Rio de Janeiro.

XIV

Em 5 de Dezembro de 1840.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Não ha cousa de nome que possa dizer-lhe hoje. Estou ancioso por saber de que modo ahi se tomou o encerramento das nossas Cortes, que foi uma necessidade politica, pelas razões que já escrevi a V. Ex.ª

Aqui ha socego, sem embargo de que não falta quem deseje perturbal o. Constou-me que um dos membros d'esse Governo escrevêra a uma pessoa residente n'esta capital, perguntando-lhe que homens seriam esses que pretendem d'aqui dirigir á Hespanha uma especie de manifesto-protesto ou cousa que o valhe; não sei se para tratarem de federação, de união, ou para que cousa. Constou me que os varões, que tanta nacionalidade nutrem no coração, pertencem ao partido esquerdo, e que são Deputados e Senadores. Uma reflexão ouso eu fazer a V. Ex.ª, e que me parece justo transmittir ás pessoas a quem o negocio póde interessar, e vem a ser que esse partido é o que hostilisa a navegação do Douro, é o que nos accusou de querer entregar á Hespanha, etc. Os nomes d'esses homens bem conhecidos são; e V. Ex.ª, melhor do que ninguem, sabe quaes são os fins e intentos d'essa gente, e se elles podem dar as cauções que nós damos de ordem boa, e leal intelligencia, de que reciprocamente carecem os dois Governos para manter a paz e a liberdade em ambos os paizes.

Constou me que os refugiados em Cidade de Rodrigo, haviam recebido ordem de recolher-se a Salamanca. Isto me escreve o Administrador Geral de Vizeu, bem como o da Guarda, mas não sei até que ponto se póde a noticia considerar exacta: o que sei é que os do Sul do Reino, digo da fronteira do Alemtejo, lá estão, e inquietando, como sempre, a gente da terra visinha, promettendo muitos auxilios aos que fugirem, e ameaçando de invasões.

Estou certo de que V. Ex.ª se não descuidará d'este negocio importantissimo, e tomará sobre o primeiro as medidas que entender justas, para desenganar esses senhores de quem são os nossos Progressistas.

Hoje não posso ser mais extenso; acho-me muito doente e Deus sabe com que trabalho comecei e acabei esta carta.

Parece-me muito difficil conseguir a vinda do sr. Aguilar que seria um grande meio de firmar a nossa boa intelligencia

pelos motivos que a V. Ex.ª expuz na minha anterior; mas, paciencia!

Tenho a honra de ser

De V. Ex.ª
O mais Att.º Am.º V.or

R. Fonseca Magalhães.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Marquez
de Saldanha.

P. S. — Remetto debaixo de sobrescripto a V. Ex.ª essa carta, dentro da qual vai uma cadeia de ouro [1], remettida pelo amigo Joaquim Larcher.

R. F. Magalhães.

XV

Lisboa, 9 de Dezembro de 1840.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Reservado.

Em additamento a tudo quanto de officio escrevi a V. Ex.ª, accrescentarei, confidencialmente, para seu conhecimento, que Lord Howard abunda no assumpto da nossa justiça, como V. Ex.ª saberá por Mr. Aston, o que nos dá a mais fundada esperança da resolução que, em caso extremo, tomará o Governo inglez.

Nas conferencias que V. Ex.ª tiver com os membros d'esse Governo convirá que procure, sobretudo, fazer impressão no seu animo, mostrando lhes que a resolução que tomaram os desacreditaria em toda a Europa, por ser fundada em um motivo futil, e ter toda a apparencia de uma condescendencia com partidos revolucionarios, com o qual convém muito aos seus interesses que elles se não confundam.

Convirá, tambem, que lhes faça ver que o resultado do meio que pretendem empregar, viria a ser o opposto dos seus desejos, porque se o Governo Portuguez se vir obrigado (o que não fará senão na ultima extremidade) a patentear á na-

[1] Ou crina.

ção a injustiça da exigencia dos Hespanhoes, e a chamal-a ás armas, excitando o patriotismo nacional, e exaltando os sentimentos de antipathia entre os dois povos, ficará impraticavel, ou pelo menos muito mais difficil, para o futuro, a execução da Convenção que se pretende pôr em pratica, perdendo-se, assim, por uma precipitação mal entendida e inutil, o objecto mesmo que se quer promover.

Em todo o caso, o Governo de Sua Magestade confia em que V. Ex.ª, dando o devido valor á gravidade das circumstancias, lhe enviará a tempo o aviso e informações necessarias para lançar mão dos meios de defesa que, por agora, serão só limitados ao objecto indispensavel de abastecer, com a possivel reserva, e pôr em estado de segurança, as praças da fronteira.

Tenho a honra de ser

De V. Ex.ª
Amigo o mais Attento Ven.or Obg.o

Rodrigo da Fonseca Magalhães.

XVI

Lisboa, 12 de Dezembro, 1840.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Confidencial.

No dia 9, ás 7 horas da noute, me escreveu o sr. Viniegra (a cujas informações, pela maior parte, segundo me consta, inspiradas pelo sr. Manuel de Castro Pereira, se deve a resolução do Governo Hespanhol) pedindo me uma audiencia para assumpto importantissimo aquella noute.

Falou-me, no dia seguinte, ás 10 horas da manhã, e me entregou a nota, bem pouco corteză, d'esse Governo que, inconsideradamente, accrescenta os quilates da nossa justiça no modo e estylo insolente de que faz uso, tomando, errado, a arrogancia por dignidade, e grosseria como prova de força. Esta nota, que é de 9 do corrente, a envio por copia a V. Ex.ª para que a mostre a Mr. Aston, e faça do seu conteúdo o juizo que lhe parecer e o uso que fôr conveniente.

Não a abri deante do portador, que tratei com a benevolencia do costume, apesar de saber que elle, porque não recebia no Paço distincções que lhe não pertenciam, (posto que

jámais foi mal acolhido), ousou, durante muito tempo, tomar informações das sociedades *progressistas*, com quem sempre esteve de intelligencia, e dal-as erroneas, deturpadas e solemnemente falsificadas, para a sua Côrte, affirmando até, com insolita imprudencia, que o Governo tratava de illudir o Gabinete Hespanhol sobre o negocio da navegação do Douro!

Como V. Ex.ª sabe já, a este tempo, havia eu dirigido a Lord Howard uma nota reclamando a intervenção do Governo Britannico, e discutido com o mesmo Ministro, nos termos da mais perfeita intelligencia, o assumpto da invasão pelo Governo de Hespanha. Lord Howard, testemunha do nosso procedimento e sabedor da lealdade do Governo, assim como das causas que tornaram inevitavel o encerramento das Camaras, antes de terminada a discussão da navegação do Douro, escreveu a Mr. Aston, que, segundo vi do teor da sua correspondencia, e do fundamento das suas opiniões, estava pouco ou nada instruido da historia da questão, que para elle era pouco menos do que inteiramente nova: d'onde eu colligi que o sr. Lima, que tão familiar era com este negocio, nunca se tinha lembrado de informar d'elle, e da razão que nos assistia, ao Ministro de S. M. B, dando, por ventura, pouca attenção a um objecto que, no meu pensar, merecia o mais sério cuidado. Nem posso entender porque razão deixou, por tanto tempo, ignorante Mr. Aston do assumpto mais delicado que podia tratar-se entre os dois Governos.

Em seu officio n.º 41, *reservado*, affirma o sr. Lima que ao Governo informava que eram criticas as circumstancias, em razão de que todos os partidos n'esse paiz desejavam romper comnosco; ao mesmo passo que dá por certo que o Governo não tem, a nosso respeito, vistas sinistras. Não sei quaes se poderão, em tal caso, reputar vistas sinistras, se o não são essas d'esse Governo, que, resistindo á força da evidencia, chega a criminar-nos de não ter violado a Constituição; e resiste ao conhecimento dos factos, accusando-nos até pelo que escrevem ao Governo nossos adversarios! Na verdade não posso deixar de sentir o descuido do nosso Ministro residente, em ter bem informado a Mr. Aston, que, se soubesse bem os factos, teria talvez conseguido invalidar a tentativa.

Hoje estava já este cavalheiro instruido dos mesmos factos, e da justiça que nos assiste; porque sei como Lord Howard, que tão bem conhece o espirito e pretenções dos nossos partidos, o teria habilitado com informações da maior exactidão e verdade, tanto pelo que respeita ao progresso do negocio até hoje, como da incontestavel justiça que, como digo, nos as-

siste; e por este correio receberá elle, além de mais esclarecimentos, uma série de demonstrações sobre a falsidade e hypocrisia que esse Governo emprega em quanto escreve a tal respeito.

Dei a Lord Howard uma breve analyse ao Memorandum, apresentado a Mr. Aston; e, naturalmente, como o não pude escrever em francez, Mr. Aston, com quem, felizmente, V. Ex.ª entretem boas relações, provavelmente recorrerá a V. Ex.ª para mais alguns esclarecimentos, até mesmo pelo que respeita á linguagem.

Tenho eu, para mandar a V. Ex.ª, um projecto de nota, ou antes um officio, com as reflexões que pareceram acertadas sobre o rompimento projectado n'esse paiz; mas, provavelmente, só o mandarei pelo seguinte correio, isto é, pelo que veiu a Lord Howard, e me entregou hoje os despachos de V. Ex.ª, de 5 e 8 do corrente, e o bilhete de 9 com a Gazeta em que vem essa tal qual mal guisada, e violenta satisfação á injuria recebida nos tres ou quatro numeros anteriores.

A este respeito limito-me a approvar o comportamento de V. Ex.ª, que é digno da sua pessoa e caracter, e estou certo que procederá sempre, em casos de honra, com toda a que possue; mas eu, pessoalmente, despreso os insultos dos jornalistas, e não reputo a nação portugueza tão desgraçada que possa perder ou ganhar do que d'ella escreve um hespanhol mal creado.

Nas circumstancias actuaes, entendo que seria conveniente que V. Ex.ª ainda estivesse ahi por alguns dias, sem communicação ostensiva, e combinando com Mr. Aston o que parecesse conveniente, até haver mais algum esclarecimento, e talvez instrucções do Gabinete Britannico a esse Ministro sobre o assumpto, — a vêr se o Gabinete Hespanhol, desenganado do seu desaccordo, e de que não é hoje cousa tão facil como ahi se julga, invadir hostilmente o territorio de um Estado alheio, torna a si, e expedir o sr. Aguilar para, antes de uma resolução fatal, se ajustar ainda a questão pendente.

Em todo a caso, eu mandarei o despacho a que alludi acima, o mais tardar d'aqui a tres dias, pelo correio que d'ahi expediu Mr. Aston, se ainda o não mandar por este; reduzindo-se o ponto d'elle a fazer saber ao Governo de Madrid que se commetter um acto de hostilidade, da *parte de Hespanha*, ficarão, *ipso facto*, annullados todos os Tratados, e com elles, em primeiro logar, o da navegação do Douro.

Bem sei eu que com isto nada diremos de novo a esse Governo; mas estabeleceremos uma especie de protesto do nosso direito

fundado nos principios irrefragaveis d'elle, e do qual jamais desistiremos.

Logo que tenhamos perdido toda a esperança do accordo decente, que ahi se pretende, loucamente, tornar impossivel, V. Ex.ª virá tomar, na defeza da nossa Patria, o logar que lhe compete, sem que esta distincção se possa attribuir a favor; ou desejo de o lisongear, e dentro de mui poucos dias teremos decidido este ponto.

Confidencialmente, fiz ver a Lord Howard a opinião de V. Ex.ª a respeito do Ministerio de fusão, de que V. Ex.ª me escreve na sua carta de 8; porque, no presente estado das cousas, não poderia ter logar qualquer operação d'essa natureza sem a sua concorrencia; e posso dizer a V. Ex.ª que a opinião de Lord Howard é opposta a essa fusão, e ás pessoas que V. Ex.ª póde prezumir; julgando elle que, se V. Ex.ª aqui estivesse, pensaria de diverso modo.

Muito desejo eu que o Duque queira entrar na Repartição que eu interinamente occupo com tão pouca aptidão, e de conseguir isto alguma esperança tenho; porque, na realidade, estou opprimido de trabalhos e cuidados, para desenvolver-me dos quaes são insufficientes as minhas forças. A carta de V. Ex.ª está fechada para todos; nem d'ella fiz menção no Paço.

Preparamo-nos para a guerra; poucos homens vis querem que as armas da nação estranha infamem a nossa terra, para lhes dar o auxilio que não acham na opinião dos nossos concidadãos. Esses clubistas fazem votos porque as nossas praças sejam tomadas, e as nossas cidades preza de Hespanhoes, para que elles se levantem, e proclamem a União, e desneguem o seu nascimento e reneguem do seu nome. Porém a nação portugueza tem mais nobres sentimentos. O Governo, obrigado pelas ameaças, cuida de se defender, e faz para isto os possiveis esforços; e Deus os ha de coroar se fôr preciso. Esses senhores nos crêem abatidos; mas elles enganam-se. A Europa fará justiça á nossa causa; os nossos alliados não nos desampararão, especialmente vendo que merecemos o seu auxilio pela nossa resolução e denodo.

Para isto mesmo será conveniente que V. Ex.ª, a ser possivel e decente, se detenha ahi alguns dias; será mesmo bom que dê algumas explicações sobre a necessidade de cuidarmos de medidas de defeza; porque, aliás, não subsistiriamos uma hora; e ficariamos eternamente cobertos de opprobrio e ignominia; que tudo fariamos quanto fosse decente para ambos os paizes; mas, conhecidas as brutaes provocações do Governo, e dos seus escriptores assalariados, não poderiamos deixar de

merecer o ferrete da infamia, se não mostrassemos que zelamos a honra e a independencia nacional.

No caso em que V. Ex.ª se retire, cumpre que o sr. Lima faça o mesmo, desde logo, ou, cessando as suas funcções absolutamente, siga a V. Ex.ª de perto. E n'este caso, convirá pôr em seguro recado o que ha de mais importante d'essa Legação.

V. Ex.ª despachará o correio, portador d'estes despachos, na opportunidade que achar melhor.

Pelo que no começo d'esta carta expuz a V. Ex.ª ácerca da apresentação da nota-*ultimatum*, no dia 8 do corrente, verá V. Ex.ª que o seu pensar ácerca das credenciaes do novo Encarregado de Negocios, que o sr. Ferrer disse a V. Ex.ª e a Mr. Aston, haviam sido enviadas a um individuo insignificante que aqui me foi apresentado, chamado Soler, não foi correspondido pelo resultado. O dia 14, da apresentação, antecipou-se para o dia 10, e Viniegra queria que fosse para o 9, com estupida finura tão desprezivel quanto ridiculamente affectada.

Em tal caso o sr. Ferrer illudiu a V. Ex.ª e a Mr. Aston; e V. Ex.ª verá, do conteúdo da nota do mesmo Viniegra, quaes foram as credenciaes enviadas a Soler. Desejo que V. Ex.ª faça apreciar, por Mr. Aston, a lisura e generosidade castelhana do procedimento do Ministro dos Negocios Estrangeiros d'esse paiz. Nem é muito que assim o obre o Governo que entregou o celebre *memorandum*, sobre a transacção do Douro, em que confessa que os seus commisarios *ganharam*, —isto é, seduziram ou corromperam—um dos nossos para terem maiorias de votos em um artigo essencialissimo do mesmo Regulamento.

O espirito publico vae-se desenvolvendo, e quem para isso contribue são o *Nacional* e outros periodicos d'este jaez, pertencentes ás associações para a federação e união á Hespanha!!

O Governo tem sido tão moderado que já lhe vão chamando servil em demasía — não o é — mas deseja ter em tudo razão, até na sua frase, cuja circumspecção não costuma tirar mas sim dar força; porque a força verdadeira é acompanhada da Justiça.

Tenho a honra de ser

De V. Ex.ª
Am.º e Cr.º Obg.º

R. F. Magalhães

P. S. Diga-me V. Ex.ª se Leonel está n'essa capital.

XVII

Em 13 de Dezembro de 1840.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

P.S.

No caso da retirada de V. Ex.ª d'ahi, é indispensavel deixar ahi pessoa de *confiança* para nos informar de tudo quanto V. Ex.ª sabe que é preciso não ignorar.

Escuso dizer-lhe mais.

De V. Ex.ª,
Amigo e Cr.º Obg.º

R. F. Magalhães.

XVIII

13 de Dezembro, 1840.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Addenda.

Combine V. Ex.ª com Mr. Aston se convem, e quando, fazer saber a esse Governo que, depois de violado por forças hespanholas o nosso territorio, cessarão de todo os Tratados existentes, que, por isso, corre grave risco ver-se Hespanha e Portugal privados ambos do beneficio da navegação. Este ponto deve merecer as mais sérias attenções ao Governo de Hespanha, porque, qualquer que seja o seu procedimento para comnosco, o resultado de certo ha de depender de mais de uma combinação em que hão de ter parte Governos alliados. E' n'este sentido que enviarei a V. Ex.ª o officio de que falo na minha carta, datada de hontem, e que vae por este mesmo correio.

Em officio separado verá V. Ex.ª que o governo se lembra da sua collocação ahi, nem permitte que a V. Ex.ª faltem os meios necessarios.

E se fôr necessario para o sr. Lima regressar, V. Ex.ª lhe ministrará a somma necessaria.

De V. Ex.ª
Amigo Obg.º

R. F. Magalhães.

XIX

Lisboa, 16 de Dezembro, 1840.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

A' pressa lhe escrevo esta, e dou resposta ao seu officio de 11 do corrente. Hoje espero eu que V. Ex.ª receba a correspondencia que d'aqui enviei pelo extraordinario que partiu a 13 do corrente, pelo qual tambem forneci a Mr. Aston algumas considerações sobre o *Memorandum* e nota d'esse Ministerio ao mesmo Mr. Aston, a respeito da questão do Douro.

Parecem-me concludentes (porque na verdade não houve arguições mais notoriamente injustas) os argumentos da resposta. Não mando d'esta peça uma copia a V. Ex.ª porque, como lhe escrevi, é muito provavel que, para a melhor intelligencia d'ella, o proprio Mr. Aston consulte a V. Ex.ª; e, em tal caso, ahi terá V. Ex.ª tudo quanto occorreu até áquelle momento, sem embargo de que em cada linha do insolito *Memorandum* se désse logar a contrapôr-se a razão e a verdade ao delirio das exaggerações, e ao transtorno dos factos mais publicos.

Nunca se injuriou Governo algum, com tantas falsas imputações, como foi injuriado o Governo Portuguez. Nunca se viu ser *casus belli* a inevitavel demora de um mez, de uma discussão de parlamento; nunca se viu negar a obrigação a um Governo Constitucional de apresentar ao Corpo Legislativo provisões penaes e de impostos: isto depois de se haver consentido, por parte d'esse Governo, em tal apresentação!

Comtudo, nós esperamos que a paz não seja rota; que ainda possamos entender-nos rasoavelmente; que esse Governo veja que, sem razão, offendeu, e que mande o sr. Aguilar a Lisboa, — passo este que não lhe está mal, — porque Hespanha não perde em ceder, quando foi injusta, e nós não devemos porque fomos injuriados, e não poderiamos nunca mais apparecer deante dos nossos concidadãos se nos deixassemos deshonrar.

O espirito publico é bom e patriotico. Muitos Miguelistas correm ás armas. Os *falsos* Progressistas d'aqui, que chamavam uma nação para que lhes viesse pôr, por meio das armas, o Ministerio em terra, e os collocasse nos logares vazios, metteram-se em grande comprometimento; porque a sua nacionalidade voou por esses ares, e, o que fica d'ella, é a vergonha de confessar, por factos, a sua miseravel fraqueza, tamanha

que, para uma mudança ministerial, chegou a sacrificar a propria independencia!

Tenho todos os motivos para crêr que o Gabinete inglez, na qualidade de nosso alliado, e de obrigado pelos Tratados a intervir na questão, ha de intervir a nosso favor; porque o Governo de Hespanha é aggressor injusto: apezar d'isso, não perdemos um momento de preparo, e póde Hespanha ter a certeza de que poderemos ser vencidos em alguns encontros, mas havemos de mostrar que a *lucta sem gloria*, de que fala o insolente *Ultimatum* do sr. Viniegra, é mais laborioso do que o seu Governo imagina.

Todo o meu empenho ha sido evitar expressões de offensa, e tem o Governo dado tal documento de moderação, que até por elle é accusado de pusilanime. Se publicassemos a Nota de Viniegra, a nação inteira se abrazaria, e depois fôra impossivel a conclusão de nenhum convenio. E quereria o Governo Hespanhol a navegação do Douro ganha pelas armas! Que falta de reflexão! Que leveza, ou que cegueira!

Ninguem mais do que o Governo aprecia as mutuas vantagens d'essa navegação; mas querer pratical a augmentando ou resuscitando antipathias de tempos barbaros, não me pareceu nunca intuito de um Governo illustrado.

Escrevo ao Mendizabal. Trabalhe V. Ex.ª; evitemos a guerra emquanto é tempo; nós o faremos até onde a decencia e a honra o permittirem.

De V. Ex.ª,
Amigo Obg.mo

R. F. Magalhães.

XX

Em 17 de Dezembro de 1840.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

V. Ex. verá um Supplemento ao Diario em que algumas providencias de preparativos se publicam, com toda a moderação. E' preciso que V. Ex.ª e Mr. Aston façam ver que era impossivel, depois da publicação de tantos insultos, deixar de dizer alguma cousa, e de fazer o que cumpre para defender a

nossa honra ultrajada. Lord Howard foi de opinião de que nos cumpria fazer taes preparativos, e se fôr preciso, havemos de defendermos.

De V. Ex.ª
Am.º e Cr.º Ob.º

R. F. Magalhães.

XXI

(Sem data)

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Ainda aqui está o Correio que Mr. Aston enviou a Lord Howard, que espera, segundo me disse o mesmo Ministro Britannico, alguma noticia importante de Inglaterra para o despachar. Por elle escreverei eu a V. Ex.ª o que convier. No correio passado escrevi uma carta a Mendizabal que á pressa foi bem pouco explicativa, — uma pura declamação, que mais indicava o estado de desgosto em que me achava, com o iniquo procedimento de um Governo que tantos motivos tem de estimar nos e que nos vilipendeia para dar gosto a nossos inimigos, que são seus falsos amigos, do que pura vontade que eu tivesse de arrasoar com o meu antigo amigo.

N'aquella carta que foi com a de Mendizabal, disse eu a V. Ex.ª que muito me havia ajudado Lord Howard, o qual, melhor do que Mendizabal conhece a rasão que nos assiste.

Este, escrevendo ao meu amigo De..., assegura que esse Governo tem carradas de justiça nos seus procedimentos, porém não terá V. Ex.ª difficuldade em persuadil-o de que ainda, dado que o fundo da questão fosse a favor do Governo Hespanhol, a fórma que elle adoptou, de todo o pôz em estado desvantajoso.

V. Ex.ª receberá os papeis publicos, dos quaes consta qual a resolução que tomamos de preparar-nos para a defensa dos mais injustos de todos os accommettimentos.

Os homens que d'aqui o fomentavam, traidores abjectos, creram que já que as sublevações internas não puderam dar aos seus a entrada nos negocios publicos, para, outra vez, nos lançarem á mercê do Arsenal, convinha que forças estrangeiras isto effeituassem, *Viniegra*, com elles intromettido ha já annos, e um dos mais faceis e activos instrumentos seus, fez-lhes grande serviço. Assim que recebeu o officio contendo o

Ultimatum d'esse Governo, o foi mostrar a Manuel de Castro, que, victoriando o acontecimento, o foi publicar ao Club de Lisboa, ao som de insolentes risadas. Foi um festejo geral entre os homens de Setembro exaltados; porque esperavam no dia seguinte a torpe entrega das nossas pastas, e o seu chamamento para obedecer a intimação. Isto era já agourado nos papeis inimigos, aonde se fazia grande elogio á resolução dos valentes castelhanos. Nós entendemos que o dever de ministros nos dictava outro proceder; e que, sendo para nós uma voz salutar a que nos significasse a nossa demissão, nunca a iriamos offerecer em conjunctura tal; porque semelhante offerta seria uma deshonra.

Succedeu o que não era difficil de presumir; que o publico em geral se indignou do procedimento: (1.º) porque era notorio o nosso desejo de acabar a discussão, e vencer a approvação do Regulamento; e (2.º) porque toda a gente conheceu que havia um chamamento estrangeiro, debaixo de futil pretexto, com o unico intento verdadeiro de nos metter a guerra civil em casa, e d'ahi talvez, quem sabe...

Mais parsimonia de expressões, mais paciencia e tolerancia do que as que temos tido, era impossivel. Os nossos inimigos domesticos foram presos nas suas proprias redes; e agora clamam que o Governo Hespanhol não nos era hostil, não nos ameaçou, não queria nada de nós senão que fizessemos breve discutir o Regulamento; e que nós, aleivosamente, démos a entender o contrario, para nos pôrmos em estado de opprimir a nação com as forças que levantamos.

Veja esse Governo! Vejam os nossos amigos, se alguns temos ahi, que gente esta a que elles pretendem collocar sobre nós, impondo á Nação Portugueza um Governo de homens furiosos, taes como estes, uns embusteiros indecentes, para quem não ha nem honra nem virtude.

Hoje envio a V. Ex.ª um officio contendo a especie de que repetidamente tenho feito menção a V. Ex.ª, desde a minha carta de 5 do corrente, e vem a ser de que, rotas por esse Governo as hostilidades contra nós, cessaram de existir todos os Tratados que vigoravam entre ambas as nações; e com esta cessação se dará por acabado, ou, como nunca feito, o que tem por objecto a navegação do Douro. Ainda espero que ahi se tome melhor accordo, e que os conselhos de Inglaterra sejam ouvidos. V. Ex.ª combinará com Mr. Aston se convem, ou ler o sobredito officio, e dar copia d'elle ao Ministro respectivo, ou fazer uma Nota, com as forças d'elle, ou demorar alguns dias, etc. Emfim n'este assumpto, tão delicado, V. Ex.ª

irá do mais perfeito accordo com o dito ministro; porque isso mesmo deseja Lord Howard de quem, repito, tenho recebido todas as provas do mais sincero interesse.

Tenho a honra de ser

De V. Ex.ª
Am.º Att.º V.or e C.º Ob.º

R. Fonseca Magalhães.

(Nota, na lettra de Saldanha).

Não tem data; mas foi hoje recebida com o officio reservado n.º 6, a que se refere, o qual é datado em 17 de Dezembro de 1840. Madrid, 26 de Dezembro, 1840.—*Saldanha.*

As cartas de Lisboa, pelo correio que trouxe esta, são de 19.

Saldanha.

XXII

Lisboa, 26 de Dezembro de 1840.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Recebi, em tempo competente, o officio e carta de V. Ex.ª de 18 do corrente. Bem vejo quaes as diligencias que V. Ex.ª faz para chamar a um terreno amigavel esse Governo que, por informações todas fraudulentas, procedeu comnosco da maneira mais insolita. Espero, a cada instante, a volta do correio que d'aqui expedi no dia 13, e que, desgraçadamente, chegou no dia 18, á noite, a tempo em que V. Ex.ª me não póde escrever nada sobre o conteúdo dos despachos de que foi portador. E' de esperar que esse Governo, conhecendo a justiça que nos assiste, e a sua sem razão, venha a bons termos, e se accommode em o espaço que pedimos, ou que promettemos, e que, se fôr acceite, e como não enviado o insolente *Ultimatum*, summamente offensivo e impolitico, apresentado por Viniegra, tenhamos uma discussão decente, e o negocio arranjado.

Segundo hoje soube, por officio do Barão de Moncorvo, elle

achou Lord Palmerston inclinado a nosso favor, isto é, dandonos razão em nosso procedimento; e Milord lhe prometteu que, n'este sentido, escreveria no dia 18 a Mr. Aston.

Comtudo, o navio em que iam despachos de Lord Howard, e a Nota reclamando o soccorro da Grã-Bretanha, devido pelos Tratados em caso de guerra e aggressão, ainda não tinha chegado, o que me afflige muito; porém, ainda assim, espero que Mr. Aston tenha ahi instrucções bastantes para obstar ao passo imprudente e arriscado d'esse Governo. Aqui toda a gente diz que este negocio foi manejado pelos arsenalistas d'esta Capital, e que a navegação do Douro é mero pretexto: que o objecto é metter a desordem n'este paiz, e enthronisar o partido que aqui tantos males tem causado.

Este partido crêu que, á intimação de Hespanha, o Governo cederia, ou fazendo executar o Tratado, contra o seu dever, ou largando os logares. Em um e outro caso, se apresentava a alternativa desejada da sua vez para entrar na administração dos negocios, desprezando tudo quanto tenhamos feito para bem da ordem. Mas o espirito publico, em geral, foi outro differente do que julgava esta gente. V. Ex.ª fará saber que nós não temos querido nem sequer publicar a minima parte dos insultos que foram dirigidos á Nação e ao Governo; que nunca perdemos a esperança de boa intelligencia; que, longe de pretender suscitar difficuldades, o nosso empenho é removel-as; o que se fará, decerto, se viermos ao caso em que estavamos quando se cerrou a Sessão; e dando como não feito o insulto do *Ultimatum*.

O espirito publico é optimo; e graças a Deus que não precisamos de o exaltar com a publicação de documentos que fariam reviver odios antigos, que é conveniente acabar para sempre.

V. Ex.ª escreve me demasiadamente laconico, o que me deixa ignorar circumstancias que me ajudariam a apreciar as cousas e os homens. Comtudo, um paragrapho da sua carta confidencial me deu bastante luz.

Por não haver tempo, não escrevo de officio a V. Ex.ª e ao sr. Lima, o qual deve partir, d'essa capital para esta, quanto antes; porque não está ahi agora acceite, e quando aqui não temos ninguem não é justo que haja n'essa Côrte dois Ministros. No correio seguinte lhe será enviada ordem official; no entretanto V. Ex.ª terá a bondade de lhe dizer, da minha parte, que se prepare para partir o mais breve que seja possivel.

Não posso hoje mais, nem ha mais cousa essencial que communicar a V. Ex.ª, visto que nem d'ahi tenho respostas aos

despachos de 13, nem de Inglaterra aos de 9 do corrente, tudo devido aos rigores da Estação.

Tenho a honra de ser

De V. Ex.ª
Am.º Attº V.or

R. Fonseca Magalhães.

Ill.mo e Ex.mo Sr.
Marquez de Saldanha.

XXIII

Em 28 de Dezembro de 1840.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Reservada.

Recebi, pelo correio que hontem chegou, os officios de V. Ex.ª e do conselheiro Lima, datados de 23 do corrente, bem como a carta cuja reserva V. Ex.ª muito me recommenda.

Deixando respondida a parte official das suas perguntas, cumpre-me agradecer a V. Ex.ª a exposição que faz das cousas d'esse Reino, que é interessante, principalmente para nós, que tão proximos nos achamos, e que, por muitos motivos, podemos ter parte, mais ou menos importante, em quaesquer successos d'esse Paiz.

A demora das correspondencias maritimas, occasionada pelos temporaes que tem reinado desde o principio d'este mez, foi parte para que a Nota que eu dirigi a Lord Howard, em 7 do corrente, em consequencia do officio que V. Ex.ª me dirigiu pelo 1.º expresso, e que aqui recebi a 6 do mesmo, não chegasse a Inglaterra ainda no dia 19 — digo a Londres. — porque n'esta data recebi eu, d'aquella capital, officios do Barão de Moncorvo, que nenhuma referencia fazem de tal cousa.

Mas, por um d'esses officios, vejo que esse Governo participára ao general Alava o passo que déra a nosso respeito; e, segundo colligi, Lord Palmerston, informado d'elle, aconselhára ao dito Ministro a conveniencia de pedir, por parte de Hespanha, a mediação ingleza para se ajustarem as differenças entre nós e os nossos visinhos, sem recurso ás armas.

O Barão de Moncorvo, informado de que se tratava d'este negocio, dirigiu se a Lord Palmerston, com quem teve uma larga conferencia, e persuade-se que o deixava convencido da sem

rasão e injustiça do procedimento de Hespanha para comnosco. Mas, como o tempo é precioso, e ainda não veio resposta á Nota de 7, que Lord Howard dirigiu por um navio de guerra, que póde ter sido contrariado pelos ventos é marés, cumpre que se aproveite a occasião de entrar em intelligencia com esse Governo, acceitando-se a mediação, e procurando evitar as hostilidades, tanto quanto fôr possivel, para nos não envolvermos em uma guerra, quando tanto precisamos de paz e ordem para melhorar o nosso estado.

V. Ex.ª advertirá, que tanto a expedição da minha citada Nota a Lord Howard, como as medidas de defeza e preparativos de resistencia, de que o Governo se tem occupado, são consequencia da participação que V. Ex.ª fez, no officio que acima mencionei, e não do *ultimatum* aqui apresentado por Viniegra, no dia 10 do corrente.

Este *ultimatum*, redigido de um modo insolito, e cheio de offensas, que mais mal estão aos seus auctores, do que a quem as recebe, ficou sem resposta, e devia ficar, porque nem aqui existe quem a receba, nem se lhe póde dar condigna, sem arriscar a paz dos dois paizes, uma vez que venha a publicar-se. E, pois que eu espero ainda que esta paz seja conservada, e que, vindo o Governo Hespanhol a melhores ideias, o *ultimatum* seja, ou retirado, ou retractado, por elle, ficando um e outro Governo com a porta aberta para uma reconciliação, tive todo o cuidado em não publicar tal documento; e muito mais em não lhe responder. D'esta sorte me parece que, á vista do nosso comedimento e reserva, poderá V. Ex.ª instar, com a maior efficacia com Mr. Aston, para que se dê um passo que aqui nos salve da imputação, que necessariamente se nos fará, de não havermos respondido — imputação que deverão fazer, não só os membros que são nossos adversarios politicos, mas ainda aquelles que, não o sendo, e sabedores das phrases infamantes que se usaram para comnosco, tenham escrupulo de consentir no accordo amigavel, emquanto existir aquelle monumento de ultrage com que esse Governo nos tratou.

Segundo a ideia que eu fórmo da intelligencia e sinceridade de Mr. Aston, não posso persuadir-me que elle deixe de forcejar, por todos os modos de que possa usar, para remover essa causa desgraçada de desgosto geral da nação Portugueza, e que de tamanho obstaculo deve ser para a discussão do Regulamento, e termo provavel d'elle. Mais digo que, se subsistisse sem retratação, ou sem ser retirada a Nota *ultimatum*, difficilmente conseguiriamos pôr-se em execução, pacificamente, a Convenção do Douro; e o trato amigavel que deve

existir entre os dois povos, em suas relações de mutuo interesse, seria um permanente incentivo de rixas e desordens, cujo termo nunca seria favoravel a nenhuma das duas nações.

Se ahi se disser a tudo isto que Hespanha obrigaria pelas armas os Portuguezes a manterem essas relações, sob pena de guerra destruidora, ou de conquista -- ou, o que mais natural é, — que outro Governo, outros homens, conseguiriam apagar essas antipathias, peço a V. Ex.ª que desengane quem assim discorrer.

Póde haver aqui, e ha, um pequeno numero de individuos que chamáram sobre nós as ameaças de Hespanha, crendo que a consequencia d'ellas seria passar-lhes ás mãos o poder; mas elles se enganaram. Esse poder, exercido no intuito que ahi se julgava, não teria sequito nem applauso; porque o espirito nacional havia de reagir contra taes Ministros — seriam acclamados traidores, despedaçados, e não sei que bem, de tantas desventuras, poderia colher a Hespanha; porque a sonhada união, ou federação, de certo nunca seria consentida, nem por Portugal, nem por nenhuma das Potencias influentes na Europa.

Bem vê, pois, V. Ex.ª, que esse Governo, preoccupado pelas falsas informações de Viniegra, illudidos alguns dos seus membros pelo que d'aqui se lhes dizia ser opinião publica, deu um passo que, longe de o guiar para o seu *desideratum*, lh'o difficultou muito mais do que se confiasse no Governo, e avaliasse o procedimento leal e franco que este observou na questão.

V. Ex.ª póde dirigir se ao Duque da Victoria, que, como militar, tem habitos generosos e sentimentos leaes, e achará n'elle, por certo, acolhida a estas reflexões — elle será, sem duvida, o primeiro a condemnar o modo insolente com que fomos tratados, e a exigencia impossivel que, sem consideração, nos fez o Gabinete Hespanhol, querendo que violassemos as leis constitucionaes do paiz, por effeito de uma ameaça; procurando deshonrar o Governo com quem queria estabelecer relações amigaveis e de interesse.

A opinião de que o Governo devia ceder á dita ameaça, bem se vê que é emittida, ou por quem ignora as nossas attribuições, ou por quem julgou que uma violação tal podia ser levada a effeito sem risco de comprometter o proprio objecto que se queria alcançar — e, se nada d'isto é, então força será assentar que o intuito era fraudulento; porque só se dirigia a metter-nos em casa a desordem, ajudando os visionarios da Republica, que julgam possivel o estabelecimento d'esta forma de governo em Portugal.

Peço muito a V. Ex.ª a maior circumspecção em suas relações n'essa Côrte com certos diplomatas. A nossa alliança é com Inglaterra. Talvez alguem quizese que, em momento tão critico, aberrassemos d'este caminho, e fossemos pedir auxilio a outrem. N'isto não veria eu mais que o desejo de tornarnos victimas expiatorias, afim de se conseguirem, á nossa custa, certos fins em que jámais podemos ser interessados.

Longe estou eu de julgar que V. Ex.ª pensa diversamente do que eu digo; mas recommendo-lhe circumspecção em seus ditos, e cuidado em proceder sempre francamente, procurando que Mr. Aston não cesse de coadjuvar a V. Ex.ª, no empenho que agora mais nos deve dar cuidado.

Os nossos preparativos tem progredido; o desejo de manter a honra nacional é verdadeiro: muito padeceremos se a guerra houver de romper; mas resistiremos, e os nossos inimigos o conhecerão.

Acceitando a mediação, e mostrando os nossos desejos de paz, em quanto nos preparamos para a guerra, fazemos, entendo eu, o nosso dever.

Tenho a honra de ser

De V. Ex.ª
Am.º Verdad.º e Cr.º Obrg.^{mo}

R. Fonseca Magalhães.

P. S. Em carta que V. Ex.ª poderá mostrar ao sr. Lima, explico o motivo da sua sahida, e deixo a demora d'elle ao arbitrio de V. Ex.ª, pelos motivos que ahi exponho.

R. F. Magalhães.

XXIV

Lisboa em 28 de Dezembro, 1840.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Confidencial.

P. Scriptum.

Digo ao sr. Lima que é preciso retirar-se d'essa a titulo de licença; explico-lhe a causa, a da repulsão á acceitação da sua credencial.

Mas se V. Ex.ª julgar que a sahida d'elle, assim rapida, pode produzir algum inconveniente, V. Ex.ª a poderá fazer suspender, pelo tempo que julgar necessario, sem comtudo instar nunca mais pela acceitação.

O sr. Lima ou voltará ou terá outro destino; mas é preciso guardar o decoro devido ao Governo.

De V. Ex.ª
Am.º e Cr.º Ob.º

R. F. Magalhães.

XXV

Em 30 de Dezembro, 1840.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Por um expresso que d'aqui partiu hontem, á 1 hora da tarde, e que terá chegado muito antes d'este correio, V. Ex.ª deve haver recebido (á recepção da presente), a resposta ampla ao seu officio de 23 do corrente.

O que hoje me foi entregue, datado de 25, fiz presente a S. M.; porém não me parece que haja que dar-lhe particular resposta, visto não occorrer cousa nova. Saiba V. Ex.ª que a nota do *ultimatum* não foi respondida, porque esse passo não podia deixar de difficultar os nossos negocios. Esta opinião não differe da de Lord Howard, como elle communicou a Mr. Aston e a Lord Palmerston.

Tambem eu, como V. Ex.ª, tenho esperanças de que evitemos a guerra. Peço a V. Ex.ª que vamos d'accordo com Mr. Aston e Lord Howard, que se tem mostrado mui grande defensor da justiça que nos assiste.

(Separata).

V. Ex.ª não escreveu á sr.ª Marqueza em data de 25. S. Ex.ª não escreve hoje talvez por pensar que eu não escreveria a V. Ex.ª

A prenda de annos foi entregue um dia depois do proprio.

De V. Ex.ª
Am.º e Cr.º Ob.º

R. Fonseca Magalhães.

XXVI

Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros.
Em 2 de Janeiro de 1841.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Confidencial.

Pelos officios que hontem recebemos do Barão de Moncorvo, soubemos que, ainda a 24 do passado, não tinha chegado o Brigue de Guerra, «*Espoir*», com a nossa reclamacão formal da intervenção ingleza no *casus fœderi*, sobre a desintelligencia d'esse Gabinete com o nosso.

E' verdade que fomos informados das instrucções enviadas a Mr. Aston por Lord Palmerston, e da esperança do primeiro de que se conseguisse vir Hespanha a meios pacificos comnosco, entendendo a injustiça com que procedeu na sua desarrazoada exigencia.

Comtudo, em quanto não chegarmos a termos decentes e conciliadores, continuam os nossos preparativos, e grande culpa tem de tantos sacrificios esses senhores que podiam, na melhor harmonia, esperar um ou dois mezes pela discussão, mais ou menos renhida, porém franca e livre, do Regulamento, que terminaria a aprazimento de ambas as partes, e sob felizes auspicios.

Muitas reluctancias temos hoje que vencer, muitas antipathias se levantaram contra castelhanos, antipathias que haviam morrido, e que tanto convinha deixar sepultadas.

O maior cuidado do Governo, ha sido enfreiar o espirito publico, sempre violento e irreflexivo, e que nada attende ás consequencias de uma guerra, que, ainda que prospera, é sempre uma calamidade.

Haviamos nós procurado derramar pelo Reino escriptos proprios para desenganar a gente embahida pelos inimigos da navegação do Douro, e abrir-lhes os olhos. Em prova d'isto, envio a V. Ex.ª um folheto escripto pelo Agostinho Albano que, ao saber da ameaça, fez a nota que V. Ex.ª verá.

Peço a V. Ex.ª que d'isto faça uso para mostrar quão torpemente esse Governo se deixou illudir pelo sr. Viniegra, e pelos homens que, oppondo-se aqui ao Regulamento, faziam causa com aquelle cavalheiro para provocar vias de facto, afim de que triumphasse o espirito faccioso que aqui pretende remedar o que ahi se faz, como se para tanto houvesse o me-

nor fundamento, ou as circumstancias offerecessem alguma analogia.

Tambem remetto a V. Ex.ª a fala do Threno do dia de hoje, e V. Ex.ª fará notar a moderação com que foi escripta, tanto que a nossa prudencia passa por condescendente baixeza, no animo da gente que mais nos deseja apoiar.

Estou ancioso por saber como ahi se encaminha este negocio; e, com a mais viva instancia, lhe rogo que faça quantos esforços forem possiveis para que esse Governo retire o insolente *ultimatum* de Viniegra. Póde até declarar que aquelle funccionario excedeu as suas instrucções; e assim foi, porque elle não teve instrucções para dar a copia do officio recebido, mas sim para escrever uma Nota. Seja o que fôr, esta retirada é essencial, se esse Governo deseja, como deve desejar, que a navegação se ponha em practica a bem das duas nações. Se V. Ex.ª obtiver isto, asseguro lhe que o Regulamento será discutido breve, e até vantajosamente. Empenhe V. Ex.ª Mr. Aston em conseguir este passo, que lança todo o decoro na estipulação, faz esquecer a offensa, e restitue á amizade duas nações que nunca devem ser inimigas.

Excuso de instar mais com V. Ex.ª sobre este ponto, porque o conseguil-o é summamente honroso para V. Ex.ª

Nada mais digo, mas entendo ter-me explicado assaz sobre a importancia d'este negocio.

Tenho a honra de ser

De V. Ex.ª
Am.º Att.º Cr.º Ob.º

R. Fonseca Magalhães.

XXVIII

Lisboa, 13 de Janeiro, 1841.

Ill.ᵐᵒ Ex.ᵐᵒ Sr.

Tenho presentes o officio e carta de V. Ex.ª de data de 8 do corrente, por signal que ainda até este momento, que são 6 da tarde, não tive tempo de decifrar a parte escripta em segredo: taes teem sido hoje os meus trabalhos e afflicções.

O conteudo do mesmo fez-me grave impressão: e revela-

me que se busca achar em toda a phrase, em todo o acto, por insignificante e innocente que seja, um pretexto para hostilidade.

Diga-se o que se quizer, estou certo que um arbitro imparcial, seja de que partido fôr, ha de achar rasão ao Governo Portuguez.

O que sobremodo estimo, é que V. Ex.ª esteja tão unido com Mr. Aston: até d'essa boa harmonia nos farão carga os inimigos da paz, os que prezam bem pouco a nossa independencia e honra; mas estou seguro que, passado o calor das paixões, se nos ha de fazer justiça.

Mas agora, nem o tempo nem o estado do meu espirito permittem que eu dê toda a attenção á materia do officio de V. Ex.ª, o que farei amanhã, e sobre o que escreverei a V. Ex.ª, no correio seguinte; porêm desde já devo dizer a V. Ex.ª que o sr. Lima póde ficar, por agora, se da sua sahida V. Ex.ª e Mr. Aston entenderem que haja de resultar inconveniente; porque todos os desejo eu remover; porém é força entender que na qualidade ambigua em que elle se acha, insistindo esse Governo na questão futil dos dois Ministros Extraordinarios, parece-me pouco propicia a sua estada ahi; e o pretexto de uma licença para elle se ausentar, sem parecer que foi desairado, o julgo eu adoptavel, a não haver motivo attendivel para o contrario.

O sr. Lima faz-me uma reflexão, algum tanto, ou muito, fundada, e vem a ser que, no caso de partir, seria melhor fazel-o para França, aonde tem a sua senhora, e para onde mui natural seria que elle fosse usar de licença temporaria. Isto mesmo deixo á consideração de V. Ex.ª, sendo em todo o caso julgado o expediente pela conveniencia, e na certeza de que não ha outro motivo que me obrigou a fallar mais n'isto do que o de decoro.

Emquanto á outra parte em que V. Ex.ª mostra ter ficado incerto da significação das minhas phrases, eu declaro que pedi a V. Ex.ª pouca communicação com os diplomaticos que se acham n'essa Côrte, porque entendo que nos cumpre mostrar toda a confiança, primeiro na nossa justiça, e esforços, e logo em nossos alliados mais intimos; e porque n'este tempo, e em circumstancias criticas, surgem as desconfianças debaixo dos pés, e de cada vez maiores embaraços se suscitam: lembrei a V. Ex.ª, com a franqueza da amizade que lhe consagro, quanto me parecia conveniente mostrar essa reserva; porquanto aquelles que com V. Ex.ª fallarem, e que não estejam certos na situação das cousas, quererão sabel-a para affectarem pe-

netrar segredos, e não deixarão de escrever para os seus Governos, Deus sabe como.

Sinto a molestia do pobre Ximenes, a favor de quem já fallei ao Conde de Bomfim, e procurarei fazer alguma cousa. O Conde de Almoster está bom, e em breve o enviarei; e desejarei fazel-o sob bons auspicios.

Agora rematarei esta com a parte mais interessante d'ella.

Hontem, ainda mesmo antes da apresentação da resposta á falla do Throno, pedi a discussão do Regulamento na Camara dos Deputados. Foi dada para ordem do dia de hoje.

As duas Opposições, *hoje uma*, levantaram, pela bocca do Seabra, uma questão prévia. Hoje se apresentou com a vehemencia da desesperação. Não se queria tal discussão antes de tratada a questão politica, de examinado o proceder do Ministerio nas medidas extraordinarias; e, em uma palavra, os homens que se oppozeram, na Sessão passada, ao Tratado, ao Regulamento, e a toda a qualidade de accordo para o cumprimento do mesmo Tratado, appareceram contra o seu proprio facto, culpando o Governo pelos mesmos motivos por que o Governo Hespanhol o culpa. — Fallei-lhes bem claro, chamei-os á verdade dos factos, e apanhei menos mal o Magalhães, que fôra quem me tinha aconselhado que deixasse, *pro bono pacis*, discutir o Regulamento, artigo por artigo.

Destruimos uma grande cabala. Os homens queriam a procrastinação para nos accusarem de procrastinadores; pareciam energumenos. O judeu José Alexandre, José Estevão, Seabra, Marreca, e Ferreri, fizeram maravilhas. Do nosso lado fallou o C da Taipa e eu, unicamente, e tivemos, em duas votações nominaes, a maioria de *83 votos contra 21 ou 22*. O Regulamento está, pois, na Camara: declarei que o queria discutido; e conto com que vençamos tudo dentro de poucos dias. Aqui tem V. Ex.ª o estado do negocio. José Estevão citou todas as notas que se teem passado entre os dois Governos, por suas datas: foram-lhe communicadas da Legação Hespanhola. Mas elle foi o que mais embaraçou o Governo e o Regulamento na sessão passada, quem mais blasphemou contra o Tratado, e agora o vejo escolhido para criminar o Governo de remisso, pretendendo chamar sobre elle ainda maiores increpações, obstando a que á discussão se prosiga.

Veja V. Ex.ª se é possivel crer que ha boa fé n'esta gente, e até se o Governo póde deixar de julgar que ha uma conspiração occulta, combinada entre Portuguezes e Hespanhoes, para chamar sobre nós as forças d'essa nação, afim de destruir a nossa independencia! Mas foram derrotados, e eu conto que,

dentro em pouco, cessará o motivo, se é verdadeiro, da desconfiança d'esse Governo, que nos fez a maior injustiça, levado por falsas noções de seus empregados, fallo de *Viniegra*, aqui mettido com Manoel de Castro, homem que, fazendo parte dos que se oppunham ao Tratado, desejava que ahi se accreditasse que o Governo o não queria. Lord Howard escreve a Mr. Aston. V. Ex.ª argumente com esta prova evidente da nossa boa fe e deliberação: faça ver as vergonhosas contradicções, as infamias d'aquelles que nos accusaram, e que agora se apresentam a demorar quanto pódem o negocio, para envolver-nos em guerra, guerra que não póde deixar de ser funesta a ambos os paizes, porque, em fim, d'ella tirariamos só a destruição e o excitamento de novos odios.

Emquanto á suspeita de que o Governo da Rainha é inimigo do Governo actual de Hespanha, por principios politicos, V. Ex.ª póde desmentir essa asserção com toda a força da affirmativa: nós não approvamos a politica d'aquelles que se parecem com os nossos *Arsenalistas*, como em Hespanha o Governo desapprova a politica dos seus exaggerados, ou Republicanos. Qual acto, qual expressão nossa deu aso a tal conjectura?

Serei mais extenso no correio seguinte, pois só agora tratei de noticiar a V. Ex.ª uma victoria do Governo, em casa, e uma prova da nossa honra e boa fé para com o Gabinete Hespanhol, e para com a Europa.

De V. Ex.ª
Am.º Velho e Cr.º Obrg.mo

R. Fonseca Magalhães.

XXVIII

Lisboa, no Palacio das Necessidades.
Em 16 de Janeiro de 1841.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

São quatro horas e meia, e eu acho-me no Paço, aonde vim dar parte a SS. MM. de haver passado na Camara dos Deputados todo o Regulamento sobre a Convenção do Douro.

Nenhuma alteração lhe foi feita, apezar dos esforços desesperados das duas Oposições, que tiveram por conveniente

accusar o Governo pelas mesmas palavras que usou o Gabinete de Hespanha e os seus orgãos officiaes e gratuitos, quando a verdade é que, se o Governo é imputavel, só o póde ser de haver tido alguma condescendencia com essa fraudulenta Opposição que, tantas vezes, forcejou para que a Convenção fosse inutilizada.

No meio das contradicções humanas, não póde negar-se o grande vulto que tem esta em que se acham os nossos adversarios n'este Reino; e o Governo d'esse, em quanto no seu procedimento para comnosco, parece cumprir com os desejos do partido exaltado d'este paiz; V. Ex.ª observará que é de notoriedade publica haver o Governo declarado em Côrtes a redacção do Regulamento ser sua propria (no que não mostrou muito escrupulo), e que, pelo contrario, a Opposição fulminou a Convenção e o mesmo Regulamento. E da parte de Hespanha, apparece a queixa contra o Governo e a complacencia com os inimigos da Convenção, procurando, talvez, e provavelmente a pedido de muitos dos orgãos d'ella, trazer a desordem a este paiz, dar auxilio a gente que a deseja, e comprazer com o criminoso intento dos seus mais declarados inimigos na questão pendente.

Tudo isto toca a evidencia; porque é o resumo dos factos publicos, e o corollario, unico possivel de admittir-se, do exame imparcial d'elles.

Então que hei-de eu concluir do absurdo procedimento que observo? da contrariedade entre os factos e as palavras? da pertinacia com que ahi se cerram os olhos ás noções mais simples e naturaes? Não sei: e se não fosse a continua segurança que V. Ex.ª, na effusão das suas convicções, me tem dado, eu affirmaria que a questão do Douro é o pretexto com que se pretende cobrir uma pretenção insidiosa de attentar á independencia da Corôa Portugueza, em defensão da qual póde V. Ex.ª estar seguro, achará o Governo de Portugal, meios de pugnar e de vencer.

Bem vejo os artigos dos jornaes, que, debalde, me querem fazer persuadir que são orgãos de facções que o Governo detesta; bem vejo a maneira por que se cumprem as ordens do mesmo Governo, pelo que respeita á internação dos revolucionarios que foram buscar guarida n'esse Reino; e eu não estranho que se lhe désse. Vejo, finalmente, a arte e fina intelligencia com que são reputados crime, abuso e iniquidade, as palavras mais conciliadores usadas pelo Governo Portuguez, ainda depois da insolente Nota apresentada aqui pelo sr. Viniegra, de quem me consta que tudo enegreceu, tudo detur-

pou, perante o seu Governo. E como não havia de ser assim, se aqui os seus amigos e relações eram Manuel de Castro e Theophilo e outros que taes?

Em fim, o pretexto está removido; o Regulamento passará incolume na Camara dos Senadores, em quatro ou seis dias. V. Ex.ª se recordará que o exito d'esta discussão é tal qual eu lhe annunciei em 13 do mez passado, sem comtudo me obrigar directamente para com esse Governo, desde que me pareceu que isso compromettia a dignidade do Governo Portuguez.

V. Ex.ª communicará esta a Mr. Aston, com quem estimo que V. Ex.ª esteja em perfeito accordo, e com elle tratará, á vista de tal proceder de nossa parte, de fazer retirar, por acto expontaneo do Governo Hespanhol, a Nota de Viniegra de 9 de Dezembro.

V. Ex.ª fará entender ao Ministro competente, pelo meio que mais digno fôr, e sempre de combinação com o Ministro Britannico, a cegueira com que elle accreditou n'essas correspondencias de Vigo, ou mandadas d'aqui por Vigo, unicamente com o criminoso objecto de dar calor á guerra, que, além de iniqua, seria desgraçada para os dois paizes.

O secretario Soler, que secretario se intitula sem por nós ser reconhecido, está aqui mettido com os mais encarniçados inimigos do Governo, e está tão bem orientado nos negocios d'este paiz, que ainda ha 4 dias assegurava a Lord Howard, que esta questão era perdida, pela Administração, por uma terrivel maioria de opposição, e que; logo em seguida, entraria o Partido Setembrista nos negocios, d'onde se seguiria a approvação immediata do Regulamento.

Nunca o Ministerio teve maioria egual á que o ajudou n'esta questão: nunca a opposição foi mais exigua e mais desconsiderada; e o sr. Soler tinha a convicção, a certeza,—dizia elle, — de que o Ministerio soffria uma derrota!

Esta era a linguagem dos clubs mais tenebrosos, estes os sonhos dos conspiradores, como o Governo sabe perfeitamente; e note V. Ex.ª que quem estas informações teve, só de tal origem os recebeu; porque nas sociedades decentes d'esta capital nunca deixou de ser constante que o Governo triumpharia.

Faça V. Ex.ª uso confidencial d'esta circumstancia, porque eu não posso crer que o Governo de Sua Magestade Catholica deseje que os seus agentes o sirvam junto aos clubs dos carbonarios de Lisboa.

Em breve enviarei a V. Ex.ª o Conde de Almoster, com a

terminação d'esta questão, o momento será para elle opportuno, e então escreverei largamente.

V. Ex.ª se valerá de tudo quanto acabo de referir-lhe para fazer entender ao Duque da Victoria quanto seria estranho, quanto inspiraria desconfianças a toda a Europa, a continuação da marcha de tropas sobre a nossa fronteira; e por isso é de toda a evidencia a necessidade de adoptar um porte franco e amigavel, retirando o mesmo Governo a sua Nota. V. Ex.ª observará que a repulsão de a retirar, é mais opprobriosa ao Governo Hespanhol do que a nós, que lhe não respondemos, nem d'elle fazemos caso algum.

Tive a honra de beijar as reaes mãos de S. M. por V. Ex.ª, e esta carta foi escripta no meio da inquietação e ruido que SS. AA. faziam, brincando á roda de mim, cheios de belleza, e de saude.

Tenho a honra de ser

De V. E.ª
Am.º Velho e Cr.º Ob.º

R. Fonseca Magalhães.

XXIX

16 de Janeiro, 1841.

Ill.mo Ex.mo Sr.

Chegou n'este momento o Leal. Nada tenho que accrescentar senão que hoje tivemos um triumpho.

No Senado passa o negocio em 4 dias, de sorte que, em 25 d'este mez, conto expedir o Conde de Almoster com a noticia da passagem em ambas as Camaras.

Remetto a inclusa de Lord Howard para Mr. Aston. Perdôe V. Ex.ª, que o correio já foi apanhado a passar o Tejo.

De V. Ex.ª
Am.º e Obrg.º

R. F. Magalhães

XXX

Em 20 de Janeiro, 1841.

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr.

Confidencial.

Accuso hoje, de officio, os que V. Ex.ª dirigiu pelo sr. Leal, que, segundo vejo, se offereceu para d'ahi ser portador do que V. Ex.ª quizesse.

Em casos de summa gravidade, approvaria eu que se confiassem despachos a mãos mais seguras do que ás do simples correio, mas esses casos são sempre raros, e esta continuada marcha de pessoas qualificadas das Legações, indica a existencia de grandes negocios; e, no nosso caso, de grave perigo, o que produz muito mau effeito.

Esteja V. Ex.ª certo de que não alludo á vinda do Conde de Almester, que desejo fazer portador da conclusão do nosso negocio, mas se V. Ex.ª attendeu a esta circumstancia quando o expediu não sei como, por isso mesmo, deixou vir o secretario da Legação. Este moço que, aliás, tem bastante merecimento, é de sua condição um tanto ostentoso; e, no Paço, menos agradavel do que eu quizera. Gosta, alem d'isto, de dar estes passeios, e, como effeito d'elles, se deve ahi sentir atrazo no serviço que lhe pertence; de tudo isto se segue que V. Ex.ª terá a bondade de resistir ás suas supplicas, ou de agradecer os seus offerecimentos, excepto quando a natureza do negocio torna necessario que viage.

Finda que foi a discussão do Regulamento, na Camara dos Deputados, passou para a dos Senadores, aonde passará em dois ou tres dias, como disse a V. Ex.ª, mas alli succedeu o que eu muito premeditava, isto é, que Manuel de Castro, Manuel Duarte Leitão e Foscôa (que renunciou *ad hoc*), faltam maliciosamente, e Raivoso, não sei se doente ou não, diz que o está. Achavam-se ausentes os dois Serpas Machados, Crespo, Faria e Trigueiros; os ultimos tres em Leiria e os dois primeiros em Coimbra.

Dei ordem para que viessem já, antevendo que esta manobra dos *Amigos do Progresso* havia de ter logar, e já hoje esperava que apparecessem em numero o que, comtudo, não succedeu.

Mas ficarão sem effeito estas diligencias que os inimigos do Governo e do Tratado põem em pratica para comprometter-nos, emquanto ahi a Regencia, ou alguns dos seus membros,

creem em perfidas informações que sahem dos clubs d'esta capital, e pensam que o Governo tem má vontade á Convenção, e procede, para a inutilisar, contra os jornaes que, miseravelmente, affirmam que foram supprimidos.

Mas tenha V. Ex.ª a certeza de que o contrario de tudo isto é o que succede, e que eu sei muito bem quaes são os informadores de Soler, e a gente cujas inspirações elle recebe.

Por tudo quanto vejo sou obrigado a crer que, até agora, só se teem buscado pretextos para nos aggredir, e justificar os procedimentos que, sem rasão, houve comnosco. Não será assim; porque ainda quando, o que não ha de succeder, conseguissem os homens da Opposição, que ahi se reputam amigos do Regulamento, e que aqui o combatem, não haver no Senado numero legal, o Regulamento seria discutido e approvado pelos individuos que quizessem comparecer, embora fossem só trinta e quatro, como hoje foram, ficando apenas com dois de falta.

Repito que não ha de haver ainda esse pretexto; e que, quanto mais breve possivel, o negocio será expedido.

Se esse Governo tem a coragem de confessar um erro, que para isso ás vezes muita é necessario, verá, pelo resultado da Camara dos Deputados, que todas as suas suspeitas eram sem fundamento, assim como deveria ser quem tem, em todo este negocio, abraçado a nuvem por Juno.

Quem, á vista de tudo o que ha occorrido, e das increpações estolidas que d'ahi se nos fazem, dirá que o Gabinete de Madrid, crê, de boa fé, que da parte do Governo Portuguez ha falta de vontade e de sinceridade?

Esta falta a vejo eu em tudo quanto ahi se affirma e se faz. Vejo que se dá guarida aos mancebos que fogem ao recrutamento; e se lhes expedem bilhetes de seguridade. Vejo que se dão armas aos nossos transfugos. Vejo que se dissolvem, perto da nossa fronteira, corpos francos como para deixar junto a Portugal um montão de individuos promptos a cometter crimes, e a passarem ás nossas terras para as devastar.

Da parte d'esse Governo decerto não póde ignorar-se que tudo isto são actos de hostilidade, emquanto nós, com a mais exemplar moderação procedemos, já em actos, já em palavras.

V. Ex.ª communicará a Mr. Aston o contheudo n'esta carta, assegurando-o de que, apesar das diligencias dos opposicionistas, que são aqui os do partido chamado «do Progresso»,

e intimamente unidos aos Federalistas d'ahi, o Governo terá Senadores para discutir; e que espero, ainda esta semana, isto é, dentro de 6 dias, estará este negocio concluido, ou, ao mais tardar, 8; mas, emfim, não tenho querido até hoje obrigar-me a praso de discussão, o que seria vergonhoso. Mr. Aston, á vista da resolução do Governo de levar por diante o negocio que já fez sahir da maior difficuldade — a da Camara dos Deputados, — poderá fallar francamente ao Governo Hespanhol; e estou certo que o fará, fundado na mais clara rasão e justiça.

Esta carta foi escripta á hora da partida do correio, e talvez eu mais extensamente informe a V. Ex.ª por um expresso, que será o sr. Leal, já que aqui está, se com effeito me vir obrigado a tomar alguma medida extraordinaria para vencer o industrioso expediente dos nossos adversarios.

P. S. Agora sei que já chegou o Senador Trigueiros. Provavelmente chegarão tambem os seus collegas Crespo e Faria, e assim não duvido que já amanhã teremos numero. Logo n'esta occasião adoeceu o Conde da Terena e Almeidinha que são seguros, mas o ultimo sei eu que comparece amanhã.

Adeus. Tenha V. Ex.ª mil venturas que lhe desejo.

Sou de V. Ex.ª
Am.º Verdad.º e Obrg.º

R. Fonseca Magalhães.

XXXI

Em 21 de Janeiro de 1841.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Particular.

O consul Hespanhol, no Porto, passou aviso aos residentes da mesma nação que se preparassem para sahir da Cidade e do Reino, porque haveria uma invasão se, no fim do mez, não estivesse em obra o Regulamento para a navegação do Douro. Isto é mais um incentivo para suscitar difficuldades; é feito de proposito para levantar gritarias contra nós, a ver se, em qualquer das Camaras, se diz, que debaixo de coacção se não póde discutir. Haverá procedimento mais hostil do que

este? Não vê V. Ex.ª que o que esse Governo pretende, é que tal Regulamento se não discuta, para se considerar livre e auctorisado para nos aggredir? Lembre V. Ex.ª esta especie a Mr. Aston, que é mais uma para o desenganar da boa fé d'esse Governo.

Não posso, á vista das injustas e absurdas arguições que esses srs. nos fazem, deixar de desconfiar da sua lizura; porque, depois de tantos documentos de lealdade e franqueza, dados por nós, repetem-se as mesmas insinuações, da parte de Hespanha, parecendo que falamos a medo, e procedemos deante de *gente cega*.

O Leal dirá a V. Ex.ª o que pensei relativamente ao Buchanan (?) Será bom que V. Ex.ª me escreva bem de proposito a respeito d'elle. Não pense que deixo de cumprir pelo que respeita a seu bom filho. Elle jantou hontem commigo, em casa de Lord Howard, que lhe quer muito bem.

Adeus! não posso mais! Vae essa para Mendizabal, que, na verdade, é homem nosso amigo, mas que não quer confessar que esse Governo pretende envolver-nos em desordens e confusão.

Estou seguro que Mr. Aston poderá enfrear as pretenções traiçoeiras do sr Ferrer, a quem, por mais que eu queira, não posso attribuir boamente a nosso respeito.

Faça me V. Ex.ª o favor de mandar copiar esta carta, e enviar-me a copia pelo primeiro correio que vier em expresso, ou em cifra, para cá se tirar.

De V. Ex.ª
Am.º Verdad.º e Cr.º Ob.º

R. Fonseca Magalhães.

P. S. Não careço já da copia.

XXXII

Lisboa, em 23 de Janeiro, de 1841.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Hontem escrevi a V. Ex.ª longamente, pelo Leal, que, esta noute, ás duas horas, sahiu de Aldegallega, tendo passado a noute no mar.

Nada, desde hontem, occorreu de consideração, senão que já o Regulamento está no Senado; já houve sessão sobre elle;

e 2.ª ou 3.ª, o mais tardar, será approvado, e logo posta em exercicio a Convenção.

Apezar de tudo quanto tem occorrido aqui, entendo que esse Governo busca pretextos para nos agredir, e excitar desordens entre nós; mas espero que venha a melhores ideias, porque á vista do nosso procedimento, qualquer, menos leal, da parte do Gabinete de Madrid, seria um escandalo.

No Porto, o Vice-Consul affixou um edital, annunciando que haveria invasão no fim do mez se a navegação não estivesse posta em practica: isto é um meio insidioso de nos perturbar. V. Ex.ª tomará este assumpto a peito; porque qualquer passo de aggressão, dado agora, teria a qualidade de desenganar toda a Europa de que o objecto de Hespanha não é o Regulamento.

De V. Ex.ª
Am.º e Cr.º Ob.º

R. Fonseca Magalhães

P. S.

Espero mandar d'aqui, na 4.ª feira ou na 5.ª, o Conde de Almoster com o resultado da navegação.

XXXIII

Lisboa, em 27 de Janeiro de 1841.

Ill.mo Ex.mo Sr.

Confidencial.

Não chega o tempo para largamente escrever a V. Ex.ª Tenho descido aos mais insignificantes pormenores, para poder hoje mandar o Conde de Almoster diante de um correio de Soler, e já com a decisão do negocio, porque o mesmo Soler tem tido a insensatez, se é só isso, de persuadir-se, ou fingir-se persuadido, que S. M. negaria a sancção ao Decreto das Côrtes.

Creio que o conseguirei; porque só amanhã dou parte, officialmente, a Lord Howard, de se achar sanccionado o Decreto do Regulamento, e, antes de receber esta communicação, entendo que o dito Soler não expedirá o seu correio.

Hontem a noute veiu uma pessoa pedir-me para que admittisse eu aquelle cavalheiro a uma visita secreta. V. Ex.ª póde suppor que a recusei; nem entendo como elle teve o desaccordo de propôr-m'a, estando certo, como deve estar, que me não são desconhecidas as suas intimas relações com todos os inimigos do Governo aqui; isto é com aquelles que mais hão querido oppôr-se a que passasse o Regulamento, para se approximarem tropas inimigas, e levantar-se aqui a bandeira da revolução. Este homem ha recebido de Viniegra o triste legado d'estas amizades e d'estes desgraçados meios; nem jamais póde elle deixar de ser o que é, um demagogo estouvado, em cuja bocca já é um insignificante o Duque da Victoria, o sr. Ferrer um chocho, etc., etc.

Pelo que V. Ex.ª me refere, vejo eu, tambem, que Viniegra quereria voltar aqui. Seria começar esse Governo o restabelecimento de nossas relações amigaveis por um insulto ao Governo de Sua Magestade — ainda mais — ás Pessoas de SS. MM., de quem esse homem aqui fallou com uma descortezia e um descommedimento notorios.

Espero que V. Ex.ª empregue toda a sua influencia para que saia o que está, e não volte o que foi.

Do mesmo papel que V. Ex.ª faz menção, em seu officio de 22 do corrente, vejo eu quão impossivel é que esse homem volte aqui, a lançar-se de novo nos braços dos traidores que pretendiam assassinar a sua patria.

A franqueza do sr. Ferrer fez-me grande abalo no animo, e, se bem que parece impossivel que homem tão distincto tenha acreditado os mais monstruosos absurdos, fechando os olhos aos factos qualificados pelo Governo e pelos seus adversarios, sou forçado a inclinar-me á opinião que V. Ex.ª me dá da sinceridade d'esse Ministro, em uma questão em que nunca lh'a tenho podido achar, porque nada me parece mais claro do que o comportamento da Administração actual na questão do Rio Douro.

Entrego ao cuidado e actividade de V. Ex.ª, a sollicitação de providencias energicas e efficazes para remover dos povos das nossas fronteiras, e especialmente de Zarza Maior, os ajuntamentos de emigrados portuguezes que alli estão, armados pelas auctoridades de Hespanha, engrossando se e ameaçando entrarem no territorio portuguez.

O Barão de Oleiros, o celebre Albuquerque, é o chefe d'esses desgraçados, e a primeira prova que V. Ex.ª desejará obter dos effeitos da nossa reconciliação, será, sem duvida, uma medida que inutilise os esforços d'esses furiosos, que

chamam a si gente incauta e perversa, e se preparam para nos trazerem o presente de uma incursão.

O mesmo digo pelo que diz respeito aos mancebos fugidos ao recrutamento.

V. Ex.ª sabe que devemos completar o Exercito, por auctorisação das Côrtes, na sessão passada, e dar baixa aos antigos soldados; assim o recrutamento deve continuar segundo a lei; e o refugio dos moços n'esse Reino é uma desgraça para a agricultura e para o serviço do Exercito.

Resta-me acabar esta com uma especie que me é summamente desagradavel.

V. Ex.ª, em seu officio de 18, me faz uma injustiça que eu não mereço.

Não lhe dei reprehensão; não assignei officio apresentado por Oliveira; eu o escrevi e sem animo offensivo. Sentimento de desgosto tinha, sim, porque havia ficado mal em uma reunião de Deputados e Senadores aonde um que tinha falado em Lord Howard, disse que marchava artilharia pesada direito a Elvas.

Em prova do que digo, escolha V. Ex.ª se quer enviar-me o officio, que não foi registado e está no masso da correspondencia reservada, em minha casa, ou como quer, na certeza de que eu só pretendo que V. Ex.ª restabeleça a opinião do Oliveira, que não foi culpado em nada, porque nem uma só letra tem escripto a V. Ex.ª, e sim eu; e de mim póde V. Ex.ª esperar alguma expressão que denote a afflicção do meu animo, porém nunca espirito offensivo.

Agora mesmo estive aqui com o *velho do seu filho*, a quem pedi que me copiasse esta e m'a mandasse; porque o tempo não permitte que eu me demore nem mais um instante. Serei mais extenso.

O Conde será, esta noute, nomeado 1.º Addido.

De V. Ex.ª
Verdad.º Am.º e Cr.do Ob.º

R. Fonseca Magalhães.

XXXIV

Em 3o de Janeiro (1841 ?)

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Não posso mais do que escrever duas letras a V. Ex.ª São 8 horas da noite, e saio d'uma conferencia. Temos Ministro da Fazenda o nosso Miranda. O meu compadre Florido, levado de um bom zelo, e talvez não entendendo inconveniente, apresentou um projecto de finanças (?) que sublevou tudo, e isto fez sem nos mostrar tal cousa. Além d'isso explicou se na Camara dos Deputados, sobre pagamentos, de um modo que fez saltar pelos ares o Banco, e, na mesma semana, foi ao Senado aonde teve pouca felicidade n'uma satisfação que pediu. Tudo isto foi ...... *parte* para que tudo se puzesse em desgosto; e elle pediu a sua demissão muito a nosso desprazer.

O Conde de Almoster não foi ainda hoje despachado. Quando eu ia para o Paço, já a caminho, mandou me chamar o Miranda á Camara, porque havia trovoada.

O mesmo Miranda é bom Ministro Parlamentar. Desejo saber se o Conde chegou antes do correio hespanhol. SS. MM. vão bem de saude, e sempre recebem com prazer novas de V. Ex.ª

Tenho o gosto de ser

De V. Ex.ª,
Am.º e Cr.º Obr.º

R. F. Magalhães.

Saudades ao amigo Mendizabal.

XXXV

Lisboa, 2 de Fevereiro, 1841.

Muito particular.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Muito agradeço a V. Ex.ª o interesse que por mim se dignou tomar. A sua lembrança do testemunho d'esse Governo é realmente de amigo; porém peço licença para lembrar a V. Ex.ª que se se realisasse o obsequio, ainda depois de ser

retirada a Nota offensiva, sobre mim recairia grande suspeita de haver sido o meu procedimento falsamente apregoado, por mim, de independente e verdadeiramente nacional. Basta esta consideração para que V. Ex.ª avalie a importancia do assumpto, parecendo-me que o testemunho de estima que esse Governo quer dar, pelo feliz acabamento do negocio, deve recair em V. Ex.ª; e eu, decerto, apreciarei como tal, qualquer graça, digna de V. Ex.ª, que a Regencia lhe fizer.

O Duque de Palmella tem o Tosão.

Além d'isto, é força ponderar que eu sou de origem plebeu, pobre de fortuna, e sem pretenção alguma, a não ser a de continuar em honesta obscuridade.

Adeus. Acredite V. Ex.ª na minha amisade e gratidão.

De V. Ex.ª
Am.º Verdad.º

R. Fonseca Magalhães.

P. S. — Agradeço a boa vontade de Mr. Aston. V. Ex.ª terá a bondade de lhe expressar este meu sentimento; mas, quando elle saiba de V. Ex.ª o motivo que exponho, é impossivel que o não pése, e não veja que só em V. Ex.ª póde, sem suspeita, recair o testemunho de satisfação que eu desejo que o Governo Hespanhol dê pelo feliz termo de nossas pendencias.

R. F. Magalhães.

XXXVI

2 de Fevereiro, 1841.

Ill.^mo Ex.^mo Sr.

Confidencial.

Tenho presentes o officio de V. Ex.ª, de 26 do proximo passado, e as duas cartas que o acompanharam.

O conteudo no primeiro, e a parte das ditas cartas que dizia relação a objectos de serviço publico, eu fiz presentes a SS. MM., que ficaram satisfeitos. A's duvidas da Regencia, e especialmente do sr. Ferrer, já respondeu o Governo pelo Conde d'Almoster, que, de proposito, aqui detive, como elle disse a V. Ex.ª, para ser portador da decisão final.

As injustiças feitas, não direi a mim pessoalmente, que as

soffro de bom animo, e não aspiro a figurar no mundo, mas á Nação Portugueza, e aos homens illustres d'ella, me pesam sobre o coração; e não são os protestos verbaes d'esses srs. que me contentam, nem contentarão de certo a V. Ex.ª, a ponto de prescindirmos de qualquer demonstração de boa fé que esse Governo, se quer parecer justo, nos deve dar.

A *promessa formal e solemne* da retirada da Nota insolentissima do sr. Viniegra, deve realisar-se já. Rogo a V. Ex.ª, em nome da nossa amizade e do nosso amor á Patria em que nascemos, que a faça retirar com a devida formalidade. Se se tratasse de ponto de honra, eu seria o primeiro a abster-me d'esta exigencia; mas não o ha, e sómente o reparo de um aggravo não merecido, subsistindo o qual não póde, de modo algum, tornar a dar-se aquella confiança — aquella irmandade, que tão essencial é que exista entre os dois povos, para bem de ambos.

V. Ex.ª póde assegurar o sr. Ferrer de que já tratámos das nomeações e das collocações dos postos fiscaes; que ajustei hoje com o Miranda, grande advogado da navegação do Douro (uma das principaes rasões porque foi proposto a S. M), para se officiar aos Administradores Geraes a fim de, sem perda de tempo, se pôr em pratica o Regulamento; e espero que no sabbado officiarei a V. Ex.ª para que, por parte de Hespanha, se tomem as medidas correspondentes.

Em fim, nem um momento se tem perdido n'este caminho; e ter-se-hiam egualmente passado, sem o desgosto de uma affronta, as despezas de preparativos de guerra, e todas as suas consequencias, se esse Governo tivesse prestado a V. Ex.ª a attenção que V. Ex.ª lhe merecia, e o Governo Portuguez. Mas o passado não póde deixar de ser: o meio de remediar os maus effeitos da offensa, está na retirada da Nota. Esse governo a deve fazer *expontaneamente*; este acto é de justiça, e não diminue a força de quem o pratica; desde que elle fôr executado, eu crerei, amplamente, na boa fé do Governo Hespanhol para comnosco: as nossas relações se estreitarão, e nos coadjuvaremos, mutuamente, com toda a efficacia de Governos que professam principios de verdadeira liberdade. E' impossivel que esses senhores ignorem que nós seguimos a verdadeira senda do progresso; e que os nossos adversarios caminham pela estrada da confusão e da anarchia, como teem feito sempre que entre nós hão tomado as redeas do poder.

Amanhã mando escolher o armazem de deposito no Porto: o Miranda diz que as duas casas, ou estações fiscaes, serão collocadas na Fregeneda, ou perto, e no confluente do Sabor:

isto vae sem demora ser dado á execução; e o sr. Ferrer poderá ter a gloria de ver a navegação; mas é preciso lembrar-se que, para ella ser proveitosa, cumpre remover *causam odii* e esta existe emquanto a Nota offensiva não fôr retirada.

Vou fazer o relatorio da negociação: habilite-me esse Governo para o representar generoso e leal, que eu o farei, uma vez que possua o instrumento official que peço. Lembre V. Ex.ª, tanto ao sr. Ferrer como ao Duque da Victoria, de quanta utilidade é que Hespanha dê á Europa esse documento de boa fé para comnosco; e quanto convem que as duas nações, cujos interesses são os mesmos, tenham só motivos de amar-se, e de confiar um no outro.

Eu possuo uma Nota de Lord Howard, em que se refere á explicação dada pelo sr. Ferrer ás expressões offensivas do referido *ultimatum* de Viniegra; mas é mais nobre e mais franco que uma communicação original seja feita directamente: e só assim essa poderá crêr-se sincera.

Devo declarar a V. Ex.ª que tal é o desejo dos nossos amigos politicos, com os quaes me comprometti, em certo modo, a uma reparação da parte do Governo Hespanhol, que sempre hei procurado apresentar-lhes despido de intenções hostis a nosso respeito. Elles me acreditaram; elles deram pressa á approvação; e doloroso me seria vêr fraudadas essas promesas por um capricho mal entendido d'esse Governo. Vamos mandar recolher o Duque da Terceira, desfazer os Estados Maiores e as Divisões do Exercito: já mandei sobrecitar no recrutamento geral, e seguir os tramites da lei para o preenchimento dos corpos, conforme fôra decretado antes das ameaças das hostilidades. Espero que o Governo de Hespanha dê as ordens necessarias, pelo que respeita aos profugos portuguezes, e que faça sair d'ahi os mancebos que se escaparam ao recrutamento, e entregue as decretaes em conformidade com a Convenção de 1823. O major Cabral está em Ayamonte; as proclamações incendiarias fervem; mas a nós pouco cuidado nos dá isso, comtanto que esse Governo obre o que deve para comnosco. Desde esse momento morrerão as esperanças dos Anarchistas.

O sr. Lima me deu parte de se achar nomeado para esta um Consul, homem honrado: muito o estimo: o que peço a V. Ex.ª é que para o Porto se nomeie outro; porque o actual se pronunciou de tal modo a favor da guerra, e está em tão intimas relações com os exaltados d'aquella cidade, que não póde deixar de ser muito muito mal visto por todos os homens que querem a paz e a boa intelligencia entre ambas as nações.

O porte traiçoeiro que elle teve com o Administrador Geral, acabou de o tornar odioso.

Tambem estimo que aqui venha o sr. Aguilar, antigo amigo dos homens de 1820, que hoje são os maiores amigos do systema actual; e posto que eu tenha tido informações de que elle era um dos que instigaram a Regencia á guerra, creio bem que isto fosse effeito da sua persuasão da nossa falta de sinceridade. O mesmo não direi de Soler, que miseravelmente se apresentou em relações ostensivas com os nossos inimigos, e que louco andou clamando, até os ultimos momentos, *que sabia de certo que a Rainha não daria a sua sancção ao Regulamento*. Fez aqui uma figura tristissima; e no fim, quando viu que nada podia conseguir, pediu-me, por interposta pessoa, uma conferencia em casa que não fosse a minha!!!

Toda esta ignobil gerencia de negocios, mostra que este homem é incapaz, e que não convem em Lisboa, excepto se se quizesse que elle fizesse aqui, formalmente, o papel de representante junto aos clubs revolucionarios.

Certo estou que esse Governo o não quererá para isso: tanto mais quanto elle desautorisa, em seus imprudentes discursos, ao Duque, representando-o um imbecil, inferior á situação que occupa, e lhe prognostica uma queda estrepitosa. Segundo elle diz, a Regencia não tem senão o sr. Cortinas que seja homem de pulso!!

Até aqui de officio ou semi-official; o resto e pessoal. Vou mandar dar ao Ximenes uma gratificação.

Espero que V. Ex.ª se não apresse, até poder deixar ahi bem estabelecidas as nossas relações.

Tambem espero que V. Ex.ª esteja certo, pelo que lhe escrevi, e pelo que lhe mandei dizer pelo conde d'Almoster, que me deve dar credito, e que de mim póde sempre confiar como em amigo verdadeiro. A minha proposta subsiste.

No sabbado mandarei a participação ao Conde. Já por vezes tenho dito á sr.ª Marqueza que me occupe em seu serviço quando S. Ex.ª o entender necessario: será preciso que V. Ex.ª lhe diga o mesmo?

Saudades ao Mendizabal, a quem dou os parabens.

De V. Ex.ª
Am.º Obg.º

R. Fonseca Magalhães.

Post-scriptum da carta de 2 de Fevereiro 1841.

Não me causou admiração o que o sr. Ferrer communicou a V. Ex.ª da parte do sr. Olosaga. Creio que isso seja verdade, ainda que agora, depois de acabados os motivos de guerra, ha de tambem o Governo Francez ostentar os seus bons officios.

E não creia V. Ex.ª que isto escrevo de imaginação; porque ha dias que recebi uma visita de M. de Varenne, que, em fórma de exprobação, me disse que eu fôra sacrificar a independencia da Nação, pedindo a intervenção ingleza, quando iamos, pouco a pouco, emancipando-nos da tutella d'aquelle Governo; e accrescentou que me não diria cousas bem importantes por eu haver sollicitado essa intervenção.

Respondi-lhe de modo que nunca mais me fallou. Entre outras cousas, lhe toquei no seu amigo Manuel de Castro, do qual elle me affirmou que a linguagem era:—«que antes queria ser Hespanhol do que Inglez.»—«A alternativa não é essa» repliquei eu, «trata-se de escolher entre Hespanhol e Portuguez».

Este post-scriptum peço a V. Ex.ª que o repute communicação pessoal, que deve por V. Ex.ª ser havida para sua intelligencia, e não para figurar na serie de nossas communicações. D'esta conferencia dei comtudo parte a S. M., em tempo competente.

R. F. Magalhães.

XXXVII

Secretaria, em 6 de Fevereiro, de 1841.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Tenho presentes o officio de V. Ex.ª de 29 do p. p., e cartas de 31, que vieram pelo expresso ao Ministro de França.

Fiz logo presente o conteúdo de um e das outras a SS. MM., que, bem como eu, não deram credito á passagem de D. Miguel por *Toulouse* segundo se referia no Aviso Telegraphico que o mesmo Ministro de França me enviou por copia. Quando muito, reputo este acontecimento dentro da esphera dos possiveis; mas a sua improbabilidade salta aos olhos, attentas todas as circumstancias.

Ainda assim, como é possivel, entendo que se não deve desprezar a noticia. V. Ex.ª a estas horas saberá ahi melhor se sim ou não o facto é certo ou fabuloso.

A SS. MM. participei o que o Duque da Victoria disse a V. Ex.ª quando lhe deu a noticia telegraphica: li o proprio bilhete de V. Ex.ª, dando-lhe todo o peso que merecia a expressão cordeal do Duque, e vi que SS. MM. ficaram na intelligencia de que taes palavras revelavam um espirito nobre e cavalheiro, e me encarregaram de transmittir a V. Ex.ª que ouviram o offerecimento do mesmo Duque, e a agradavel impressão que lhes causou, certos de que, se o caso se realizasse, e fosse preciso qualquer auxilio, o Governo Hespanhol o prestaria sem hesitar.

A V. Ex.ª rogo que isto faça saber ao nobre Presidente da Regencia.

Não ha occorrencia que mereça mencionar-se; porque agora espero, pelo primeiro correio, noticias da chegada do Conde de Almoster, cujo Decreto só hoje pude ter assignado por S. M. O sr. Ministro da Fazenda está cuidando no arranjo e collocação dos agentes fiscaes, nos pontos marcados no Regulamento, e vão ser, desde já, dadas as providencias. Da parte d'esse Governo, entendo que algumas tambem se devem dar emquanto ao objecto. Miranda crê que poderia haver uma alfandega mixta [1] para mais facilidade a ambas as partes; mas eu não estou muito por isso: d'aqui vou á Secretaria a ver em que accordo ficamos. O certo é que não podia haver homem mais apaixonado, por profunda convicção, do que o mesmo Miranda, da navegação do Douro; e se elle tivesse estado no Ministerio ha mais tempo, eu teria tido um grande auxiliar.

Tenho toda a esperança que ás mãos de V. Ex.ª chegue, a tempo, a carta particular que lhe escrevi, pelo correio passado, sobre o assumpto de um § importante da que V. Ex.ª me remetteu com a data de 22, e que me dizia pessoalmente respeito. Creia V. Ex.ª que usei de franqueza; que tenho rasão; que não posso proceder senão assim; e que é minha determinação *irrevogavel* permanecer no que disse. Estou certo de que seria muito agradavel a SS. MM. o que observei a respeito de V. Ex.ª.

Os nossos inimigos politicos que, sem fundamento algum, esperavam que o Ministerio perdesse na resposta á fala do Throno, appellam agora para um tumulto que desejam e pro-

[1] Isto e um fiscal portuguez na alfandega Hespanhola

jectam fazer aqui. Estes homens lançam mão de todos os meios; e o que V. Ex.ª viu nas mãos do sr. Ferrer, explica a moralidade de tal gente.

Já dei ordem para a cessação de fortificações, e outros serviços extraordinarios. Com toda a sinceridade digo que não posso esquecer-me de que esse Governo nos fez incorrer em uma enorme despeza, sem necessidade; porque obtinhamos o que obtivemos, e ainda mais facilmente, sem o recurso de que elle lançou mão. O mal que nos fez foi horroroso, não só no capitulo das despezas, mas ainda a outros respeitos, como V. Ex.ª póde julgar. Mas, se como vejo, houve boa fé, se não aconteceu o que teve logar senão por virtude de falsas informações, se a offensa foi não merecida, o facto da solemne retirada da Nota aplanará muitas difficuldades para o futuro; e eu espero que a promessa feita a V. Ex.ª se cumpra quanto antes. Este acto desenganará SS. MM. e a mim, pessoalmente, e como V. Ex.ª assegura, creio bem que com taes demonstrações se restabelecerão as nossas antigas relações de amizade.

Beijei, em nome de V. Ex.ª, a mão a SS. MM., que sempre recebem esta recommendação com a mais expressiva benevolencia.

Tenho a honra de ser

De V. Ex.ª
Am.º e Cr.º Obg.º

R. Fonseca Magalhães

XXXVIII

Em 7 de Fevereiro de 1841.

Ill.ᵐᵒ e Ex.ᵐᵒ Sr.

Ainda agora posso responder á carta de V. Ex.ª de 29 de Dezembro, em que V. Ex.ª se queixa de mim pelo desconto pela 5.ª parte que se fez nos seus ordenados da somma antigamente recebida.

Sinto que V. Ex.ª julgue que n'esta operação houve proposito deliberado de diminuir os seus pagamentos, quando não foi mais do que a pratica de uma lei que jámais deixou de executar-se, e que está ainda hoje em vigor. Nem eu dei ordem, nem na Secretaria podia deixar de fazer-se o que se fez. Mui-

to desejo eu que V. Ex.ª não presuma tão mal de um homem que é seu amigo, e que tanto deseja mostrar-lh'o.

Muito estimarei que V. Ex.ª me escreva de officio sobre este assumpto, agora que está o sr. Miranda na Fazenda, e que sei de certo que tambem o deseja obsequiar; e esteja V. Ex.ª certo de que faremos o possivel em seu obsequio.

O que já poderia ser fôra fazer o desconto pelas quantias que V. Ex.ª agora recebeu, deixando o atrazado.

Emfim, eu estou prompto a diligenciar quanto seja a favor de V. Ex.ª, até o extremo da possibilidade.

Pelo que respeita ás contas, e ao augmento dos dias, ahi remetto a V. Ex.ª, de novo, o calculo e explicação que se me deu da Contadoria.

Fique V. Ex.ª certo de que sou sincero e

De V. Ex.ª
Am.º Obg.^{mo}

R. Fonseca Magalhães.

XXXIX

Paço das Necessidades, em 10 de Fevereiro de 1841.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Sua Magestade E' servido conceder a V. Ex.ª licença para usar da insignia da Grão Cruz da Real e distincta Ordem de Carlos III, com que a Regencia, em Nome de S. M. C., honrou V. Ex.ª

A mesma concessão Ha S. M. por bem fazer ao Conde de Almoster, 1.º Addido, e ao Ajudante de Ordens de V. Ex.ª, D. Miguel Ximenes, para usarem das insignias que a Regencia lhes conferiu da Cruz de Numero Extraordinario, da mesma distincta Ordem.

O que, de mandado de S. Magestade, e com muito prazer meu, communico a V. Ex.ª

Deus guarde a V. Ex.ª
Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.
Marquez de Saldanha.

Rodrigo da Fonseca Magalhães.

XL

(Sem data).

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Agradeço, muito do coração, a expressão dos sentimentos de V. Ex.ª a meu respeito, expressão que muito suavisa os grandes desgostos que padeço, e que me teem acompanhado desde o primeiro dia que entrei n'esta Administração, de que eu tanto devêra fugir.

Creia V. Ex.ª que eu reputo sinceras as suas palavras; nem V. Ex.ª tem motivo para deixar de desejar-me bem, porque lh'o mereço sinceramente.

Bem sei quão grande zelo e ardentes desejos animam a V. Ex.ª no serviço da sua Soberana, e da nossa patria, e que as recompensas por tantos sacrificios não avultam nada; mas, ao menos, V. Ex.ª tem a estima de todos os homens de bem, e que não é pouca.

Fallei a S. M. nas decorações sobre que V. Ex.ª me escreveu; e, a dizer a verdade, achei a repugnancia que não esperava. Seja qual fôr o motivo, eu vi uma inpassibilidade a todas as rasões que expuz, que admirou; e só a posso attribuir á lembrança de que fomos maltratados, e nem ainda a retirada do *ultimatum* teve logar. Venha esse documento da boa fé da Regencia, e eu creio que muito se poderá fazer.

Não consultei a ninguem antes de escrever a V. Ex.ª sobre a primeira noticia que V. Ex.ª me deu da tenção da Regencia em honrar-me com uma grão-cruz. Examinei qual effeito isso produziria, e apressei-me a escrever a V. Ex.ª, em 2 do corrente, desejando muito que a minha carta chegasse a tempo; mas não chegou.

Comtudo, espero que V. Ex.ª me favoreça declarando aos srs. Duque da Victoria e Ferrer a causa que me obriga a não acceitar a alta e honrosa distincção que a Regencia me conferiu. E' preciso conhecer bem o estado das opiniões, para se saber qual o caminho que temos a seguir. Toda a gente applaude o testemunho dado por esse Governo a V. Ex.ª. Toda a gente me excommungaria se eu tivesse uma fita larga a tiracolo. A minha acceitação tornaria mais odiosa a navegação do Douro do que ella é. Este preconceito póde acabar; e, para que isso succeda mais depressa, importa não levantar novas suspeitas, ou antes novos pretextos para ellas.

Hoje vieram amigos dizer-me que constava haver eu sido condecorado, o que produziu pessimo effeito: e esses mesmos me asseguravam que, se V. Ex.ª o não tivesse sido, seria mais um insulto d'esse Governo.

Peço a V. Ex.ª que faça suas as minhas rasões, e que exponha a esse Governo o caso singular em que me acho, relativamente a este paiz, a favor de cuja paz seria eu capaz de fazer todos os sacrificios.

S. M. mostrou a melhor vontade em condecorar, desde logo, o sr. Ferrer, e mais dois, correspondentes ao Conde e ao Ximenez; mas vi, ou pareceu-me ver, que em quanto não fôr retirada a Nota, lhe seria extremamente penoso dar outras demonstrações, que S. M. entende serem recebidas como uma especie de servilidade.

Muito folguei de lêr o que V. Ex.ª escreve do sr. Lima. Com sentimento vejo que já não é tempo de servir o afilhado de V. Ex.ª; porque o Miranda havia dois dias antes nomeado o Francisco Viseu Pinheiro, homem muito honrado e intelligente, para a Fregeneda.

No correio seguinte faremos a esse Governo as communicações respectivas; porque o estado do Douro não permitte, nem por estes dois mezes, navegação.

Veremos se eu posso servir o sr. Geraldo Lourenço em outro logar.

N'este é impossivel; porque o nomeado já tem ordem para se apromptar.

Pelo que respeita ás senhoras, asseguro a V. Ex.ª que não me é dado obter cousa alguma; e creio poder dizer que vi um desejo de que V. Ex.ª, na sua volta, pedisse isto a S. M. Todos querem que lhes peçam!

Em quanto á volta de V. Ex.ª rogo-lhe que se não apresse em effectual-a; não porque eu desejo que se prolongue a sua demora, mas sim porque me parece que, sem estar tudo inteiramente ultimado, seria imprudencia partir. Desejo a V. Ex.ª n'esta Côrte; mas, sem ser tempo, não deve vir. Emquanto ao que V. Ex.ª me diz sobre os seus sentimentos politicos a nosso respeito, eu o accredito.

Não me dá o tempo para mais. porque agora estou eu escrevendo, tendo passado muito a hora do correio; o que é inevitavel no meio de tanto trabalho.

Tenho na minha mão aquelle celebre cilicio de que V. Ex.ª se zangou; mandal o hei a V. Ex.ª corregido. e sem as passagens que lhe causaram desgosto; e V. Ex.ª me restituirá o outro.

Creio que assim está tudo bem; porque não ha registo nenhum do primeiro.

Muitos parabens ao Conde do despacho de 1.º Addido.

De V. Ex.ª
Amigo e Cr.do Obrg.do

R. Fonseca Magalhães.

P. S. — Creio quanto devemos ao Duque e ao sr. Gambôa. Isso fiz presente a SS. MM., que me disseram a este respeito as coisas mais agradaveis em agradecimento.

R. F. Magalhães.

(Nota, na lettra de Saldanha).

Recebida no dia 17 de Fevereiro, pelo correio que trouxe gazetas e outras cartas do dia 10.—1841.

XLI

Em 13 de Fevereiro de 1841.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Escrevo a V. Ex.ª de cama, com um terrivel ataque d'aquelles que em 1835 me tiveram á morte; e, comtudo, nem tempo ha para estar doente.

Serei breve e brevissimo.

Desejo que V. Ex.ª venha; mas não quizera que fosse já, já, isto é, antes de ficar assente, de uma vez, a nossa boa intelligencia para restaurar a qual tanto V. Ex.ª concorreu. Emquanto este fim não fosse conseguido, mal poderia eu annuir á retirada de V. Ex.ª Por outra parte, aqui o quizera ter para desenganar muitas pessoas que julgam que nada fizémos, e que o perigo da guerra foi phantastico. Emfim, ha cousas que não posso escrever; a natureza d'ellas não admitte cifra, porque não tenho tempo de entender-me com isso, nem posso confiar certos pontos a terceiro.

Pelo que respeita ás decorações, entendi eu que seria justo dar ás pessoas que V. Ex.ª lembrou, e pela mesma razão dada por V. Ex.ª, que se refere a cousas que eu já sabia.

Achei muito grande resistencia, e não a pude abalar, esperando que V. Ex.ª o conseguirá em vindo.

Pelo que a mim me pertence, estou certo que V. Ex.ª conhecerá com quanta sinceridade lhe escrevi a tal respeito, e quanto perderia o negocio da sua justiça, no conceito de muita gente, se eu acceitasse a consideração que a Regencia mui bizarramente se lembrou de conferir-me.

V. Ex.ª nada me diz de Mendizabal, a quem respondi bem francamente. Estou certo do bom caracter d'esse amigo nosso, e que não participa dos ruins pensamentos que descubro do modo de escrever que usa o sr. Ferrer, emquanto ao *ultimatum*, tanto que, em meu Relatorio, provavelmente me não servirei da Nota d'elle, e sim da de Lord Howard, sobre tal objecto, porque ao menos nas explicações do mesmo sr. Ferrer, n'essa Nota referidas pelo Ministro Inglez, eu vejo uma satisfação *incondicional*.

Sua Magestade dignou se conferir a Lord Howard a Grão Cruz da Torre e Espada, que elle talvez agora não receba, e só sim quando d'aqui partir, por motivos de delicadeza. Sou-lhe muito obrigado, e ao Governo fez grandes favores n'esta passada transacção.

Vou escrever ao Barão de Moncorvo para se fazer egual offerecimento a Lord Palmerston; e hei de escrever que Mr. Aston se houve comnosco da maneira mais nobre. Sobre este falaremos.

Não posso mais, e sou

De V. Ex.ª
Am.º Verd.º e Obg.º

R. F. Magalhães.

XLII

Secretaria d'Estado dos Negocios Estrangeiros,
em 17 de Fevereiro de 1841.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Confidencial.

N'este momento, que são cinco horas da tarde, recebo o officio de V. Ex.ª, datado de 6 do corrente, que vem retardado, porque as chuvas excessivas que teem caido devem haver dado causa a maiores difficuldades no transito.

O mesmo officio traz appensa a copia da Nota do sr. Ferrer, datada de 4, a cujo respeito devo assegurar a V. Ex.ª que muito agradavel será a Sua Magestade o conteúdo na mesma Nota.

Não posso ser mais extenso, porque o serviço exige, n'este momento, graves cuidados.

Devo esperar, no seguinte correio, resposta de V. Ex.ª ás minhas antecedentes, e aos officios que n'estes ultimos tres correios tenho dirigido a V. Ex.ª

Tenho a honra de ser

De V. Ex.ª
Am.º Att.º e Verdad.ro

R. Fonseca Magalhães.

XLIII

Em 19 de Fevereiro, de 1841.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Como digo no officio de data de hoje, estou incerto se V. Ex.ª terá ou não deixado Madrid.

O assumpto do mesmo officio é para nós de importancia maior, e por isso eu desejava que V. Ex.ª o terminasse: mais honra era a que V. Ex.ª ganharia para o Governo, e proveito para o paiz. Entendo que a occasião é a mais favoravel, e a disposição de Lord Howard propicia para nos ajudar a encaminhar o assumpto; e até chego a crer que, se fosse necessario, o Ministerio Inglez, ainda que a geito, entraria por nós na questão. Mas creia V. Ex.ª que a sua pessoa é elemento de negociação: digo-lh'o porque assim o entendo, e não creio enganar-me, porque julgo sobre dados.

Custa-me voltar ao assumpto das decorações; mas eu conto com os bons officios de Lord Howard pelo que respeita á Duqueza. Bem sabe V. Ex.ª que não é do meu systema ser mesquinho n'estes testemunhos; e até julgo que, na occasião presente, deveriamos ser liberaes; mas não pude obter que da nossa parte houvesse mais largueza; e penso que V. Ex.ª será mais feliz do que eu.

E como não posso deixar de ser franco para com V. Ex.ª, tenho de declarar-lhe qual é a minha opinião.

Estou pela sinceridade do Duque, e de Gambôa: desejo manifestar a ambos a alta consideração que merecem; mas não assim emquanto a Ferrer; e a chicana por este usada a respeito do *ultimatum*, acaba de dar-me o desengano. Aqui continua Soler convivendo com os nossos mais encarniçados inimigos, e ha poucos dias declarou que daría a vida quando Ferrer retirasse a Nota do *ultimatum:* isto disse elle ao Conde de Leickner (?) que lhe havia referido o que Lord Howard lhe contára. Este miseravel Soler pensa ter no corpo a alma de Ferrer e de Cortina.

Ha poucos dias recebi do nosso consul de Vigo, excellente pessoa, noticia de que pela fronteira da Galliza estão ainda os mancebos retirados com protecção das auctoridades.

O consul do Porto, que, sabendo bem os termos em que as cousas corriam, quiz fazer bulha com o seu aviso aos Hespanhóes residentes, lá está, e apesar de que o seu passo foi dado para nos fazer recrescer os embaraços, ahi o Governo não pensa assim.

Soler fazia a mesma cousa, se não fosse Lord Howard; a vontade sobejou-lhe, e fingia que tinha informações extravagantes, taes como a de que S. M. resistiria á sancção do Regulamento.

Nem elle podia ter taes informações, nem ninguem duvidou da sancção; mas como o empenho d'esta creatura era que houvesse barulho, porque assim o desejavam os Setembristas exaltados, em cujo gremio elle está, inventava temores para cohonestar o acto d'um edital como o do Porto.

Emfim, esse negocio concluiu-se; ainda ha de fazer muita bulha nas Camaras, porque a Opposição ha de, de certo, na discussão das medidas extraordinarias, fazer grande ruido e increpar-me. O Magalhães prepara-se para grandes tempestades: deixal-o e a todos os demais.

Estou ancioso por ter noticias de V. Ex.ª, de data muito moderna.

De V. Ex.ª
Am.º Obrg.º

R. F. Magalhães.

XLIV

Em 20 (de Fevereiro de 1841 ?)

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr.

Duas palavras a correr, que o correio parte in continente, e não convém demoral-o por causa da maré.

Escrevo ao amigo Mendizabal sobre o negocio de que trata o meu officio de hontem, e rogo a V. Ex.ª o faça interessar n'este importante assumpto. Mandei hontem duas cartas da senhora Marqueza, e creio que hoje não ha nenhuma.

De V. Ex.ª,
Am.º Obg.º,

R. F. Magalhães.

XLV

Lisboa, 10 de Março, 1841.

Ill.^mo^ Ex.^mo^ Sr.

N'este momento, isto é, ás 10 da manhã, recebo os officios e carta de V. Ex.ª, datados de 5 do corrente, e vejo que V. Ex.ª conta deter-se n'essa Côrte ainda até á abertura do Corpo Legislativo.

A incerteza em que as cartas de V. Ex.ª me tem posto, até agora, sobre este ponto, ha sido causa da minha falta de communicações particulares pelos dois ultimos correios: por quanto V. Ex.ª me ha escripto, devia eu concluir, ha já mais de 15 dias, que V. Ex.ª não receberia os meus officios n'essa capital. N'esta intelligencia, enviei pelo correio antecedente a carta recredencial, ao sr. Lima, para que elle, no caso por mim havido por quasi certo, da sahida de V. Ex.ª, a apresentasse, devidamente, com o fim de ser preenchida a formalidade perante esse Governo.

Segundo posso deprehender das phrases de V. Ex.ª, tanto officiaes como particulares, o creio indisposto commigo. Não o estranho, porque ha já muitos annos que estou no uso de dar de mim suspeitas a quem se compraz de suppôr-me menos leal, e menos sincero no trato familiar e official; mas de tal não me accusa a consciencia, e n'ella descanço.

Não sei eu com que razão V. Ex.ª acredita o que escrevem os jornaes da Opposição, e os reputa instruidos nas particularidades ministeriaes que referem. Eu juro que tudo quanto elles escrevem, a respeito das *mudanças ministeriaes*, é de invenção d'elles.

V. Ex.ª queixa-se de falta de franqueza em mim, porque lhe não conto historias fabulosas? Estou pasmado do que V. Ex.ª pensa do meu comportamento. Não me lembrei de fazer demorar a V. Ex.ª com o pretexto do arranjo das nossas contas; combinei com Lord Howard para achar um meio de sahirmos airosos de todas as nossas transacções com esse Governo, e nenhum nos pareceu mais plausivel.

V. Ex.ª levou instrucções para fazer esse arranjo; nem sei que outras lhe poderia dar agora senão deixar á sua discreção compôr vantajosamente a transacção.

A proposta que V. Ex.ª me manda do sr. Caru deve ser pensada; não porque não seja vantajosa no estado em que todos nos vêmos, mas sim porque não sei bem se está a sua acceitação nas attribuições do Governo: darei a V. Ex.ª conta d'isto no seguinte.

Não seja tão suspeitoso a meu respeito. Desejo sahir do inferno em que me vejo: não contribue pouco o estylo das cartas de V. Ex.ª, ha alguns correios, para augmentar o meu empenho; e, assim, se eu suppozesse que a vinda de V. Ex.ª tinha o effeito de me livrar dos meus cuidados, longe de oppôrme a essa vinda, eu seria o primeiro a sollicital-a e a promovel-a.

V. Ex.ª parece cançado do serviço publico, mais e mil vezes mais o estou eu; nem acho nada que compense as afflicções, que padeço, e as injustiças dos homens.

V. Ex.ª receberá a ordem que lhe mandei para haver o seu pagamento: este tinha se suspendido pela razão da fé em que eu estava de que V. Ex.ª não tardaria a chegar aqui.

Tempo virá, e não distante, em que V. Ex.ª se arrependa das injustiças que me faz em suas suspeitas; mas isso não me obviará do desgosto que me punge.

Se V. Ex.ª puder ultimar o negocio do pagamento, bom será; eu lhe direi o que entender sobre isso. Ahi chegará a revocatoria; e depois ficará livre a V. Ex.ª partir, desejando eu agora que se effectue quanto antes.

Tenho a honra de ser

De V. Ex.ª,
Muito Att.º Ven.or

R. Fonseca Magalhães.

XLVI

Em 17 de Março (de 1841?)

Ill.ᵐᵒ e Ex.ᵐᵒ Sr.

Particular

Recebi a de V. Ex.ª de 9 do corrente. Não me é possivel deixar de francamente affirmar a V. Ex.ª quanto sinto não lhe merecer o conceito de homem franco e verdadeiro, como creio que V. Ex.ª tem motivos de suppôr-me.

Declaro a V. Ex.ª, que não houve crise ministerial quando o *Nacional* o annunciou. Não se tratou de tal; não havia nem a menor alteração no Gabinete, e V. Ex.ª entendeu que era verdade o que referia aquelle jornal, e que eu lh'o occultára, por não querer que V. Ex.ª viesse ter parte em tal negocio! Isto na verdade é ser pouco justo para commigo; e V. Ex.ª, que sabe a boa vontade com que me embarquei n'este chaveco, não póde deixar de conhecer que o favor de me tirarem d'aqui, devido a quem quer que seja, é para mim de agradecer. Deus quizesse que fosse V. Ex.ª o orgão de tal serviço; porque ao menos dava-me a certeza de que os negocios não passariam para mãos desorganisadoras; e, em todo o caso, o paiz ficaria commettido a homens de bem.

Muito sinto que o sr. Gamboa saisse da Administração. Tive sempre muito boa vontade a uma pessoa que, nas nossas passadas transacções, mostrou excellentes intenções, e propenção formal para a paz.

Deus arrede d'esse paiz, como do nosso, o anjo exterminador de quem já temos recebido algumas visitas, por mal de nossos peccados: a firmeza e distincto bom senso do Duque da Victoria nos valerão, segundo espero.

Em meu conceito elle, uma vez Regente, ainda quando tenha dois companheiros, tomará na mão os destinos d'essa estimavel nação que, cheia de recursos, só carece, para se desenvolver, de paz e de ordem.

Acabamos de passar por uma verdadeira crise. O bom Miranda não pôde, por falta de saude, aguentar as fadigas do Ministerio da Fazenda: passou para a Marinha; entrou o Barão de Tojal; houve algum desgosto entre os nossos amigos; para preenchimento das Repartições foi nomeado o Moncorvo; creio que tão pouco foi agradavel a nomeação: offereceu-se, ao mesmo tempo, á discussão, a proposta do Governo para o habilitar a contratar sobre rendimentos vencidos; estivemos a

ponto de a perder: contra a minha convicção ganhou-se hontem. Se se perdesse, cumprir-se-hia o meu desejo de sair d'este *Ceo*, — e affirmo a V. Ex.ª que os meus collegas sentem, como eu, vontade de affastar-se da cama de rosas em que alguem por aqui nos suppõe lançados.

Hontem seria um grande dia para mim se fosse derrotado, e bem claramente o deixei entender á Camara dos Deputados, sentindo só que a Opposição chamada Cartista, em logar de se chamar *pastista*, nos derribasse. Nunca vi tanto pretendente ao Ministerio: creio que a patria excusa de desmaiar, porque quem a queira governar não falta. Ainda o Ministerio não estava morto, e já lhe dividiam a tunica!

Mas não succedeu assim; e nunca vi tanto rosto pallido, tanto beiço caido. Que miserias presenciei no dia de hontem! Até Manuel Antonio de Carvalho foi presenciar a derrota do Ministerio que o fez Barão ainda ha poucos dias. Os Setembristas moviam-se nos corredores e tribunas da Camara em uma atmosphera de gloria! que recados! que parabens! E foram elles, ou antes o seu chefe, José Estevam, mui galucho em tactica de parlamentos, que mais concorreu para a perda da batalha.

Em quanto á proposta do sr. Caru, sabbado vae decidida, e conte V. Ex.ª com acceitação d'ella. Oxalá o sr. Ferrer não lhe ponha difficuldades.

Em fim, direi a V. Ex.ª que a idéa de encontros se não póde admittir, em quanto ás lettras, porque temos muitas outras sommas de credito sobre Hespanha, em que podemos fazer taes encontros, como tambem farei saber a V. Ex.ª

Peço muitas visitas para o Conde, e o Ximenes será attendido, assim que chegar, se V. Ex.ª não quer que seja antes. Como esperamos a V. Ex.ª a cada momento, não julguei conveniente antecipar a vinda d'elle.

De V. Ex.ª
Am.º e Cr.º Obr.º

R. F. Magalhães

XLVII

Em 24 de Março de 1841.

Ill.^mo e Ex.^mo Sr.

Recebi as duas de V. Ex.ª de 16 e 19 do corrente, dei conhecimento a SS. MM. do seu conteúdo, que é interessante. Causa-me grande cuidado a situação d'esse paiz, e muito ancioso estou pelo resultado da questão da Regencia. Os meus desejos, e os de todos os homens que podem avaliar as cousas politicas, são que o Governo de Hespanha seja fortemente liberal, para poder manter as instituições e enfrear todos os facciosos: se estes chegam, um dia, a assoberbar o Governo, grandes calamidades devemos esperar.

Os Moderados n'esse reino mostram bem pouca moderação. Se os de Portugal tivessem seguido o mesmo caminho, a anarchia houvera triumphado. A questão entre nós sahiu das pessoas para as cousas, e só nos temos visto em apuros, quando pessoas teem querido ser objecto de discussão.

Pelo que respeita ao que V. Ex.ª me refere, sobre o nosso Ministerio, declaro a V. Ex.ª que de cada vez elle me causa mais dissabor—elle digo o serviço publico. Demasiados esforços tenho feito, animado pelos mais ardentes desejos de acertar, e com a mais sincera abnegação. Mas isto é perder tempo e trabalho.

Ha cousas que só poderei dizer á vista; entretanto, só declaro a V. Ex.ª que, quando ahi recebeu noticias de crises ministeriaes, não as havia: uma veiu depois, inesperada e inesperavel. Passou; mas deixou algum resultado que oxalá não vá por deante.

Addiaram-se as Camaras, para se tratar de um arranjo possivel de Fazenda. V. Ex.ª verá como creamos uma Commissão que nos ajuda, e Deus queira que ella o possa fazer. Arripia-me o considerar como este ramo está, n'esse paiz, e receio muito que caiamos em tamanha desventura; por isso lançamos mão do meio proposto e adoptado hoje.

V. Ex.ª faz justiça ao meu coração, e exaggera os meus serviços e habilidade. Declaro a V. Ex.ª que pouco tenho feito a favor da nossa patria, porque não sei fazer mais; e que aqui mereço muito menos conceito, se é que mereço algum, do que o que V. Ex.ª tem de mim. As recompensas são continuos dissabores e maguas pungentes: quem poderá crêr que se reputa merito o serviço, quando o galardão é este?

Dizem que sou, de minha compleição, melancolico e desconfiado; tudo póde ser, mas não desconfio de V. Ex.ª, porque lhe conheço sinceridade; queixei-me da sua injustiça, mas jamais lh'a farei de me escrever o contrario do que sente e pensa de mim.

Estamos em circumstancias de renovar as nossas relações com os nossos antigos alliados. Desejo obter para nós este bem: se o consigo, fico satisfeito, e me retiro com a consciencia tranquilla.

As decorações para o sr. Ferrer e para os cavalheiros que formam a lista dos agraciados, estão promptas ha já dias. Demorei a remessa d'ellas: foi porque, esperando a V. Ex.ª, entendi ser do seu agrado envial-as: deixei-lhe uma occasião de obrigar aos seus amigos. Emquanto ao sr. Gamboa, realmente não acho motivo algum de demorar a noticia: pelo que respeita á Duqueza, essa entendo bem que V. Ex.ª e o sr. Aston teem razão.

Não me chame V. Ex.ª obstinado em recusar o favor e distincção com que esse Governo quiz honrar-me; nem foi em mim egoismo, como disse o sr. Ferrer. Se V. Ex.ª tivesse a bondade de informal-o de que fui um pobre Official de Secretaria; que não tenho bens de fortuna, nem poucos nem muitos; que gemo debaixo dos preconceitos mais estupidos e mais ardilosos; que faria mal á navegação o levantar-se que fôra comprado o Ministro que o defendera; e, finalmente, que eu mesmo fingira as ameaças de uma guerra; não me accusaria esse Ministro nem de egoista, nem de covarde.

Dê-me V. Ex.ª muitas saudades ao Conde de Almoster e ao Ximenes.

De V. Ex.ª
Am.º Velho e Cr.º Obg.º

R. F. Magalhães.

XLVIII

Em 27 de Março de 1841.

Confidencial. Ill.^mo e Ex.^mo Sr.

Chegou hontem o sr. Aguilar, e hoje recebi d'elle uma carta mui cortez, pedindo-me audiencia que lhe darei ámanhã.

S. Magestade deseja recebel-o quanto antes; e já me disse que, na segunda-feira, depois d'amanhã, o receberia, se a elle isso não incommodasse.

Estimarei muito que este diplomatico se mostre animado de espirito conciliador, e não faça, como o secretario *Soler*, um côro continuado com os inimigos do Governo e da Rainha.

Longe estou de o suppôr de egual estofo; e ainda mais, creio que não haverá motivo algum que altere a melhor intelligencia entre os dois Governos; porque ella venha a existir entre o Ministro dos N. E. e o Ministro de Hespanha. O sr. Aguilar tem relações com antigos amigos meus e nossos; o que é menos má garantia de paz e harmonia politica.

Foram as sessões das Côrtes addiadas para 25 de maio. Muitas razões havia que aconselhavam este expediente; mas o principal foi a necessidade de olhar attentamente para o estado da Fazenda: desprezadas, como foram, algumas propostas de receita que o sr. Florido havia elaborado, com muita habilidade, mas que foram imprudencias inexequiveis. Falo, principalmente, dos foraes: era preciso isto, ou outra cousa.

Desde a sahida d'esse Ministro, mui digno e mui honrado, não temos sido felizes; porque o sr. Miranda (que ora se acha bem doente) não pôde com o trabalho, e muito menos com os combates da Camara dos Deputados. Passado das aguas mornas do Senado para o tempestuoso mar da outra casa, aonde, por estrategia singular, as Opposições, que umas a outras se entre odeiam soberanamente, se ligam contra o Ministerio, o nosso bom e honradissimo collega viu-se em uma difficuldade com que não contava, e a que eu tenho resistido não sei porquê, a não ser porque já estou costumado a estes contratempos, e que me deixo ir á mercê dos vendavaes, rindo do que os outros choram, e desejando, no meu coração, uma catastrophe que me ponha em disponibilidade, para que nunca mais se disponha de mim. Se não fossem considerações mais nobres do que o vulgo dos meus inimigos me suppõe, ha quantos mezes estaria eu livre de angustias politicas, que matam a fogo lento?

Creou-se uma Commissão de Finanças, para formalisar trabalhos no intervallo. Esta medida, que julguei sempre interessante e politica, tambem, por circumstancias inesperadas, nos dá incommodo e desgosto, que é preciso devorar, ou morrer na brecha. Vamos indo.

Estou ancioso de saber como ahi se solve a questão da Regencia; e faço votos pela paz de Hespanha, e pela sua liberdade, como pela de Portugal — sem differença. Bem conheço

eu quanto a nossa sorte é uma e a mesma como a d'esse paiz.

Reconheço que V. Ex.ª me não quer mal: a consciencia me diz que lh'o não mereço; mas não supponha V. Ex.ª que uso de finura para dar más interpretações ás suas palavras. Se V. Ex.ª cotejar algumas das suas estimaveis cartas com outras, achará que não erro no sentido e intelligencia.

A Grã Cruz do sr. Ferrer está prompta, e promptas as Commendas dos tres cavalheiros apontados ahi em troca. Estão promptos os Diplomas do sr. Gambôa, e o da Duqueza da Victoria, que vi não poder servir, porque lhe faltam nomes e appellidos, que V. Ex.ª logo me remetterá.

Não mandei os primeiros, isto é, a Grã-Cruz e as Commendas, por medo. Quasi todas as semanas se roubam correios: tenho esperado um extraordinario; e não ouso envial-os por ordinario. O meu ultimo expediente é enviar a Cadiz, ao nosso Consul, que remetterá tudo a Madrid.

Isto tenho resolvido depois que soube que V. Ex.ª se demorava, porque a minha primeira idéa foi esperar que V. Ex.ª chegasse, para dar-lhe o gosto de fazer a remessa.

Adeus, que não posso mais. Deus sabe o que me resta ainda hoje para fazer.

Mil saudades ao Conde de Almoster e Ximenes.

De V. Ex.ª
Am.º e Cr.º Obg.º,

R. Fonseca Magalhães.

XLIX

Em 31 de Março de 1841.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Foi hoje recebido, solemnemente, o sr. Aguilar. Sua Magestade a Rainha estava muito rouca; assim mesmo leu as palavrinhas, em resposta á mui elegante allocução do Ministro, com toda a energia. El-Rei falou depois com elle, e com a Legação que o acompanhava, e muito bem.

Emquanto a mim, desejei tratal-o com distincção, posto que mal collocado n'esta Repartição, não sei bem como haver-me em tempos tão difficeis.

E' verdade que, tanto no Porto como aqui, o sr. Aguilar

tem sido buscado e festejado pelos mais furiosos movimentistas, que elle trata mil vezes bem; não sei o que ha n'isto, mas crerei que é pura urbanidade, porque me parece impossivel que elle queira fazer causa commum com os inimigos do Governo, junto ao qual se acha acreditado.

E' verdade que me fez grandes elogios de Soler, o qual tem levado a sua insolencia até ponto mui alto, chegando a dizer que o sr. Campuzano, assim que entrasse no Ministerio, daria a Gran-Cruz de Carlos III ao porteiro da sua Secretaria, para mostrar como apreciava o presente que eu recusei.

Isto não são ballelas; são verdades reaes. E ao ver como o sr. Aguilar o trata de intimo amigo, não sei que dizer. Mas é verdade que pouco me importam estas cousas, que só refiro para que V. Ex.ª as saiba.

Estivemos a ponto de ter um desgosto. Adiaram-se as Camaras; nomeou-se uma Commissão de Fazenda; n'isto se accordou com o Duque de Palmella; este desejou que entrasse o Conde da Taipa. A Rainha não gostou; os Ministros, menos eu, que não estava presente, cederam; o Duque já estava compromettido com o excluso; d'aqui seguiu-se teima; o negocio demorou-se; esta demora foi má para o Ministerio, para o Duque, e não sei se para mais alguem. Sobre esta quasi insignificante disputa, levantou a calumnia milhares de torpezas e de asneiras; emfim, acabou cedendo o Conde, e desobrigando o Duque da promessa. Ahi está a Commissão installada e nos trabalhos. Deus a guie.

O Miranda está a morrer, o que me causa desgosto grande. Coitado! nos poucos dias que serviu, tanto se maguou das cousas por que passamos que a sua constituição de bronze se quebrou. E' preciso ter o calo na paciencia que eu tenho, e ainda assim estou estragado. Um negocio tenho entre mãos, findo o qual ninguem me demora nem um dia no Ministerio; ainda desejo viver até ver meu filho em caminho de poder viver tambem.

Tomára saber já terminado esse negocio da Regencia. Aqui tem vindo do Algarve noticias de revoluções republicanas em Hespanha, isto é, Cadiz e Sevilha. Não creio muito na exactidão do facto. Adeus: mil saudades ao Conde de Almoster e Ximenes.

De V. Ex.ª,
Am.º e Cr.º Obg.º

R. Fonseca Magalhães.

L

Em 7 de Abril, 1841.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Falleceu o nosso infeliz amigo Miranda, no dia de antes de hontem, e hontem se deu á sepultura. Tive pena. O seu fado o trouxe ao Ministerio em tempo tão difficil. Não lhe foi possivel soffrer, de animo sereno, os contratempos parlamentares. O seu coração não estava como o meu, já insensivel, ou antes calejado, aos golpes da calumnia e da mordacidade. Bem lhe dizia eu que não se affastasse do caminho que me via seguir; mas como homem bom e innocente, parecia lhe impossivel que houvesse de tolerar-se, de animo sereno, o que eu tolerava.

Vejo que as cousas vão ahi mal; mas não perco ainda a esperança nos homens de bom conselho de que esse paiz abunda. Ainda não pude decifrar o officio reservado de V. Ex.^{a}; porque recebi as cartas tarde. Levei-as ao Paço; vim de lá ás 4 horas e meia; e por isso só sabbado responderei.

Tambem sabbado mandarei alguma cousa ao bom Ximenes. Não posso mais.

Peço a V. Ex.^{a} todo o esforço para o acabamento do negocio dos 5 milhões de reales.

Veja V. Ex.^{a} se podemos terminar isso, e pôr a questão fora da acção do Governo, assegurando a satisfação da somma, embora seja mais tardia.

De V. Ex.^{a}
Am.^{o} e Cr.^{o} Obg.^{o}

Rodrigo da Fonseca Magalhães.

LI

Em 10 de Abril de 1841.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Ja tenho a carta Regia da Grã-Cruz do sr. Gamboa, a quem dou os parabens.

O nosso amigo Mendizabal crê que elle não acceitará. Não serei eu quem intervenha nos escrupulos de homem tão respei-

tavel e digno: se não julgar a proposito receber esta distincção da Rainha de Portugal, ao menos estou certo que não recusará grosseiramente, sabendo bem que, por puro sentimento de benevolencia, foi S. M. movida a conferir-lhe tamanha distincção.

Recebi o officio de V. Ex.ª de 2 do corrente e a carta particular da mesma data. Bem vejo o estado das cousas n'esse paiz, que V. Ex.ª tão séria quanto judiciosamente avalia. Faço votos ao Céo para que a paz não seja alterada, e para que essa nação reconheça quanto deve ao Duque da Victoria, que une á fortuna de um militar famoso, o mais decidido amor á Liberdade. De cá de longe, mal posso eu conjecturar, com acerto, dos homens e das cousas; mas afigura-se-me que elle só—o general—dá mais garantias á Hespanha liberal do que todas as suas juntas e congressos governativos, que a cegueira dos partidos prefere ao regimen de um homem forte. Infelizmente as gentes, á força de desconfianças dos que administram, enfraquecem as suas attribuições crendo que lhes tiram os meios de abusar; e, quando mal se descuidam, constituem um governo debil, ludibriado, e incapaz de nada bom.

No correio seguinte mandarei ao Ximenes uma ajuda de custo. Coitado! muito desejo ser-lhe util. E' moço fiel como a sua espada, e merece muita contemplação.

Emquanto ao Conde de Almoster, V. Ex.ª sabe que por elle tenho muita parcialidade.

Falleceu o Barão da Ribeira de uma repetição de apoplexia, em 7 do corrente, estando em Villa Real, creio eu. Não posso acompanhar alguns amigos nossos na alegria que mostram por este acontecimento. Não fui amigo d'elle em politica, nem inimigo como homem.

Administrou com limpeza de mãos e intelligencia. No Senado combatemos; porém, a sua opposição, posto que violenta, nunca chegou a offensiva; e alguma occasião me deu de, não digo brilhar, porque os seus talentos eram superiores aos meus poucos, porém sim de justificar-me.

Quando vejo desapparecerem os nossos contemporaneos, amigos ou não inimigos, olho para a meta da minha carreira, que já diviso de bem perto: esta consideração não me move a riso de alegria.

Creio que serei feliz em concluir o tratado com Inglaterra, para o que vale muito alguma opinião de sinceridade e boa fé que mereço a Lord Howard, e que realmente *mereço;* porque nas minhas transacções não posso, nem quero, deixar de ser verdadeiro. Ha muito estou persuadido de que finuras e sub-

tilezas, são moeda sem valia—razão, justiça e verdade podem mais que tudo.

Vamos trabalhando em organisar a Fazenda; e, pelo que toca aos fundos e divida de Inglaterra, não está o negocio mal afigurado.

Adeus. Creia V. Ex.ª que sou

De V. Ex.ª
Am.º e Cr.º Obg.º,

R. F. Magalhães.

LII

Lisboa, em 17 de Abril, de 1841.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Não recebi carta de V. Ex.ª no correio passado, nem soube o motivo d'esta falta; mas ella me deu cuidado, porque receei que algum motivo de molestia fosse parte para eu ficar privado das suas lettras. Por um officio que tive do sr. Lima, e uma carta do sr. Leal, alguma cousa me constou do estado d'essa Côrte relativamente á questão da Regencia.

A estas horas considero essa questão terminada: oxalá que o resultado seja qual convém a esse paiz. Não sei pronunciar-me entre *unos* e *trenos:* esta distincção, explicada em termos mysteriosos, parece-me de difficil escolha; e o que posso conceber d'ella é que ahi, como aqui, nada importa aos partidos o bem publico, e que patriotismo é a palavra mais profanada de quantos se usam nos dois idiomas, que parecem um.

A dizer a V. Ex.ª a verdade, não fiquei satisfeito de ver a V. Ex.ª enredado na mediação entre uns e outros partidistas. Entendo que a grande consideração que é devida á pessoa de V. Ex.ª, faz com que ambos o chamem; porém eu gosto de reduzir as cousas a idéa simples. Se V. Ex.ª pender para uns, pode desgostar os contrarios: ganhará (politicamente), alguns amigos, que nunca o serão muito, e levantará alguns, ou muitos, inimigos, que sempre servem para fazer mal. Nada d'isto significa censura; porque considero que nem V. Ex.ª poderia eximir-se de entrar n'essas transacções, nem o chamamento a ellas foi senão effeito da estima que ha por V. Ex.ª; mas, em todo o caso, parece-me que será bom que V. Ex.ª possa evi-

tar esse compromettimento. Esta mesma é a opinião de Suas Magestades, a quem tive a honra de lêr o officio de V. Ex.ª, como leio todos os que recebo.

Vi o artigo do *Eco*, relativamente ao nosso tratado com Inglaterra. Esse o considero eu escripto ahi mesmo, e conheço que é dictado por aquelle espirito de união que tanto cuidado me tem dado. Peço a V. Ex.ª o favor de communicar-me que effeito produziria no Governo Hespanhol. V. Ex.ª observará que a pretenção de dominar a nossa politica, e até de influir em nossas relações commerciaes, a ponto de nos collocar debaixo dos mesmos regulamentos e prohibições, é muito singular. Será isso escripto sem referencia a cousas menos publicas?

O tratado com Inglaterra, digo o de commercio, tem sido assumpto de muitos trabalhos meus. Deus permitta que eu o possa concluir em breve.

Pelo que respeita ao Ximenes, estando com a penna na mão para passar a ordem, observei que V. Ex.ª, terminada a questão da Regencia, se põe a caminho. A sua falta de carta no correio passado indica-me a proxima partida de V. Ex.ª e d'elle para Lisboa. Como, pois, mandar ordem á Agencia Financeira? Será melhor dar-lhe aqui ao Ximenes a somma que eu, em outro caso, lhe remetteria. Eis aqui o motivo da falta.

Não foi a Grã Cruz para o sr. Gamboa, porque não apromptaram o esmalte a tempo; e só no paquete seguinte irá a de Santa Izabel para a Duqueza, e a sobredita da Ordem de Christo.

Não posso mais; acabo protestando que sou

De V. Ex.ª
Am.º Obg.^mo

R. F. Magalhães.

Muitas saudades ao Conde de Almoster.

LIII

Em 21 de Abril (de 1841?)

Ill.^mo e Ex.^mo Sr.

Recebi hoje a de V. Ex.ª de 16, á qual não me é possivel, n'este momento, responder, porque é noute e noute de zanga para mim, porque tenho que jantar e estou doente de trabalho

e afflicções, que não faltam. Vejo esses negocios em má situação, e isto redobra as minhas angustias, e estou ancioso por ver o fim d'essas questões desgraçadas. Ha uma verdade no meio de tudo o que acontece, e vem a ser que d'ahi se intriga para esta capital, e a idéa da juncção não sahe da cabeça dos mesmos homens que se fizeram bota-fogos d'essa pretenção. Consta que a personagem chegada ha pouco não deixa de caminhar n'essa direcção. Adeus; que não tenho um minuto para mais.

De V. Ex.ª
Am.º Obrg.º

R. F. Magalhães.

P. S.—Guardarei a sua carta para ser copiada. Saudades ao Conde de Almoster.

LIV

Em 24 de Abril, 1841.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Nada ha hoje que possa communicar a V. Ex.ª. A Rainha está restabelecida de um forte ataque de garganta que teve. Progridem os trabalhos da Commissão de Fazenda, e creio que d'ella tiraremos fructo; ao menos tudo quanto se póde fazer se faz para alliviar o Thesouro, e chegarmos a circumstancias de pagar em dia aos funccionarios e credores do Estado.

Deus nos dê socego por essa parte da Peninsula. Subsistem os meus cuidados a respeito da Regencia. Como tenho, no Duque da Victoria, fundadas as minhas esperanças a bem da sua patria, quizera eu que, ou *una* ou *trina*, a Regencia fosse formada com bom accordo d'elle.

Mandei a Cruz de Gamboa e a Banda de Santa Izabel: não sei ainda com quem trocar esta banda; porque S. M. ainda me não disse qual era a pessoa que queria nomear: disse-me que m'o dizia brevemente para eu o fazer saber a V. Ex.ª

Aqui continúa o ministro d'essa Potencia a ser visitado pelos mais encarniçados dos nossos inimigos. Elle é bom homem, segundo creio; mas realmente o considero fascinado pelos nossos falsos Liberaes. Antes que V. Ex.ª sáia d'essa Côr-

te, espero que receba as insignias de que faço menção e que obre de modo que haja contentamento na sua recepção.

Tenha V. Ex.ª quantas felicidades lhe deseja o de V. Ex.ª

Am.º e Cr.º Obrg.mo

R. F. Magalhães.

P. S.—Muito desejo que possamos fazer alguma cousa sobre as nossas contas. V. Ex.ª ainda me não disse o que seria possivel arranjar-se.

LV

Lisboa, 28 de Abril de 1841.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Recebi hoje, e já tarde, a carta e officio de V. Ex.ª de 23 do corrente. A Sua Magestade fiz presente o conteúdo, mui interessante, de um e outro documento, que mostram o estado inquieto e incerto d'esse paiz. Tenho ainda esperanças de que a Divina Providencia não abandonará mais uma vez essa Nação ao açoute da Anarchia; e que o braço do Duque da Victoria, auxiliado pelos amigos que tem, obstará a que se realize o mal que temo tanto.

A minha carta de 17 foi dictada pela amizade que consagro a V. Ex.ª, e pelos desejos que tenho de que V. Ex.ª sáia de quaesquer transacções livre de compromettimento que, de ordinario, são a recompensa de intervenções officiosas, ainda dirigidas pelas mais rectas e puras intenções. Felizmente V. Ex.ª me assegura contra a aprehensão que me dominava, dando-me a certeza de que nada havia de que pudesse queixar-se. A amizade que V. Ex.ª, por suas altas qualidades, geralmente merece, e o respeito que lhe tributam todas as pessoas de consideração, pode servir de muito; mas não é escudo impenetravel aos tiros da mordacidade.

O que li no § da *Constitucion* que V. Ex.ª me enviou, conforma-se, perfeitamente, com a opinião que tenho tido e ainda tenho sobre a questão da votação, e não sei como possa discorrer-se por outros principios; mas é certo que a logica dos partidos tem suas regras particulares, que não são as por que se aprende, nem as que se observam.

O Barão de Moncorvo não acceitou a pasta dos Negocios Estrangeiros, torna por conseguinte a questão do complemento ministerial. Não sei o que será d'este novo balanço: chamou-se o Sr. Florido para me substituir no Reino, elle não quer: não sei quem ha de occupar o Ministerio da Marinha; e o meu cançaço é já tamanho, que ainda duvido muito de poder por mais tempo supportar horriveis fadigas de animo e de coração que me tem attenuado as forças de todo, e adiantado consideravelmente os dias d'esta mesquinha vida—vida agitada, escrava, desacreditada e pobre, e miseravel.

As instancias de S. M. e de El-Rei, me tem sustido n'este posto de perigo e desgosto, mas não de proveito. Dizem que é de honra; eu o creio; mas de descredito é tambem; e de certo ha de ser difficil fazer casar uma cousa com a outra.

Não posso hoje responder ao *post-scriptum* sobre o Miguel, fal-o-hei no seguinte. Digo que não posso; porque ninguem está já na Secretaria que me dê informacões em quanto ao que me é possivel *adjudicar*.

Nós ainda aqui não estamos até ás 2 da manhã; mas nunca me retiro menos de noute fechada. Talvez ahi durmam de dia.

Creio que será a Duqueza da Terceira a Dama que receberá, em troca, a Banda de Santa Izabel; mas não o posso ainda dizer positivamente.

Vae esse memorandum, cuja letra V. Ex.ª conhece, é do bom e honrado Serpa. Se fosse possivel obter, para elle e para o outro official; as commendas, pelos motivos expostos, que são mui verdadeiros, seria para mim summo o prazer. Creio que V. Ex.ª conseguirá isto com a sua bizarria do costume.

Peço saudades para o Ximenes, e um abraço ao Conde de Almoster.

De V. Ex.ª
Am.º e Cr.º Obg.mo

R. F. Magalhães.

LVI

Em 1 de Maio (de 1841?)

Ill.mo e Ex.mo Sr.

A' pressa, cheio de fome e de trabalho, accuso a recepção da de V. Ex.ª, de 23, e muito agradeço a V. Ex.ª a informação do verdadeiro estado de cousas d'esse paiz. SS. MM. tambem estimaram muito a dita informação, mui judiciosa e vivamente escripta.

De cada vez ando mais cuidadoso d'esse negocio, e Deus sabe quantas horas de somno elle me rouba.

Devo prevenir a V. Ex.ª de que será agradavel a S. M. a Rainha que a banda que a Regencia enviar, em troca da que S. M. concedeu á Duqueza da Victoria, seja dada á Duqueza da Terceira; e ao Conde do Bomfim a Grão-Cruz que se derem troca da que S. M. enviou ao sr. Gamboa.

V. Ex.ª terá, pois, a bondade de fazer saber que esta é a vontade da Rainha, para que assim se faça, segundo é d'estylo.

Estamos com uma questão de preenchimento de Ministerio, que a mim me tem dado algum cuidado. Occorreu a ideia de fazer entrar o sr. Florido no Ministerio do Reino; mas isto tem offerecido difficuldades.

Não sei o que succederá, porque acho muita opposição.

No correio seguinte serei mais extenso: é forçoso fechar esta já, já.

De V. Ex.ª
Am.º Obg.mo,

R. F. Magalhães.

LVII

Lisboa, em 5 de Maio de 1841.

Particularissimo.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Recebi hoje a de V. Ex.ª de 30 do passado, cujo interessante conteudo puz logo na presença de S. Magestade. Vejo, se me não erra o juizo, que haverá triumpho a Regencia unica na pessoa do Duque da Victoria.

Isto, individualmente, o estimo em muito, e, como homem publico e politico, tambem entendo ser de grande conveniencia para esse paiz, em cuja prosperidade e boa ordem, muito me interesso, e muito se interessa o nosso.

Não sabia eu, até hoje, que o amigo Mendizabal pertencia á pequena fracção dos *quintos*, na Regencia; e parece-me impossivel que elle não conceba o absurdo da instituição assim organisada. Nem um Regente e quatro Conselheiros julgo admissivel, quanto mais cinco mandões! Na verdade a paixão politica é a mais cega das paixões; o amor fica a perder de vista; e creio que isto succede, porque a politica se fórma e *encorpora* de muitas outras e todas violentas.

Seja o que fôr; tomára eu que passasse essa crise, e que vissemos claro no futuro proximo.

Bem considero quanto V. Ex.ª tem andado prudente e *previsor* em muitas cousas; nem é necessario que V. Ex.ª m'o faça notar.

Aqui vou bem com o sr. Aguilar, que é excellente pessoa; mas acho-o um tanto desconfiado, o que provém das más visitas que recebe, — Manuel de Castro e outros do mesmo jaez o buscam, e frequentam: elle se deixa levar pelos seus canticos, e os crê os verdadeiros Liberaes. Veja V. Ex.ª — Manuel de Castro alistado entre os Liberaes! Por este motivo sei eu que o sr. Aguilar suppõe que não amamos a nova ordem de cousas d'esse paiz, e que, de bom grado veriamos um retrocesso ás cousas antecedentes, no que muito se engana; porque nós não podemos crêr que deixasse de ser fatal esse retrocesso, por isso mesmo que d'elle não podia deixar de surgir um montão de desordens e reacções infernaes.

O que me parece, é que este senhor mira um pouco á popularidade das turbas, que eu creio falsa em toda a parte, e que, em todos os tempos, a foi!

Soler disse, ha poucos dias, que por *principios era elle revolucionario!*

Hontem houve no Paço um jantar diplomatico. O dito Soler ali foi, e El Rei lhe falou com agrado, posto que sabe (não por mim) os maus officios que o dito Soler faz á sua propria pessoa. Mas El-Rei é um Principe generoso, e de animo elevadissimo.

Consta-me que, em Badajoz, entrou ultimamente cousa de uma força de dois batalhões de mil praças cada um. E' certo que em Olivença, e terras proximas, ha bastante tempo, foi sempre uso dizerem os Ministros Hespanhoes isto, quando taes movimentos tinham logar; mas este nada me disse. Terei com

elle uma conferencia ámanhã sobre medidas de policia, e a respeito dos scismaticos; e talvez lhe toque n'este ponto.

Da nossa parte continuaremos a proceder com franqueza e lealdade; e se alguem faltar a ella não será o Governo Portuguez.

Recebi, ou mandado por V. Ex.ª ou pelo sr. Lima, entre outros folhetos um intitulado *Reseña* dos actos do Ministerio do sr. Ferrer, em que se nos faz uma injuria bem mal merecida. Peço a V. Ex.ª que veja a pag. 7 do dito folheto, a maneira por que se relata e termina o epitome das transacções com Portugal sobre a navegação do Douro.

Na verdade o sr. Ferrer dá a entender que, obrigados pela força, lhe abrimos as portas do Douro; o que, na verdade, é injustiça que Portugal não merecia, porque assim não aconteceu. Não fazia eu tenção, nem sequer de levar ás Cortes relatorio sobre esta transacção, em que, da nossa parte não vejo, ao menos durante o Ministerio de 26 de Novembro, passo algum que mereça a censura de má fé. Não fazia tal tenção, para não tocar, *apezar de todos os desejos de guardar as conveniencias*, em algum ponto de que pudesse sentir-se o Governo de Hespanha; mas depois do desabrimento do sr. Ferrer, não tenho remedio senão enumerar os factos e citar os documentos, sem introduzir reflexão nem opinião alguma a respeito d'elles.

Sobre este assumpto não estou resolvido a tocar ao sr. Aguilar. V. Ex.ª terá a bondade de dizer-me, sobre elle, o que lhe parecer; porque eu nem a S. M. ainda fiz menção do folheto, envergonhado de ver contradicto, por meia duzia de linhas, tudo quanto eu havia affirmado da boa fé com que eramos tratados.

Ao pobre Ximenes mandarei 200$000 réis; não me é possivel mais; póde ser que á sua chegada aqui mais se possa fazer.

Peço a V. Ex.ª o favor de me recommendar ao Conde de Almoster.

De V. Ex.ª
Am.º e Cr.º Obr.^mo

R. F. Magalhães

LVIII

Em 8 de Maio (1841 ?)

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Estamos anciosos pelo resultado da nomeação da Regencia o que nos dá acerbo cuidado.

De Inglaterra veiu noticia de uma crise ministerial, o que muito me afflige.

Mudanças são, por via de regra, sempre más; e o proverbio do — após de mim virá quem me vingará — quasi sempre se verifica.

Temos, estes dias, tido horrivel trabalho com o pagamento dos dividendos. O negocio das reclamações foi um raio que desceu sobre nós, e não sei como curaremos a ferida que nos deixou.

SS. MM., tambem, anciosamente desejam ter noticia do desenlace da questão da Regencia. Oxalá que d'ahi nos não venha mais que sentir. Desejo eu, mais que todos, saber que juizo V. Ex.^{a} faz da resenha do sr. Ferrer. De cada vez estou mais duvidoso da encarecida boa fé que me protestam. Os factos contrariam sempre as palavras.

Mal para nós todos se a mudança do Ministerio em Inglaterra tem logar para os retrogrados.

Acceite V. Ex.^{a} muitas saudades minhas para o Conde de Almoster.

De V. Ex.^{a}
Am.^{o} Obg.^{mo}

R. F. Magalhães.

LIX

Em 12 de Maio de 1841.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Recebi hoje, e levei á Presença de SS. MM., as duas cartas de V. Ex.^{a} de 7 e 8 do corrente. A noticia da nomeação da Regencia do Duque da Victoria, foi muito agradavel a SS. MM., porque é este facto uma garantia de ordem, não só para Hespanha, mas tambem para este paiz, que muito ganha

com o restabelecimento de um governo forte e energico, que mantenha a Liberdade com ordem, e defenda as pessoas e propriedades.

Assim veremos surgir a fortuna publica, que parece que lucta com as difficuldades que se oppõem ao seu desenvolvimento; e, apesar d'ellas, faz progressos em um e outro paiz.

Se V. Ex.ª entendesse que não era desconveniente, nem improprio da sua elevada missão, muito estimaria eu que V. Ex.ª, da minha parte, fizesse saber ao Duque da Victoria que me causa immenso regosijo a sua nomeação para Regente unico. E', no meu conceito, esta nomeação um triumpho dos bons principios governativos da Monarchia Constitucional de Hespanha.

Achei mui curioso quanto V. Ex.ª refere na sua de 7, a respeito da applicação do proverbio — *ralham as comadres, etc.*, — e vejo que de outro proverbio posso usar, sem erro de applicação, — *cá e lá más fadas ha* —. Aqui, tambem, todas as questões se reduzem a personalidades odiosas, d'onde proveem, em grande parte, os males que padecemos. O meu systema tem sido aqui alcunhado de *pastellaria*; mas é certo que o contrario, o das exclusões, é sobre todos pessimo.

Deus queira que os homens de que agora vae ser formada a nova Administração do Duque da Victoria, sejam seus amigos verdadeiros, generosos como elle e assás politicos para quererem e poderem, seguindo o seu exemplo, e lançando o passado á conta de licções para o futuro, abstrahir de pessoas e assentar que morreram todos os homens que foram de idéas oppostas; e que a gente Hespanhola nasceu toda depois da Revolução de Setembro.

Bem sabe V. Ex.ª que não é por fazer-me padre-mestre que assim escrevo. Não conheço hoje outros partidos senão o da ordem e o da desordem: desejo prestar a este os caudilhos que o dirigem, e engrossar o numero dos bons com deserções dos arrependidos, de credulos, de fascinados que se desenganaram.

Para isto é precisa muita e muita paciencia, e ter a constancia de desprezar os furores de partido, de que tenho sido e ainda estou sendo victima.

Estimarei muito que V. Ex.ª, ao despedir-se d'esses senhores, os deixe a todos *impressionados* da ideia da sua franqueza e lealdade; e elles se persuadam que o Governo de S. M. falou pela bocca de V. Ex.ª, e V. Ex.ª procedeu segundo o espirito, e, para assim dizer, o coração do Governo.

Os nossos homens do progresso sentiram hoje grande aba-

lo desagradavel, pelo triumpho que o Duque da Victoria alcançou na *grande questão*. Hão de escrever o contrario, por certo, porque aqui, como ahi, a moralidade e a coherencia não são as virtudes da Opposição. Mas, saiba V. Ex.ª, que é verdade quanto lhe escrevo; e que, por isso mesmo que sou homem frio para as paixões, raro será que, em meus juizos, eu faça injustiça aos individuos de quem me occupo em minhas correspondencias.

Não sei se esta ainda alcançará a V. Ex.ª n'essa Côrte; desejarei que sim. Muitas saudades ao Conde de Almoster e ao Ximenes.

De V. Ex.ª
Am.º e Cr.º Obg.º

R. F. Magalhães

LX

Em 15 de Maio de 1841.

Particular.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Estou doentissimo, de uma constipação e violente dôr de dentes, e com ella mal posso ver o que escrevo a V. Ex.ª que, emfim, se reduz a esperar receber, ámanhã, novas da partida de V. Ex.ª d'essa capital, e da nomeação do Ministerio do Regente. Aqui, os chamados homens do movimento e progresso, arderam com tal nomeação, como a do Duque da Victoria. Veem n'elle uma garantia de ordem, que os affige: e só ambicionam o estado de perfectibilidade que se deriva de elementos de divisão e de reacção.

Agora appellam esses homens — assim o declararam em seus conselhos, — para uma manifestação popular contra o Duque; para uma defecção de grande parte do exercito; e, finalmente, para os dias ditosos de exterminio da Monarchia. Não posso dizer ao certo que sejam desprezadas estas insinuações; a gente moça não pensa como a gente velha: e é mais facil ver velhos rapazes do que mancebos anciãos. Comtudo, não me parece que estas doutrinas façam, entre nós, tamanho numero de satelites que possam comprometter o Estado.

De Inglaterra tivemos hoje noticias pouco agradaveis; porque se dá, como infallivel, a caída do Ministerio e a entrada de Mr. Peel. Em nossas actuaes circumstancias, nada d'isto me agrada; porque iamos agora tomando algum caminho de intelligencia, que deveria ter menos mau resultado. Seja o que a Providencia quizer determinar. O que eu quizera é que as nossas relações com esse paiz fossem, da parte da Hespanha, cultivadas de boa fé; o que ainda não ouso acreditar, sem embargo de que o nosso procedimento é, sobretudo, franco e leal, qual se poderia desejar em quaesquer transacções da vida. Que assim não succede da parte da Hespanha, entre outros factos, o prova a continuação de Soler aqui, tendo toda a confiança do Ministerio, apezar de ser, por elle mesmo, apregoado que é *revolucionario por principios!!*

A falar a verdade, desejo ver a V. Ex.ª antes de apresentar em Cortes o meu Relatorio do negocio do Douro, que levarei ás mesmas Cortes já que o Sr. Ferrer teve a bem insultar-nos tanto n'aquelle que publicou, e de que já os inimigos do Governo tiraram argumentos. Se a boa fé se mostra como esse Ministro a manifesta, declaro que a regeito.

Não posso mais, creia V. Ex.ª na sinceridade e verdade com que sou

De V. Ex.ª
Am.º Att.º V.ºr e Obg.º

R. Fonseca Magalhães

LXI

Secretaria d'Estado dos Negocios Estrangeiros,
em 19 de Maio de 1841.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Particular.

Hoje recebi a de V. Ex.ª, datada de 14 do corrente. Não a fiz ver por SS. MM., porque não estão na capital: foram visitar o estabelecimento que o barão do Tojal tem na quinta da Abelheira, de uma excellente fabrica de papel. SS. MM. lhe annunciaram este desejo; e, para tornar a ida mais alegre, o Barão convidou o Corpo Diplomatico, e muitas damas e senhoras que lá estão, a estas horas, que são quasi cinco da tarde. Lá para as 7 ou 8 da noute a bella companhia estará dis-

tribuida pelas casas que possue em Lisboa. Foram os Ministros, menos eu, que representei a Sua Magestade ser util privar-me da honra que receberam os demais, para que Lisboa não ficasse sem um Ministro ao menos. Graças a Deus, não sería necessario, nem é, mas sempre tive que fazer, e cousa que máu fóra se não se fizesse hoje mesmo.

Vejo quão de perto V. Ex.ª acompanha os successos n'essa capital, e quão uteis me são as noticias que dos movimentos ministeriaes e governativos V. Ex.ª me dá. Se eu posso estimar bem devéras quaesquer noticias, são as d'essa e de Londres, as que me levam toda a attenção. Desejo saber quaes são as opiniões do Sr. Olosaga, não direi em politica, essas conheço eu, e sei, ou antes presumo, que, no Governo, as modificará como sempre theorias se modificam na sua applicação. Refiro-me a nós. Importa saber se elle participa d'esse frenesi dominador que se apoderou de todos os meios intellectuaes do Sr. Ferrer que, em seu Relatorio, tão pouca honra faz á verdade com allusão á nossa desintelligencia passada; que continua em todos os actos, e pelos modos que póde, a demonstrar a sua má vontade, apezar dos decantados protestos de pureza de sentimentos e innocencia de pretenções.

Com V. Ex.ª estava eu conforme sobre o caracter do Duque da Victoria que de certo não participa das opiniões dos homens que fazem consistir o merito e o talento em disfarçar a verdade, e que creem que só se governa bem quando se engana.

Para dizer a V. Ex.ª a verdade, não estou prevenido contra o Sr. Olosaga, que, em seus discursos, me ha parecido franco adversario, e constante em suas opiniões, falando pouco de si, e não avançando proposições sem factos: veremos o que elle fará como Ministro.

Aqui dizem os politicos do movimento a quem soberanamente desagrada a Regencia unica de Hespanha, que não lhe são tão oppostas como fazem crer; porque sabem, com certeza, que esta Regencia desgosta ao Gabinete Inglez, emquanto é muito do agrado de França; e como o seu odio á Inglaterra seja a sua paixão mais forte, dizem folgar por uma occorrencia que póde ter em resultado o maior influxo do Gabinete Francez, e o perdimento do ascendente de S. James!! Eis aqui como andam acertados os nossos coripheus em politica, e o que elles são, n'este ponto, força é convir que são em todos os demais.

Estimo muito saber que o Sr. Ferrer estimou ornar-se com a Grão-Cruz de Christo Portugueza; sempre eu entendi

que a minha resolução de não receber a de Hespanha estava longe de produzir a sua repulsão á honra que S. M. fez a esse Ministro.

A minha situação, a minha obscuridade e pobreza, e o desejo de evitar accusações, que não faltariam, e com algum plausivel pretexto, fez que eu procedesse como procedi; e para não parecer que obrei de puro despeito para com Hespanha, obrei do mesmo modo para com a Belgica, obstando a que o nosso Ministro accedesse á acceitação de egual honra para mim, e com o Brasil, apezar de todas quantas diligencias se fizeram para eu acceitar a Grão-Cruz do Cruzeiro. Peço a V. Ex.ª que, se ha algum rancor ainda existente contra mim pelo facto a que alludo, V. Ex.ª procure fazer com que se acabe, referindo qual foi meu modo de proceder, a respeito de objecto similhante, com Governos que jámais tiveram questões comnosco, e que, pelo contrario, manteem com Portugal a mais perfeita intelligencia.

Espero ancioso a nomeação do Ministerio de Hespanha e do de Inglaterra, que me dá penosissimo cuidado.

Tenho a honra de ser

De V. Ex.ª
Am.º e Cr.º Ob.º

R. Fonseca Magalhães.

LXII

Lisboa, em 22 de Maio de 1841.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Reservado.

Não sei se esta encontrará ainda a V. Ex.ª em Madrid. Estimarei que não, porque seria muito agradavel para mim poder combinar com V. Ex.ª o meu Relatorio sobre a navegação do Douro. Este eterno objecto de desgostos, não cessa de cançar-nos; e o sr. Aguilar, que não desiste de escutar pessoas que nos são adversas, creio eu quererá sempre ter uma especie de ponto de apoio para polemicas desagradaveis. Ha assumptos que o não podem ser de escripta, nas circumstancias em que estamos, e ficam para a vista; mas bom é que V. Ex.ª, se ainda abrir esta em Madrid, saiba que se não desiste de

formar defecção entre os verdadeiros amigos da Independencia Nacional, e que até se disse que, se nós acabassemos a questão com Roma, chamariamos contra nós a animadversão de Hespanha, — mais, — e que, em tal caso, se promoveria aqui reacção. Se isto é dito sem auctorisação; se isto é encommendado, não o sei eu; mas sei que o facto é verdadeiro.

Espero ámanhã carta de V. Ex.ª; porque, na sua de 14, não sei se possa entender annuncio da proximidade da sua vinda. Se, pela seguinte, eu vir que V. Ex.ª se demora, escreverei, cautelosamente, sobre um assumpto importante, que, até hoje, não tenho querido confiar ao papel.

Meu querido Marquez; é força que escreva uma verdade. V. Ex.ª, bem como eu, tem motivos de conhecer que ha julgado de alguns homens demasiado bem. Adeus.

De V. Ex.ª
Am.º Verdad.º e Cr.º Obrg.mº,

R. Fonseca Magalhães.

LXIII

Em 26 de Maio de 1841.

Ill.mº e Ex.mº Sr.

Tenho presente a estimadissima de V. Ex.ª, datada de 21, recebida esta manhã. Vejo que, finalmente, se acabou a crise ministerial com a acceitação dos membros da nova Administração, a quem Deus ajude a levar por deante a obra da organisação d'esse bello paiz. Grandes esperanças tenho na prudencia do Regente, e nos escolhidos Ministros que entram na gerencia dos Negocios; e é um facto que ainda hoje não deixarei de repetir a V. Ex.ª, que os nossos homens do progresso foram um tanto logrados, em suas esperanças, com a nomeação do Regente unico, principalmente por este ser o Duque da Victoria.

Mas V. Ex.ª sabe quão facilmente estes homens mudam. Já hoje estão mais *affoutados:* já esperam que, d'aqui a pouco tempo, teremos desintelligencias com Hespanha, e se effectuará a suspirada união para que elles conspiram.

O certo é que hoje faz toda a gente de Setembro grandes elogios ao Sr. Aguilar que, segundo me consta, e eu não pos-

so deixar de crer, lhe falla segundo o seu gosto e appetite. José Estevão apparece no seu camarote no theatro; e os demais, do mesmo partido, são altamente festejados. Não quero eu n'isto fazer censura ao Ministro, que póde receber em sua casa quem quizer, e ir a quantas casas quizer e lhe parecer, mas isto, e algumas expressões d'elle, e um conjuncto de circumstancias, que todas concorrem para fazer crer quaes são as opiniões, os desejos (e até as instrucções) do Sr. Aguilar, causa graves inquietações aos homens que vêem risco e grande probabilidade de perturbações em nosso estado. Estes homens são muitos, e não é possivel persuadil-os de que nada ha que receiar.

As Côrtes abriram-se para continuar hontem. Emquanto a mim, ha difficuldades grandes para conservar a maioria que tivemos. O nosso estado de fazenda obriga a sacrificios; vamos propol-os, adoptando, em geral, o systema de Commissão Financeira. Teremos contra esse systema uma grande borrasca, e quem sabe se lhe resistiremos?

Estamos em um campo difficil — o mais difficil em que, até hoje, nos temos visto. Não ouso prognosticar qualquer resultado; mas é bem certo que, sem coragem, nada se faz; e que a cura de grandes molestias não se consegue com tisanas.

A crise do Ministerio Inglez eu a considero séria; posto que esse Governo tem, para segurar-se, grandissimos elementos. Póde ser que continue por alguns dias, e que chegue ainda a durar trinta ou quarenta; mas, se não houver uma reacção nas tendencias publicas, mal poderá conseguir sustentar-se por mais tempo, e reconquistar a maioria perdida. Com tudo, não será impossivel que essa reacção se faça.

V. Ex.ª me assegura que aqui estará até meado do mez, o que muito estimo. Cousas ha que se não podem escrever; e eu as guardo para quando puder fallar com V. Ex.ª

Adeus: hoje creio que perderei a noite: Assim esta perda trouxesse em resultado algum proveito para o paiz.

Tenho a honra de ser

De V. Ex.ª
Am.º Verdad.º e Cr.º Ob.º

R. Fonseca Magalhães.

LXIV

Em 29 de Maio, 1841.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Verei se posso dizer, em poucas palavras, ao menos a parte mais essencial do que tenho para noticiar lhe.

A Camara dos Deputados estava, desde março, dividida em fracções, cuja existencia tornava difficil haver n'ella maioria pelo Ministerio. A causa d'este scisma é de longa explicação: ficará para a vista.

Durante o intervallo do addiamento, não diminuiu o mal, parece que augmentou: a entrada do Barão do Tojal concorreu para desviar alguns votos.

Abriram se as Camaras a 25, e eu vi, no terceiro dia, que existia uma fracção contra a minha pessoa. Já eu o tinha adivinhado, e pedido a minha demissão, que S. M. não quizéra dar-me.

Questões de irritação tinham ficado pendentes; a da manutenção dos Batalhões provisorios era uma das mais vivas.

Por motivos que não derivavam de mim não se illudiu esta questão, que eu não podia considerar valiosa; os meus collegas quizeram sustental a.

Para não parecer aspirar a um partido separado dos Ministros, annuí, porque se permittiu que eu insistisse no que já havia declarado em dias de Março.

Não se chamou conferencia alguma de Deputados: a questão foi pedida pela Opposição Cartista; o Ministerio veiu a ella sem preparativo; sustentei a como pude, desajudado de todos, e hontem ficou empatada, — 38 contra 38. A Camara nos dava, regularmente. 44 de maioria! E' verdade que temos 15 ou 16 votos em caminho. Fomos pedir a demissão. A Rainha não a acceitou; mas ella foi pedida. Hoje abriu-se de novo o debate. O Ministerio não falou; na votação ganhou por 7 de maioria, e depois d'esta votação declarei eu que os Ministros haviam pedido a demissão. e continuavam no expediente até que S. M. provesse. Eis o que ha. Aguilar, *que está mui intimo de José Estevam,* deu me os parabens da minha sahida! Não se contará outro exemplo de parabens eguaes!!!

De V. Ex.ª,
Am.° e M.^{to} Obg.^{do}

R. F. Magalhães.

LXV

Em 2 de Junho de 1841.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Recebi a de V. Ex.ª de 28 do p. p. Pela minha anterior, veria V. Ex.ª a situação em que ficamos, em consequencia das votações de 28 e 29. N'ella estamos ainda, porque apparecem difficuldades para a recomposição da Administração; difficuldades que seriam agora longas de enumerar. Não ha, agora, meio de conciliar as cousas, porque a Commissão de Finanças, que o Governo criou, ao addiar as Côrtes, apresenta um systema com que não concorda o Ministro da Fazenda. Isto traz considerações sérias, porque o Ministro se oppõe a um salto nos pagamentos, e a certos impostos sobre os publicos funccionarios. Esta opposição faz com que nós não possamos ficar; porque o motivo da sahida do nosso collega, dando-lhe popularidade, a tira a nós. Estas circumstancias são reforçadas com outras, e todas me fazem crêr que não póde deixar de haver um novo Ministerio. Oxalá que possa sahir da nossa côr politica; mas talvez seja difficil. Em todo o caso, nós não perdemos a maioria, e esta, se d'ella sahir a nova Administração, terá a nossa concorrencia.

Acho extraordinario quanto V. Ex.ª me diz do espirito d'esse Governo, tão contradictorio com os actos do sr. Aguilar, até, positivamente, sobre as cousas de Roma. Não sei se esta achará ainda a V. Ex.ª em Madrid; na duvida, abstenho-me de continuar; até prometto ficar calado sobre pontos importantes, á espera de que me seja dado abraçar a V. Ex.ª

De V. Ex.ª
Am.° e Cr.° Obg.°

R. F. Magalhães.

LXVI

Em 21 de Julho, (1841 ?)

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Tenha V. Ex.ª a bondade de ver se o protesto, por V. Ex.ª enviado d'aqui para o Moncorvo, afim de ser apresentado com

as letras, é do exacto theor d'este que envio a V. Ex.ª, e que foi datado de Londres, em 30 de junho. Se é o mesmo, falta só saber em que data foi escripto em Lisboa.

V. Ex.ª terá a bondade, em todo o caso, de devolver-me a copia junta, seja ou não o proprio; porque sendo aquella, se restituirá a V. Ex.ª este.

Parece-me que o Ministerio da Fazenda tem a Nota de Lord Palmerston de que falei a V. Ex.ª; se a tiver excuso de mandar a outra; mas, em todo caso, se S. M. tem os papeis será bom que venham.

De V. Ex.ª
Am.º Obg.º

R. Fonseca Magalhães.

— —

Le traité de la Navigation du Douro, conclu depuis longtemps entre l'Espagne et le Portugal, ne pouvait être mis en execution sans un reglement que les Commissaires Imbrecht et Crambonaro n'avoient pu conclure. Cet objet vient d'etre reglé, grâce au zêle et intelligence de Monsieur Creus, Chargé d'Affaires de S. M. C. (d'aprés les instructions de Mr. Peres de Castro) par une Commission composée, de la part de l'Espagne, par Mr. Creus, et Mr. Blanco, Negociants á Lisbonne, et, de la part du Portugal, Mr. Maya e Mr. Santos Silva, Negociants á Porto. Ce Gouvernement va mettre le traité et le règlement em execution, maintenant, sans le présenter aux Chambres, comme il peut le faire légalement.

Les points principaux du traité sont: Que le Gouvernement Portugais établira une Douane á Fregeneda, au Frontiere de l'Espagne sur le Douro.

Que les Cereaux et autres productions Espagnoles pourront passer, par transit, (les vins e eaux de vie exceptés) de la Douane de la Frontiére, jusqu'a Porto, pour être exportés, les Cereaux (qui doivent venir en sacs d'une mesure fixé, qui seront vidés et remesurés a Porto) payant un droit de transit de 40 réis par Fanega, et les autres articles, selon le tarif, de 20 a 40 réis par quintal de 128 lbs.

Qu'il y aura une seconde Douane á Saborra, pour les articles admis a la consommation, dont la décharge serai convenable a ce point. Il n'y aura pas de transit ou diminution de droits pour les marchandises chargées a Porto pour la Frontiere, ce qui est, dans nôtre opinion, un desavantage pour le

Portugal: elles payeront, à Porto, la totalité des droits de consommation. Em cas de guerre, les marchandises qui seront en mouvement sur le Douro sont considerées neutres. Les droits de transit sont appliqués à l'amelioration de la navigation du Douro.

LXVII

Secretaria d'Estado dos Negocios Estrangeiros.
Em 9 de Outubro de 1841

A feliz situação geographica da Austria, o vastissimo e fertil territorio, mui vantajosamente augmentado nos nossos dias, os seus numerosos e bem disciplinados exercitos, a justa consideração da sua antiga Dynastia Reinante, ligada por laços de familia com os principaes Soberanos da Europa, e com o que modernamente erigiu seu throno na America, lhe tem feito constantemente gosar de uma poderosa, e bem merecida preponderancia, que a notoria capacidade dos seus Ministros, muito especialmente do actual Principe de Metternich, tem sabido consolidar cada vez mais.

Essa mesma preponderancia, e as estreitas relações de parentesco que ligam a Casa de Bragança á Casa d'Austria, tornam a Missão de Vienna uma das de maior importancia para este Reino. Por taes motivos recahiu a escolha de Sua Magestade no Snr. Marquez de Saldanha, para a representar n'aquella Côrte, como Seu Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario, na certeza de que, por suas distinctas qualidades e reconhecido merito, alli será benevolamente acolhido pelo Imperador, e tratado com a devida distincção pelo Principe de Metternich e mais Ministros d'aquelle Soberano, ao qual, assim como áquelles, deve lisongear a nomeação de S. Ex.ª, como a mais evidente prova que S. Magestade podia dar da consideração que realmente deve e deseja manifestar para com Seu Augusto Tio.

Todas as referidas rasões fazem esperar que a Missão de S. Ex.ª, n'aquella Côrte, vae principiar sob os melhores auspicios, e lhe offerecerá mais um vasto campo para exercitar, em serviço da nossa Soberana, e em honra da Nação, os conhecidos talentos e eminentes qualidades que tanto o distinguem.

Tanto ao Imperador, como aos Ministros, fará S. Ex.ª ver quanto Sua Magestade estima haverem-se restabelecido as relações diplomaticas entre as duas Côrtes; e quanto altamente aprecia a grande parte que, n'este feliz acontecimento, tomára Sua Magestade o Imperador.

S. Ex.ª se empenhará em convencel-os de que a Nação Portugueza, regida pelo systema representativo, ou de Monarchia limitada, e tal como nossos antepassados a estabeleceram no seculo XII, á imitação dos povos do Norte, de que eram descendentes, presa, em sua maxima generalidade, o Governo Monarchico, sem estimar menos o governo da liberdade legal. Esta liberdade nem diminue no povo o respeito devido aos Monarchas, nem torna menos efficazes as prerogativas da Corôa, que, segundo a Lei fundamental, são assaz poderosas para manter o justo equilibrio dos poderes politicos; dependendo o melhor regimen antes de novas ou reformadas Leis civis e criminaes, do que de alterações na Lei fundamental. Que, existindo esta em todo o seu rigor, o Governo teve os meios necessarios para reprimir as facções, e conter o paiz em ordem e obediencia á Soberana; obediencia que é o sentimento geral dos Portuguezes, que, se não fossem as vicissitudes politicas occorridas no Reino de Hespanha, é de crer que jámais houvessem sido levados a effeituar movimentos populares, de que resultou grave transtorno da boa ordem, e que é de esperar se não repitam; porque, felizmente, não tiveram logar, quando mais alterados andaram os nossos visinhos, e mais os chefes das facções castelhanas procuraram imitadores em Portugal.

S. Ex.ª affirmará que Sua Magestade, e o seu Governo, põem toda a sua confiança no poderoso apoio de Sua Magestade o Imperador, para poder proseguir, com mais segurança e firmeza, na prudente marcha politica que tem adoptado; apoio que muito necessario se lhe torna, tambem, nas suas relações com as outras potencias, para melhor fazer valer a Justiça que possa assistir a Portugal n'aquelles negocios que com ellas tenha a discutir.

A Casa de Bragança tem estado sempre na diuturna posse de contar com este apoio, e de recebel-o; e Sua Magestade a Rainha, unida á Casa d'Austria por tão estreitos laços de parentesco, espera da magnanimidade de seu Augusto Tio que nunca recorrerá a ella em vão.

S. Ex.ª procurará aproveitar a primeira opportunidade que se lhe offereça, para dizer ao Principe de Metternich que uma das principaes recommendações que Sua Magestade lhe fizéra fôra, que, no seu Real Nome, agradecesse a Sua Magestade o

Imperador, e tambem a Sua Alteza, o impulso dado pelo Governo Austriaco em favor de Portugal para fazer cessar a interrupção que, por alguns annos, houve nas relações de Portugal com a Côrte de Roma.

S. Ex.ª está perfeitamente inteirado dos aggravos que Sua Magestade tem recebido d'aquella Curia, não só pela confirmação que fez o Papa Reinante, da nomeação dos Bispos apresentados pelo Usurpador, como do ultimo Nuncio Apostolico que aqui residiu, e do seu Auditor, cujo estranho comportamento obrigou o Governo a mandal-os sahir do Reino.

Igualmente é conhecida a S. Ex.ª a violenta usurpação que a Congregacão da Propaganda tem feito á Corôa de Portugal, durante o mencionado periodo, e ainda actualmente, por meio dos Vigarios Apostolicos que tem mandado á India apoderar-se das Igrejas da Asia, situadas nos Dominios Britannicos, e até de algumas proximas á cidade de Gôa, todas pertencentes ao Real Padroado da Corôa Portugueza, pelos direitos incontestaveis de descoberta, fundação e dotação; estando expressamente declarado nas Bullas da erecção dos Bispados da India, confirmadas subsequentemente por muitas outras, que, no Padroado de taes Igrejas, nenhuma innovação se poderia jámais fazer, sem expresso consentimento dos Soberanos de Portugal.

Apezar de tão justos motivos de queixa, Sua Magestade, desejando terminar, quanto antes, a desintelligencia com a Côrte de Roma, para evitar que a Religião Catholica viesse, de futuro, a padecer quebra, e até para dar a Sua Santidade a maior prova da sua consideração e respeito filial, resolveu admittir n'este reino, ao exercicio das suas sagradas funcções, os Bispos nomeados durante a Usurpação. Outro tanto se continuou a praticar, como de muito antes se praticava, em favor dos Parochos nomeados n'aquella infausta epoca, e muito positivamente se ordenou aos Prelados do Reino que não concedessem as dispensas matrimoniaes, que, abertas as relações com a Côrte Romana, alli se deviam pedir.

Muito ha sentido Sua Magestade, que este leal e franco procedimento não tenha achado a esperada e devida correspondencia no Governo Pontificio, porquanto não só continuam a chegar da India participações de novas invasões alli praticadas pelos Vigarios Apostolicos; mas, sendo indispensavel tratar-se da competente habilitação dos Bispos nomeados por Sua Magestade a Rainha, para receberem a Confirmação Pontificia, e irem reger as suas competentes Dioceses, não tem Sua Santidade, até agora, nomeado nenhum Nuncio ou Internuncio para este Reino, que possa legalisar aquellas habilitações, nem

mandado os seus Poderes a alguns dos Prelados aqui existentes, para, interinamente, proceder a ellas, bem como á concessão das dispensas matrimoniaes, em graus mais remotos, como sempre se praticou; o que tambem causa grave prejuizo á moral publica e á mesma Religião; porque os pobres, não tendo meios para recorrer a Roma, contrahem relações peccaminosas, em que depois persistem.

Deverá, pois, S. Ex.ª sollicitar do Principe de Metternich, que o Embaixador Austriaco, em Roma, receba ordem para apoiar o Ministro de Sua Magestade Fidelissima n'aquella Côrte, na justa pretensão de que o Governo Pontificio faça pôr termo ás usurpações que os Vigarios Apostolicos na India tem praticado, contra os legitimos direitos do Padroado da Corôa Portugueza, e se reponha tudo no seu antigo estado, e de que seja quanto antes enviado a esta Côrte um Agente Pontificio, devidamente auctorisado para os fins indicados; sendo este um dos meios mais promptos para se remediarem os males que affligem a Igreja Lusitana, e cuja prolongação Sua Magestade Fidelissima tem feito quanto estava da sua parte para evitar, na plena confiança de que o Santo Padre não póde deixar de estar animado de iguaes sentimentos.

Accrescentará S. Ex.ª que, havendo sido o Governo Austriaco quem déra o principal impulso para se terminar a nossa desintelligencia com a Côrte de Roma, com muita razão espera Sua Magestade que o mesmo Governo se empenhe em levar ao fim a sua propria obra, concorrendo com a sua poderosa influencia para que ella se consolide quanto antes.

S. Ex.ª perfeitissimamente conhece quanto convém que consiga a benevolencia e confiança do Principe de Metternich, e das pessoas que mais immediata influencia n'elle possam ter, e por isso nenhuma recommendação é preciso fazer-lhe a tal respeito, e muito menos sobre a grande circumspecção que cumpre ter nas conversações, e ainda nas relações que se contrahem em um paiz onde se olha com desconfiança tudo quanto occorre nos paizes governados constitucionalmente, e onde, desde a entrada nas fronteiras, se está sujeito ao rigor da policia mais vigilante e suspeitosa.

Podendo considerar-se a Côrte de Vienna o ponto central das mais importantes negociações diplomaticas, está alli S. Ex.ª em uma feliz situação para obter, por meio das intimas relações que lhe será facil de estabelecer, não só com outros Ministros Estrangeiros, mas com as pessoas do paiz mais bem informadas, exactas e promptas noticias de quanto convenha ao Governo de Sua Magestade ter conhecimento.

Além d'estas noticias são, sem duvida, muito interessantes as que se podem alcançar do estado e forças do exercito, forças de mar, dos recursos do paiz, dos melhoramentos que se tenham introduzido nos diversos ramos da administração publica, e novos inventos e producções litterarias de maior influencia politica e social; objectos estes dignos, por certo, da maior attenção, e que não escaparão ao entendimento illustrado de S. Ex.ª

Rodrigo Fonseca Magalhães.

LXVIII

Em 14 de Outubro (1841?)

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Os 4:500$000 réis valem, ao cambio de 67 1/2, £ 1:277.12.6. Já disse a V. Ex.ª que poderia saccar, mensalmente, pelo seu ordenado e que eu ordenaria que se lhe pagasse por inteiro, emquanto V. Ex.ª não pudesse soffrer a deducção do adeantamento. Não me é possivel fazer mais do que isto; porque excede as minhas faculdades declarar que nunca essa deducção *em tempo nenhum* terá logar. Disse e repito, que mandaria pagar a V. Ex.ª por inteiro, emquanto não pudesse dispensar a deducção; isto é pouco, e é quanto eu posso prometter. Nem V. Ex.ª de certo quereria que eu inutilmente me comprometesse a mais.

De V. Ex.ª
Am.º e Cr.º Obg.º

R. F. Magalhães.

P. S. — A respeito do Conde d'Almoster, o seu ordenado será pago tambem como o de V. Ex.ª

R. F. Magalhães.

LXIX

Em 15 (de Outubro de 1841?)

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Hontem mandei a V. Ex.^{a} a reducção a £ E. do seu ordenado, isto é, dos 3 quarteis adeantados. Disseram me a conta que mandei a V. Ex.^{a}; mas sou informado de que houve engano, porque em logar de £ 1:277.12.6, corresponde ao conto e quinhentos, £ 1:265.12.6. Faço a V. Ex.^{a} este aviso para quando saccar; sendo certo que o cambio é qual escrevi a V. Ex.^{a}, de 67 $^{1}/_{2}$ ao par.

Os Diplomas reformados os mandei agora á assignatura Real. Os 100$000 para o Vice Consul estão promptos. Eu mando reduzir essa somma (3.^{a} parte em cobre), a ouro hespanhol, para ser menos pesado a V. Ex.^{a}. Emquanto ao Diploma para o seu afilhado, consta-me que já veiu, mas hoje não está o Official Mór na Secretaria, e só poderá ser enviado a V. Ex.^{a} se elle não puder aprromptar-se antes.

De V. Ex.^{a}
Am.^{o} e Cr.^{o} Obg.^{o}

R. F. Magalhães

LXX

Em 3 de Novembro, de 1841.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Recebi hoje a de V. Ex.^{a} de 28, e sinto muito que se ache encommodado de saude. Emquanto ao que V. Ex.^{a} me diz dos seus vencimentos, vou tratar d'isso sériamente, não esquecendo o Conde d'Almoster, a quem V. Ex.^{a} sabe quanto sou affeiçoado. Ao sr. Lima escrevo, em resposta a uma d'elle, e digo-lhe que toco a V. Ex.^{a} em mudança de Secretario. Escuso aqui repetir o que a elle escrevo; e V. Ex.^{a} bem sabe a razão d'isto: quero dizer porque omitto referir o caso, e as razões do passo que dou. V. Ex.^{a} me fará o obsequio de responder-me com franqueza, contando que eu desejo evitar todo o motivo de desgosto. Não são poucos os que d'ahi me vem.

Hontem recebi uma Nota do sr. Aguilar pedindo-me, da

parte do seu Governo, a prisão e entrega dos officiaes que vieram, ultimamente, refugiar-se n'este Reino: são Oribe, com tres capitães e creio que tres ou quatro subalternos, por Bragança, e o Brigadeiro La Pezuela, por Castello Branco.

Terei conta com elles; vigiarei no seu procedimento; não será elle, de modo algum, offensivo á Hespanha; tel-os hei separados e distantes, e em situação de nenhum mal obrarem; porém entregal-os, isso jámais: essa vergonha não creio que a tome sobre si nenhum Portuguez.

Faço justiça ao Governo Hespanhol, não accreditando que por tal insista.

Fala-me Aguilar da tentativa que se fará, por parte d'esse Governo, para a navegação do Tejo: creio que o tempo para isso é inopportuno: emquanto as duas nações não entrarem em intimas relações de confiança mútua, é impossivel tratar negocios de tal magnitude. Além de que, na navegação do Tejo, ha muitas cousas a considerar, não sendo a menor a justa exigencia da nossa parte de que o rio se torne perfeitamente navegavel em Hespanha até Toledo. Este assumpto, pois, deve attender-se como um dos mais graves.

Desejo que V. Ex.ª veja a senhora (?) de Aguilar.

São tristes as noticias que V. Ex.ª me dá dos 400$000 reales; e, quando se não trate do mais, ao menos esta pequena somma desejo que se receba; porque d'elle poderia eu dispôr para despezas do serviço. Ainda peço a V. Ex.ª que tome todo o interesse em tal negocio.

Remetto a Nota que V. Ex.ª pede, do sr. Silvestre Pinheiro, ao sr. Aguilar, de Março de 1823.

Peço a V. Ex.ª que escreva, de officio, sobre os assumptos que forem d'elle; porque, na verdade, as cartas particulares as considero minhas; e, na Secretaria, o serviço deve corresponder-se em devida ordem para ter validade o que se escreve.

O sr. Lima poderá affiançar a V. Ex.ª o nosso honrado Vice-Consul, de quem eu tenho boas informações, assim como todo o desejo de ser-lhe util. E' para mim muito agradavel que a nossa Legação não fossse insultada nos ultimos acontecimentos, o que attribuo ao porte judicioso do chefe da mesma.

Não quererei que elle entre em polemicas de periodicos; mas seria bom ter um defensor contra as calumnias que aqui se forjam, e se enviam para serem datadas de Badajoz; um defensor, digo, d'entre os jornaes do Governo, que eu não quizera que os do partido contrario tomassem essa tarefa. Se para isto fosse necessario fazer alguma despeza, não resistirei a satisfazel-a.

V. Ex.ª me fará a honra de tocar n'este objecto ao Sr. Lima; porque serem aqui as accusações rebatidas, não val nada para ahi; por quanto os nossos artigos não terão logar n'esses periodicos.

Lembro-me do *Patriota*.

Tomára já de volta o Regente, de quem espero que V. Ex.ª ha de ser perfeitamente recebido.

Hoje estou alguma cousa impaciente com a Côrte de Roma, que é a que sempre foi, *tracassière et fourbe*.

Já fiz maiores sacrificios do que os que eu queria fazer, e estou resolvido a não ter mais a minima condescendencia com ella, embora nada consigámos.

Este motivo me faz, além de outros, crer necessario que V. Ex.ª se demore pouco n'essa Corte; mas, em todo o caso, espero que á sua partida fique o Governo de S. M. C. certo e seguro da nossa leal e franca maneira de proceder, e que da nossa parte nada ha que obste a que a nossa intelligencia seja sempre a melhor.

SS. MM. estimaram muito as noticias de V. Ex.ª

Tenho a honra de ser

De V. Ex.ª
Am.º e Cr.º Obrg.º

R. Fonseca Magalhães.

LXXI

Em 6 de Novembro, 1841.

Ill.mo Ex.mo Sr.

Venho das Côrtes, ás 5 da tarde. A minha carta deve ser tão pequena como a de V. Ex.ª de 30 do p. p. Sinto do coração o incommodo de V. Ex.ª, por todas as razões, não sendo a segunda nem ultima a de ser seu amigo.

Dá-nos cuidado a situação d'esse paiz, e tememos que a continuação no estabelecimento de Juntas de Vigilancia, que ainda agora se vão fundando na Galisa, venha a enfraquecer a acção do Governo; e fazemos votos porque este a tenha, para promover, como ia fazendo, a publica prosperidade e a manutenção da Constituição do Estado. Estes são os nossos votos; e o Governo Hespanhol póde estar certo de que todos se encaminham á sustentação do systema de Governo que ahi

rege, causando-nos grande desgosto todas as tentativas que se façam para interromper a marcha patriotica em que o Regente e seus Ministros haviam entrado.

O Brigadeiro que foi obrigado a entrar em Portugal, pedindo asylo, chama-se Pezuela. (Não falo de Oribe que acompanhou parte do Regimento hoje de Izabella 2.ª, e fez a sua entrada em Braga). O dito Pezuela está agora caminhando para Coimbra, e já se deu ordem para ir residir em Thomar. Mas elle pede passaporte para França, vindo embarcar a Lisboa. Dar-lhe-hei passaporte, depois de ver aonde seja bem que elle embarque; fazendo isto de modo que mais conveniente pareça.

Tomára eu que ahi se désse indulto aos soldados que, provavelmente, o acceitarão para voltar á sua Patria. Emquanto aos officiaes, já creio haver escripto a V. Ex.ª, participando-lhe que o Governo hespanhol reclama a sua prisão, o que é impossivel fazer-se, sem embargo de que importa, e é, um dever obstar a que elles maquinem contra o seu Governo. O que este de Portugal evitará, decerto, apezar de que o ex-major Cabral tem ahi podido fazer, impunemente, o mais que póde para mortificar-nos. Pouco importa: nós fazemos o que nos parece justo.

De V. Ex.ª
Am.º Obg.º,

R. F. Magalhães.

LXXII

Em 10 de Novembro, 1841.

Ill.^mo e Ex.^mo Sr.

A' pressa accuso a de V. Ex.ª de 4 do corrente. Agradeço a V. Ex.ª a diligencia feita para que o sr. Espronceda não viesse augmentar o numero dos nossos inimigos da Legação Hespanhola.

Os membros d'ella fazem causa commum com a nossa Opposição, e falam *todos* contra o Governo, em toda a parte, com o maior despejo.

O nosso proceder tem sido nobre e leal; mas a recompensa é a mais iniqua. Isto dá-me que pensar, e não estou disposto para comprazer, quando vejo a deslealdade com que se procede comnosco.

No seguinte correio serei extenso; porque agora, que são 6 horas, chego das Côrtes mais morto que vivo.

Não quero deter ahi a V. Ex.ª; mas custa-me que sáia sem ver o Regente, e fallar-lhe, com franqueza, das exigencias que nos fazem da entrega dos officiaes que vieram buscar refugio.

Que provas de consideração que nos dão!

De V. Ex.ª
Am.º Verdad.ro e Obg.º

R. F. Magalhães.

LXXIII

Em 13 de Novembro de 1841.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Recebi a de V. Ex.ª de 6 do corrente. Desde logo me surprehendeu a falta que V. Ex.ª tem tido de cartas minhas, sendo certo, como é, que ainda não passou um correio sem que eu a V. Ex.ª escrevesse particularmente, mas sempre sobre objectos do serviço.

Esta, a remetterei dentro do officio ao sr. Lima; e não posso occultar que me causa grave sentimento a falta, que desconfio se deve á pouca fidelidade de algum agente subalterno, ou a curiosidade encommendada de algum individuo que julga poder tirar partido, para fins cuja ruindade é clara, da violação do segredo da nossa correspondencia.

E' certo que nenhum dos negocios de que tenho tratado, nas vezes que hei escrito a V. Ex.ª, perde por ser visto e examinado; antes, em certo modo, eu estimo que se commetta esta violação, para desengano de suspeitos e confusão de calumniadores; porém não posso deixar de lastimar tal procedimento.

E' da maior importancia que o Governo de S. M. Catholica cohiba os excessos de Barcelona, como póde obstar ao progresso da revolução das Provincias. Se o Regente isto conseguir, como desejo e espero, saberão todos os revolucionarios como devem viver, e se absterão de perturbar o paiz que precisa e merece toda a attenção do Governo.

Não estranho que, em algumas partes, a desconfiança popular fosse exaggerada, e como tal chegasse a commetter fal

tas de importancia e gravidade, como essa loucura da demolição de muros e cidadellas de defensa; mas esse delirio é passageiro, e persuado-me que a presença da força armada será bastante para que tudo entre no caminho legal.

Estimarei muito que V. Ex.ª possa concordar com o sr. Gonzalez, no negocio do Tratado da Escravatura, e consiga d'elle o ficar persuadido, como deve, da franqueza e boa fé com que procedemos em todas as nossas relações. V. Ex.ª sabe o porte que tem, relativamente a nós, algum individuo da Legação n'esta capital, e eu nunca instaurei um queixume formal a similhante respeito, esperando, com o tempo, fazer obliterar todas essas suspeitas, que só se fundam em calumnias, que quasi sempre tenho desprezado. Chega, porém, ás vezes, o sentimento a ponto de se não poder occultar.

O sr. Aguilar pediu-me a prisão dos ex-generaes Oribe e La Pezuela, assim como dos outros que entraram com a força que veiu, por Bragança, refugiar-se em Portugal. Não me é possivel assentir a tal procedimento, sem embargo de que o Governo velará porque não se abalancem ao menor abuso do asilo que se lhes dá; e d'isto póde esse Governo estar seguro. Tambem pediu o regresso dos soldados, como indultados, reservando-se a reclamar depois, como desertores, alguns que não acceitam o indulto. Os que o receberem serão entregues; mas não assim os que o recusarem; porque não podemos desconhecer o motivo da sua vinda. O que o Governo fará, de certo, será collocal-os de modo que os inhabilite de practicar acto algum improprio, dando assim a maior prova possivel da lealdade e boa vontade. N'este assumpto o Governo tomará todas as medidas de cautella, porém não de violencia, excepto no caso de abuso.

Estou esperando o resultado da conferencia que V. Ex.ª deve ter tido com o sr. Gonzalez; e será para mim causa de grande satisfação, poder ver removidos quaesquer obstaculos que se levantem á boa intelligencia entre os dois paizes.

SS. MM. viram e teem sempre visto todas as cartas de V. Ex.ª; e eu desempenho, com muito gosto, a honrosa commissão de que V. Ex.ª me incumbe.

Tenho a honra de ser

De V. Ex.ª
Am.º Att.º V.ºʳ e Cr.º

R. Fonseca Magalhães.

LXXIV

Lisboa, em 15 de Novembro de 1841.

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr.

Tenho presente a sua presadissima de 9 do actual. Por ella vejo que V. Ex.ª vae reduzir á forma de officio a carta que já me tinha escripto, e na qual dava ao Governo parte da sua commissão.

Parece-me assim melhor, não só, como V. Ex.ª sabe, porque os objectos de serviço se devem formular propriamente, mas, tambem, porque os nossos successores nos tachariam de tratarmos assumptos politicos com pouca reverencia.

Tem-me causado verdadeiro desgosto as occorrencias que dão logar aos cuidados d'esse Governo. Espero, comtudo, que a sua energia, apoiada pela opinião do immenso numero da gente sensata, lhe conquiste o triumpho sobre os novos Anarchistas, depois de haver debellado os primeiros. E', comtudo, para desejar que não seja necessario, para enfrear os excessos populares, fazer uso de tanto rigor como se ha empregado para com os criminosos de 7 de outubro. A tamanha distancia mal se póde julgar das particulares circumstancias em que o Governo se acha; porém eu entendo que na severidade os excessos são mais nocivos do que na clemencia.

Sentirei muito que V. Ex.ª sáia d'esse Reino antes de falar ao Regente. V. Ex.ª se lembrará do que ambos conversamos quando se decidiu a sua partida por Madrid para Vienna, emquanto a bons officios que V. Ex.ª poderia prestar a esse Governo, e a essa nação: o que eu muito estimaria porque, apesar de todas as vozes calumniosas que se levantam contra o Governo Portuguez, e especialmente contra mim, suppondo-me inimigo do systema que rege n'esse Reino, considero que a fórma de monarchia constitucional, qual convem aos dois paizes, perigará sempre em um, quando perigar no outro: e que a sua mutua garantia é a melhor base da duração para ambos.

Assim cumpre que, reciprocamente, nos ajudemos com quantos esforços seja possivel fazer.

Excellente será o effeito da resolução do sr. Gonzalez, de cohibir excessos taes como os do *Huracan:* bem se vê que os seus collaboradores tudo quererão menos Liberdade e Monar-

chia: o elemento que mais lhes convem é o da desordem, cujas consequencias ninguem deixa de considerar fataes.

Não posso saber a quaes *clubs* se referiu o sr. Gonzalez, quando disse a V. Ex.ª que, nos de Lisboa, se havia decretado o assassinio do Regente. Este assumpto não deve ser tratado de leve; nem eu posso consentir em que deixe de dar-se-lhe a mais severa attenção.

V. Ex.ª sabe talvez, e, senão, eu agora lh'o participo, que o Governo mandou perseguir, em juizo, o periodico *Portugal Velho*, por convicios, escriptos em um de seus numeros contra o Regente de Hespanha: está accusado e prosegue a causa. Este proceder é consequente com todas as minhas palavras, e com todos os meus actos; mas estes não são effeitos da ostentação fingida. O Governo de S. M. C., se tem a certeza que o sr. Gonzalez affirma a V. Ex.ª que tinha, póde ser mais explicito; porque o Governo de S. Magestade quer perseguir e punir os criminosos assassinos. E' justo, pois, que V. Ex.ª fale a S. Ex.ª n'este negocio; e ninguem melhor do que V. Ex.ª o poderá avaliar. Espero, pois, que o tome em toda a consideração, e me dê parte do resultado.

Não posso, comtudo, deixar de ponderar aqui quanto me parece incrivel o facto, se se refere ás desmantelladas sociedades secretas do partido do Governo que nós conhecemos. Estas compõe-se de individuos incapazes de tal maleficio, nem mesmo de se lembrarem d'elle. O que eu sei de similhante fonte, me força desde já a affirmar que a informação é destituida de todo o fundamento. Outros *clubs* não existem, excepto os dos Miguelistas; que, na verdade, são mais sanguinarios; mas que, tão pouco, me parecem capazes de tal arrojo. Os homens das ameaças de assassinios são os Setembristas d'aqui; esses teem até, por vezes, chamado da costa, ao sul da Trafaria, alguns facinorosos para virem exercer o seu officio sobre os membros do Governo, objecto de todos os seus cuidados. Dizem-se addictos á Revolução de Setembro Hespanhola, e declaram que esperam d'ella auxilio para nos debellar: buscam relações, e as tem, com pessoas que sejam exaltadas n'esse partido politico: como pois sairia de tal gente a tentativa a que se refere o sr. Gonzalez? Eu sei que, ha muitos annos, sou annualmente sentenciado; que já fui processado; que já se fez um simulacro de tribunal em uma d'essas furnas, e até se me nomeou um defensor, para tornar o acto mais ridiculo. Mas o que é certo, ou o que eu por tal respeito, é que estas idéas, estes furores e delirios, nunca tiveram logar nas assembléas da gente contraria aos Anarchistas d'este paiz; e receio

que a noticia seja mais um embuste para augmentar as suspeitas d'esse Governo. Por isso de novo peço a V. Ex.ª que não deixe o assumpto sem que cheguemos ao seu amago; porque, se o facto existisse, o Governo procederia sobre elle como a rasão, a justiça e a lealdade requerem; e o Governo Hespanhol teria mais um argumento para julgar de nós.

Emquanto á mudança sobre que V. Ex.ª me responde, os motivos d'ella são sabidos por V. Ex.ª e não podem deixar de merecer alguma attenção.

Tenho a honra de ser

De V. Ex.ª

Am.º Verdad.ro e Cr.º Obg.º

R. Fonseca Magalhães.

LXXV

Em 17 de Novembro (de 1841?)

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Ao officio de V. Ex.ª de 11, apenas tenho tempo de accusar a recepção. Amanhã é a sessão do encerramento. Sempre ha trabalho e zangas n'estas vesperas. E' já muito durar de Côrtes este anno.

O artigo do *Ecco* que o sr. Lima me mandou, é um aggregado de infamias. Bem sabe V. Ex.ª quem aqui as vende e despacha para essa.

Sinto que V. Ex.ª sáia d'ahi sem ver o Regente; e creio que elle não poderá tardar.

Se todas as declarações que V. Ex.ª refere são verdadeiras, bem; mas quando observo a contradicção em que as ditas ahi estão com as exigencias aqui, não sei que pense.

O sr. Lima mostrará a V. Ex.ª a que lhe escrevo sobre o assumpto a que me refiro.

Mal estamos sobre dinheiro; é sorte nossa. Eu não cesso de sollicitar para que não falte a V. Ex.ª, e espero que não ha de faltar em Vienna.

Emquanto ao Tratado de Commercio, digo da Repressão do Trafico, eu o creio necessario e escreverei ao sr. Lima.

Deus queira que a senhora Marqueza nada tenha tido que sentir em sua viagem. Abraços ao Conde d'Almoster.

De V. Ex.ª

Am.º e Cr.º Obr.º

R. F. Magalhães.

LXXVI

Em 20 de Novembro, 1841.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Particular.

Hoje escrevo officio confidencial ao sr. Lima, sobre o negocio das reclamações da prisão dos emigrados. V. Ex.ª o verá, e estou certo que o sr. Ferrer não terá duvida de annuir ao que se propõe no mesmo, porque, em realidade, a Convenção de 1823 deve ser entendida como nós a entendemos, a respeito dos emigrados que pedem asylo em um ou outro paiz.

Conte V. Ex.ª que serei sempre o seu procurador, para que lhe não falte nada. Deus queira que o Regente conclua, brevemente, com as desordens de todos os bandos que, todos, em chegando aos excessos, são altamente nocivos. Não posso mais senão queixar me de que V. Ex.ª me não escrevesse duas linhas o correio passado. Adeus.

De V. Ex.ª

Am.º Verdad.º e Cr.º Obrg.º

R. F. Magalhães.

Esta vae quasi na certeza de o não achar em Madrid; por isso fiz o officio ao sr. Lima; mas V. Ex.ª lhe dará cumprimento se ahi estiver ainda.

LXXVII

Lisboa, em 24 de Novembro, 1841.

Ill.^mo e Ex.^mo Sr.

Accuso recebidas as duas de V. Ex.ª em data de 18. Estimo muito as noticias que V. Ex.ª me dá a respeito dos negocios de Barcelona, e S. M. tem muita satisfação de saber que o Governo de S. M. Catholica se ache desappressado das difficuldades que os movimentos alli occorridos suscitavam ao mesmo Governo.

Estimarei que V. Ex.ª possa ver o Regente, antes da sua partida para Vienna.

Emquanto ao importante assumpto do pagamento dos 5 milhões de Reales, darei decisiva resposta a V. Ex.ª no correio seguinte: e desejarei que o Governo possa annuir á proposta, por todas as razões.

Tenho a honra de ser

De V. Ex.ª

Am.º Verdad.º e Cr.º Obg.º

R. Fonseca Magalhães.

LXXVIII

Em 27 de Novembro, 1841.

Ill.^mo e Ex.^mo Sr.

Estou desejoso de receber noticias de V. Ex.ª, relativamente á exigencia repetida do sr. Aguilar para a prisão dos officiaes Hespanhoes emigrados, e restituição dos soldados, sargentos, etc. Todas as medidas para induzir estes ultimos a aproveitar-se da amnistia, o Governo as toma, e surtirão effeito; mas o acto de os obrigar, á força, parece me violento. Já se ordenou aos officiaes Portuguezes que os aconselhassem a partir, e espero que partam todos; e, em ultimo caso, serão privados dos subsidios; porque eu entendo que praças de pret que tem indulto, devem ir cumprir os seus annos de serviço.

Emquanto aos officiaes, realmente o Governo Hespanhol ha de olhar o negocio mais liberalmente. Estes homens não estão no caso dos fugitivos que passam de um paiz para outro a conspirar: vieram depor as armas, e francamente pedir asylo:

dar-lh'o para os prender é acto que deshonraria a um governo como a um particular. V. Ex.ª fará sobre isto o que sabe; e sustentará o nosso decoro. Em ultimo caso estava prompto a sujeitar-me á intelligencia da Convenção por um Governo amigo — a Inglaterra — se tanto fôr necessario; tão certo estou em que, sem subtilezas, e mui conscienciosamente, hei procedido n'este negocio.

Emquanto á pergunta do sr. Salamanca, devo assegurar a V. Ex.ª que, na segunda feira, mando a resposta do Governo: o assumpto é delicado, até pelo que se dirá de nós; mas o Procurador da Fazenda inclina-se a que deve acceitar-se. O que desejo é que o Governo Hespanhol se não escandalise comnosco; porque senão carecessemos tanto, não proporiamos transacção alguma com ninguem. Creio, comtudo, que o mesmo Governo não será insciente da negociação; e se ella convier, melhor para nós. Penso que se acceitará; mas antes de segunda feira — depois d'ámanhã — não posso declaradamente assegurar d'isto a V. Ex.ª

Tenho uma nota para responder ao sr. Aguilar, e desejava demoral-a até receber a resposta de V. Ex.ª sobre o tal assumpto da reclamação. Espero que V. Ex.ª tenha feito ver ao sr. Gonzales que melhor fará em dar credito a um Governo cujos interesses consistem na boa harmonia com Hespanha, do que ás intrigas de clubistas de cá, que são tão furiosos como os de lá.

O procedimento do Governo Portuguez é tal, que eu quizera bem que todo elle, sem reserva de nenhuma parte, fosse patente á Europa.

Tomára já ter noticias da entrada do Regente em Madrid.

V. Ex.ª sabe que aqui e ahi ha muitas gentes que desejariam ver repetidas, em Barcelona, as scenas patibulares de Madrid e Biscaia; porque assim crêem que ficaria claro que o Governo, *in medio tutissimus ibit*; eu não penso assim. Basta de sangue. Castiguem-se os excessos de ambos os lados, mas não se familiarise a Nação com os supplicios, que lhes perde o respeito; e, roto elle, quem sabe como tudo acabará?

Os de Barcelona fugiram; deixal-os ir; oxalá que por nenhum lado haja mais victimas.

Beijei por V. Ex.ª a mão a SS. MM., que sempre estimam receber novas de V. Ex.ª.

Sou

De V. Ex.ª
Am.º Verdad.ʳᵒ e Cr.º Obg.º

R. F. Magalhães.

LXXIX

Em 6 Dezembro (de 1840?)

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Duvido que V. Ex.ª espere em Madrid a chegada d'esta carta. Hoje respondo de officio ao seu reservado n.º 2.

Muito folgou S. M. de ouvir lêr a conferencia que V. Ex.ª teve com o sr. Gonzales, em todas as suas partes.

Chegou o Barão Mareschal, no paquete.

Esta chegada torna necessaria a partida de V. Ex.ª para o seu destino.

Não falou V. Ex.ª com o Duque sobre alguma cousa do que tratamos?

Adeus.

Creia V. Ex.ª que sou

De V. Ex.ª

Am.º Verdad.º e Cr.º

R. F. Magalhães.

LXXX

(Deslocada)

Em 30 de Outubro (de 1840?)

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Creio que esta irá já achar a V. Ex.ª em Madrid.

Pela correspondencia official e não official o sr. Lima poderá fazer ver a V. Ex.ª qual o caminho diverso e franco que o Governo ha seguido, na occasião dificil da revolta dos Militares n'esse paiz. Sem esperar pelos acontecimentos, e quando aqui, como é natural, se figuravam muito e muito perigosos, eu tomei uma prompta deliberação. S. M. a approvou logo e o Governo foi concorde em seguir a linha que traçou a respeito do Governo visinho, o qual, reconhecido por nós, e com boa intelligencia, apezar dos esforços e cabalas dos nossos *movimentistas*, tinha de esperar, de um visinho leal, a mais franca declaração. Esta foi contida na carta do Gabinete de S. M., e apparece em todos os actos do Governo.

Não me alargo mais, porque espero novas de V. Ex.ª
Tenho a honra de ser

De V. Ex.ª

Am.º e Cr.º Obg.º

R. F. Magalhães.

LXXXI

Em 23 (de Outubro, de 1841?)

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Duas palavras só, que o tempo não permitte mais. Entraram por Bragança 240 homens, e um brigadeiro, com 6 ou 7 officiaes do Regimento da Rainha... Serão tratados como manda o direito das gentes e internados o mais possivel. Deus queira que breve indultem os soldados para nos vermos livres de mais estes incommodos. O Governo aqui olhou logo, desde o principio, os acontecimentos como furiosas loucuras de ambiciosos imprudentes que foram lançar, sobre si e sobre a sua patria, calamidades que se evitariam pela prudencia do Governo de Espartero, e pela sua exemplar tolerancia. Tolerancia com certa gente é impolitica. Não sei se a minha, que ha sido excessiva, talvez ainda me fará bem mal. Agora, o que eu desejo é que o Regente e os seus Ministros conheçam bem até onde é necessario ir no caminho da severidade: a demasiada faz mal a quem a exerce; mas convenho que, ás vezes, de alguma se carece, principalmente depois de actos tão flagrantes.

Aqui vamos resistindo ás difficuldades; mas os nossos Progressistas, feitos á pressa, não cessam de maquinar.

No correio seguinte escreverei a V. Ex.ª sobre um facto particular.

Estou ancioso por noticias de V. Ex.ª

De V. Ex.ª

Am.º Obrg.º

R. F. Magalhães.

Muitas saudades ao Conde, se foi com V. Ex.ª

LXXXII

(Não parece ser escripta ao Saldanha)

22 de Outubro de 1837.

Ill.^{mo} Am.^{o} e Sr.

Muito estimei o obsequio da sua carta, que me deu a certeza de que V. S.ª tinha escapado aos lances a que generosamente se expoz. Tirei grande satisfação de o ver, e creio que não tardará esse momento, porque não conto demorar-me fóra de Lisboa.

A fortuna dispôz contra nós o resultado dos acontecimentos. Por fortuna, boa ou má, entendo a boa ou má disposição dos meios. De alguem seria a falta, que não posso attribuir aos dois homens principaes, apesar de tudo o que diz gente enthusiasta, que, de ordinario, faz recair a culpa dos grandes males sobre as pessoas mais elevadas; quando não raras vezes um defeito, que parece uma consequencia, as produz gravissimas. Por ser instruido por pessoa tão judiciosa como V. S.ª, tambem desejo ter o gosto de nos avistarmos.

Restituo a carta do S., cujo conhecimento é, segundo avalio, uma prova da franca e cordeal amisade que devo a V. S.ª, e que pago em egual.

A dizer-lhe o que penso — tenho para D. Miguel uma repugnancia invencivel, e prefiro ser ludibrio de toda a sorte de desgraças, a ser venturoso sob o seu dominio. Isto é seguindo a hypothese do escriptor da missiva; porque só admitto a supposição *argumentandi forma*. Tenho fortissimas razões para crêr que D. M. é extranho a todas as combinações politicas da Europa, a cujos olhos, com razão, se desacredita. Não digo com isto que os malvados que desolam este paiz devam, ou possam por muito tempo, devorar-lhe os restos, longe d'isso; e até creio um dever de justiça para todo o homem de bem, não desconfiar da salvação da patria; porém, o plano do homem é verdadeiramente extravagante, e o juizo que faz das cousas e dos individuos sobre modo ridiculo e juvenil.

Fallaremos dentro em breve. A unica idéa do correspondente, que me parece verdadeira, é a que elle faz da capacidade e prestimo de V. S.ª, porém o emprego d'este não me parece dever ser o que elle lhe propõe. Talvez nós cheguemos mais depressa a um fim justo, trabalhando em vista de objecto que pareça mais remoto; — mas trabalhando.

Adeus meu estimavel amigo e senhor. A franqueza com

que lhe escrevo sirva de prova, á falta de outros, da minha estima para com V. S.ª, de quem me honro de ser

Am.º Att. Ven.ºr Cr.º Obg.º
R. F. Magalhães.

LXXXIII

24 de Dezembro.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Confidencial.

Rogo a V. Ex.ª o favor de attentar ao conteudo d'esta cartinha sem me notar de temeridade.

Estão, ha oito dias, presos os homens do Commercio: hoje é vespera de Natal. O Governo deu uma demonstração da sua força, e da razão que teve. Parece-me que hoje é dia de generosidade: rogo a V. Ex.ª que faça soltar os ditos presos. Olhe que não é a pedido de ninguem.

A causa (sou bem informado) da não ida dos taes officiaes, proveiu da inutilidade de uma representação que fizeram contra a conservação de certas praças do corpo, — cortadores e outros mesteres, — verdadeiras marcas do commercio. Uma commissão julgou que taes figurões deviam ser expulsos. E' certo que os mesmos officiaes representantes haviam sido e eram, e são insultados pelas ditas marcas; e então os queixosos, imprudentemente, ousaram desobedecer.

Não os justifico; mas vê-se que a sua desobediencia não foi effeito de espirito de partido; e isto me assegura pessoa que a V. Ex.ª mesmo merece confiança.

Se a V. Ex.ª parecer, será bom dar-lhes liberdade já: elles, depois de presos, têem sympathias; essas V. Ex.ª as ganhará pelo acto generoso, e depois pensar-se ha como V. Ex.ª quererá providenciar.

Não ha nada que obste ás medidas que V. Ex.ª tiver por acertadas.

Faça-me V. Ex.ª o favor de dizer-me o que lhe parece sobre o assumpto; mas sem zangar-se comigo por intromettido *in rê bellica*.

De V. Ex.ª
Am.º e Colg.ª

R. F. Magalhães.

LXXXIV

16 (?).

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Meu caro Duque

Restituo a parte telegraphica. V. Ex.ª não fallou em Ministerio mas sim em Ministro.

Está de braços soltos a respeito do Avila. Espero que na Camara dos Pares haja temperança de phrazes e que V. Ex.ª possa fazer um excellente papel n'esse e nos demais pontos.

Por maiorias entende-se com elle; estavam organisadas então, nem se referia nada a individuos que, por qualquer motivo, os apoiavam — digo ao Cabral.

Nós fallaremos sobre o modo de evitar a resurreição das recriminações; porque felizmente não temos Cabraes — Thomares.

E se a V. Ex.ª parece, eu fallarei no sentido que concordamos, e V. Ex.ª approvará se assim lhe parecer melhor. Até logo.

De V. Ex.ª
Am.º Obg.º e Coll.ª

R. F. Magalhães.

LXXXV

18 de Janeiro (de 1852?)

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Meu caro Duque.

Sinto muito que V. Ex.ª ao escrever-me se achasse possuido de apprehensões fortes a meu respeito.

Eu fiz, sem suggestão alheia, negocio grave e ministerial, a Presidencia da Camara, porque lhe não posso mudar a natureza. Não attendi ás particulares circumstancias transitorias que se davam entre os Passos e alguns dos seus amigos. Quem póde fundar-se n'elles, que todos os dias variam tanto?

Desejo que V. Ex.ª tranquillise o seu espirito.

Não é meu intento dissolver a Camara; mas entendo que é impossivel governar ás ordens de uma Maioria, hostil em principios, e systematica em manifestar que nos domina.

Veja V. Ex.ª bem que nem quero que o absolutismo volte, nem que a demagogia se apodere do Governo mediata ou im-

mediatamente. Estas duas paixões politicas podem ser moderadas pelo poder, em mãos prudentes; mas, a não o serem, ignoro o que virá porque os exaltados liberaes, pelos seus excessos, chamam as reacções dos retrogrados, e estes só podem conter-se se aquelles se contiverem.

Os meus desejos são esses, querido Duque, e, se não fossem, eu mesmo lh'o teria dito. Esta materia não póde tratar-se escrevendo á pressa; porque temos a decidir um ponto gravissimo. Se a Montanha quizer, como desconfio, tornar ás suas ordens, deveremos nós obtemperar as suas pretenções, e não tomar outras medidas mais do que obedecer, ou sair?

Isto lhe peço que decidamos ambos. Eu sou um seu leal amigo; achal-o-ha em tudo quanto tratar comigo; e só lhe peço que attenda bem ás pretenções, ao pensamento antigo de Passos e Companhia! Olhe que eu não posso, sob pena de abdicar todos os dictames da razão e da critica, dar crédito ás suas protestações d'elles. Fallemos pausados, e investiguemos o que este negocio offerece de considerações sobre o que cumpre fazer.

Só accrescento que, para termos a liberdade segura, é mister contermo-nos dentro dos limites do justo. Aliás não faltarão protestos áquelles que nol-a querem fazer perder.

Não posso mais. Estou com Duarte Leitão e Garrett sobre o Acto Addicional, para ficar hoje prompto.

De V. Ex.ª
Am.º e Coll.ª Obg.º

R. Fonseca Magalhães.

LXXXVI

22 de Janeiro (de 1852?)

Ill.mo Ex.mo Sr.

Meu caro Duque

N'este momento, ás 7 horas da tarde, recebo essa carta da Condessa de Thomar, escripta por algum doutor que nem sequer se lembrou de que uma senhora, escrevendo a um homem que jámais a offendeu, devia ser pelo menos polida e bem criada.

Não respondi; porque o não quiz fazer sem que V. Ex.ª visse esta peça. Se V. Ex.ª a quer mostrar á Rainha, muito

bem; e amanhã terá a bondade de dar-m'a e dizer-me a sua opinião sobre a resposta.

Bem vejo que a missiva foi escripta em consequencia de communicações recebidas pela Esposa do Esposo pelo paquete.

Por minha parte Deus me seja testemunha de que nada temo da vinda de tamanho gigante como o Conde de Thomar. Nem creio que elle tenha força de per si e seus amigos, para nos transtornar.

Deve me V. Ex.ª e o exercito tamanho conceito, que nem sequer me passa pela cabeça recear a vinda d'esse homem.

As scenas de 47 não se repetem duas vezes.

Mas V. Ex.ª, desattendendo tudo quanto tenho escripto, terá a bondade de dar-me a sua opinião, e dizer-me se ainda hoje quer que lhe responda e como.

De V. Ex.ª
Coll.ª Am.º e Obg.º

R. F. Magalhães.

LXXXVII

23 (de Janeiro de 1852?)

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Meu caro Duque.

Não posso ir ao Paço hoje: mando algum despacho da Justiça.

Estou no Reino com o Seabra, ainda sobre o inferno do Croft.

Eu não sabia que VV. Ex.as iam hoje. O Acto está prompto. Levo-o ás Côrtes, para ser assignado e lido por V. Ex.ª

Estarei lá ao meio dia; mas agora é impossivel sahir de aqui.

De V. Ex.ª
Am.º e Coll.ª

R. F. Magalhães.

Vae o exemplar do Acto, já corregido, para VV. Ex.as assignarem. Já tem o meu nome.

LXXXVIII

(Tem tarja estreitinha)

1, Março (de 1852?)

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Meu querido Duque.

Deixa-me em grande cuidado o estado da Rainha. Estas suas valentias podem ter um resultado funesto. V. Ex.ª não me diz o que os medicos informaram da molestia.

Muito estimo o que V. Ex.ª me diz do negocio: devemos, ámanhã, fallar com os nossos honrados collegas. Sinto que V. Ex.ª se não demorasse esta noite, para amanhã vir com maior certeza das melhoras.

Muito estimo a não opposição que V. Ex.ª achou. Fallaremos ámanhã ao nosso João, que espero será bom collega. Veremos o outro. Antes de tudo, nós, os quatro, devemos conferenciar. A cousa só deve dar-se por decidida quinta feira; porque temos de fazer, o collega da Marinha e eu, algum testamento a favor de amigos. Adeus.

De V. Ex.ª
Am.º e Coll.º

R. F. Magalhães.

LXXXIX

Em 28 de Abril, 1852.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Meu caro Duque.

Passou-se o dia sem que eu escrevesse a V. Ex.ª e passou-me da memoria, por causa das mil e uma cousas que me occupam em uma immensa variedade. Temos mais bernardas. Nem mando as participações a V. Ex.ª, para o não fazer zangar. Hoje, no Theatro, estamos ameaçados de uns Vivas á Carta, porém—torno a dizer—não o temo e custa a crêl o; mas seria imprudencia desprezar tudo. E' certo que Fronteira e D. Carlos andam ufanos, e que fazem quanto podem para corromper a Guarda. Esses senhores, que se dizem fidelissimos á Rainha, fazem-lhe bem pouco serviço; porque, n'essas miserias, só conseguem dar importancia ao partido opposto,

que não deixa de assumil-a. Temos a historia do Centro de José Cabral, que fez aqui succumbir a Patuleia; e nós que pretendemos nivellar todos e tudo, debaixo de medidas de justiça, vemo nos obrigados a dar consideração áquelles que nos defendem. Valha me Deus com esta gente. O Barão da Luz terá dito a V. Ex.ª o que ha, e que temos tomado algumas medidas de precaução, que são uma desgraça, porque mostram pouca estabilidade nas coisas, damnam ós nossos valores de credito, e até impedem as transacções. E' verdade que esses homens, que não soffrem outro governo senão o d'elles, pouco interesse tem na fortuna publica.

Mas repito, não temo nada; e, se alguma asneira apparecer, é provavel que os auctores d'ella se arrependam.

Em quanto ao Decreto de S. Payo, V. Ex.ª bem sabe se é por meu gosto; mas quantas vezes cedemos a circumstancias.

Tomára já saber da entrada no Porto. Fiz um Relatorio ao Ministro Inglez sobre a viagem da Rainha; porque elle me disse que seria muito interessante para S. M. Britannica.

Adeus. O Jervis irá, depois de ámanhã, passado o dia da grande ameaça; ainda irá a tempo.

De V. Ex.ª
Am.º e Coll.ª Obg.º

R. F. Magalhães.

Em meu nome e dos collegas, peço a V. Ex.ª que se sirva de Beijar as Reaes Mãos.

XC

11 de Maio, ás 2 ½ p. m., (de 1853?)

Ill.^mo e Ex.^mo Sr.

Hontem á noute participei á Rainha os motivos porque V. Ex.ª não comparecia na cerimonia; hoje me escreveu o Barão da Luz, de ordem de V. Ex.ª, para que se provesse na substituição das funcções do Mordomo Mór, e S. M., a quem li tambem a carta do Barão, ordenou que fosse D. Manuel de Portugal o substituto. Isto mesmo communiquei ao Marquez de Rezende e á Imperatriz. A S. M. I. disse eu que V. Ex.ª sentia muito não poder desempenhar as suas funcções e, em

nome de V. Ex.ª, lhe beijei a mão na Camara Ardente, logar em que S. M. I. recebeu os Ministros e as deputações das Camaras.

Estava muita gente, e entre ella a Legação Brasileira, com Drumond á sua testa.

A Rainha não fez o menor cabedal d'aquelle Diplomatico, e já levava tenção de assim proceder.

A Imperatriz appareceu lavada em lagrimas: pareceu-me enfraquecida e rugosa, muito mais do que ao sahir de Lisboa. O Marquez de Rezende me referiu quanto se havia praticado nos actos funebres que tiveram logar no Funchal, asseverando-me que alli se fizera tudo o que cabia nos meios para tornar esses actos mais solemnes e demonstrativos do sentimento de dôr e de respeito, devidos a S. M. Imperial.

A Rainha e El-Rei chegaram ao Arsenal meia hora depois de meio dia: esperou-se mais de outra meia que o vapor *Duque de Saldanha* amarrasse, e se segurasse no fundeadouro. Só depois d'isto embarcaram SS. MM. na galeota: os Ministros sairam em seguida. As deputações das Camaras ficaram esperando a designação da hora em que seriam recebidas.

Pouco depois de estarmos a bordo, aonde SS. MM. e a Imperatriz se entretiveram por algum tempo na Camara Ardente, junto á qual, e communicando com ella, tem, segundo entrevi, a Imperatriz o seu quarto, chegaram as deputações, que só fóram recebidas depois da despedida de El-Rei e da Rainha; mas primeiro desceram os Ministros, que nada disseram: eu não ousei proferir palavra. Ajoelhei ante o Crucifixo, com os nossos collegas, e beijamos a mão á Imperatriz, que chorava e mal articulava algumas palavras, que eu não pude entender, e que só mostrei apreciar, mencionando que era força sujeitar-nos, resignados, aos decretos da Providencia. Sahindo d'esta especie de caverna de dôr, achei no tombadilho Madame Moncomble (se assim se escreve), e as senhoras Cantagallos, com outras mais, mostrando os olhos inflammados de quem tinha chorado, ou quizera chorar; e atraz d'ellas, em certa distancia, no fundo do quadro, divisei o sr. Drumond e Correia Caldeira, ternamente abraçados, com ambos os rostos festivos e risonhos, como dando e recebendo parabens por algum fausto acontecimento, ou porque o Deputado havia correspondido aos desejos do famoso politico.

Depois d'este contraste, não me demorei muito: os collegas e eu saímos, deixando as Deputações a descer para o logar da recepção, porque assentei que nada havia que fazer *ex-officio*. Soube que a Imperatriz tinha promptas as respos-

tas para as falas das deputacões, posto que da que levava a Camara dos Deputados, pela sua Deputação, se não tivesse dado préviamente copia; mas como sobre o objecto não póde haver outra expressão que de sentimento e dôr, por um lado, e agradecimentos por outro, tudo quadrará bem. Não sei se estas falas deverão ser insertas no *Diario do Governo* d'amanhã: sel-o-hão se eu as receber, ou a tempo forem mandadas á Imprensa. Talvez o sr. Mordomo Mór improvisado ache mais facil enviar, elle mesmo, tudo á Imprensa do Rebello, como fez, se me não engano, já com certas cousas da Madeira.

Tambem vi o padre que a Rainha elevou á dignidade de Deão, e que, segundo me disse o Marquez, não ousou encarregar-se da oração funebre, de medo de algum ataque histerico. Tambem se receava de chegar maltratado da viagem, por ser sujeito a nauseas maritimas; mas d'isto não vi signaes, antes pelo contrario, muita frescura de semblante.

Falei ao Ecclesiastico, ao qual o ouvir o meu nome fez certa impressão que me não pareceu lisongeira para mim.

Entendo que a falta de oração funebre não é cousa que se torne desagradavel; porque o Marquez notou que, se a houvesse, seria muito demorada a ceremonia.

Soube que o Conde de Tavarede, á saida de S. M. I., se achava em caminho de convalescença, com muito boas esperanças, emquanto ao effeito da sua viagem ; da senhora Condessa e rapaz me deram boas informações. V. Ex.ª terá tido cartas que espero confirmem estas noticias.

Depois que saí de bordo para a Secretaria, escrevi a D. Manuel e ao Conde d'Alva. Este, na falta do Duque Palmella, será capitão da Guarda de Archeiros: disseram-me que hontem se procurava para elle uma farda emprestada. Espero que a terá achado, mais boa ou mais má.

Estou vendo se se engendra um artigo para o *Diario* d'amanhã com a noticia da chegada dos navios, e da funebre comitiva, etc.

O Jervis, a quem pedi que me désse os esclarecimentos maritimos, não os mandou, e eu não sei como haver-me.

Hoje é dia de grande faina.

(Particular)

Reparou o respeitavel que a Rainha e el Rei fossem ao Arsenal em carro descoberto; que a Rainha em tal dia trajasse lucto alliviado com chapeu branco: parece me que houve falta de cuidado no traje. El-Rei estava de sobrecasaca.

Veremos sobre qual de nós cae a imputação d'isto que me parece *falta de reparo*. E' certo que nada custava vestir um vestido de lã preta e levar chapeu da mesma cór.

Quem mais que todos repararia conto eu que havia de ser a Imperatriz.

Fui extenso, porque V. Ex.ª está longe, e gosta de saber as cousas.

Mande-me dizer, eu lh'o rogo, como hoje está. Acceite visitas dos collegas, e minhas, que todos o estimamos quanto é possivel.

P. S.

A Rainha mostrou-me hoje muito desejo de que V. Ex.ª apparecesse; porque, disse S. M., não se descuidaria de intrigar sobre isso mesmo.

Contarei a V. Ev.ª *viva voce*, o dialogo entre el-Rei e o Dr. Kepler, por causa de um artigo que trouxe hontem a *Revolução de Setembro*.

Tem certo picante, referido como foi por El Rei. Já se entende o Dr. o attribuiu a quem? Ao Rodrigo.

De V. Ex.ª
Am.º e Coll.ª Obg.º

R. F. Magalhães.

XCI

Outubro, 16, 1853.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Meu querido Duque.

Tencionava hoje ir ver a V. Ex.ª, mas passei mal a noute com uma seductora banana, que hontem comi depois do jantar, e que me fez dores terriveis de estomago, com vomitos, etc. Não me atrevi a cumprir o desejo de ir abraçar a V. Ex ª

Mando com esta a carta que o nosso collega Frederico me deixou, na sua partida hontem para Santarem.

Reduzirei pois a escripta os meus pontos de conversação com V. Ex.ª. Já se sabe que isso está longe de satisfazer-me; porém não ha outro meio de supprir a falta que sinto de o não ver.

Recebi a carta do Gaspar de Azevedo a V. Ex.ª, sobre a eleição pelos Arcos de meu filho. Já elle me tinha escripto no mesmo sentido. Aquelles homens nem pesam os nossos compromissos, nem avaliam as conveniencias da nossa situação. Depois da promessa que se fez ao Conde da Ponte, a fim de satisfazer o Pires, que na eleição passada ficou de fóra, sacrificado ao Nogueira Soares, como podia eu consentir que se faltasse a tudo, só porque era a favor de meu filho? Parece-me que dorme a maior parte da gente. Ainda se o preferido fosse algum minhoto de *solar conhecido*, parente de El-Rei Ramiro, ou algum Demosthenes do Lima ou do Gerez, paciencia; nós não podemos impôr candidatos á Costa Cabral; mas substituir o homem trahido por um filho do Ministro do Reino, é grosseira popularidade essa que viria a ser vencedora.

Respondi ao Gaspar fulminando a obsequiosa traição, e até pelo telegrapho recommendei ao Conde da Ponte que lhe fizesse saber que nem V. Ex.ª nem eu o permettiamos.

Parece-me que teremos o Lopes de Mendonça. E' um tanto ousada da nossa parte; mas ambos nós tinhamos dito ao Osorio e ao Mendonça que o acceitariamos. Talvez este não desça nunca á vileza de Carlos Bento, que nem hoje me fala. As duvidas do Governador Civil, e as suas desintelligencias com o Osorio e os demais Deputados, estão aplanadas.

O Aguiar está de muito mau humor comnosco, e entendo que mais ainda comigo, por causa de um tal Jardim que eu, ha muitos tempos, diz elle e talvez seja assim, prometti propôr por Oliveira d'Azemeis. Esqueci-me de mencionar a promessa quando tratamos da distribuição dos candidatos: entrou o tal Forjaz, recommendado pelo General Ferreira, e como de similhante homem não fizeramos menção, ficou de fóra.

Disse-me Aguiar que V. Ex.ª lhe declarára que duvida nenhuma teria em propôr o seu parente por Castello Branco; mas alli já estava proposto o Celestino, e eu affirmei ao Aguiar que faria com que este ainda pela terceira vez fosse sacudido do logar de Castello Branco. Elle affirmou-me que não queria fazer mal ao Celestino, que estimava, e a favor do qual trabalharia se pudesse. Percebi que desejava ficar bem com todos, e poder dizer ao Celestino que, a seu pesar d'elle, o Governo o mudára ou deixára de fóra. Desconfiando d'este pensamento, não insisti e fallei-lhe na Terceira, o que me parece haver-lhe desagradado. Não alterei, pois, a recommendação de Castello Branco, aonde haverá difficuldades para o proprio candidato nosso, e do qual V. Ex.ª talvez estivesse esquecido quando o Aguiar lhe fallou.

Emquanto á Terceira, diga-me V. Ex.ª se lhe parece que para lá recommende o homem do Aguiar.

Pelo que respeita a Portalegre, temos muitas difficuldades em fazer vencer o D. João. Peço a V. Ex.ª o favor de dizer-me se posso annunciar ao Governador Civil o nosso consentimento em que lá (no caso de impossibilidade) elle acceite outro, com tanto que seja do Governo.

Fallei com o Bivar, fazendo-lhe ver quanto nós quereriamos que elle trabalhasse pelo Manuel Maria. Escreva V. Ex.ª ao Zezere n'esse sentido. Bivar é bom moço, e fará o que poder.

O pobre José Paulo Pereira está de fóra; nem vejo como remediar este mal. Tenho pena d'isto porque elle é excellente pessoa.

A'manhã verei o que ha de meudezas sobre as exigencias dos Governadores Civis de Traz-os-Montes e Algarve.

Tive noticia de que o Pinto de Lemos se porta bem, e dadas por um Setembrista puro. O negocio do Douro está menos mal. O povo, longe de descontentamento, mostra satisfação comnosco.

Dos Governadores Civis nada tenho que desconsole. O que me dá cuidado é a colheita; não porque ella não chegue, mas sim porque receio exportações que venham a trazer levantamento de preço aos cereaes.

Temos milho abundante nas provincias do Norte; porém, se elle saír, receio grande carestia. A isto devemos attender.

O Aires de Sá mereceu os galões do jornalismo adverso, por uma lembrança tola. Ha dois mezes que eu lembro aos nossos collegas este ponto de subsistencias, que hoje me não pertence. Quando V. Ex.ª vier, que espero seja brevemente, tratemos d'isto que é serio.

Ha mil outras cousas, meu caro Duque, de que devemos occupar-nos, e para tratar das quaes é força que estejamos todos.

V. Ex.ª não póde estar ahi com proveito seu, e de certo está com grande detrimento de nós todos. Venha, eu lh'o rogo agora devéras, que todos ganharemos com a sua vinda.

E' necessario. A R. mostra grande desejo com a sua vinda. Eu li a SS. MM. a parte da policia que remetto. Pareceu-me que temeram que eu accreditasse o conteúdo: affirmei que o não accreditava; mas *Deus super omnia*.

Deixo de mencionar, como disse, muitas cousas que nem sempre que se quer lembram, e termino pedindo a V. Ex.ª que me ponha aos pés da senhora Duqueza a quem vivo agra-

decidissimo, pela bondade com que S. Ex.ª fala e ajuiza de mim e da minha probidade e honra.

De V. Ex.ª
Sincero e Grato Am.º e Obg.º Coll.ª

R. F. Magalhães.

P. S.—A minha causa no Porto leva bons termos de vencimento; mas—*até o lavar dos cestos*, etc.

A respeito de vindima, tive espantosa diminuição no Douro.

Não tive noticias da chegada do Fontes, por não haver possibilidade de passagem dos annuncios o que muito me zanga.

XCII

20 de Setembro (tem tarja mediana).

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Meu querido Duque.

Cheguei estafado. Escrevi hoje 34 cartas. Algumas extensas. Posto que me dóe terrivelmente a cabeça, sempre conto ir ao Estoril.

Não sei se V. Ex.ª e alguns dos nossos collegas tem ido ao Paço, depois da 5.ª feira. Em todo o caso, supplico a V. Ex.ª que não deixe de ir ámanhã de manhã, na supposição de não ter ido hoje: ou por melhor dizer, ainda *no caso* de ter ido.

Perdoe me V. Ex.ª se é liberdade demasiada esta que tomo, de lembrar-lhe cousas de que, provavelmente, se não esquece: julgo-me por mim, a quem Deus deu absoluta negação para homem da Côrte

Parece-me, pelo silencio telegraphico do Porto, que os meus officios, com os do Conselho de Saude, mandados pelo vapor inglez, não foram alli recebidos, ainda que eu tinha, telegraphicamente, prevenido o Pedro para que tivesse fôra uma catraia.

Isto zanga-me; porque indica descuido no serviço. Se assim foi, o Hortega, a quem me dirigi, mandaria os taes officios que

continham, como hoje disse a V. Ex.ª, instrucções sanitarias.

Se V. Ex.ª fôr segunda feira a Cintra, deixe-me as suas ordens, e alguma noticia que tenha.

Não estou nada satisfeito com os taes progressos de saude no Porto.

Esqueci-me dizer a V. Ex.ª, que o Procurador Civil de Bragança me diz, em data de 15, que tem bem figurada a eleição, apezar de Paradinha, Sá Vargas, e *Pinto de Lemos!* Veja V. Ex.ª se pergunta ao Vinháes alguma cousa sobre isto, que é serio.

De V. Ex.ª
Am.º e Coll.ª Obg.^{mo}

R. F. Magalhães.

XCIII

13 de Novembro (tem tarja mediana).

Ill^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Meu querido Duque.

Não fui hontem ver V. Ex.ª, porque vim ás 9 horas da Secretaria; jantei mal, com dôres de cabeça, e não me atrevi a sahir de casa. Não ha más noticias do estado eleitoral. Deus queira que o fim nos seja favoravel.

Esteve na Secretaria o Aguiar que está zangado com o Conde das Antas; não porque este nos seja infiel, mas porque foi demasiadamente franco com a patulea dos Eleitores. Elle, Aguiar, estava, comtudo, mais esperançado do que nos dias anteriores, porque havia conseguido angariar alguns e convencer outros; não converter á razão, porque a essa não vão senão mui poucos; mas sim ao medo de que o que os exaltados querem, não só se não consegue, mas até os leve atrás do que estamos.

No fim de tudo, teremos de aturar aqui um par de furiosos; deixal-os.

Não sei se V. Ex.ª foi ao Paço. Se não foi, talvez seja prudente não tratar lá do objecto de Garrett: se foi, desejo saber se V. Ex.ª fallou n'elle, e como achou o terreno; porque supponho não dever arriscar a materia em pleno Conselho, o que me colloca em posição critica, e até aos meus collegas.

Tenha V. Ex.ª a bondade de dizer-me o que se passou, e a sua respeitavel opinião, e, sobretudo, se está melhor.

De V. Ex.ª
Am.º Coll.ª Obg.

R. F. Magalhães.

XCIV

(Tem tarja minima)

17, á meia noite (de novembro de 1853?)

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr.

Meu caro Duque.

Nem hoje pude dispensar um momento para abraçar a V. Ex.ª no dia dos seus annos! Tal tem sido a faina a bordo do nosso navio. Esta carta será entregue ámanhã, ja passado o dia proprio; mas V. Ex.ª sabe bem a razão da minha falta, e acceita esta expressão de affecto e verdadeira amisade que lhe consagro, e que durará emquanto eu durar.

Cheguei do Paço ás 11 horas; tomei um caldo, que me serviu de jantar, por medo de comer a taes horas.

Temos de ir hoje, digo ámanhã, ao simulacro do Beija-mão. Peço a V. Ex.ª o favor de mandar-me dizer com que uniforme devemos ir? De farda simples e calças pretas? De calças de galão e gr. cruz?

Isto desejo saber, para ir convenientemente. O Duque da Terceira parece ter dito que este acto não exigia mais do que o uniforme d'estes dois dias; mas eu duvido, porque é um beija-mão, embora de lenço preto. Não sei.

Depois d'amanhã temos o funeral, que nos consome o dia. No Domingo haverá o acompanhamento ao Infante mallogrado, ás 8 da noite. Na terça-feira, missa e exequias no Hospital de S. José; e na quarta feira, Beijamão de pezames, E' um nunca acabar; e os negocios publicos hão de padecer, de certo. Paciencia!

Ainda assim que expressão de amor e fidelidade á nossa perdida Soberana!

Creio saber os pontos em que El-Rei tocou hoje a V. Ex.ª; mas será bom fallarmos n'esses objectos, que S. M. parece

impaciente em determinar. Não é bom fazer as cousas antes de tempo; e temo que Elle precipite a decisão de negocios graves.

Como está o Conde de Tavarede?

Como estará V. Ex.ª, com tantas afflicções?

Adeus.

De V. Ex.ª
Coll.ª e Am.º Obg.º

R. F. Magalhães.

Oxalá que eu possa fallar-lhe hoje, sobre negocio grave que me respeita, e que é a descoberta de mais um tratante.

XCV

23. *(Tem tarja minima.)*

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Meu caro Duque.

Não tive noticias do Lavradio, e sei que não escreveu. Desejo saber se V. Ex.ª teve alguma cousa. O que prevejo é que, pois nos achamos em leito de rosas, o homem, para nos divertir, quererá misturar alguns espinhos para nos disciplinar, e obrigar a coçar-nos.

Se é o que eu penso, como não póde deixar de ser, vamos tratar do que se deve fazer. Para augmentar os meus prazeres, recebi hontem á noite uma carta do Conde de Sobral, muito escandalisado por lhe não fazer o seu padre, Conego, e pedindo a sua demissão.

Eu, na verdade, como disse a V. Ex.ª, tinha-lhe promettido fazel-o na primeira vacatura. Occorreu ella, e deu se o que elle soube; porque eu lhe disse que V. Ex.ª queria despachado seu sobrinho.

Mas, perguntado pelo Conde se havia deixado o despacho por fazer, eu, esquecido de que tinha assignado o Decreto, disse-lhe que me não lembrava de o haver levado á assignatura (e na verdade me não lembrava); e quando o homem soube que sim, deu-se por despresado; por desattendidos os seus serviços, e sáe com a demissão.

Sinto isto, porque tudo são desgostos e difficuldades. A

este respeito V. Ex.ª poderá dizer lhe alguma cousa; porque, na verdade, eu tinha feito a promessa ao Conde, e, até certo ponto, a falta me é imputavel, e o esquecimento pouco crivel, posto que protesto que, por me não lembrar, lhe disse que deixava o negocio por fazer. Vejo que a elevação á dignidade de Par, a considera o homem como nada; e assim são todos. Tomára eu que se acabasse este meu tormento, que me é já insuportavel.

De V. Ex.ª
Am.º e Coll.ª

R. F Magalhães.

XCVI

26. (Tem tarja minima).

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Mando a V. Ex.ª os papeis juntos para que tenha a bondade de os ver e de dizer-me o que quer que faça sobre o seu conteúdo.

O amigo Medifaco (?) fez-se brazileiro no Brazil; veiu para Portugal, n'esta qualidade, e como tal, se legitimou em 1840. Foi brazileiro até 51, apezar de empregar-se em nosso serviço. Foi despachado em 52; e, quando quiz passaporte para a Ilha, no Governo Civil lh'o não deram, porque era brazileiro, e o pedia como portuguez. Vendo isto, foi declarar na Camara Municipal que queria ser portuguez, depois de haver occultado que o não era quando sollicitou e obteve o despacho de Guarda mór em S. Miguel. O despacho, em rigor, está nullo; porque foi obtido dolosamente, como se fosse nacional o agraciado. Este, segundo o decreto de outubro de 36, deveria, logo que regressasse, fazer a declaração de que reassumia a qualidade de portuguez.

Esta circumstancia é attendivel; porque o Governo póde ser increpado de haver dado despacho a um estrangeiro quando tantos portuguezes os pedem debalde. E' verdade que elle foi fazer, á Camara, a sua declaração: mas fel-a depois que se lhe negou o passaporte, e depois de despachado.

Aqui tem V. Ex.ª como andamos vendidos, no meio d'estes homens que nos compromettem sem cerimonia alguma.

De V. Ex.ª
Coll.ª e Am.º Obg.mo

R. F. Magalhães.

P. S. — Acho este officio do Governo Civil na Repartição, quando elle foi dirigido á Fazenda.

Peço a V. Ex.ª o favor de responder-me enviando-me os papeis.

XCVII

31. (Tem tarja minima).

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Meu caro Duque

A carta de V. Ex.ª tem para mim transcendente importancia. Não é com outra que eu posso responder-lhe. Irei d'aqui a pouco falar a V. Ex.ª.

O negocio não é só commigo, é com todos os nossos collegas. Para não aventurar um juizo definitivo sobre elle, preciso discutir ou reflexionar com V. Ex.ª, serenamente e sinceramente, posto que posso dizer que eu tenho a minha tenção formada, e a minha resolução, provavelmente será conforme a ella; mas não antecipo cousa alguma.

N'estes termos, só tenho a esperança de que V. Ex.ª me creia seu verdadeiro amigo, e só movido por inspiração de affecto e interesse pela sua pessoa, muito mais do que por nenhuma outra, incluindo a minha propria.

Até logo.

De V. Ex.ª
Am.º e Coll.ª Obg.mo

R. F. Magalhães.

XCVIII

(Tem tarja minima).

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Meu caro Duque

Por minha parte não ponho objecção ao decreto; mas parece me um tanto *durete*. V. Ex.ª crê que terá cavallos de graça para o Exercito? Eu não o creio.

Não tenho objecções aos seus candidatos; o que precisamos é resolver hoje esse negocio infallivelmente, porque tenho grandes causas de desgosto por elle.

De V. Ex.ª
Am.º e Coll.ª Obg.º

R. F. Magalhães.

Oxalá que se possa acabar o negocio da França sem guerra civil.

XCIX

28 de Julho, 1854.

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr.

Meu caro Duque.

Está assignado o Decreto para o sr. Ferreira e não Teixeira.

Falei ao Jervis sobre o Major General. V. Ex.ª via bem o negocio. E' um velho honrado, mas preconceituado por alguns d'aquelles figurões que lhe metteram nos ouvidos chimeras e vaidades que não servem de nada.

O *Mindello*, entregue ao Inspector para o aceiar e preparar de modo que sáia prompto e decente, não desarma para ficar em abandono.

Os officiaes queriam estar n'elle para irem recebendo as gratificações e comedorias, o que sempre querem.

Ora seria isto motivo para pedir a demissão? E' acaso offensa pessoal, ou é desejo de melhor serviço? Que faria o navio no Tejo? Nada, senão continuar a estar enxovalhado, e a ter officiaes em conezia, que é o que elles todos tratam de arranjar. Mas creia V. Ex.ª que o .... é victima dos conselhos d'aquelles ou aquelle que quer ir substituil-o na Com-

missão. Isso sei eu. Falei ao Jervis para que não désse tal demissão ao homem; e eu estou prompto a apresentar o decreto de que V. Ex.ª fala. Diga-me V. Ex.ª se convem que elle seja despachado antes das outras pessoas que acompanhavam El-Rei, ou se será conveniente fazer taes despachos antes do regresso de S. M. o Sr. D. Pedro.

V. Ex.ª me dirá o que sobre isto lhe parecer. Pedi ao Frederico que fosse a Cintra, para informar a V. Ex.ª do que occorreu hontem, e da nossa zanga pela dissenção entre o Julio e José Estevão. Não sei se elle já partiu. Senão, irá hoje, com certeza, visto que eu não tenho podido sair d'este inferno, que o é devéras para mim, ha muito tempo,

Desejo que fallemos sobre as coisas de Hespanha, e, haja o que houver, depois d'ámanhã verei a V. Ex.ª; porque as circumstancias exigem que fallemos sobre ellas.

Adeus meu caro Duque.

De V. Ex.ª
Am.º e Coll.ª Obg.º

R. F. Magalhães.

C

Lisboa, 30 de Julho, 1854.

Ill^mo e Ex.^mo Sr.

Meu caro Duque.

De ordem de Sua Magestade tenho a honra de participar a V. Ex.ª que o mesmo Augusto Senhor Ha por bem conceder a V. Ex.ª, de juro e herdade, o titulo que V. Ex.ª possue de Duque de Saldanha, verificando-se, como V. Exª deseja, desde logo, o mesmo titulo na pessoa de seu filho, o sr. Conde de Saldanha, por occasião do casmento do mesmo Senhor.

Fica dependente de V. Ex.ª a passagem do competente Diploma, que levarei á Real assignatura logo que V. Ex.ª m'o indique.

Dou a V. Ex.ª e a Duqueza os meus parabens, mui verdadeiros.

Tenho a honra de ser

De Ex.ª
Am.º e Coll.ª Obg.º

R. Fonseca Magalhães.

CI

8 de Janeiro (de 1855?)

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr.

Meu querido Duque.

Estimo que V. Ex.^a^ achasse rasoavel o expediente quanto á Bulla. Creio que foi bem assim: ámanha trataremos d'esse ponto na nossa conferencia.

Na verdade as restricções são todas do fôro espiritual, e não sei como *póde* o poder temporal disputar ao Papa o que é da sua exclusiva jurisdicção.

Emquanto á demissão do Frederico, devo assegurar de novo a V. Ex.^a^ que, saindo elle ou qualquer dos collegas, eu não posso ficar. Sobejos motivos tenho para não perder a occasião de recolher-me, de uma vez, a casa, dizendo á politica o ultimo adeus.

Devo-lhe uma não merecida elevação na ordem politica; mas bem caro a tenho pago.

O que me tem feito estar aonde estou, é a amisade de V. Ex.^a^, a sua franqueza, e o amor que V. Ex.^a^ tem tido sempre ao nosso paiz, que o torna merecedor de leal coadjuvação; — é a bella correspondencia dos nossos collegas, e o caracter nobre e fiel de todos sem excepção.

Mas, quebrada a cadeia de que eu sou o elo mais inferior, não fico por nenhum caso.

Estou exasperado com o desafôro do Gymnasio. Escrevi ao Carlos para logo prohibir a continuação; disse-lhe que me fosse fallar, e esperei até ás 6 ½; não appareceu.

E' immenso o desafôro; porém espero pôr-lhe cobro. A ultima meia pagina da carta de V. Ex.^a^ foi escripta com demasiada confiança na minha aptidão, em quanto a leitura. Nunca me vi tão embaraçado. Espero ámanhã de V. Ex.^a^ uma lição que me ha de aproveitar.

De V. Ex.^a^
Coll.^a^ e Am.^o^ Obg.^o^

R. F. Magalhães.

CII

Em 14 de Janeiro (de 1855?)

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr.

Estive no Paço e disse a S. M. que tinha que fazer, e que, provavelmente, não iria á noite. S. M. conveio.

O Ministro Inglez é um grande estopada. Agora acabo de escrever-lhe para informal-o de que um comico, a quem os de S. Carlos devem não sei que somma, será pago; e já o tem sido de parte da divida.

Pelo que respeita aos passageiros do paquete, não sei se a demora é devida ao desmancho da machina, ou a que, por quanto o que se me pediu foi que se não demorasse o concerto, por falta de operarios, os quaes não deviam esperar que acabasse a quarentena. Mandei ao Conselho de Saude que não impedisse o prompto reparo do navio, e que, a respeito dos operarios, se fizesse como de costume; isto é, sabido e praticado sempre. Quando vae gente a bordo dos navios impedidos, essa gente fica depois em quarentena, e nada obsta á sahida do vapor reparado. Poderá acontecer que os reparos se não façam a tempo; mas que culpa temos d'isso? O Conselho não fez observações á ordem que, antes de hontem, lhe expedi. O Wanzeller e o Consul estiveram commigo na sexta feira, e ainda se não tinham dirigido ao Conselho para pedirem o que, officiosamente, o Consul me pediu a mim. Entendi que tudo estava em regra; porque nenhuma reclamação ou resistencia me chegou á noticia até agora.

Emquanto ao Frederico, disse-me o mesmo que escreveu a V. Ex.ª. e eu repeti-lhe o que sempre tenho declarado: o primeiro dos collegas que sair leva-me comsigo; e muito estimarei que essa occasião se apresente quanto antes; porque desfallecido, cansado e summamente desgostoso com as cousas que nos contrariam, suspiro pelo momento da liberdade.

A amisade de V. Ex.ª, e as obrigações que lhe devo, são os motivos da minha demora.

Vou á Secretaria, e, se V. Ex.ª por lá apparecer, fallaremos sobre o Frederico e outras cousas.

De V. Ex.ª
Coll.ª e Am.º Obg.º

R. F. Magalhães.

CIII

1.º de Abril, (de 1855?)

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Meu caro Duque,

Bem sei que não dou novidade; mas entendo dever mandar a V. Ex.ª a carta do Machado, que denota o extasi em que aquelle espirito se achava, opprimido de prazer, pela victoria que a causa da justiça e da innocencia havia alcançado, sendo elle o General da Campanha.

De V. Ex.ª
Coll.ª e Am.º Obg.^{mo}

R. F. Magalhães.

CIV

2 de Abril, (de 1855?)

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Meu caro Duque,

Hontem não fui ver a V. Ex.ª, como desejava, porque me sobreveiu de tarde uma grande dôr de cabeça, que padeci toda a noite. Constipei-me no Passeio; creio que por estar um pouco de tempo de chapeu na mão deante d'el Rei.

Estou agora melhor; mas ainda sinto dôr e não pequena.

Mando a V. Ex.ª essa carta de um jurado ao V. da Junqueira; foi parte do jury do Porto, e foi só este, porque o outro, a quem o Visconde escrevêra, não saíu sorteado.

Pelo que o homem escreve, não foi maioria, mas sim unanimidade a que houve na decisão. Comtudo, crerei que haveria um ou dois tafues que não quizeram condemnar, unanimemente, o grandissimo vilão do Torcato jumento, auctor ou principal manobrador, na campanha do rapto.

Estimarei muito que V. Ex.ª escreva duas linhas ao Junqueira, restituindo-lhe a carta. O jurado não encarece o seu serviço muito; pelo contrario, mostra que a opinião de todos os seus collegas foi a sua d'elle, o que, para mim, vale muito.

Como está V. Ex.ª? Verei se me é possivel ir hoje ver o meu nobre Presidente.

De V. Ex.ª
Coll.ª e Am.º Obg.^{mo}
R. F. Magalhães.

CV

25 de Julho, 1855.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Meu querido Duque,

Mui cordialmente abraço a V. Ex.ª, no dia 24 de Julho, tão glorioso para o Marechal Saldanha, nas debeis linhas do Porto. De certo que eu não sei de feito d'armas que possa egualar-se ao de 33, n'este dia.

Agradeço a V. Ex.ª a menção que faz dos meus 68: foi no dia de hontem que nasci, em uma quasi choupana, junto á minha aldeia.

Nem me cabe o gosto de coincidir a minha obscura apparição no mundo com o dia da sua victoria, não direi principal, mas uma das mais brilhantes da sua carreira.

Hontem passei incommodado: ainda o estou; mas não desespero de melhorar.

Não foi porque jantasse de mais; porque, estando com meus filhos na quinta, antes de ir para a mesa me senti afflicto e doente até ás 11 da noite.

Já hoje com os collegas da Fazenda vimos Rilhafolles, onde está o retrato de V. Ex.ª para recordação da sua bella obra, que não desmerece o nome de victoria. Depois passámos ao Jazigo Real de S. Vicente, que está acabado; e ainda depois á prisão do Limoeiro, que achámos em bom estado de salubridade.

Estas visitas, todas melancolicas, as fizemos sem desgosto; porque, se nos fazem ver o que é a humanidade, tambem nos mostram que nas mesmas desgraças d'ella se póde tornar sensivel o beneficio da caridade e da civilização.

Adeus.

De V. Ex.ª
Am.º e Coll.ª Obg.º

R. F. Magalhães.

P. S. —V. Ex.ª está *optimo!* E' para mim *optimo.*

CVI

Ministerio do Reino
Secretaria Geral
2.ª Repartição

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr.

Sua magestade El Rei, Regente em Nome do Rei, sendo-lhe presente que V. Ex.ª se acha de nojo por motivo do fallecimento da sua Esposa a Ex.^ma^ Sr.ª Duqueza de Saldanha, que Deus haja em gloria, manda alliviar a V. Ex.ª do referido nojo.

O que de Ordem do mesmo Augusto Senhor tenho a honra de participar a V. Ex.ª para seu conhecimento.

Deus Guarde a V. Ex.ª Paço de Cintra em 14 de Agosto de 1855.

Ill.^mo^ e Ex^mo^. Sr. Duque de Saldanha,
Presidente do Conselho de Ministros

R. F. Magalhães

CVII

Ministerio do Reino
Secretaria Geral
2.ª Repartição
N.º 117. L.º 14.º

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr.

Devendo celebrar-se, no dia 22 do corrente mez, a Festividade do Corpo de Deus, sahindo a Procissão da Santa Sé Patriarchal, pelas quatro horas e meia da tarde, Manda Sua Magestade El-Rei remetter a V. Ex.ª a portaria inclusa, para ser enviada ao Porteiro da Camara de Cavallo de Numero que V. Ex.ª nomear para distribuir durante a Procissão as ordens do estylo.

Deus Guarde a V. Ex.ª Paço das Necessidades em 13 de Maio de 1856.

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. Duque Mordomo-Mór.

R. F. Magalhães.

CVIII

Lisboa, 23 de Maio, de 1856.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Confidencial

Meu querido Marechal,

Em officio confidencial de 28 de Abril ultimo que enviei directamente ás mãos de V. Ex.^{a} lhe pedia eu que se dignasse de adoptar as providencias que melhor lhe parecessem para mandar sahir d'Aveiro, sob qualquer pretexto, ainda mesmo em Commissão, o Capitão Ignacio Ferreira Pinto, que ainda alli se conserva, e é um agente de Lopes Branco, que, nos logares mais publicos, vocifera indignidades contra o Governo em geral e, em especial, contra V. Ex.^{a} e contra mim. Este homem, que se mette nas atribuições das Auctoridades, que procura estorvar a sua acção e traz tudo inquieto, é além d'isto, um jogador perigoso, e muitos chefes de familia se queixam d'elle ter arrastado seus filhos para este funesto vicio.

Veja pois, meu caro Marechal, se faz sahir d'alli aquelle energumeno.

Sou com a mais elevada consideração

De V. Ex.^{a}
Am.^{o} e Coll.^{a} Obg.^{mo}

R. F. Magalhães.

Nota—Apenas o fecho da carta e a assignatura são da lettra de R. F. Magalhães

---

CIX

Em 15 de fevereiro (?)

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Meu caro Duque.

Fazia eu tenção de ir hoje, com os collegas, ver V. Ex.^{a}; mas saimos tarde do Paço e eu, desde hontem, estou muito aborrecido com a votação de uma emenda do Nogueira Soares na Lei do Recrutamento, que me fere sensivelmente.

V. Ex.ª lá terá sabido do caso, e avaliará quanto deve elle ter-me affligido, vindo o procedimento de homem da Maioria, a quem sempre dei testemunhos de consideração e amisade. E' negocio que, em regra ordinaria, me deve fazer sair da Administração. E foi na minha ausencia que se votou, depois de haver sido por mim declarado que o Governo não podia acceitar a emenda, que pedia ao *meu illustre amigo* se servisse de retirar.

Valha-me Deus, que tanto tratei de mim! Basta: ámanhã consultarei alguns amigos, e veremos o que é decente fazer.

Emquanto ao ponto principal, que é a carta de V. Ex.ª, dizia eu que ámanhã fallariamos a V. Ex.ª; e é certo que eu devo encarregar-me da resposta que, na ausencia do Presidente do Conselho, me pertence dar; e estimo que assim seja.

Veremos como vem formulada quando a apresentar, a interpellação com que nos ameaçam. A carta de V. Ex.ª, official, está bem; mas eu devo ter a tal Independencia Belga, e ver a carta de V. Ex.ª em francez; porque só assim poderemos ser restrictos emquanto ao sentido. Farei, como devo, as minhas diligencias para apresentar o pensamento de V. Ex.ª e, sáia o que sair. Do que se lê na carta de V. Ex.ª, não ha motivo de tanta sensibilidade como a que apresenta o sr. Conde.

Como digo, ámanhã nos veremos: tenho, tambem, de responder ao mesmo sr. Conde sobre o theatro do Rocio, e seus regulamentos, que S. Ex.ª acha pessimos, comparados com os seus d'elle. Verei se o Sebastião me acode; mas elle está com sarampo, o que é para mim tão mau como para elle.

Não vou ao Theatro Francez, porque o tempo está pessimo; e se eu pudesse aconselhar a V. Ex.ª dir-lhe-hia que jogasse antes ás damas com o sr. Prior; * e ouvisse alguma composição da Condessinha no piano a intervallos.

Que pavoroso inverno! e o collega Fontes quer, debaixo d'elle, ir a Coimbra.

Adeus meu caro duque.

Sou de V. Ex.ª
Am.º Obg.º e Coll.ª

R. F. Magalhães.

---

* *Nota*: — O Padre Tavares, então prior em Cintra e depois da egreja de Santa Izabel, de Lisboa.

CX

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

11 (?)

Ha duas horas, digo ha tres, estive em casa do Collega da Marinha aonde se acha tambem o sr. Rebello.

Muito tinhamos que fallar, e sobre objectos importantes; creio que V. Ex.^{a} se esqueceu.

Hoje adverti o Fonseca Telles da falta dos avisos para o Conselho d'Estado de ámanhã. Chegaram agora esses avisos feitos; mas é indecente expedir ao Patriarcha e aos demais, officios, á noite, para ámanhã ás 11 horas.

Parece-me e ao sr. Fontes, que devemos alterar a data de 12 para 13, e enviar os officios hoje, para depois d'ámanhã.

Mas, para que isto assim seja, é necessario que V. Ex.^{a} approve e o annuncie a S Magestade.

Quer V. Ex.^{a} ter a bondade de me fazer saber a sua decisão?

Pelo que respeita ao objecto da conferencia, muito sinto que não tivessemos fallado.

De V. Ex.^{a}
Am.^{o} e Coll.^{a} Obg.^{o}

R. F. Magalhães.

CXI

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

14 (?)

Vejo os officios do Bello, e coincidem ambos no mesmo espirito com o que hoje recebi do Conselheiro de Districto, que ficou servindo de Governador Civil, na ausencia do Vaz.

Em tudo, tudo, vejo o espirito de partido muito pronunciado. Veremos o que dizem Mesquita e o d Evora; mas, emquanto a mim, reputo indispensavel o desarmamento do Batalhão do Mariano, que é a alma de toda estas desordens.

Alli ha o partido do Galamba e do Batalhão; estes estão ás mãos

O Bello é pouco sincero quando se dá por surprehendido

pelo motim do dia 7 e pelo do dia 11. Não lhe sabe a origem, e nem suspeita o instigador ou instigadores. Veremos. Oxalá que o Governador d'Evora se não incline excessivamente á parte opposta ao tal Conselheiro de Districto e ao Bello.

Ha, em tudo isto, de verdade, que este Bello não deu, rapidamente, as providencias que lhe foram pedidas, e que o pobre Vaz tem pouco geito para viver com aquelles selvagens.

Devolvo a V. Ex.ª os officios, e espero que havemos de restituir a ordem ao districto de V. Ex.ª

Coll.ª e Am.º Obg.º

R. Fonseca Magalhães.

CXII

Ill.mo e Ex.mo Sr.

13 (?)

E' cousa difficil ir aos Senadores e á Fazenda; mas V. Ex.ª pode ter a bondade de ir, porque nada ha que alterar no que assentámos, e, feito assim o negocio da entrega ao Lord Howard por V. Ex.ª, officialmente, mandámos dizer isto ao Moncorvo, e V. Ex.ª escreve ao Lord Palmerston.

O Official Maior dos Estrangeiros irá á Fazenda; e V. Ex.ª me fará o obsequio de dizer-lhe o que elle tem que escrever, para eu assignar, isto é, ao Moncorvo. V. Ex.ª, depois da entrega, escreve para a Repartição, e combinemos no officio que eu devo dirigir a V. Ex.ª Em todo o caso, cumpre fazer hoje a cousa, para V. Ex.ª cumprir a sua palavra, e o Governo mostrar que não tinha nem tem mão (?). Se, não obstante a necessidade que tenho de estar no Senado, V. Ex.ª julgar que sou preciso na Fazenda irei.

De V. Ex.ª
Am.º Att.º Ven.or e Cr.º

R. Fonseca Magalhães.

CXIII

Ill.^mo e Ex.^mo Sr.

27 (?)

Meu querido Duque.

Restituo a V. Ex.ª a carta do sr. Blanc. Sobre o negocio da eleição de Lisboa, ainda nada me foi dito, além do que ha muito havia sido concordado com os nossos amigos quanto ao sr. Frederico Pereira. Ignoro por qual dos circulos ha tenção de o propôr, ainda que me parece haver-se acordado em que seja pelo 27.

Duvido muito que os nossos amigos acceitem, como candidato, o sr. Blanco, não obstante ser bem avaliado o seu merecimento; porque tem todos contraído deveres com homens que apoiavam as nossas doutrinas politicas e economicas. Quando eu me mostro tão distante do conhecimento das intenções dos cavalheiros que compõem o Centro Eleitoral da *Regeneração*, não creia V. Ex.ª que lhe falte á mais rigorosa verdade; e V. Ex.ª me acreditará, desde que tenha a informação que lhe dou, de que eu não pertenço á Commissão encarregada de tratar d'esse negocio.

Não me nego, comtudo, a procurar informar-me d'elle; e, no caso de não haver já algum compromettimento, farei menção do sr. Blanc, como de pessoa que V. Ex.ª deseja ver contemplada.

Adeus.

De V. Ex.ª
Am.º Obg.^mo e Collega

R. F. Magalhães.

CXIV

Ill.^mo e Ex.^mo Sr.

29 (?)

Meu querido Duque

Bem haja o Doutor. Agouro muito felizmente da receita do banho, e da partida matutina. Vou ao Paço; darei parte a SS. MM. Sei que teem cuidado amigavel por V. Ex.ª, e eu o tenho muito e muito verdadeiro, porque folga o meu coração

de amar a V. Ex.ª Adeus. Mande-me como lá se acha: eu e os collegas nos interessamos, verdadeiramente, na sua saude que é cara a todos que amam a nossa terra.

Estive çom o B. da Vargem. Está-se assignando a representação das Juntas a pedir as inscripções.

O Banco, digo, a Junta só, perguntou de que semestre pagaria o dividendo; mas sem tenção de passar inscripções. Ella quer paz com o Governo, mas L. J. Ribeiro lá tem o desejito de fazer caramunha, se lhe fôr possivel. Adeus, repito.

Adeus muito saudoso

De V. Ex.ª
Coll.ª e verdadeiro am.º

R. F. Magalhães.

CXV

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr.

22.

Meu caro Duque.

Abri a carta que V. Ex.ª para mim sobrescriptou ou mandou sobrescriptar. Vi que era dirigida ao sr. Fontes; nem podia sel-o a outrem, e logo lh'a dirigi, d'aqui mesmo do Paço, aonde o amigo Larcher me pediu que o apresentasse.

Deploro extremamente a falta que padecem as divisões militares que V. Ex.ª menciona; mas espero que o nosso bom collega o remedeie.

De V. Ex.ª
Am.º e Coll.ª Obr.º

R. F. Magalhães

CXVI

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr.

27 (?)

Meu caro Duque,

Desejo que falasse com o collega da Marinha em quanto á saída do amigo Pinheiro, que não convenho que saia no dia 1.º

Não tratamos ainda da nossa lista de Pares e, por isso, não me preparei para assignatura Real.

Sería bom que ámanhã nos preparassemos para a tal lista, e que só 2.ª feira fossemos á carga. Se a V. Ex.ª parecer bem isto, peço-lhe que me avise.

De V. Ex.ª
Am.º e Collega

R. F. Magalhães

CXVII

12 (?)

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Meu caro Duque.

Remetto a V. Ex. a carta junta. Vejo que o C. de L. deu passaporte ao C. de Th., porque não recebeu aviso contrario, nem tinha tempo de o receber. Sobre este ponto parece-me que devemos falar, e tambem a SS. MM.

Depois do attentado de Hespanha, não sei se a questão póde considerar-se a mesma.

De V. Ex.ª
Coll.ª e Am.º Obg.º

R. F. Magalhães

Tambem hoje devemos falar sobre o Douro... do anno.

CXVIII

(Sem data alguma. — Deve ser entre 7 de julho de 1851 e maio de 1852, quando o Conde das Antas falleceu.)

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Meu caro Duque.

Hontem á noite não pude fallar no negocio do pobre C. das Antas, porque não estive só com SS. MM. Ali esteve o Duque da Terceira, Thomaz de Mello, etc.

A. R. perguntou-me por V. Ex.ª Eu disse-lhe que alli o esperava, mas que achára a V. Ex.ª adoentado. Perguntou-me de que? Respondi-lhe que me pareceu falto de respiração. Isto i respondido de proposito; como quem dizia que tinha em fo

si alguma cousa que occultava. Se n'isso lhe tocarem, terá V. Ex.ª bom fundamento de explicar-se.

Peço-lhe que não fique sem observação o que lhe disse a R. sobre a violencia da R. Victoria, *que soffra; porque outras soffrem Ministros contra vontade.* Eu chego a desesperar, ao vêr os sacrificios que fazemos, e que eu faço mais do que nenhum, porque sou de todos o mais cançado e incapaz, — e a paga que d'elles recebemos!! Tomára que Deus me livrasse do tormento em que vivo.

Peço mais a V. Ex.ª que observe bem as phisionomias; porque ha um certo sacudimento de modos, e uma tal soltura de lingua, ha tempos a esta parte, que disfarçam pouco alguma má vontade que, se sempre existiu, ao menos existiu menos descoberta.

De tudo isto não se segue que seja verdade o negocio do Dias d'Oliveira; porém, cautella! E' possivel que elle mesmo tenha basofiado da admissão graciosa que recebe, e dizer de mais para ser crido. Mas de tudo isto seria bom, por ora, não instruir os novos collegas. V. Ex.ª, comtudo, fará o que lhe parecer.

De V. Ex.ª
Am.º e Coll.ª Obg.º

R. F. Magalhães

O que digo a V. Ex.ª é só relativo á R., que em el-R. não tenho achado a minima differença.

CXIX

Ill.mo e Ex.mo Sr.

20, ás 6 horas (?)

Estou ainda com alguma inquietação sobre a saude de V. Ex.ª Para me tranquillisar basta que um creado de V. Ex.ª diga ao portador que V. Ex.ª se acha melhor. E' escusado offerecer a minha sincera boa vontade, que é em tudo obediente aos seus preceitos.

De V. Ex.ª
Am.º e Coll.ª Obg.º

R. F. Magalhães

CXX

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Em 20 de outubro (de 1853?)

Meu querido Duque.

Recebi hoje a carta de V. Ex.ª pelo Visconde da Luz. O objecto d'ella é de summa gravidade. Amanhã nos reuniremos, os collegas, para tratar do assumpto, a que El-Rei não pode ser estranho. Da minha parte não estou prevenido a favor da proposta de V. Ex.ª; porque o *trio velho*, sem o Marechal Saldanha, não pode existir. Mas trataremos de dar remedio aos inconvenientes que appareçam, de forma que não façamos a quebra que não podia deixar de haver, seguindo se o plano do Presidente do Conselho. Mas isto nada é resolução dos collegas; é a expressão pura dos meus sentimentos, que são sempre os mesmos para com V. Ex.ª, a quem amo sobre todas as cousas de Ceo abaixo, não sei se incluindo mesmo filhos e netos.

Deixe-me só rectificar uma expressão sua — *descredito de repartição* — se houvesse uma repartição desacreditada, sendo V. Ex.ª o seu chefe, e sendo esta a Repartição da Guerra, haveria alguem habil para acredital-a? Ha cousas que poderiam ir melhor, se V. Ex.ª tivesse tido saude. Resta, em tudo, ver se a essa saída compensará o mal que ha, emendando-o, ou se ella trazia, sobre esse que existe, mil outros irremediaveis.

Mas isto não é senão sentimento meu; ainda não conferimos; e eu mesmo ainda não meditei no negocio, que só pode ser resolvido na presença de V. Ex.ª, indispensavel ainda que nós fossemos fallar a V. Ex.ª, á Grecia ou á Palestina.

Serei sobre isto mais explicito quando nos reunirmos, que espero seja amanhã, pois que hoje ha cousas que não posso deixar de fazer.

Mando a V. Ex.ª essa carta de José Lourenço, que é sempre o homem leal por excellencia, e seu adorador. Hoje remetto ao mesmo os papeis que me entregou o Frederico, e os numeros dos jornaes que devem ser accusados.

Eu fallei lhe no Brito, ao menos para o neutralizar. Espero que tenhamos bom resultado; e V. Ex.ª ainda ha de estimar haverem-lhe dado os nossos inimigos mais uma occasião de mostrar quem V. Ex.ª é, e elles são.

O que me afflige é o estado da sua ferida. Venha V. Ex.ª para Lisboa, e decidamos, em fim, que partido convem tomar.

Mandemos vir esse homem de França, ou tome-se uma resolução; porque vou perdendo de todo a paciencia, de cada vez mais desconfiado do acerto da cura. Isto peço-lhe que fique só para V. Ex.ª

Adeus meu caro Marechal. Chegaram seus bons filhos e neto?

De V. Ex.ª
Am.º do coração

Rodrigo.

CXXI

(Sem data alguma)

Ill.^mo e Ex.^mo Sr.

Meu caro Duque.

Não era nada. Ditosos olhos! Ha um seculo que o não vejo. Que vae de novo? Como estão os deputados? Vamos cá para dentro. Pelo caminho fallei no rapto das raparigas — objecto da conversação que tive com El Rei no seu quarto. Fallamos quasi nada de Hespanha, e duas cousas da procissão de Corpus Christi. Elle inclinado a que ella fosse de tarde; e a R. a que fosse de manhã; e disse-lhes adeus. O chamamento pois não tinha outro objecto além de saber o que havia de novo.

Agora são 3 horas: temos de ir ao Drumond. Devo escrever para Beja e para Vizeu, com especialidade sobre o tal rapto. N'este caso, a não ser necessario, não irei ás Côrtes, e vou á Secretaria para poder ainda fazer o que digo, e não faltar ao convite, que é cousa importante. Mas se fôr indispensavel a minha presença, irei promptamente.

De V. Ex.ª
Am.º e Coll.ª Obg.º

R. F. Magalhães.

CXXII

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

14 (?)

Meu caro Duque.

Estou ancioso por saber o que V. Ex.ª passou com El-Rei. Nunca tive nada mais afflictivo do que a miseria da publicação d'aquelles negregados papeis, que V. Ex.ª sabe como se fez por tolice grande de quem não reflectiu na inconveniencia. Mas, emfim, a *culpa foi minha*. A falta dos outros foi não advertirem na minha, e não me fazerem observações que eu sempre recommendo que se façam.

Já agora para este caso não ha remedio. Diga-me V. Ex.ª como está este deploravel negocio.

De V. Ex.ª
Fiel Am.º e Coll.ª

Rodrigo.

CXXIII

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

11 de abril, (?)

Os tolos dos Inglezes viram, na maneira porque o Governo se houve na crise ministerial passada, um penhor de estabilidade e ordem. D'este modo, no dia 5 do corrente, ao saber-se em Londres que o Ministerio Portuguez não saía dos negocios, estavam os fundos a 36, e no dia 7 subiram a 37 e a 37 e meio.

Já me vae parecendo que valemos mais alguma cousa do que os nossos patuscos, que a si proprios se denominam Progressistas.

Como chegou V. Ex.ª?

Vou escrever duas rabiscas para a *Reforma*, que está mui chocha.

De V. Ex.ª
Am.º e Coll.ª

R. F. Magalhães.

CXXIV

Ill.^mo e Ex.^mo Sr.

Lisboa, 26 de Abril (?)

Meu caro Duque,

Tenho a sua estimadissima de 24, com os exemplares do jornal. Se eu estivesse muito disposto para a melancholia, a simples leitura da relação da entrada em Coimbra me faria alegrar; mas eu não estava, graças a Deus, e a mim mesmo; porque no meio das minhas zangas pelas injustiças dos homens, tenho recursos bastantes para considerar que basta não merecer essas injustiças—que a consciencia de não haver faltado nunca aos deveres de homem, me influem espiritos e altivezas, que desesperam os meus detractores. Sei, além d'isto, que V. Ex.ª me conhece—e basta.

Sim, senhor: Deus livre a R. de cair nas mãos dos exaltados; mas não se chamam assim os partidos: todos se dão por modelos de moderação e justiça: até o Passos, até o Leonel e talvez o Holtreman.

V. Ex.ª sabe o que todos querem de mim: amar-me hiam seu instrumento, não o posso ser de nenhuns; *inde iræ*. O Rebello acha-me frouxo, dormilão, descuidado, porque não excluo; porque tem visto Progressistas em alguns funccionarios nomeados ultimamente; e o *Patriota* chama me Cabral, porque não dou exclusivamente todos os logares publicos á sua gente, e não demitto todos aquelles que reputa seus adversarios.

Uns tratam os seus inimigos de Cabralistas, outros os seus de Setembristas: o Governo não póde ser echo de nenhuma d'estas vozes; porque sería echo da mentira. Ahi está tudo.

Pelo que respeita ao Rebellinho, não o reputo Cabralista; e presumo que não quer d'essa gente; mas ainda está em maior distancia dos montanheses. E' verdade que me não tem tratado carinhosamente; porém, que differença entre elle e o Leonel? Este barbaro que me chama *Costa Cabral*, que faz derramar por entre os seus, e pelos seus, que eu tenho feito pactos com o conde de Thomar, sabe, decerto, que é falso o que affirma e faz espalhar! O Camara, que vae alli receber inspirações, escreve as sandices que se vêem em suas papeletas, presumindo que o Conde de Sobral não desestimará de que o meu nome seja assim ennegrecido pelo seu *Vidocq*. Ja disse a V. Ex.ª que hontem o forcei a que ordenasse ao seu agente a ir buscar a raiz da arvore, e a apresentar-lhe d'onde sahem esses boatos que elle se compraz em repetir.

Isso não me dá cuidado; nunca me causou essa calumnia a menor inquietação de espirito, senão porque vejo a Auctoridade contentar-se com a leitura de umas poucas de infamias, muito insensatas, as quaes serão repetidas pelo Secretario, que é animal insupportavel.

Não tenho por cousa muito amavel a dissolução da Camara; faço votos para que se não dé o caso; mas não é porque receie, em outra eleição, o predominio Cabral, nem mais exaltação da parte contraria do que houve na ultima. Os eleitos que agora sairam são, na maxima parte, se não todos, homens moderados—governamentaes,—não excessivos em liberalismo, não tem a menor suspeita de Cabralistas. Pois, senhor, não ha, entre nós, muito d'essa gente, que deteste aquelle homem e os abusos por elle commettidos, mas que, tão pouco, approva a politica dissolvente e tumultuosa dos Progessistas exaltados? E' impossivel que não haja—sabemos que ha—e se não triumpha é porque nem ha quem se empenhe no triumpho, nem quem cerre os ouvidos á impostura e á trapaça d'uns e outros agiotas eleitoraes. Ha de chegar tempo em que só se conseguirá fazer a escolha de gente moderada, liberal, que prescinda de homens, menos de um, e que quer ver o termo das nossas dissensões politicas.

Bem; emquanto ao perdão de acto aos estudantes de Coimbra. Estimo que S. M. queira dar essa prova de carinho á rapaziada.

Em quanto a alteração do itinerario, tambem a approvo; e lembro que, ainda apezar de algum custo, se deve tomar uma direcção diversa da que tiveram; scenas como as de Coimbra não se repetem. Parece-me politico seguir o caminho do Porto a Ovar e Aveiro, na volta, e d'alli á Figueira, cujas povoações, isto é, as do caminho d'aquella cidade a esta villa, chegarão para passar mal uma noite. Estimo muito que assim se faça.

Desejo saber se SS. MM., na volta, querem vir á Sé, dar graças, se ficam em Mafra, ou vem d'alli aqui, preparados para essa festa de dar graças? Os Camaristas desejam uma festa, tambem, mas estão descorçoados, porque aqui não pode haver tanto estrepito, e elles não tem dinheiro.

Adeus, meu caro Duque. Hoje ainda lhe escreverei, provavelmente. Saudades de todos os collegas. Elles e eu beijamos as Reaes Mãos.

De V. Ex.ª
Am.º e Coll.ª Obg.º

R. F. Magalhães

CXXV

Ill.^mo e Ex.^mo Sr.

25 (?)

Meu caro Duque

Venha quanto antes para o Conselho, se quer propôr a tal amnistia.

De V. Ex.ª
Am.º e Coll.ª

R. F. Magalhães.

CXXVI

Ill.^mo e Ex.^mo Sr.

1 de junho (?)

Meu querido Duque

Agradeço a V Ex.ª a promptidão da sua vinda. Amanhã, ao meio dia, estarei com V. Ex.ª e o amigo Fontes, a quem já avisei. Escreverei tambem ao Jervis, e fallaremos sobre os negocios eleitoraes; porque os nossos amigos o desejam e eu não consinto que um só passo demos sem V. Ex.ª por nosso Chefe, como sempre foi e será.

De V. Ex.ª
Coll.ª e Am.º Obg.º

R. F. Magalhães

CXXVII

29 (?)

Meu caro Duque

Peço a V. Ex.ª que veja se levou um papel, pelo formato d'este, em que eu escrevi uns apontamentos quando fallava o Thomar.

Não o acho, por mais que me mate, e não me é possivel fazer nada sem aquelles rabiscos; porque, confiando-os ao papel, deixei vasia a memoria. Estou com isto muito zangado.

De V. Ex.ª
Coll.ª e Am.º Ded.º

R. F. Magalhães

CXXVIII

(Não tem data nem assignatura, mas é da lettra de R. F. Magalhães)

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Entre o possivel e o bom abstracto, ha distancias, ás vezes, infinitas. O possivel, ninguem melhor o conhece do que aquelle que vive na pratica dos negocios.

As commissões não podem ter logar:

1.° — Porque o que se quer — o que esses senhores querem — a paz da Egreja e dos fieis, começa a obter-se sem esses apparatos, que, se agradariam a uns, seriam decerto desagradaveis a muitos outros. O caminho está aberto pelo Governo; a pedra da base das negociações com Roma está lançada, e essas negociações a caminho. Recomeçar, quando vamos bem, é não querer acabar.

2.° — As negociações com Roma, nunca o que lá está as abrirá sem impulso de outra mão; e esse está dado.

A expressão que se pede seja obliterada, o será. Nem o que já anda escripto demonstra outra intenção: bem se vê que se caminha á rehabilitação de todos, não de salto, mas progressivamente, e breve será completa.

A missão dos Prégadores apostolicos-politicos, é recurso obsoleto; e tem de mal ser imitação da pratica de D. Miguel, por meio de Jesuitas e outros.

Já se tem convidado todos os nobres que quizeram ir ao Paço; convidar os que não querem é indecente. Se se pretende acatar a R. não se queira vel-a reduzida á classe de supplicante.

Muitas provas está ella dando de que deseja o termo da exclusão. Quem deve pedir?

Bem está emquanto ao C. das Antas.

O sr. S. Luiz não quer ir para a Universidade: dar-lhe poderes de reformador seria commetter excesso. Se se diz que se guarde a Constituição, como se pretende que o Governo a viole?

A commissão ao Lacerda é outro excesso: que quer dizer auctoridade de mudar funccionarios?

A guerra do Algarve deve acabar com uma amnistia, enviando ali um homem qualificado da provincia, e n'elle querido, que inspire confiança ao povo: d'isso se trata.

E' preciso descriminar entre habitantes desgraçados, e bandoleiros foragidos; os segundos são peste.

As pessoas para as administrações são objecto serio: uma ou outra successivamente pode ter logar; mas é preciso não impôr condições mysteriosas; porque, n'este caso, de modo algum se deve faltar á franqueza. — Quaes pessoas?

Está approvado o plano do Martens. Como condições, não são admissiveis, nem adiantamento de Côrtes, nem dissolução d'ellas ou das Camaras.

A duodecima condição é uma proposta de capitulação inadmissivel.

O que pertence aos abusos da imprensa, e outras publicações, devem ser corrigidos opportunamente.

Pelo que se vê, pretende-se passar a administração, em todos os seus ramos, para certas mãos; e isso é absurdo.

O nosso principio é o de Liberdade, justa e bem regrada: garantias a todos os Portuguezes, respeito á R. e ás Leis feitas pelas Côrtes. Todos os meios de conciliação e de união são acceitaveis: preferencias e victorias de uns contra os outros, não.

A maior parte, se não todos os que se reputavam perseguidos, e que de facto o não são, parecem sonhar n'outro hemispherio. Quem os persegue, quem lhes nega egualdade de direitos politicos? Se elles fogem, se clamam que os querem assassinar, que culpa tem d'isso aquelles mesmos que lhes abrem os braços para os receber? O que se lhes nega é a entrada da casa para serem exclusivos senhores d'ella.

Estas linhas as encarrego ao Ex.mo Marquez de Saldanha para as fazer ver, e não para as dar da sua mão para fóra. Quem disfarça a letra, e occulta, obstinadamente, o nome, não tem direito a menos reserva.

CXXIX

Ill.mo e Ex.mo Sr.

20, (?)

Obedecerei a V. Ex.a, e apontarei o que me parece que deverá ser dito por V. Ex.a áquelles senhores.

Esta convocação era inevitavel; porque, aliás, iriam cada homem fazer um grupo, e depois unir-se com os grupos Passos e Pinto Bastos, d'onde não poderemos tirar muitos; porém a

cousa, por zangadora que seja, não nos deve levar a explicações comprometedoras. Talvez lá se diga que a reforma deve ficar para o fim; o que, de nenhum modo, se pode admittir. Pode ser que se prometta apoio ao Ministerio, salvo a mim. Veja V. Ex.ª até que ponto devemos resistir a isto, uma vez que não seja pedido com ameaças, etc.

Até logo.

De V. Ex.ª
Am.º e Coll.ª

R. F. Magalhães.

CXXX

Ministerio dos Negocios Estrangeiros.

Manda Sua Magestade a Rainha, pela Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros, remetter ao Conde de Almoster, para seu conhecimento e satisfação, a copia inclusa, assignada pelo Conselheiro Official Maior da mesma Secretaria de Estado, do Decreto com data de 26 de Janeiro ultimo, pelo qual a mesma Augusta Senhora Houve por bem promovel-o a Primeiro Addido á Sua Missão Extraordinaria em Madrid, sem prejuizo da antiguidade dos que a tiverem maior.

Palacio das Necessidades em 6 de Fevereiro de 1841.

Rodrigo da Fonseca Magalhães.

CXXXI

Ministerio do Reino
Secretaria Geral
2.ª Repartição
N.º 520. Livro 9.º

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Sua Magestade A Rainha Tem resolvido Assistir no Throno á Funcção da Ordem de Nossa Senhora da Conceição, que ha de celebrar-se, na Santa Sé Patriarchal, no dia 8 de Dezembro corrente, pelas 11 horas da manhã; e Determina que V. Ex.ª faça avisar os Moços e Musicos da Real Camara para alli se acharem á hora marcada, designando V. Ex.ª um dos dignos Moços da Camara para acompanhar o Esmoler

Mór no acto da offerta, e dando todas as mais providencias que forem do costume e da competencia da Mordomia Mór, por occasião d'esta solemnidade.

Deus Guarde a V. Ex.ª Paço das Necessidades em 1 de Dezembro de 1851.

Ill.mo Ex.mo Sr. Duque Mordomo Mór.

R. Fonseca Magalhães.

CXXXII

N.º 1

Accuso a recepção do officio que V. Ex.ª me dirigiu com o numero 1, e muito estimo que V. Ex.ª chegasse, felizmente, a essa Côrte, e fizesse desvanecer, como era de esperar, a má impressão que, insidiosamente, se procurou ahi causar a respeito do objecto da sua missão.

Vejo o que a V. Ex.ª observára o sr. Ferrer sobre o negocio da livre navegação do Douro; e a este respeito cumpre-me ponderar, que nenhuma justa queixa póde o Governo Hespanhol formar da demora que tem havido em ultimar o dito negocio, aliás summamente melindroso e delicado, em consequencia da opposição que até agora havia encontrado na Imprensa Periodica, e mesmo nas Camaras; e que o Governo sómente apresentou e fez progredir na sua discussão quando julgou a opinião seguramente esclarecida. O resultado mais importante, e que podia, por certo, ser o mais difficil de conseguir, já se obteve, qual era o de julgar valida a ratificação da Convenção de 31 de Agosto de 1835. Vencido este essencialissimo ponto, mais facil será conseguir, posto que com alguma demora, a approvação do respectivo Regulamento, no que o Governo tem trabalhado com o mesmo empenho com que diligenciou que se reconhecesse a legalidade da ratificação da citada Convenção; e as difficuldades que n'isso tive a superar são bem constantes, mesmo dos extractos da discussão da Camara dos Deputados que tem vindo no *Diario do Governo*.

A internação do Major Cabral e de todos os revoltosos refugiados em Hespanha, é um dos objectos que V. Ex.ª deve ter sempre muito em vista pela diligencia que elles estão fazendo, nas terras da fronteira, para perturbar a tranquilidade

das Provincias limitrophes d'este Reino, excitando o animo dos descontentes á desordem, e offerecendo-lhes apoio e acolhimento em Hespanha, em proclamações que, das ditas terras, têem mandado espalhar em Portugal, e em editaes ou avisos que têem ousado affixar n'este Reino.

O Governo de S. M. leu, com prazer, o que V. Ex.ª refere ácerca da vinda do sr. Aguilar, de quem tem as melhores informações, devendo eu accrescentar que será até conveniente que V. Ex.ª, se achar para isso occasião, influa para que ella se verifique quanto antes.

Espero que V. Ex.ª já tenha feito entrega da sua Credencial a esse Governo, e que aproveitará, sempre que a julgue necessaria, a cooperação offerecida por Mr. Aston.

Suas Magestades e Altezas acham-se, felizmente, gozando da melhor saúde.

Deus Guarde a V. Ex.ª—Palacio das Necessidades em 18 de Novembro de 1840.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Marquez de Saldanha.

Rodrigo da Fonseca Magalhães.

(Respondido em 24 de Novembro com o officio n.º 5).

MISSÃO DE MADRID

OFFICIOS CONFIDENCIAES

ENVIADOS DE MADRID

PELO

MARQUEZ DE SALDANHA

AO

MINISTRO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS

EM LISBOA

N.º 1. — *Confidencial.*

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Na sexta feira, 20, tinha visto, pelo *Diario do Governo*, a terminação, na Camara dos Deputados, da questão prévia apresentada pelo Deputado Campos, e no sabbado fui ver o sr. Ferrer, esperando que o acharia satisfeito por aquelle resultado; e exigir a internação dos revoltosos que se acham nas fronteiras. Não posso sufficientemente descrever a V. Ex.ª a agitação em que achei aquelle Ministro, que, logo depois dos primeiros cumprimentos, me disse: «Meu amigo! Não póde V. «fazer ideia da consternação em que estamos desde que hon«tem á noite recebemos os Diarios, de Lisboa.»

Mostrei-lhe a minha admiração; porque, tendo-os lido, tinha achado motivos para o contrario.

«Pois que», me replicou, «V. não viu que oGoverno per«mittiu se pozesse em duvida se o Tratado da livre navegação «do Douro era valido? Quaes seriam as consequencias se essa «Camara de Deputados tivesse decidido que o não era? O «dever dos Ministros era protestar immediatamente contra «tal procedimento, e não fazendo assim, provaram ao mundo «inteiro o nenhum caso que fazem de nós! Cinco annos de «paciencia, nos quaes temos dado as mais evidentes provas, «não só de moderação, mas de abnegação dos nossos interes«ses para conservar amisade com os nossos visinhos, pois «que consentimos em alterar um artigo que torna nulla a ex«portação de nossos vinhos e a introducção de generos ex«trangeiros, são mais que sufficientes para fazer ver á Europa «a necessidade em que estamos de usar de outros meios. A «Regencia, hontem mesmo, tomou a sua deliberação, e hon«tem á noite escrevemos ao Encarregado de Negocios em «Lisboa».

Principiei por pedir-lhe me dissesse qual era a sua opinião a respeito da força do seu proprio Governo. Respondeu-me que julgava nunca tinha havido em Hespanha um tão forte como era, n'este momento, o actual. Continuei que tal era a minha persuasão, por isso que o Presidente era o chefe da

força armada, e o Vice-presidente (elle Ferrer) era o chefe do povo; e perguntei-lhe se, não obstante a convicção da immensa força moral e physica de que dispunham, não tinha havido já mais de uma occasião em que a Regencia, por contemplação com a opinião publica, tinha deixado de obrar como faria se não tivesse aquelle obstaculo?

«Oh! amigo. Despues que uno sube tan alto se ve la co-«media por a dentro».

«Pois bem», continuei, «se V. imaginasse os preconceitos «que ha a vencer, as difficuldades que tem suscitado a Im-«prensa Periodica, os homens que vivem pelo contrabando dos «cereaes, e os lavradores do Tejo e Douro, difficuldades de «que a Opposição nas Camaras se tem aproveitado para ga-«nhar popularidade e desacreditar o Governo, V. se conven-«ceria que os Ministros não podiam suffocar a discussão sem se «exporem a uma revolução, e a Regencia, dando peso a to-«das estas considerações, longe de criminar o Ministerio, não «póde desconhecer quanto elle se tempenhado em levar ao fim «este negocio».

«Nós decerto não podemos negar ao sr. Magalhães e á «maioria da Camara a justiça que merecem, e vamos dar pu-«blicidade ao seu discurso; mas, vamos fallar com a franque-«za de amigos; leia essa carta que, tambem, hontem á noite «recebi do General que commanda a Castella Velha. E' meu «amigo intimo, e de toda a minha confiança». Pintava-lhe o estado em que tinha achado a Provincia; entrava em detalhes a respeito das Juntas e empregados; e, afinal, assegurava-lhe que podiam contar com socego, e todo o apoio n'aquella Provincia, comtanto que, sem demora, concluissem o negocio da livre navegação do Douro, na certeza que toda a Castella se levantaria contra o Governo se visse que continuava a seguir a frouxidão dos Governos passados n'este negocio vital para aquella Provincia. Continuou o sr. Ferrer, fazendo-me ver que a questão do Douro era mais popular em Hespanha do que a abolição do commercio dos escravos em Inglaterra; e que, sem quererem a sua queda, e, com ella, ser a Hespanha entregue á mais horrorosa anarchia, não podia deixar de usar de todos os meios de que podessem dispôr para o levar a execução quanto antes.

Certifiquei-lhe que eguaes eram os desejos do Governo de S. M., o que era evidente pela parte que V. Ex.ª tomava nas discussões. Mostrei-lhe, depois, a necessidade que havia de internar os revoltosos que estavam nas fronteiras, até para satisfazer a maioria da Camara, á qual elle tinha feito justiça.

Assegurou-me que me havia tratado com completa franqueza; que eu poderia achar n'elle alguma vez grosseria, mas que não era francez e por isso, assegurando-me que me tratava com a franqueza de amigo, devia ter a certeza que sempre o acharia leal e sincero; e mandou chamar o Official Maior, e deante de mim lhe ordenou que passasse as communicações necessarias, aos differentes Ministerios, para que, sem demora, se fizessem internar os refugiados portuguezes que estavam nas fronteiras.

Emquanto o Official não chegou, tinha-lhe eu perguntado, com a franqueza com que elle me queria tratar, se seria possivel saber qual tinha sido a resolução da Regencia de que elle tinha fallado. Respondeu-me que fora o mandar preparar um Manifesto, fazendo ver á Europa a necessidade em que estava de lançar mão de meios differentes d'aquelles de que a Hespanha tinha usado por estes cinco annos; e expedir um Officio ao Encarregado de Negocios em Lisboa, de que elle, confidencialmente, me daria uma copia, a qual V. Ex.ª achará inclusa. Não deixei de notar os males que uma falta de intelligencia entre os dois Governos acarretaria sobre as duas nações, e que estava persuadido que o Manifesto, de que me fallava, não chegaria a publicar-se.

Disse-me que queriam estar promptos, de modo que não houvesse demora nenhuma na publicação dos meios que empregariam logo que constasse que o Regulamento em discussão tivesse recebido alteração tal que destruisse alguma das estipulações do Tratado. Assegurou-me que, em tudo o mais, eu podia contar que o acharia prompto a provar o desejo da mais perfeita harmonia e reciproco apoio que devem existir entre Hespanha e Portugal.

Concluirei assegurando a V. Ex.ª que o sr. Ferrer não exaggerou quando disse que a questão do Douro era tão popular em Hespanha como a extincção do commercio da escravatura em Inglaterra. Desde Sevilha, aonde me demorei alguns dias, até aqui, não tenho deixado de notar, em todas as classes, o mesmo interesse n'este assumpto, uns pelas vantagens que devem resultar ao paiz; mas o maior numero porque julgam que a nação tem sido menoscabada pelo Governo Portuguez, que tem, por cinco annos, illudido o Governo Hespanhol, deixando de executar um Tratado ratificado ha tanto tempo.

Deus Guarde a V. Ex.ª, Madrid 24 de Novembro 1840.

Copia n.º 1. — *Discurso do Marquez de Saldanha.*

Tengo el honor de poner en los manos de la Regencia la Carta Credencial por la cual Su Magestad Fidelissima se dignó nombrarme su Enviado Extraordinario y Ministro Plenipotenciario en Mision Extraordinaria junto al Gobierno de Su Magestad Catolica.

Constante defensor de la Libertad y de la independencia de mi Patria, fue con gran placer que, en la actualidad, acepté esta Mision que tiene por fin principal el estrechar más y más las relaciones existentes entre los dós Gobiernos.

Se la Guerra de la Independencia hizo nascer la armonia entre los pueblos de nuestras fronteras, los sucesos posteriores han identificado las dós naciones á tal punto que las heridas que una de ellas reciba no pueden dejar de ser profundamente sentidas por la otra; que nuestras necesidades, nuestros intereses son unos y los mismos.

El invicto Guerrero que se halla al frente de la Regencia, ha logrado en más de cien batallas y asaltos conservar intacta, pura y sin mancha la Bandera que habia desarrolado, y en ella se vê escrito, Isabel 2ª y Constitucion de 37. — Maria 2ª y Constitucion de 38 es hoy nuestra Bandera, y no tengo la menor hesitacion en afirmar que nuestra felicidad se cifra hoy en la conservacion de la Monarquia Constitucional, en la estabilidad de las Constituciones vigentes.

Y que necesitamos nós otros para lograr tan prospera suerte? Nada más que una perfecta inteligencia, buena fé y el mas firme y recproco apoio entre los dós Gobiernos.

Tal és el deseo de S. M. F., de su Gobierno, y de los hombres ilustrados de mi pais.

Nutro la más bien fundada esperanza que asi se verificará, y tengo la conviccion la más intima, que, al fin de mi Mision, los Membros de la Regencia me haran la justicia de decir: Saldaña ha hecho todo lo posible para llevar á efecto lo que nós anunció el dia de su presentacion.

COPIA N.° 2

Palacio, 20 de Noviembro de 1840.

Al Encargado de Negocios de S. M. en Lisboa.

Por el despacho de V. S. n.° 24 de 14 del actual y diarios que le acompañan se ha enterado la Regencia de que esa Camara de Diputados, desconociendo todos los principios de derecho publico, y faltando al respecto que se debe á estipulaciones perfectas y vigentes, entre España y Portugal, ha puesto en discusion y sujetado á su fallo la validez del tratado concluido y ratificado por las Cortes de Madrid y Lisboa para la libre navigacion del Duero. En fin es ya un negocio terminado y terminado felizmente, y escuso por lo tanto encarecer a V. S. las terribles consecuencias que hubiera producido toda alteracion que en consecuencia de esa revision ilegal hubiera intentado la Camara introducir en dicho documento, sin tener in cuenta las instancias, las diversas reclamaciones y protestos com que el Gobierno de S. M. hizo entender al de Portugal que no asenteria de modo alguno á ninguna discusion, ni ótro acto que tendiese á despojar dicho tratado del caracter de contrato estable y perfecto que habia recibido com la sancion de las dós Reinas, Catolica y Fidelissima.

Harto más valiera que el tiempo malgastado em semejante discusion se hubiera empleado em examinar y aprobar el Reglamento, haciendo de este modo que cesase el escandalo que por cinco años consecutivos se está dando al Mundo entero con esa inconcevible resistencia del Portugal á poner en planta una navegacion que tantos bienes materiales hade producirle, una navegacion que, para llevarla á cabo, ha presentado el Gobierno de S. M. tantas facilidades con una constante longanimidade y tal deferencia á los reparos de la Corte de Lisboa, que ha consentido nó ya la formacion, modification y revision del dicho Reglamento en todas las partes objetadas por ella, sinó lo que es más, permitiendo se infringiese un Articulo del mismo tratado á fin de conciliar, amistosamente, las diferencias. Esto conviene manifestar a ese señor Ministro de Relaciones Esteriores; isto conviene contestar á sus temores de que aun se introdusca algumas modificaciones en el Reglamento. Pocas y poco sustanciales habran de ser, pues de outro modo el Gobierno de S. M., en el triste caso de haber apurado ya toda suerte de condescenden-

cias, seguro de la justicia de su causa, y teniendo presente que en este asunto se hallan perfectamente combinados los intereses de unos y de otros subditos, acaso empleará medios de negociacion menos suaves y conciliadores en lo sucesivo.
De orden de la Regencia, etc.

N.º 2.—*Reservado.*

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Hontem tive a honra de receber o officio de V. Ex.ª «Reservado N.º 2», e amanhã irei fazer sentir ao Duque da Vitoria quanto Sua Magestade prezou as suas expressões de offerta de serviços.

Tendo ido hoje verificar, nos differentes Ministerios, se se tinham expedido as ordens para a internação dos revoltosos e refugiados nas fronteiras, me asseguraram os senhores Becerra e Cortina, Ministros do Reino e da Justiça, que a Regencia tinha deliberado sobre este objecto, mas que ainda não tinham recebido a necessaria communicação do Ministerio dos Negocios Estrangeiros. Parti immediatamente a ver o sr. Ferrer, o qual fez expedir as communicações, que eu acompanhei ao Ministerio do Reino. O sr. Cortina, adeante de mim, determinou que se passassem pelo correio de hoje, as necessarias ordens para todas as Provincias, afim de serem internados os refugiados pelo menos a distancia de vinte leguas da fronteira; e disse-me que assegurasse ao meu Governo que as ordens eram expedidas hoje; porque me dava a sua palavra de honra que não sahiria da Secretaria sem que isso se verificasse.

O sr. Ferrer, a quem estou muito obrigado pela franqueza com que me trata, me assegurou hoje que a Regencia tinha resolvido acabar com todas as Juntas, e que se estava redigindo o Decreto, que em breve appareceria. Pediu-me lhe mandasse os jornaes de Sevilha e Cordova, que tem falado da união entre Portugal e Hespanha, promettendo mandar publicar na *Gaceta* um artigo conveniente. Entre tanto, permittame V. Ex.ª que lhe diga que o abuso que continua a fazer-se da liberdade da Imprensa n'este paiz, e o nenhum credito dos jornaes que se teem occupado d'aquelle assumpto, lhe tiram a maior importancia que teriam n'outras circumstancias.

Não me consta que tenha chegado a esta Côrte o Barão

de Oleiros; mas farei as diligencias pelo verificar, e obrarei em consequencia.

De accordo com Mr. Aston e o conselheiro Lima, tratarei de desvanecer a duvida que tem este Governo sobre a sua credencial.

Mr. Aston acaba de dizer-me que, tendo-me offerecido a sua cooperação, logo que eu cheguei, por isso que anteviu taes seriam os desejos do seu Governo, agora tinha a satisfacção de annunciar-me que acabava de receber ordens de Lord Palmerston para me coadjuvar em todos os negocios que eu lhe recommendasse. Falei-lhe da conveniencia da proxima partida do sr. Aguilar; mas respondeu-me que, sobre isto, sabia ter o Governo tomado a deliberação de o não mandar saír emquanto se não concluisse o negocio da navegação do Douro. Sem embargo fazia a diligencia para que elle parta, segundo os desejos manifestados por V. Ex.ª.

Hontem á noite chegou a esta Côrte Mr. Pajean, que vem com o caracter de Encarregado de Negocios, e hoje parte Mr. de la Redorte. Sua Magestade a Rainha Christina chegou a Fontainebleau no dia 20, para onde, no dia 21, partiu Sua Magestade Luiz Felippe, a Rainha e toda a Familia Real, a encontrar a mesma Senhora.

Rogo a V. Ex.ª me faça a honra de beijar. em meu nome, a Mão de Suas Magestades e Altezas.

Deus Guarde á V. Ex.ª—Madrid, 27 de Novembro, 1840.

N.º 3. — *Reservado.*

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Não obstante ter-me Mr. Aston assegurado que a Regencia tinha tomado a resolução de não dar as credenciaes ao sr. Aguilar até que se tivesse finalisado o negocio da livre navegação do Douro, escusando-se, por aquelle modo, de fallar n'este assumpto, eu fui ver o Duque da Vitoria, e depois de lhe mostrar a utilidade que devia resultar da immediata ida do Ministro nomeado para Lisboa, lhe disse que eu mesmo não podia deixar de sentir a demora do sr. Aguilar, porque seria uma prova do pouco apreço que este Governo tinha feito da minha Missão, conservando como seu representante a um Consul, Encarregado de Negocios, na Côrte que estava representada por um Marechal do Exercito. e que lhe pedia

fizesse com que se expedissem as ordens para a sua prompta partida.

Assim o prometteu, assegurando-me que eu tinha apresentado este negocio de um modo por que elle o não tinha encarado.

No dia seguinte, fui ver o Ministro dos Negocios Estrangeiros, que me assegurou que, não querendo a Regencia que o sr. Aguilar principiasse as suas relações com o Governo Portuguez por assumptos desagradaveis, e que podiam ter as mais sérias consequencias, havia tomado a resolução de o não mandar até que se concluisse o malfadado negocio do Douro; mas que o Duque tinha feito alterar aquella resolução. Que Don Manuel Maria Aguilar já tinha recebido ordem de partir immediatamente; e que as suas credenciaes já estavam promptas.

Procurei Aguilar, e por elle soube ter recebido a ordem de partir quanto antes; mas que só o poderia verificar em oito ou dez dias. Vai o Secretario de Legação Don Carlos Soler, que foi Consul em Faro, e Secretario de Legação no Rio de Janeiro; e Addido o filho do Ministro; sendo nomeado Consul Geral em Pariz, o actual Encarregado de Negocios, Viniegra.

Eu creio que o sr. Ferrer, em negocios diplomaticos que apresentam alguma duvida, não despreza ouvir a opinião de Mr. Aston. Este diplomatico julgou fundada a objecção feita pelo Ministro de Estado sobre a identidade da credencial do Conselheiro Lima com a minha, sendo de opinião que, ao menos, teria sido indispensavel que, na que eu apresentei, se declarasse que a minha Missão era extraordinaria e *temporaria*. O sr. Ferrer, vendo que a duvida suscitada na sua Secretaria tinha achado apoio em Mr. Aston, está firme em não consentir na apresentação do Conselheiro Lima emquanto a sua credencial não fôr alterada, ou eu me não retirar.

Hontem, vendo que pouco apoio poderia achar em Mr. Aston, por já ter emittido a sua opinião n'este negocio, fui ver o sr. Ferrer, e, em uma larga conferencia, procurei mostrar-lhe o pouco fundamento da sua duvida. Que era direito, sanccionado pela practica, o poderem os Estados independentes acreditar junto dos outros Governos tantos representantes quantos julgassem necessarios, da mesma ou de differente categoria. Que não podia deixar de ser licito a todo o Governo o repartir a sua confiança pelas differentes pessoas em quem achasse conhecimentos especiaes para tratar dos differentes negocios que tivessem de ser discutidos. Que não era só nos Congressos que isto tinha logar. Que, ultimamente, quando

estava em Londres, ali vi dois Ministros Russos e dois Austriacos. Que se alguma cousa podia provar o mandar mais de um representante, era a deferencia do Governo que assim obrava para com aquelle junto do qual eram acreditados. Que na coroação dos Imperadores d'Allemanha, os Eleitores enviavam tres e quatro embaixadores. Que a Republica de Veneza, sempre que um Imperador ou Rei subia ao Throno, mandava dois embaixadores e ao Papa mandava quatro. Que muitos Estados, e especialmente a França, por muito tempo conservaram mais de um residente em diversas Côrtes. Que muitos outros exemplos havia; e que, tendo a França, em 1741, na coroação de Carlos VII, feito difficuldade em receber uns poucos de embaixadores, mandados por um dos Eleitores, por fim cedeu; não tendo, até agora, havido outra vez difficuldade de semelhante natureza da parte de qualquer outro Governo.

O Ministro, depois de me ouvir com muita attenção, disse-me que pensaria no negocio, e depois fallaria commigo.

Pelo correio de hontem não recebi officios nem cartas.

Hoje devem apparecer, pela primeira vez, dois novo jornaes: *O Povo Soberano* e *o Trueño*. Este, orgão do Partido Moderado, é redigido pelos mesmos homens que redigiram o periodico *El Mundo*, que acabou com a revolução da Granja; é no sentido do *Figaro*, *Charivari* e *Artilheiro*. Aquelle, puramente democratico, terá por fim especial, segundo me affirmam, o fazer guerra ao Duque da Vitoria. E' o seu principal redactor Don Fernando Corradi, Secretario que foi da Junta de Madrid.

Deve, em poucos dias, sair á luz uma obra de muito interesse, pois é uma exposição. comprovada por muitos documentos, de todas as transacções que tiveram logar, desde que D. Carlos entrou em Hespanha até que saiu. E' escripta pelo Auditor em Chefe do Exercito do Pretendente. O seu fim politico, segundo me affirmou alguem que trabalhou na mesma obra, é a fusão dos dois partidos, Moderado e Realista puro. Apenas receba os exemplares que me prometteram, me apressarei a enviar alguns a V. Ex.ª

Já se publicaram os Decretos de que nos meus anteriores officios fallei a V. Ex.ª relativamente ás Juntas e ao...... (?).

Rogo a V. Ex.ª queira beijar em meu nome as mãos de Suas Magestades e Altezas.

Deus Guarde, etc., 1 de Dezembro 1840.

N.º 4.—*Confidencial.*

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Hontem, ás quatro horas, veio á minha casa Mr. Aston e, não me achando, disse aos meus criados que era indispensavel que nos encontrassemos hontem mesmo. Logo que recolhi fui vel-o, e me disse que o sr. Ferrer o tinha convidado a passar á Secretaria, e ali lhe tinha feito ver todas as razões de queixa que o seu Governo tinha contra o de Portugal, e lhe participára, depois de uma longa exposição, que a Regencia tinha tomado a deliberação de mandar marchar o Duque da Vitoria sobre o Porto, á frente de 50:000 homens, se, dentro em quinze dias, não recebesse a noticia official de ter o Governo Portuguez mandado pôr em execução o Regulamento, ajustado entre os dous Governos, para a livre navegação do Douro. Acrescentou Mr. Aston que tinha a convicção assim o poriam em pratica. Hoje pela manhã fui ver o Ministro de Estado e levei as cartas de V. Ex.ª que, ás 8 da noute, tinha recebido pelo Leal. A conferencia durou mais de duas horas. Ferrer leu-me a historia da negociação, fazendo apparecer a nimia condescendencia que tem havido nos differentes Ministerios que teem governado Hespanha, e as exigencias successivas da parte do Governo Portuguez a proporção que o Hespanhol cedia, notando a ultima, á qual se tinha sugeitado por haver V. Ex.ª declarado que, por aquelle modo, se tornaria desnecessario o submetter o Regulamento á approvação das Camaras.

Depois de um numero infinito de queixas, assegurou-me que a Regencia tinha hontem tomado a sua resolução sobre este negocio. Que Aguilar não partiria por agora. Que Soler tinha saido esta madrugada para Lisboa, afim de tomar conta do archivo. Que Viniegra sairia para Marselha immediatamente elle chegasse. Que se, em quinze dias, contados de hoje, o Ministerio não recebesse parte official de ter o Governo Portuguez mandado pôr em execução o Regulamento feito pela Commissão Mixta, a Regencia consideraria o mesmo Regulamento nullo e de nenhum effeito, o que seria grande vantagem, porque não se podia conceber como tivesse havido um hespanhol que houvesse consentido na alteração dos Artigos relativos á exportação dos vinhos e aguas ardentes e á introducção dos generos estrangeiros. Que o Duque da Vitoria, á testa de cincoenta mil homens, marcharia sobre o Porto para fazer executar o Tratado, e que estava certo a

Europa faria justiça do seu procedimento, quando lesse o Manifesto que publicariam.

A' proporção que o Ministro foi lendo o papel de que já fallei, e que eu julgo ser o Manifesto, fui fazendo as indispensaveis reflexões, e, para provar a solicitude de V. Ex.ª n'este negocio, li lhe as duas cartas de V. Ex.ª que hontem tinha recebido. Vi, porem, que não produziram effeito algum, dizendo o sr. Ferrer que V. Ex.ª tinha abandonado a questão, tendo dito ao Encarregado de Negocios que assumptos de maior importancia não deixavam continuar a discussão do Regulamento, e indo o mesmo Encarregado, em seguida, de V. Ex.ª á Camara dos Deputados, e depois á dos Senadores, vira que objecto nenhum importante se tinha discutido.

Ponderei-lhe, de novo, a situação em que o Ministerio se acha; que era o unico que tinha provado, evidentemente, o desejo e resolução de fazer executar o Tratado, e que, para dar o justo valor ás communicações do Viniegra, era necessario conhecel-o e estar ao facto das suas relações em Lisboa.

Continuei: «Pelo que tenho ouvido a V. Ex.ª, vejo que a «Regencia mudou de opinião, e que, longe de querer a har«monia com Portugal, e a boa intelligencia que V. Ex.ª e os «outros Ministros tão repetidas vezes me tem assegurado, que«rem hostilisar-nos promovendo até uma revolução». Assegurou-me que tal não era o desejo da Regencia; que eu bem via a maneira por que estavam promptos para tudo quanto eu lhe havia exigido; que sentia infinito ver-se n'aquella situação, mas que eram absolutamente forçados a obrar assim. Fiz-lhe ver que uma mudança de Ministerio poderia levar ao poder os mais acerrimos oppositores da execução do Tratado. Respondeu que sentiria muito que succedesse uma mudança de Ministerio, mas que elles tinham obrigação de tratar primeiro da sua conservação, e que, se não obrassem assim, não poderiam resistir. Que era este o unico lado vulneravel do seu Ministerio, e que, n'esta questão, não havia divisões de partidos; que a voz dos Hespanhoes era uma só, exigindo a immediata execução do Tratado. Assegurei-lhe que, devendo as Côrtes estar reunidas no dia 2 de janeiro, por tudo quanto eu sabia, não tinha duvida em me comprometter a assegurar-lhe que, até ao fim de Fevereiro, o Governo de S. M. C. receberia a participação official da conclusão do negocio.

«Viria», me disse, «talvez a tempo de nós apresentarmos «bem nas Camaras, mas de que serviria se as eleições tives«sem sido más; e asseguro-lhe que serão pessimas, e que nós «não poderiamos resistir-lhe, se, antes das eleições, não tiver-

«mos feito ver á Hespanha, ou o Tratado em execução, ou os «meios vigorosos que vamos empregar para o conseguir.»

Ponderei-lhe a satisfação que dariam aos nossos communs inimigos na Europa. Sentia-o tanto como eu; mas tinham a convicção da sua morte politica, se obrassem de outro modo. Instei que como não estavamos isolados na Europa, e que, em oito dias, se podiam reunir os 62:000 soldados que em 35 tinham sido a admiração da mesma Europa, o procedimento do seu Governo poderia trazer comsigo uma lucta renhida e prenhe de gravissimas consequencias para ambas as nações. Respondeu-me que a culpa seria do Governo Portuguez, que o podia evitar mandando já executar o Regulamento. Que em Hespanha eram Constitucionaes mais antigos do que nós, e que ninguem via a necessidade de submetter um regulamento á discussão das Camaras; e que, finalmente, não me cançasse, porque a resolução da Regencia não se alterava.

Perguntei-lhe, então, se o Secretario Soler tinha ido encarregado de fazer alguma communicação ao Governo em Lisboa? Disse-me que não: que o Encarregado de Negocios se retirava, e Soler só tinha ido tomar conta do archivo; porque suspendiam todas as relações com o Governo. «N'esse caso», lhe repliquei eu, «é necessario que V. me mande dar o meu «passaporte». — «Não, isso não; nós continuaremos as nossas «relações por sua via. Nós vamos dar conhecimento da nossa «resolução ao Governo Inglez, e por elle constará em Lisboa».

Fui, immediatamente, ver Mr. Aston, ao qual informei da partida do Soler, e seu fim, o que elle completamente ignorava, e do que acabava de passar com o sr. Ferrer. Mr. Aston ficou espantado, e pediu-me que fosse ver o Duque da Vitoria; porque sabia que elle me estimava muitissimo.

Fez-me o Duque milhares de profissões pela felicidade, gloria, independencia e liberdade de Portugal, que tão sinceramente desejava como a de Hespanha. Repetiu-me que, na occasião da Lei dos Ayuntamientos, tinha dito á Rainha Regente que S. M. se expunha a uma revolução na qual *o sangue lhe chegaria ás ligas*, se insistisse na execução d'aquella Lei; que agora tinha a mesma inteira convicção que, se não se executasse o que a Regencia tinha decidido, toda a Hespanha se declararia sua inimiga; que a socegadissima provincia de Castella estava decidida a levantar se, como um só homem, se não se executasse, desde já, o Tratado da Navegação do Douro; que m'o podia provar, por milhares de representações que tinha em seu poder, e muitas outras dirigidas de todos os lados do Reino á Regencia. Que estavam promptos a dar-nos

todas as provas que eu exigisse para mostrar a sinceridade das suas expressões, comtanto que se acabasse o malfadado negocio do Douro. Que o Governo Portuguez faria o maior serviço possivel aos dois Thronos da Peninsula, mandando já executar o Tratado; porque, de contrario, elle bem via que grandes males se podiam seguir; mas que, entre a possibilidade de um mal, e a certeza de outro maior, a escolha não era duvidosa.

Voltei á casa de Mr. Aston, a quem, depois de lhe contar o que tinha passado com o Duque, li as cartas de V. Ex.ª, recebidas hontem, para o convencer dos desejos de V. Ex.ª a respeito d'esta questão, e notei a Mr. Aston a irregularidade com que a Regencia procedia, pois que, mesmo no caso de declaração de guerra, deviam apresentar o seu *ultimatum*.

Sahiu, immediatamente, Mr. Aston a encontrar-se com o Duque e com o sr. Ferrer, e acaba agora de me dizer que ambos aquelles Senhores, assegurando-lhe dos sentimentos pacificos da Regencia para com o actual Governo de Portugal, lhe não dissimularam o aborrecimento em que estavam por darem, talvez, causa a que viessem ao poder, em Portugal, homens que elles hoje reconhecem seus inimigos, procurando convencel-o da necessidade com que obravam; e á reflexão de Mr. Aston, sobre não terem feito communicação directa ao Governo de Portugal, e terem retirado o Encarregado de Negocios, responderam que julgavam sufficiente a communicação que, verbalmente, me tinha feito o Ministro dos Negocios Estrangeiros, e que, se o Governo Portuguez obrasse como convinha a ambas as nações, o sr. Aguilar partiria em vinte e quatro horas. Que, sem demora, elle, Mr. Aston, receberia, para conhecimento do seu Governo, uma exposição dos motivos que obrigavam a Regencia a obrar d'este modo.

Mr. Aston escreve, por este correio extraordinario, a Lord Howard, e, muito positivamente, me affirmou que não tinha a menor duvida sobre o levar a Regencia a effeito a deliberação tomada.

Julgo desnecessarias reflexões sobre o que acabo de expôr a V. Ex.ª. O sr. Ferrer foi franco, pois me disse que antes queria correr o risco de envolver a Hespanha em uma guerra, do que apresentar-se nas eleições sem concluir o negocio do Douro. Que ninguem ignorava em Hespanha que tanto o.... ..... como Peres de Castro tinham resolvido decidir o negocio pelas armas logo que se acabasse a guerra civil, e que todos lhe deitavam em cara a sua inacção, agora que não havia guerra civil, e tinham á sua disposição um exercito de duzentos mil homens, sem ter que lhe dar a fazer.

Ancioso fico esperando as ordens de S. M. que peço sejam expedidas por este mesmo correio, por isso que se promptificou a ir com a promessa de ser mandado voltar do mesmo modo.

Rogo a V. Ex.ª queira, em meu nome, beijar as mãos de SS. MM. e AA.

Deus Guarde a V. Ex.ª, Madrid em 3 de Dezembro de 1840.

N.º 5. — *Confidencial.*

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Tenho a satisfação de annunciar a V. Ex.ª, para conhecimento de S. M., que foi possivel convencer este Governo da irregularidade com que tinha procedido, mandando retirar o seu representante d'essa Côrte, e deixando de dirigir, directamente ao Governo de S. M. F., communicação da resolução tomada pela Regencia sobre a prompta execução do Regulamento relativo á livre navegação do Douro.

Amanhã manda o sr. Ferrer um extraordinario com as credenciaes para D. Carlos Soler, como Encarregado de Negocios, e lhe ordena partecipe ao Governo Portuguez a resolução da Regencia de annullar aquelle Regulamento, e de mandar marchar um corpo de Exercito sobre Portugal, se, dentro de vinte e cinco dias, não tiver o Governo de S. M. F. mandado pôr em execução o mesmo Regulamento.

Fizeram-se todas as diligencias possiveis para conseguir quarenta em logar de vinte e cinco dias. Assim mesmo, suppondo que D. Carlos Soler apresente as suas credenciaes no dia 14, o praso só acabará depois de sete dias de estarem reunidas as Camaras. Rogo a V. Ex.ª queira beijar por mim as mãos de SS. MM. e AA.

Deus Guarde a V. Ex.ª, Madrid em 5 de Dezembro de 1840.

N.º 6. — *Confidencial.*

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

O correio que o sr. Ferrer me disse partiria, no domingo de manhã, com as credenciaes para Don Carlos Soler, sahiu

á uma hora da noite, e, por esse motivo, não levou o meu officio confidencial N.º 5, que agora tenho a honra de enviar a V. Ex.ª

Pelo que tinha passado no dia 5 com o sr. Ferrer, mal podia eu esperar que, na *Gaceta de Madrid*, do dia 6, se publicasse o artigo de fundo que V. Ex.ª achará marcado na mesma *Gaceta*. Por ser domingo, não me foi possivel encontrar nenhum dos Ministros de Estado; e no dia seguinte, com a indignação que V. Ex.ª experimentará, li o artigo de fundo da mesma *Gaceta* do dia 7.

Corri a casa de Mr. Aston e, depois de lhe fazer sentir a força das expressões empregados na *Gaceta*, em deshonra e desdouro da Nação e Governo Portuguez, lhe disse que, encarregado como elle se acha, pelo seu Governo, de apoiar as minhas negociações com o Governo Hespanhol, era chegado o momento de eu exigir a sua mais efficaz cooperação, fazendo com que a Regencia mandasse dar a satisfação indispensavel, sem a qual eu não podia continuar a minha missão, e me retiraria immediatamente.

Mr. Aston assim o prometteu, dando provas bem evidentes do desgosto que lhe causára taes artigos. Assegurou-me que ia tratar do negocio, e que, até hoje pela manhã, em que viria verme, não désse passo algum áquelle respeito. Disse-me hoje Mr Aston, que vira o Duque da Vitoria, e vira, depois, o Ministro dos Negocios Estrangeiros. Que o Duque se tinha mostrado perfeitamente indignado, e lhe dissera que era uma *torpesa*, e que elle deixaria de ser meu amigo se me tivesse mostrado indifferente a semelhante publicação. O sr. Ferrer mostrou-se sentido por este acontecimento, e prometteu que não tornariam a apparecer artigos semelhantes. Mostrei a Mr. Aston a Nota que eu ia dirigir ao sr. Ferrer, exigindo uma satisfação ou os meus passaportes. Pediu-me que visse, antes, os outros membros da Regencia. Vi o Duque que, desgraçadamente, se acha, ha tres dias, de cama, e os Ministros Cortina e Gamboa, os quaes, depois de longas conferencias, me pediram que lhes desse tres dias para poderem tratar d'este negocio convenientemente. Vi, depois, o Ministro dos Negocios Estrangeiros, a quem pedi que, da minha parte, fizesse saber á Regencia que eu pedia me fossem mandados os meus passaportes, no dia 11, se, até então, a mesma Regencia não tivesse mandado dar uma satisfação conveniente pelos insultos feitos ao Governo e Nação Portugueza no seu jornal official. O sr. Ferrer disse me que, na *Gaceta*, havia uma parte que não era official, e que tinha sido, até agora, permit-

tido ao Redactor publicar os artigos que quizesse; mas que me dava a sua palavra que não tornaria a apparecer nenhum que podesse offender o nosso melindre; e vendo que eu estava decidido, como estou, a partir no dia 12, se até então não tivermos recebido uma satisfação, perguntou que satisfação era que eu queria. Respondi-lhe que a destituição do redactor, declarando a Regencia que o destituia por ter usado de termos injuriosos a uma nação vizinha, e improprios da dignidade do Governo Hespanhol, ou qualquer outra que podesse satisfazer a delicadeza de um representante da Rainha de Portugal, a quem tinham nascido e encanecido as barbas fazendo a guerra pela independencia e liberdade da sua Patria. Disse-me que levaria á presença da Regencia a minha communicação.

N'estes tres dias serei incansavel: continuarei a fazer uso da linguagem forte que tenho empregado e, se até ao dia marcado não receber a satisfação indispensavel, immediatamente me porei a caminho.

Antes de hontem resolveu a Regencia mandar marchar tres divisões, de 10:000 homens cada uma, sobre as nossas fronteiras. Foram consultados alguns Generaes sobre o plano de campanha, e foram de opinião que, ao mesmo tempo que se marchasse sobre o Porto, se devia tomar a Praça de Elvas, na qual deixariam fluctuando a bandeira Portugueza para mostrar que a occupavam só como refens. O Duque da Vitoria deu-me a sua palavra de honra que emquanto se não soubesse a resolução do Governo de S. M. F., elle não permittiria que um só homem se approximasse da nossa fronteira. Egual palavra de honra deu a Mr. Aston, e julgo-o incapaz de faltar.

Desejando que estes factos cheguem quanto antes ao conhecimento do Governo, tinha resolvido mandar um correio extraordinario, e Mr. Aston, sabendo que não tinhamos nenhum de confiança, mandou pôr um dos seus á minha disposição. Elle não cessa de me recomendar inste o mais que possa com V. Ex.ª, afim de o convencer da absoluta necessidade de mandar pôr em execução o Regulamento sobre a livre navegação do Douro. Lord Howard, cujas cartas Mr. Aston me tem lido, tem completamente justificado o proceder do Governo a este respeito, não obstante o que, Mr. Aston vê como o unico modo de evitar uma collisão entre as duas nações, a prompta execução do Regulamento.

Desagradavel é, por certo, a nossa situação; mas talvez, como eu hoje disse ao sr. Ferrer, será ella a causa de vermos

unida toda a familia Portugueza em volta do Throno da Rainha, se continuarem a insultar a dignidade e a honra nacional.

Rogo a V. Ex.ª queira, em meu nome, ter a honra de beijar a mão a SS. MM. e AA.

Madrid, 8 de Dezembro de 1840.

N.º 7. — *Reservado.*

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Já tive a honra de enviar a V. Ex.ª a *Gaceta de Madrid* do dia 9. N'esse dia vieram á minha casa todos os membros do Corpo Diplomatico que conheciam os passos que eu tenho dado em consequencia dos artigos publicados nas *Gacetas* de 6 e 7, e todos são de opinião que eu devo estar mui satisfeito com a publicação do artigo do dia 9. O Conselheiro Lima é tanto mais d'esta opinião quanto conhece o que tem acontecido outras vezes que se tem exigido alguma satisfação do Governo Hespanhol, mencionando, entre outras, a que Mr. Villers pediu por ter publicado a *Gaceta* Official que o Secretario da Legação Ingleza, pertencendo a todas as sociedades secretas de Madrid, tinha ido a Catalunha fazer revolucionar aquella provincia; que Mr. Villers tinha deixado de ir á Côrte em dias de Beija-Mão, etc.; mas que, afinal, cedeu sem ter recebido a satisfação exigida. Da mesma opinião são muitos individuos, estrangeiros e hespanhoes, que sinceramente se tinham indignado com a leitura d'aquelles artigos. A minha opinião é contraria: porque queria que na parte official se nos désse a satisfação que pedi; mas sendo unica, e de outro modo de pensar tantas pessoas de consideração, e a delicadeza do negocio, me decidi a não dar um só passo emquanto não receber a este respeito as ordens de S. M., deixando de ter communicação alguma directa com este Governo, emquanto não cheguem.

V. Ex.ª já sabe qual é o meu modo de pensar a este respeito, e que considero este acontecimento como um favor da Providencia que, aproveitado, poderá reunir a todos os Portuguezes em redor do Throno de S. M. a Rainha. A falta de recursos pecuniarios será, talvez, a difficuldade mais considevel que se apresente; mas, lembre-se V. Ex.ª que, no Porto, tanto o General como o Alferes, o Ministro d'Estado como o Amanuense, todos recebiamos 12$000 réis por mez; e que talvez este acontecimento possa egualmente produzir a rege

neração das nossas finanças. A minha opinião não pode ser mais desinteressada; porque todos sabem que vivo dos meus soldos.

Tenho a honra de accusar a recepção do Officio reservado n.º 2.

Queira V. Ex.ª etc.

N.º 8. — *Confidencial.*

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Antes de hontem, ás duas horas da tarde, chegou o correio que V. Ex.ª despachou no dia 9, e tive a honra de receber a correspondencia de que vinha encarregado. Logo que a li, fui eu mesmo levar a Mr. Aston a que lhe dirigiu Lord Howard de Walden, e convidei-lhe a que me ajudasse a conseguir d'este Governo que, sem nenhuma referencia, prolongasse até fim de Fevereiro o praso marcado para se effectuar o Tratado da Livre Navegação do Douro. Mr. Aston, sendo de opinião que era a melhor cousa que este Ministerio podia fazer, combinamos em ir eu hontem ver os Ministros da Regencia e lêr-lhes o Officio que V. Ex.ª me dirigiu, em data de 8, e a sua Nota a Lord Howard, e que elle iria hoje vel-os e fallar lhes no mesmo sentido.

O Duque da Vitoria e os Ministros Gamboa e Becerra mostraram-se convencidos da utilidade do que eu propunha; os outros não quizeram emittir uma opinião decisiva até que, em Conselho de Regencia, se tratasse do negocio. A nenhum d'estes senhores fallei sobre os artigos publicados na *Gaceta*, esperando, áquelle respeito, as ordens de S. M.

Mr. Aston tem mostrado o mais vivo interesse nos nossos negocios. De combinação com elle, temos feito diligencias para verificar se existe a correspondencia que V. Ex.ª menciona em data de 5, e ambos estamos persuadidos que o unico dos membros da Regencia com quem pode ter logar é o Cortina, pelas relações que teve com Leonel Tavares quando veiu a Cadiz — *(Cifra)*. Aborreceu-lhe muito a opposição obstinada de Ferrer e Cortina nos quarenta dias em logar dos vinte e cinco que obtivemos.

O Duque da Vitoria tornou-me a ratificar a promessa de não consentir que um só soldado se approxime á nossa fronteira emquanto se não soubesse a resolução que tomava o Governo de S. M. F.

Por extraordinario communicarei a V. Ex.ª qualquer movimento ou decisão importante.

Peço a V. Ex.ª que, em meu nome, tenha a honra de beijar a mão de SS. MM. e AA.

Madrid, 15 de Dezembro de 1840.

N.º 9 — *Confidencial*

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Ainda não chegou o correio que devia entrar hontem e, pelo extraordinario que veio a este Governo, nenhuma communicação recebi.

Mr. Aston, por doente, não tem podido sair, e, desde o ultimo correio, nada temos adiantado; parecendo-me que a Regencia deseja receber a resposta do Governo de S. M. F. ao *ultimatum* apresentado pelo seu Encarregado de Negocios, primeiro que me responda.

(Cifra) Dom Antonio Gonzales, que foi nomeado Presidente do Conselho em Barcelona, é hoje a pessoa que mais influencia exerce sobre Espartero. Já estou em relações com elle, e affirmou-me hontem que o Duque o tinha chamado, e lhe pedira a sua opinião a respeito do que eu, desde o principio, tenho buscado convencel-o, isto é que o Regulamento faz parte integrante do Tratado; que emquanto não estiver concluido não somos obrigados a executal-o; e que o querer-nos forçar a pôl-o em execução seria uma agressão injusta que obrigaria a Inglaterra a vir em nosso soccorro. Gonzales affirmou ao Duque que era exacto o que eu lhe havia dito, e disse-me que elle tinha ficado decidido a fazer com que a Regencia me annunciasse a resolução de esperar até ao fim de Fevereiro. Gonzales é inimigo do Cortina, e pouco affecto ao Ferrer.

Peço a V. Ex.ª me faça a honra de beijar, em meu nome, a mão de SS. MM. e Altezas.

Deus Guarde, etc. Madrid, 18 de Dezembro 1840.

R. de F. M. S.

N.º 10. — *Reservado.*

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Seria mui longo, e julgo desnecessario, entrar em detalhes do muito que tenho trabalhado estes dias, apesar de bastante incommodado.

E' de absoluta necessidade que, se fôr possivel, no mesmo dia em que V. Ex.ª receber este Officio, me diga, por um expresso, clara e terminantemente o que devo fazer:

1.º — Dado o caso de offerecer o Governo Britannico a sua mediação na questão sobre a livre navegação do Douro, e que o Governo Hespanhol a acceite, obrigando-se a cumprir a decisão d'aquelle Governo, uma vez que eu, em nome do Governo de S. M. F., faça outro tanto;

2.º — Não verificando o primeiro caso, se sou auctorisado a dirigir ao Governo de S. M. C. uma Nota na qual diga que, havendo o Ministerio Portuguez feito da questão do Douro uma questão ministerial, V. Ex.as se demittirão dos seus logares se, no fim de Fevereiro, não tiverem conseguido fazer passar, em ambas as Camaras, o Regulamento principiado a discutir na de Deputados.

Marcham alguns regimentos para Talavera; mas o Duque da Vitoria assegurou-me que marchavam sem referencia nenhuma á nossa questão, e unicamente em consequencia do detalhe geral feito muito antes; o que me faria mostrar pelo Ministro da Guerra, se eu o exigisse.

Deus Guarde, etc. Madrid 23 de Dezembro de 1840.

N.º 11. — *Confidencial.*

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

1.º — Tenho verificado que este Governo poderá empregar contra Portugal setenta mil homens, se se resolver a deixar na Catalunha, Aragão, Navarra e Provincias Vascongadas unicamente as guarnições das praças;

2.º — Com mui poucas excepções, todos aqui julgam a guerra inevitavel. Eu, porém, não deixo de ter esperanças que ella se evitará;

3.º — Os membros da Regencia mostram-se muito sentidos por não terem ainda recebido resposta ao seu *ultimatum.* Não me parece rasoavel. (Até aqui em cifra).

Em doze do corrente me dizia V. Ex.ª que, o mais tardar em tres dias, me enviaria o officio importante a que se referia; e ainda não chegou. A crise em que estamos é tão delicada que V. Ex.ª me fará a justiça de acreditar que eu me conservarei, restrictamente, dentro, não do espirito, mas da lettra, das ordens ou instrucções que tenho recebido.

Hontem fui convidado pelo Duque da Vitoria para assistir ás exequias que elle e os officiaes que entraram na batalha de Luchon fizeram pelos que ali morreram. Entendi não dever faltar.

Rogo, etc. Deus Guarde, etc. Madrid, 25 de Dezembro de 1840.

N.º 12. — *Confidencial.*

Ill.mo e Ex.mo Sr.

No dia 25, ás 11 da noite, tive a honra de receber o officio de V. Ex.ª, reservado N.º 6, de 17 do corrente, e a confidencial que o acompanhava.

No dia 26, pela manha, fui ler a Mr. Aston o mesmo officio, o qual me pediu que não fizesse uso d'elle, ao que annui, pois que, n'aquella confidencial, V. Ex.ª me dizia: — «V. Ex.ª «combinará com Mr. Aston se convém, ou ler o sobredito offi- «cio e dar copia d'elle ao Ministro dos Negocios Estrangeiros, «ou fazer uma Nota, como as forças d'elle, ou demorar alguns «dias, etc. Emfim n'este assumpto, tão delicado, V. Ex.ª irá «do mais perfeito accordo com o dito Ministro.»

No mesmo dia 26, tinha Mr. Aston recebido um correio extraordinario da sua Côrte, pelo qual lhe ordenavam offerecesse ao Governo de S. M. C. a mediação do Governo de S. M. B. sobre a questão relativa á execução do Tratado da Navegação do Douro.

Mr. Aston viu, immediatamente, o Duque da Vitoria, o qual, mui positivamente, lhe significou a sua grande satisfação por ver que, por aquelle modo, a desagradavel questão ora existente entre o Governo de S. M. F. e a Regencia, concluiria sem quebra da dignidade de qualquer dos dois Governos. O sr. Ferrer, a quem Mr. Aston viu logo depois, não foi tão explicito, referindo o negocio á decisão da Regencia. Mr. Aston não se demorou em cumprir, officialmente, as ordens do seu Governo, remettendo ao sr. Ferrer uma Nota, offerecendo a Regencia a mediação do Governo Britannico. Até hoje ás

tres horas da tarde, ainda Mr. Aston não tinha recebido resposta áquelle respeito.

Hontem, ás nove horas da noite, se apresentou Viniegra ao sr. Ferrer, em sua casa, e continuou a fazer uso de linguagem pouco lisongeira para o Governo Portuguez.

(Cifra). — Ferrer disse, a pessoa de intima confiança que ali se achava, e que hontem á noite, mesmo, me avisou, que, não obstante o que acabava de ouvir a Viniegra, a guerra não teria logar, porque a Regencia estava decidida a esperar, até ao fim de Janeiro, pela resolução do Governo Portuguez.

Outra pessoa, homem de honra, e que não póde deixar de se interessar por nossos negocios, me affirmou que Soler tem tido varias conferencias com todos os homens reputados chefes dos Setembristas, e que tem escripto para este Governo assegurando lhe que, se os Setembristas entrassem no Ministerio, fariam immediatamente pôr em execução o Regulamento sobre a navegação do Douro; e dando a entender que, no caso de uma invasão, muitos dos corpos do nosso exercito se uniriam aos hespanhoes. Custa-me a crer que se atrevessem a esta ultima parte. *(Fim da Cifra.)*

Agora acabo de receber o officio reservado n.º 7, de 23 do corrente, e em resposta, tenho a honra de affirmar a V. Ex.ª que é impossivel haver mais perfeita intelligencia e mais completa e reciproca confiança do que existe entre mim e o Ministro de S. M. Britannica n'esta Côrte.

Queira V. Ex.ª beijar a mão, etc. Madrid, 29 de Dezembro 1840.

S.

N.º 13. — *Confidencial.*

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Pelo correio ordinario do dia 29 tive a honra de informar a V. Ex.ª que, tendo Mr. Aston recebido, no dia 26, ordem do seu Governo para offerecer ao de S. M. C. a mediação do Governo Britannico, na questão da navegação do Douro, havia, no mesmo dia, dirigido uma Nota ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros, á qual ainda não tinha recebido resposta. Hontem, de tarde, veiu Mr. Aston mostrar-me a Nota do sr. Ferrer, em resposta á que lhe havia dirigido, e da qual manda copia a Lord Howard de Walden pelo Addido a esta Legação C. de A. que, para aquelle fim, puz á sua disposição.

Não obstante a rapida leitura que fiz d'aquella resposta,

parece-me não me enganar dizendo que ella se reduz a quatro artigos: 1.º — Acceita a Regencia, com gratidão, a mediação offerecida; 2.º — Pela delonga de cinco annos que tem havido, e, principalmente, pelos motivos que, verbalmente, o Ministro dos Negocios Estrangeiros exporia a Mr. Aston, a Regencia pede ao Governo Britannico use dos seus bons officios para que, no fim de Janeiro, se ponha em execução o Tratado Sobre a Livre Navegação do Douro; 3.º — Que se, no fim d'este praso, as diligencias do Governo Britannico tiverem sido tão infructiferas como até agora tem sido as do Governo Hespanhol, então a Regencia se consideraria livre para obrar como a dignidade e os interesses da Hespanha exigissem; 4.º — Que, não obstante a mediação, a Regencia continuará a adoptar as medidas indispensaveis á vista da attitude hostil tomada pelo Governo Portuguez.

O Duque da Vitoria e os Ministros Gamboa e Becerra, sustentaram, por algum tempo, a idéa de se entregar a Regencia, sem reserva, á mediação ingleza, obrigando-se a estar pela decisão do Governo Britannico; Ferrer e Cortina de maneira alguma queriam annuir a tal opinião; e Chacon e Frias estavam indecisos quando eu dirigi a V. Ex.ª o meu Officio reservado, n.º 10, de 23 do corrente.

Desde então, a guerra que todos os jornaes tem feito á Regencia, na supposição de que a Inglaterra não deixaria de se apresentar como mediadora entre Portugal e Hespanha, e que a Regencia se submetteria e faltaria á sua dignidade, fez decidir os Ministros da Guerra e da Marinha, e a não ser o Duque da Vitoria, talvez que a offerta do Governo Britannico fosse de todo recusada.

As explicações verbaes que, segundo a Nota em resposta á de Mr. Aston, lhe devia dar o Ministro dos Negocios Estrangeiros, reduziam-se a ponderar-lhe o estado da opinião a este respeito, a situação da Regencia, atacada, diariamente, sobre o negocio do Douro, pelos orgãos de todos os partidos, e a que, se o Governo Portuguez tinha os sinceros desejos que manifestava, sem difficuldade poderá fazer passar o Regulamento até ao fim de Janeiro, tendo, como effectivamente tem, uma grande maioria em ambas as Camaras.

Mr. Aston instou comigo, o mais que lhe foi possivel, para que buscasse todos os meios de fazer persuadir ao Governo de S. M. F. quão util e indispensavel é, para a continuação da boa intelligencia, que se descontinuassem os armamentos em Portugal, e sobretudo, que de modo nenhum, se approximassem tropas ás Fronteiras.

Já, em outra occasião, fiz ver a V. Ex.ª a minha opinião sobre a posição relativa de cada um dos Partidos n'este paiz, e posso assegurar a V. Ex.ª que estou convencido que mui poucos são os homens, em todos elles, que hoje não desejem a guerra com Portugal. O Partido Governamental porque espera conservar a Regencia pela gloria que, segundo elles, Espartero adquiriria; todos os outros porque o seu fim principal é envolver a Regencia em maiores difficuldades. Eu faltaria á Justiça se não dissesse a V. Ex.ª que, no pequeno numero dos que não querem a Guerra, eu conto como o primeiro, o Duque da Vitoria, o qual, não obstante isto, não duvidará de se pôr á testa do Exercito, no momento que a Regencia o determine.

Estes dias tem marchado, na direcção de Talavera, alguns corpos de infanteria que se achavam n'esta capital, e alguma artilheria.

Deus Guarde, etc. Madrid, 31 de Dezembro de 1840.

N.º 14. — *Confidencial.*

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Tenho a honra de accusar a recepção dos despachos de V. Ex.ª de 26, 28 e 30 de Dezembro, no dia de hontem, e hoje o do dia 2 do corrente.

Hontem mesmo passei a ver a Mr. Aston, para combinar com elle sobre o modo mais efficaz de conseguirmos que a Regencia retire a Nota de 9 de Dezembro, apresentada pelo sr. D. M. de Viniegra. Fui, logo depois, a casa do Duque da Vitoria, e principiei por lhe perguntar se tinha lido o *Correio Nacional* d'aquelle dia, e dizendo-me que não, mostrei-lhe o artigo firmado A. B., e depois de o ler, disse-lhe que aquellas iniciaes queriam dizer Andres Borrego, que não sabia se elle o conhecia, (Borrego é amigo do General Narvaez, e o homem que maior opposição tem feito ao General Espartero). Respondeu-me que muito e muito o conhecia; que era o «danzante mas indecente de todos los periodigueros;» que era seu inimigo pessoal, por ter desprezado os offerecimentos que Borrego lhe tinha feito da sua penna; e então facil foi combinarmos nos fins a que aquelle artigo se dirigia, e fallarmos muito sobre a utilidade de acabar-se a questão do Douro, não só como convinha ao interesse de ambas as nações, mas de um modo que fosse

decoroso aos dous Governos; pois que, querendo e necessitando que entre elles existisse a mais perfeita harmonia e cordealidade, era do interesse de cada um que o outro fosse um Governo respeitado, e digno da Nação cujos negocios dirigia. Então fiz-lhe sentir a posição desagradavel em que a Nota do dia 9 de Dezembro tinha collocado o Governo Portuguez, o qual, mui prudentemente, tinha deixado de lhe responder, seguro das terriveis consequencias que produzia no animo de todos os Portuguezes, se chegassem a ter d'ella conhecimento; que o Ministerio contava com uma grande maioria nas Camaras, mas que essa maioria era independente de ligações pessoaes com os Ministros, e que deixaria de votar a favor em qualquer medida que julgasse o Ministerio tinha sido menos zelozo pelo decoro, honra e dignidade nacional, e que era indispensavel que a Regencia retirasse ou retractasse o *ultimatum* apresentado por D. M. Viniegra.

Contestou-me que bom seria; mas que não imaginava como combinar esse passo com a dignidade da Regencia. Respondi-lhe que, depois da apresentação de aquella Nota, tinha a Regencia acceitado a mediação do Governo Inglez e que não só não era faltar a sua dignidade, mas era cousa mui natural o passar-me uma Nota, o Ministro dos Negocios Estrangeiros, avizando-me de haver a Regencia acceitado a mediação, e que, em consequencia, ficava de nenhum effeito o *ultimatum* do dia 9. Fiz-lhe egualmente ver que o Governo Portuguez acceitava a mediação do Governo Britannico, uma vez que tinha sido acceite pelo Governo Hespanhol; e que Ministerio algum, em um Governo Representativo, podia fazer mais do que o actual Gabinete Portuguez, por isso que declarára a questão do Regulamento para a navegação do Douro como ministerial, em todo o sentido, e que, portanto, a regeição do Regulamento traria comsigo a dissolução do Gabinete. Retirei-me mui satisfeito da disposição em que ficou o Duque da Vitoria.

(Cifra). — Fui, immediatamente, ver o Ministro da Fazenda, que me prometteu fazer todo o possivel para que o *ultimatum* seja retirado. *(Acaba).*

Passei á Secretara dos Negocios Estrangeiros, e apresentei o negocio do modo que me pareceu mais conveniente, repetindo parte do que tinha dito ao Duque da Vitoria, acrescentando algumas outras ponderações, e pedindo ao sr. Ferrer que me não respondesse immediatamente e que pensasse, ao menos, vinte e quatro horas sobre o que eu propunha.

Disse-me que não tinha que pensar, porque bem via que, de facto, de qualquer forma que a cousa se fizesse, seria fir-

mar a sua deshonra. Notei-lhe que, tendo eu lido o projecto do *ultimatum* que elle tinha dado a Mr. Aston, e tendo uma copia do mesmo *ultimatum*, me parecia ter encontrado n'este, expressões que não tinha visto no outro, e que me não admirava que assim fosse, a vista do conhecimento que tinha de Viniegra e das pessoas que o rodeavam em Lisboa. (Effectivamente, Mr. Aston pensa que o *ultimatum* não é identico com o projecto que d'elle lhe deu o Ministro). O sr. Ferrer ficou de verificar esta circumstancia, e depois disse-me que, desgraçadamente, estava persuadido que este malfadado negocio se não terminaria sem guerra; porque era evidente que taes eram as idéas do Governo Portuguez que, até no Porto, tinha fechado as portas das egrejas para prender para soldados a todos os homens; e que era tal a perseguição, que já tinha recebido parte de se terem refugiado na Galiza mais de cincoenta moços portuguezes. Mostrei-lhe que taes não eram, nem os desejos, nem as idéas do Governo Portuguez; mas que, ameaçados de uma invasão para o dia 3 de Janeiro, como imaginava elle que houvesse um Governo que, no mez de Dezembro, não lançasse mão de todos os recursos para se defender; que os Partidos Politicos tinham desapparecido, como eu lhe tinha prognosticado; que todos tinham corrido ás armas; mas que, decerto, tão pouco desejava o Governo a guerra, que, gostoso, acceitava a mediação do Governo Britannico, visto que a Regencia a tinha acceitado, e que, officialmente, declarava que a discussão do Regulamento para a navegação era questão ministerial, em todo o rigor, a ponto de trazer comsigo a dissolução do Ministerio a sua regeição. «Deus queira «que assim seja, e que o seu filho nos traga a conclusão do «negocio, para jantarmos juntos no dia seguinte; mas, pelas «noticias que recebi por Galiza, não posso deixar de escrever «uma Nota sobre este assumpto ao Ministro Inglez.

«Eu bem sei que Lord Howard tem muita culpa n'este ne«gocio; mas, á hora em que estamos fallando, já o Governo «Portuguez saberá que não acha, no Gabinete Britannico, o «apoio que L. H. lhe tinha promettido.»

Pelo correio passado, mui á pressa e ás 11 e 1/2 da noite, escrevi a V. Ex.ª que acabára de informar-me pessoa que vinha de estar com o sr. Ferrer, que elle tinha, n'aquelle dia 5, recebido noticias de Lisboa, vindas por Vigo, que o tinham incommodado muito, a ponto de dizer que ia mandar uma Nota ao Ministro Inglez, porque lhe affirmavam que, em Portugal, só se queria ganhar tempo para acabar os armamentos.

Hoje, assim que entrei em casa de Mr. Aston, a primeira

cousa que me disse foi: «Acabo de receber a Nota que V. me «annunciou antes de hontem», e deu-m'a para ler. Queixa-se o sr Ferrer de ter o Governo Portuguez suspendido as garantias individuaes; a liberdade da Imprensa, nos jornaes que lhe não eram favoraveis; de ter fechado as portas de egrejas para prender toda a gente, para os obrigar a pegar em armas; excitando antigos odios nacionaes, etc., etc. A' vista de tudo isto a Regencia se via obrigada a pedir lhe que instasse com o seu Governo para usar de toda a sua influencia com o Gabinete Portuguez, afim de se ter concluido o negocio do Douro, até ao fim de Janeiro, prazo que, pelos motivos que, verbalmente, o sr. Ferrer tinha communicado, não seria, por certo, prolongado.

Perguntou-me Mr. Aston qual era a minha opinião. Disse-lhe que me custaria a achar termo para qualificar aquelle documento diplomatico; que a linguagem do Governo Portuguez e dos seus orgãos, não podia ser mais commedida, que era a unica cousa que poderia importar á Regencia, porque, de tudo mais de que a Nota fazia menção, ainda quando fosse exacto, o Gabinete Portuguez só tinha que dar conta á Nação Portugueza, representada nas Camaras. Mr. Aston affirmou-me que a sua opinião era conforme com a minha, e que, pela consideração que tinha pelo Duque, iria pedir lhe que fizesse retirar aquella Nota, para não ter que lhe responder, e mandal-a para Londres. Mostrei-lhe a carta de V. Ex.ª de 2 do corrente, e o folheto publicado por Agostinho Albano, e ficamos de nos encontrar depois que eu visse ao sr. Ferrer, e elle ao Duque.

Achei o Ministro dos Negocios Estrangeiros muito incommodado com o discurso do Throno, na abertura da sessão, com o *Periodico dos Pobres*, do Porto, e com toda a correspondencia que tinha recebido de Portugal. Leu, elle mesmo, a carta de V. Ex.ª de dous, na qual eu não tinha encontrado uma só expressão que fossse necessario occultar-lhe; mostrei-lhe o folheto que V. Ex.ª me enviou; e o resultado de tudo foi dizer-me: «Tenho, desgraçadamente, a convicção que to«dos os seus esforços, e todos os meus bons desejos, são bal«dados, e que esta desgraçada questão não termina sem a «guerra; porque não posso, tambem, deixar de estar conven«cido que o Governo Portuguez tem, desde que a Regencia «se instaurou, demorado a conclusão do negocio, com o fim «de causar a nossa ruina, e promover uma mudança de go«verno em Hespanha.»

Mostrei-lhe, evidentemente, que era infundada a accusação

que fazia ao Governo Portuguez. Respondeu-me, mui triste e socegadamente, que de quatro dias para cá a sua convicção era tão profunda, a este respeito, que ninguem n'este mundo sería capaz de o fazer mudar de opinião, e accrescentou que o Ministro Inglez teria já recebido a Nota de que hontem me falára.

Fui encontrar me com Mr. Aston, a quem relatei o que tinha passado com o sr. Ferrer, e d'elle soube que tinha achado o Duque de mui máo humor, em consequencia do Discurso do Throno. O Duque tinha visto a Nota, e não se encarregava de a fazer retirar; portanto Mr. Aston será obrigado a responder-lhe amanhã.

(Cifra). — A sessão da Regencia do dia 6 foi mui tempestuosa, porque, ao mesmo tempo que *Ferrer apresentou a correspondencia que tinha recebido de Portugal, apresentou Gamboa a que tinha recebido de Londres pela qual mostrava que a melhor e a mais bella combinação financeira que jámais* se *havia concebido, falhou completamente, em consequencia do estado em que Ferrer poz a questão do Douro. Chegou a ponto de Ferrer chamar Portuguez a Gamboa*, e, se fosse possivel, de certo Ferrer teria saído do Ministerio. *(Fim da Cifra).*

Os recursos pecuniarios são cada vez mais escassos; mas tenho algum motivo para pensar que tratam de excitar os povos de Extremadura e Castella contra nós, e que, talvez, não tardarão a apparecer representações dos corpos do Exercito pedindo a guerra com Portugal.

O sr. Ferrer mostrou-me um officio do General Alava, em que lhe recommendava a leitura do *Morning Chronicle*, do dia 28, como prova de que o Governo Inglez, tendo já passado a primeira impressão causada pelas participações recebidas de Lisboa, estava persuadido da justiça que assistia á Regencia na questão do Douro.

Consta-me, que, tanto o sr. Olozaga como o sr. Marliani, nomeados, o primeiro Ministro e o segundo Consul, em Pariz, tem encontrado difficuldades em serem recebidos pelo Governo Francez.

(Cifra). — O Partido Moderado conta que a Rainha Christina estará de volta em França, no principio de Março

Deus Guarde, etc.—Madrid, 8 de Janeiro 1841.

N.º 15.—*Confidencial.*

Ill.mo e Ex.mo Sr.

A minha situação, bastante desagradavel n'esta Côrte, depois que se encerraram as Camaras sem se ter concluido a discussão do Regulamento sobre a livre Navegação do Douro, tornou-se terrivel quando se recebeu o Discurso da Abertura. A parte da Regencia que deseja a guerra, tomou a preponderancia sobre a outra que, preferindo a felicidade da Nação a sustentar caprichos e exigencias injustas, e aborrecendo as ideas de propagandismo, tem sempre trabalhado pela continuação da paz entre as duas nações. Sem uma unica excepção, todos os homens esclarecidos que me teem ajudado, perderam as esperanças de se poder evitar a guerra; queriam que em logar da phrase «exigencias injustas», se lêsse «exigencias taes que eram inadmissiveis»,—phrase que, sem dar logar a irritação, seria ainda mais forte, porque, debaixo de adjectivos taes se poderia subentender injustos, ridiculos, etc. Como já disse a V. Ex.ª, Mr. Aston tinha encontrado o Duque da Vitoria, no dia 8, no estado da maior excitação. Ainda que tenho passado os melhores dezezeis annos da minha vida na guerra, e que, permitta-me V. Ex.ª a expressão, a posso considerar como o meu elemento, ninguem deseja mais do que eu affastar da minha patria as consequencias horriveis, inevitaveis, que ella traz comsigo. Sei, tenho a convicção que os invasores caro pagariam o seu atrevimento; mas nem por isso deixam de ficar taladas e devastadas algumas das nossas provincias, e arruinadas milhares de innocentes familias. N'estas circumstancias, julguei dever fazer uso da auctorisação de S. M. enviada no officio de V. Ex.ª de 28 de Dezembro—Reservado—N.º 8, e, em data de 8, escrevi ao Ministro dos Negocios Extrangeiros a Nota (Copia n.º 1). No dia 9, por extraordinario, escrevi ao B. de Moncorvo a carta (Copia n.º 2) e fui dizer a Mr. Aston que pelas ordens que se tinham expedido para marcha de tropas, e pelas expressões usadas por Espartero na conversação com differentes pessoas, eu tinha escripto ao B. de Moncorvo dizendo-lhe que unia a minha á opinião geral, e que acabava de me persuadir que o Duque queria a guerra mais do que nenhuma outra pessoa, e pedi-lhe que fosse falar com o sr. Ferrer de um modo que lhe não deixasse a menor duvida sobre o procedimento que a Inglaterra teria em caso de invasão; e que eu julgava isto indispensavel, por me haver dito Ferrer que, á hora em que falavamos, já o Governo Por-

tuguez teria a certeza de não ter, no Governo Britannico, o apoio que lhe tinha promettido Lord Howard.

Mr. Aston, que repetidas vezes me tinha dado os seus agradecimentos pela minha Nota de 8, assim m'o prometteu. O effeito d'aquella Nota foi prodigioso; mudou completamente a posição dos Partidos na Regencia, dando toda a força aos que preferem a paz. Hontem á noite recebi a Nota, (Copia n.º 3, incluindo o n.º 4) na qual se diz que o documento a que se refere constitue «el *ultimatum* en el estado actual del cuestion». Peço a V. Ex.ª que se lembre que esta Nota é assignada pelo sr. Ferrer, e que a expressão referida, segundo a opinião dos homens sensatos com que tenho conversado, é a annullação positiva do *ultimatum* apresentado por Viniegra.

Já tive a honra de dizer a V. Ex.ª que eu tinha dito ao sr. Ferrer que me parecia ter notado differença entre o projecto do *ultimatum* recebido por Mr. Aston e o que Viniegra apresentou, e que o sr. Ferrer me prometteu verificar esta circumstancia. Hontem veiu Mr. Aston dizer-me que o sr. Ferrer lhe tinha pedido me assegurasse que, effectivamente, Viniegra tinha posto, no *ultimatum*, de seu *motu proprio*, a palavra FALSIA, e que tinha sido, por isso, asperamente reprehendido. Que, além d'isto, tinham, em Portugal, interpretado mal a força de certas expressões, como, por exemplo, traduzindo fraco ou cobarde por *flaco;* dando, egualmente, explicações sobre a outra phrase «lucta sem gloria», etc., etc.

Por estes factos, e por todas as informações que hoje tenho recebido, persuado-me que o Governo de S. M. poderá evitar a guerra, fazendo pôr em andamento a discussão do Regulamento, e continuando V. Ex.ª, e os outros membros da Administração, a ter na discussão cuidado em não soltar expressões que, ainda que justas e merecidas, possam dar força aos que pretendem irritar o animo do Duque da Vitoria.

Difficilmente se pode formar idéa da exaltação causada pela phrase «exigencias injustas»; e ella deu logar a dois artigos da *Gaceta*, que me incommodaram a ponto de querer sair de Madrid; porém Mr. Aston, depois de me notar que não havia uma só expressão menos delicada a respeito de S. M. ou da Nação Portugueza, encarregando-se de fallar a este respeito ao Ministro Ferrer, exigiu de mim o desprezar aquelles artigos, dizendo-me «por tudo quanto ha de sagrado, e como o representante do Poder Moderador, *I implore you* (eu lhe rogo) que não faça caso dos artigos da *Gaceta*».

Logo que se recebeu o Discurso da Abertura, houve Conselho da Regencia, em resultado do qual, na mesma tarde,

sahiram quatro correios de Gabinetes, com ordens para movimentos de tropas que devem fazer parte do exercito que destinam a entrar em Portugal, o qual se compõe de 50:000 h. de infanteria, 60 peças de bater, 12 baterias de campanha e 36 esquadrões de cavallaria, divididos em dois corpos de 25:000 infantes cada, e 8 esquadrões, o destinado o entrar pelas provincias do norte, e 28 o outro. Isto é exacto.

Julguei não dever retardar estas informacões, e aproveito o offerecimento do Secretario de Legação, José Leal, o qual poderá dar a V. Ex.ª mais detalhadas informações.

Muito desejo que a minha conducta possa merecer a aprovação de S. M., que os meus esforços possam concorrer para evitar a guerra, e que eu, dentro em pouco, possa concluir esta missão, que me tem fatigado mais do que nenhuma das minhas campanhas.

Rogo a V. Ex. queira, em meu nome, ter a honra de beijar a mão de SS. MM. e Altezas.

Madrid, 11 de Janeiro 1841.

P. S. — Acabo de ter a honra de receber o officio de V. Ex.ª, Reservado n.º 1 de 5 do corrente.

COPIA N.º 1

O abaixo assignado, Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario de Sua Magestade Fidelissima, em Missão Extraordinaria junto ao Governo de Sua Magestade Catholica, tem a satisfação de communicar ao Ex.ᵐᵒ Sr. Don Joaquin Maria de Ferrer, Vice-Presidente do Conselho e Primeiro Secretario d'Estado, que recebeu auctorisação do Governo de Sua Magestade Fidelissima para declarar ao Governo de Sua Magestade Catholica, que o Governo Portuguez nenhuma duvida tem em acceitar a mediação do Governo Britannico para o ajuste da questão pendente entre Portugal e Hespanha, se o Governo de Sua Magestade Catholica a acceitar egualmente.

O abaixo assignado aproveita esta occasião para renovar ao Ex.ᵐᵒ Sr. Don Joaquin Maria de Ferrer, os protestos de sua alta consideração e estima.

Madrid, 9 de Janeiro de 1841.

— —

Copia n.º 2

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Ainda que não tenho hoje tempo de entrar nos detalhes que desejava, não devo deixar de informar a V. Ex.ª das circumstancias em que julgo nos achamos, com relação a este Governo.

A mediação offerecida pelo Governo Inglez foi acceita pela Regencia, mas unicamente pela espaço de vinte e seis dias; porque, sendo o termo do praso marcado no *ultimatum* o dia 4 de Janeiro, este Governo, na sua resposta á Nota de Mr. Aston offerecendo a mediação do seu Governo, diz que acceita, esperando que o Governo Britannico fará com que o Regulamento sobre a navegação do Douro se ponha em execução, por todo o mez de Janeiro, findo o qual a Regencia obrará como julgar conveniente. Não sei como Lord Palmerston tomará esta restricção; mas o caso é que por ella se reserva a Regencia o direito de mandar entrar o Duque da Vitoria, á testa de 60:000 homens, em Portugal, desde o 1.º de Fevereiro, se até então se não tiver posto em execução o Regulamento. Ora é quasi impossivel e, de certo, impraticavel, no estado de irritação em que se acha Portugal, que o Ministerio obtenha conseguir fazer concluir a discussão em ambas as Camaras, a tempo de mandar pôr o Regulamento em execução antes de Fevereiro, e só as mais fortes e sérias admoestações do Governo Inglez poderão evitar as desgraças que devem resultar a ambos os paizes e, particularmente, ao nosso, porque, apesar de não ter a menor duvida que resistiriamos, com gloria, á invasão, nem por isso deixariam de ficar taladas e arruinadas algumas das nossas provincias. Ainda, antes de hontem, o Duque da Vitoria, tratando do dinheiro necessario para a despeza do Exercito, calculava com 60:000 homens menos, porque esses seriam sustentados e pagos á custa de Portugal. Eu tenho, com o Duque, bastante intimidade, e, até agora, eu acreditava tanto nos seus sinceros desejos de evitar a guerra, como Mr. Aston. Mas ha dois dias para cá que principio a unir a minha á opinião geral, isto é que elle a deseja, e a promoverá ou, ao menos, não terá força de resistir aos que a isso o levam.

Mr. Aston, com quem estou com a mesma perfeita intelligencia com que sempre tenho vivido com L. H., (Lord Howard?) trabalha, incessantemente, e muito bons serviços nos tem feito; está, porém, persuadido que a Regencia não deseja a guerra; e eu estou convencido de que alguns dos seus mem-

bros muito a querem. Hoje mesmo, duas pessoas aqui influentes, uma por escripto e a outra de palavra, me fizeram lembrar que a Hespanha tinha resistido ás forças de Napoleão, e em 23 succumbiu ao Duque de Angouleme, porque apoiava um partido, e que o mesmo faria Espartero entrando em Portugal; e teria por si todos os exaltados. O jornal incluso é licenciado e pago pela Regencia; e rogo a V. Ex.ª que leia o artigo que vae marcado.

Trabalhe V. Ex.ª para que esse Governo tome, e sem demora, o tom que lhe convém, sem o que serão inevitaveis grandes desgraças.

Estimarei saber que V. Ex.ª goze de perfeita saude e todo o seu interessante rancho, e que não duvide da sinceridade com que sou, etc.

Madrid, 9 de Janeiro 1841.

N.º 16. — *Confidencial.*

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Hontem á noite tive a honra de receber o officio de V. Ex.ª, Confidencial N.º 2, em 9 do corrente, no qual V. Ex.ª accusa a recepção dos despachos de que foi portador o Conde de Almoster, e me annuncia que, com brevidade, expediria um correio extraordinario.

As noticias recebidas por este Governo, com data de 6, de Lisboa, causaram bastante sensação ao Duque da Vitoria, ao Sr. Ferrer e a outros Membros da Regencia, porque se lhes annunciava, quasi como inevitavel, uma mudança de Ministerio, o que traria, infelizmente, muito maior demora na conclusão do importante negocio pendente entre os dois Governos. Mr. Aston olhava tal mudança como uma calamidade, nas circumstancias a que tinha chegado este negocio. Eu assegurei a todos que tal receio me parecia infundado; que a esperança dos que desejavam essa mudança tinha tido por base, até ao dia 2 de Janeiro, a persuasão de que não concorria o numero necessario de Deputados e Senadores para se constituirem as Camaras; mas, vendo baldada aquella esperança, recorriam agora á reunião das duas Opposições, que se dão a si o nome de Cartistas Puros e de Setembristas, com outros membros da maioria que votariam contra o Regulamento; mas que, não obstante isto, eu estava persuadido que o Ministerio teria uma

maioria respeitavel, e que não haveria mudança. O sr. Ferrer disse-me que sabia que o sr. Ministro da Fazenda tinha, effectivamente, pedido a sua demissão. Respondi-lhe que nada sabia a tal respeito.

As eleições começam no 1.º de Fevereiro e acabam em poucos dias. Desejam os Regentes, com a maior anciedade, receber noticias, até ao dia 27, de ter acabado a discussão do Regulamento, pelo menos na Camara dos Deputados; porque estão convencidos que, se podessem publicar aquelle resultado a tempo, as Camaras futuras não serão puramente democraticas e propagandistas; e exforçam-se em me fazer ver que este resultado de vida ou morte para elles, não deixará de ser seguido das mais graves consequencias para Portugal.

Os Officios recebidos no dia 10, á noite, do Capitão General da Catalunha, Van Holen, Conde de Verocamps (?) obrigaram o Ministro da Fazenda a mandar chamar um capitalista d'esta cidade e, sobre seu credito particular, pedir-lhe para a seguinte manhã, um milhão de reales de vellon, que remetteu para a Catalunha.

Hoje foi apresentada á Regencia uma proposta para um emprestimo, assignada Safon e Companhia. A somma é de quinhentos milhões de reales de vellon, ou dois mil contos de réis a 65 com juro de 5 %. No preambulo declaram que fazem a proposta na intelligencia que a paz continuará com as Potencias limitrophes.

(Cifra). — Tenho a certeza de ser informado a tempo e com exactidão de tudo que se passar nas Secretarias do Reino, Fazenda, Guerra e Estrangeiros que nos possa dizer respeito.

Rogo a V. Ex.ª tenha a honra, etc. Madrid, 15 de janeiro de 1841.

N.º 17. — *Confidencial.*

Ill.mo e Ex.mo Sr.

No dia 15, pelas oito horas da manhã, chegou o correio extraordinario que me entregou o officio reservado n.º 3, de 10 do corrente, e o n.º 12 da serie ostensiva.

Julgando não dever demorar as explicações convenientes sobre o acontecimento que teve logar a Barca de Fialhosa, não podendo saír por estar incommodado, pedi ao Conselheiro Lima quizesse encarregar-se de ver o sr. Ferrer a este res-

peito, e pedi-lhe que lhe dissesse que V. Ex.ª me tinha participado que, no dia 12 ou 13, o Governo exigiria, na Camara dos Deputados, a discussão do Regulamento relativo á navegação do Douro, sem dependencia de terminar a da resposta á Fala do Throno e que, da minha parte, lhe podia affirmar que, não obstante haverem alguns membros que deixariam de votar a favor, em consequencia do que se tinha passado no intervallo das sessões, o Governo teria a maioria em ambas as Camaras. O sr. Lima teve a bondade de me informar que não dariam peso ao acontecimento da Barca de Fialhosa; e que o sr. Ferrer se tinha mostrado satisfeito com as outras informações.

No mesmo dia 15 me mostrou Mr. Aston uma proclamação que lhe tinham remettido, assignada pelo major Cabral, da qual envio copia, dizendo-me que lhe asseguravam que agentes Francezes buscavam, por todos os modos, promover um movimento aqui contra a Regencia, e, em Portugal, contra o actual Governo de S. M. Que sabia que dous d'estes agentes tinham marchado para Portugal, devendo estar hoje no Algarve Mr. Garnier-Pagés, irmão do celebre Deputado Republicano d'este nome; que não estava certo como se chamava o outro, mas que julgava ser Mr. Maillefaire, a respeito de quem já escrevi a V. Ex.ª

Passarei agora a responder aos dous paragraphos que seguem, transcriptos do officio Reservado de 10, em resposta ao meu confidencial de 31 do p. p.

«A phrase de que V. Ex.ª usa no seu officio reproduzindo, etc».

«Sobre este ponto sinto eu muito, etc».

O paragrapho com que conclue o meu officio de 31 é o seguinte:

«Estes dias tem marchado, na direcção de Talavera, alguns corpos de infantaria que se achavam n'esta capital, e alguma artilharia».

Foi isto mesmo que eu communiquei ao Visconde de Sá acrescentando, unicamente, que me parecia que a praça de Elvas seria um dos primeiros pontos atacados.

Se, pelo que acabo de dizer, é evidente a injustiça d'esta accusação que se me faz, quem acreditará, V. Ex.ª mesmo se admiraria, que a outra tenha por base, não uma conferencia que eu tivesse tido com algum dos membros d'este Governo, na qual tivesse deixado de responder convenientemente a expressão pela qual se tivessem denominado hostis as medidas tomadas pelo Governo Portuguez, mas sim a participação que

faço a V. Ex.ª do que se continha na Nota do Sr. Ferrer, em resposta á de Mr. Aston offerecendo a mediação do seu Governo, cuja leitura eu tinha feito, muito á pressa, quando Mr. Aston m'a fez ver.

No meu officio n.º 14, em que relato a conferencia que tive com o sr. Ferrer, no dia 8 do corrente, V. Ex.ª terá visto que, quando aquelle Ministro se me queixou das prisões que, em Portugal, se faziam para soldados, eu lhe respondi: — Como imaginava elle que houvesse um Governo que, ameaçado de uma invasão para o dia 3 de Janeiro, não lançasse mão, no mez de Dezembro, de todos os recursos para se defender?

Do que acabo de expôr, é tão evidente e absurdo, e a injustiça da reprehensão que se me dá, como a vontade de me insultar do argucioso Official Maior d'essa Secretaria dos Negocios Estrangeiros quando redige algum officio que V. Ex.ª, por falta de tempo, não póde escrever do seu proprio punho.

Mal podia esperar o Marechal Marquez de Saldanha, depois de trinta e seis annos de serviço, tendo exercido todos os mais elevados empregos do Estado, sem nunca ter sido reprehendido; condemnado á morte em 1828, e havido, em 1837, por nunca ter sido Miguelista nem Setembrista, que, annuindo ás repetidas instancias dos Ministros da Corôa, acceitando, com muita repugnancia, esta missão extraordinaria e temporaria, porque só deveria durar dois ou tres mezes, mal podia pensar, digo, que no fim da sua vida se expunha a ser o divertimento do sr. Antonio Joaquim Gomes d'Oliveira. Se tal é a sua conducta para comigo, que sou completamente independente da carreira diplomatica, facil é de imaginar o que lhe terão soffrido e aquillo a que estão expostos os membros do Corpo Diplomatico a quem elle considera em outras circumstancias. O Ex.mo sr. C. da Bahia, por effeito da sua natural bondade, fez com que o Encarregado de Negocios de Hespanha, Cruix (?) retirasse uma Nota em que apresentava factos que iam corroborar as exigencias do Ministro Inglez, relativas áquelle empregado publico, o que valeu a Cruix (?) uma severa reprehensão do seu Governo. V. Ex.ª não tem querido acreditar que os máos officios d'esse Official Maior mui poderosamente contribuissem para a desintelligencia e irritação que existia entre o Governo de S. M. e o da Grã-Bretanha, quando se formou o Ministerio de 26 de Novembro; mas julgo que não deixará de ver, no seu procedimento para comigo, o desejo de me indispôr com V. Ex.ª, o que infallivelmente teria logar se eu não soubesse a necessidade com que os Ministros muitas vezes são obrigados a

assignar, sem ler, officios redigidos e apresentados por pessoas da sua confiança.

Eu tinha tenção de me demorar aqui até Maio, para observar a marcha das Côrtes e estabelecer relações com o novo Regente ou Regentes e seus Ministros; mas a minha dignidade exige, porque eu não devo nem quero receber outro insulto, que acabe esta Missão, e me retire para Lisboa, no momento em que veja que tem desapparecido o receio de guerra pela questão do Douro.

Deus Guarde, etc. Madrid, 18 de Janeiro 1841.

N.º 18 — *Confidencial.*

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Pelo correio passado tive a honra de enviar a V. Ex.ª a copia do confidencial que dirigi ao Ministro dos Negocios Estrangeiros em 19 do corrente, apenas recebi a carta de V. Ex.ª de 13; e, inclusa, achará V. Ex.ª a copia da sua resposta.

No dia seguinte fui ver o sr. Ferrer, o qual deu as mais evidentes provas da satisfação que lhe causavam as noticias de Lisboa. Entrou em immensos detalhes sobre a situação da Regencia com os differentes Governos da Europa, especialmente do que, ultimamente, se tinha passado entre elle e Mr. Guizot, esforçando-se por me fazer ver a grande utilidade que resultaria á Peninsula se os Governos de Portugal e Hespanha, em todas as questões Europeas, se apresentassem sempre identificados um com o outro. Li-lhe a ultima parte da carta de V. Ex.ª, e quando cheguei ao paragrapho em que V. Ex.ª diz: — «Conto que, dentro em pouco, cessará o motivo «*se é verdadeiro*, da desconfiança d'esse Governo», levantou-se, abriu uma gaveta do seu bufete e tirou um papel, e disse-me: — «Para lhe provar que não ha nenhum outro motivo, e a «nossa boa fé e probidade para com o Governo de S. M. a «Rainha de Portugal, de cavalheiro a cavalheiro, só para V., «veja esse papel.»

Era um documento original, assignado por mais de um individuo, que lhe tinha sido remettido por Viniegra quando esteve Encarregado de Negocios em Lisboa!!

O espirito de Partido a tudo se abalança; nada respeita; e só por esta convicção não julguei apocrypho aquelle documento.

O sr. Ferrer assegurou-me que estava persuadido que ninguem que soubesse o que era Governo Representativo poderia deixar de confessar que era impossivel dar um passo mais decidido do que o tinha dado o Ministerio Portuguez, fazendo antepôr a discussão do Regulamento á da Resposta ao Discurso do Throno; mas que esta prova immensa da sua força provava, evidentemente, que podia acabar a discussão quando quizesse, e por isso instava e esperava que o Regulamento passasse a tempo de se publicar antes das eleições. Todos os outros Ministros da Regencia com quem tenho estado, se mostram egualmente satisfeitos, e anciosos pela conclusão do negocio do Douro.

Fallei ao Ministro dos Negocios Estrangeiros relativamente aos mancebos portuguezes que se teem refugiado n'este Reino, fugindo ao Recrutamento. Respondeu-me: — «V. sabe o ter«reno que pizamos, e o effeito que produziria, antes da con«clusão do Regulamento, qualquer medida que tomassemos a «esse respeito. Logo que não haja esse motivo, faremos tudo «quanto V. quizer, e que possa mostrar a nossa sinceridade e «boa fé.»

Mr. Garnier-Pagés chegou hontem a Madrid, tendo estado no Alemtejo. Mr. Maillefere deve ir ás provincias do Norte, e depois á Galiza, pôr em harmonia e regularisar a correspondencia entre os Clubs republicanos da Peninsula com os da França; tal me asseguraram ser o fim dos seus trabalhos.

Rogo a V. Ex.ª que em meu nome, etc.

Deus Guarde, etc. Madrid, 22 de janeiro 1841.

N.º 19. — *Confidencial.*

Ill.^mo e Ex.^mo Sr.

Todas as conferencias que tenho tido com os Regentes-Ministros, depois da recepção do Officio de V. Ex.ª do dia 16 do corrente, são as mais satisfatorias possivel, e provam, evidentemente, que, pelo menos a maioria da Regencia, não se servia da questão do Douro para encobrir tenções secretas contra a nossa independencia nacional ou contra o actual Gabinete Portuguez, depois que conheceu quem eram os homens que, em Portugal, se intitulavam Progressistas. Logo depois de ter obtido do Duque da Vitoria a promessa formal e solemne, a qual elle, no dia seguinte, repetiu a Mr. Aston, de fazer reti-

rar a Nota apresentada por Viniegra no dia 9 de Dezembro, tive uma conferencia com o sr. Ferrer, e quando lhe dei conhecimento da conducta de Soler, em nossa Côrte, perguntei-lhe se eu tivesse seguido o mesmo caminho, e que, em logar de ter relações com Don Antonio Gamboa, com Quadra, e outros bons Hespanhoes, homens de saber e prudencia, e sinceros amigos da Regencia, e, com o Ministro Inglez, eu tivesse ido receber as inspirações dos redactores do *Trueño* e do *Huracan*, e dos agentes Francezes, e tivesse apresentado o procedimento e as intenções dos Regentes com as mesmas côres que Viniegra e Soler o fizeram, a respeito do Gabinete Portuguez, em que estado estaria hoje a navegação do Douro? Respondeu-me com mil cousas lisonjeiras para mim, e assegurou-me que ia fazer partir D. Manuel M. de Aguilar, que era homem de boas intenções, e que estava persuadido mereceria a benevolencia de S. M. e do seu Governo.

Fiz-lhe vêr a necessidade de fazer desapparecer todas as causas de irritação e que manifestassem a desconfiança que havia existido entre os dois Governos; e que, portanto, era de absoluta necessidade retirar a Nota de 9 de Dezembro. O sr. Ferrer, protestando quanto anciava, evidentemente, phrazear a sinceridade dos seus sentimentos, me assegurou que, de certo, se não opporia a que a Nota fosse retirada, e removido qualquer pretexto de desconfiança. Era para mim sufficiente garantia a promessa do Duque da Vitoria; mas não quiz omittir o que me disse o sr. Ferrer; porque, tendo passado da casa do Duque á Secretaria d'Estado, a resposta do Ministro dos Negocios Estrangeiros foi espontanea, e não obrigada pela resolução do Duque, como poderiamos julgar. O sr. Ferrer deseja, o mais vivamente possivel, que, quanto antes, se verifique a passagem de um barco qualquer pelo Douro, ainda que seja tão pequeno que apenas possa conduzir uma ou duas fanegas de trigo. Olhará como um brazão da sua gloria se a navegação começar no seu Ministerio, ainda que seja na menor escalla imaginavel.

Logo que se receba a noticia de ter passado o Regulamento na Camara dos Senadores, a Regencia mandará dar baixa a todas as praças de prêt que a ella têem direito, cujo numero excede a oitenta mil homens.

A noticia de ter passado o Regulamento na Camara dos Deputados, que tanto encheu de alegria e satisfação a Regencia e seus amigos, causou uma impressão tão desagradavel no Partido Moderado que de mim mesmo a não poderam occul-

tar; e a allocução do Duque da Vitoria á Guarda Nacional, na revista do dia 23, tem os exacerbado ao ultimo ponto.

Na ultima conferencia que tive com o sr. Ferrer, tornou a falar-me no estado das relações da Regencia com as Potencias do Norte, que elle julga em muito bom andamento, e com o Governo Francez, de que elle tem as maiores desconfianças. Acabava o sr. Ferrer de receber um despacho do sr. Olosaga, Ministro da Regencia em Pariz, no qual lhe dizia que Mr. Guizot o tinha, directamente, chamado sobre a questão com Portugal, e, afinal, lhe tinha dito que não receassem a menor opposição ou incommodo da parte da França, no caso de levarem a effeito a guerra com Portugal.

Este facto está bem pouco de accordo com a segurança dada por Mr. Guizot a Lord Palmerston, sobre as instrucções enviadas ao Ministro Francez na Côrte de Lisboa.

Rogo a V. Ex.ª queira, em meu nome, ter a honra de beijar a mão de SS. MM. e Altezas.

N'este momento me informam que hoje se expediram ordens para terem baixa todos os que a deviam ter recebido em 1833, 34 e 35, e, segundo a opinião do meu informante, que está em circumstancias de o saber, o numero dos homens que, em consequencia, deixam o serviço, excede 30:000 (trinta mil).

Madrid, 26 de Janeiro 1841.

N.º 20. — *Confidencial.*

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Antes de hontem á tarde chegou o Secretario da Legação, Leal, e me entregou o officio e carta de V. Ex.ª de 21, e os despachos de L. Howard para Mr. Aston.

Eu julgo que a natureza dos factos especificados nos meus ultimos despachos, terá feito convencer a V. Ex.ª de que me não enganava, quando affirmava que a questão da navegação do Douro não era o pretexto que encobria tenções secretas da parte da Regencia.

Tendo, antes de hontem mesmo, ido dar conhecimento a Mr. Aston do officio de 21, e concertado com elle sobre o que convinha fazer, fui hontem de manhã ver o Duque da Vitoria e o sr. Ferrer, e a ambos fiz ver qual tem sido a conducta do Senador Manuel de Castro Pereira, e dos outros Senadores, membros da Opposição, e a resolução em que V. Ex.ª se achava; que a discussão do Regulamento já estava dado para

a Ordem do dia 23; que eu falasse uma palavra sobre o que, n'aquelle officio, V. Ex.ª me diz do Soler; e, finalmente, os embaraços que os empregados da Regencia, tanto no Porto como em Lisboa, suscitavam, de proposito, para evitar a conclusão da questão, o que era mui injurioso á Regencia, porque dava força ás suspeitas sobre tenções occultas d'este Governo, e a que só deixariam de dar credito as pessoas que, como eu, conheciam pessoalmente o modo de pensar dos Regentes.

Primeiro que eu tivesse dito uma palavra a respeito do que V. Ex.ª me participa relativamente ao sr. Soler, fui informado que, tendo o sr. Ferrer feito ver á Regencia o que eu lhe havia communicado na conferencia que relato no meu officio confidencial n.º 19, se havia tomado a resolução de nomear outro Secretario em logar de Soler; porque a Regencia está decidida a fazer ver, por todos os modos, os seus ardentes desejos pelo restabelecimento da mais perfeita harmonia e intelligencia com o Governo de S. M.

O sr. Ferrer accrescentou: — «Logo que as Côrtes se re«unam, verá os elogios que ali hei de fazer ao actual Gabinete «Portuguez. Eu não conhecia Soler; foi Compusano e Agui«lar que se empenharam em que elle fosse de Secretario para «Lisboa, e é um desgraçado que não tem de que viver; mas «torne a si a culpa».

Hontem me esteve mostrando o Duque da Vitoria o mappa que indica a collocação que foi destinada ao exercito depois da guerra. A divisão do commando do General Alençon, que se compõe de tres brigadas de infanteria, era destinada a occupar Ciudad Rodrigo, Salamanca e Valladolid. O regimento de Couraceiros da Rainha deve ter o seu quartel em Ciudad Rodrigo; e o Duque, em consequencia das minhas reflexões e de Mr. Aston sobre a approximação de tropas á Fronteira, não consentiu que esta divisão fosse ao seu destino, e está hoje occupando Burgos e Valladolid, e o regimento de Couraceiros está em Aranjuez, para onde devia ir outro regimento que está em Catalunha. O mesmo aconteceu a outras divisões. A conducta do Duque, a nosso respeito, não se póde exceder em franqueza e verdade.

Permitta-me V. Ex.ª que eu tenha a satisfação de lhe dizer que, tendo Mr. Aston a bondade de me deixar ler os despachos que envia e recebe a respeito da nossa questão, eu tenho lido os officios de Lord Howard ao seu Governo sobre a questão do Douro, e é impossivel que nenhum Portuguez advogasse a nossa causa com mais interesse, mais efficacia e mais energia do que o mesmo Lord o tem feito. Muito devemos, egual-

mente, a Mr. Aston, e, sem a sua prudencia e maneiras conciliadoras, não teriamos evitado as terriveis consequencias das intrigas forjadas em Lisboa.

A'manhã deve sair d'esta Côrte Don Manuel de Barros, nomeado Consul General d'Hespanha em Portugal. Tendo, anteriormente, seguido a carreira diplomatica, serviu duas vezes como Secretario de Legação, e são boas as informações que tenho obtido a seu respeito.

Queira V. Ex.ª, em meu nome, ter a honra de beijar a mão de SS. MM., etc., etc.

Deus Guarde a V. Ex.ª Madrid, 29 de Janeiro 1841.

N.º 21. — *Confidencial.*

Ill.mo e Ex.mo Sr.

No dia 31, de manhã, escrevi a Ex.ª pelo correio que expediu Mr. Pageot, participando a noticia de haver passado em Toulouse, na noite de 23 para 24, o ex-Infante D. Miguel, e referia a V. Ex.ª os offerecimentos que, em consequencia d'esta noticia, me tinha feito o Duque da Vitoria. Quando me dispunha a ir ver o sr. Ferrer, recebi a communicação, copia n.º 1, e respondi immediatamente, como V. Ex.ª verá da copia n.º 2, em consequencia da qual recebi, no dia seguinte, a de que é copia o n.º 3.

A's tres horas do dia 31, chegando a casa, achei o Conde de Almoster, que me entregou os despachos de V. Ex.ª do dia 27.

Sem perder um momento, o communiquei ao sr. Ferrer, como V. Ex.ª verá da copia n.º 4, e, pessoalmente, lhe entreguei o Memorandum, copia n.º 5. O sr. Ferrer, depois das mais evidentes provas da sua grande satisfação, pediu-me que voltasse no dia seguinte, porque não queria demorar um instante o dar a noticia aos seus collegas, e expedir correios extraordinarios para as provincias de Castilla.

Voltei hontem á Secretaria d'Estado, e o sr. Ferrer leu o meu memorandum, e foi-me respondendo, no fim de cada artigo, assegurando que tudo, tudo, se poria em execução imediatamente; mas esperando, comtudo, que não seriam castigados os mancebos que tinham fugido do recrutamento e buscado asilo n'este paiz.

Seria impossivel referir a V. Ex.ª tudo quanto hontem me

disseram os Ministros, que todos vieram a minha casa felicitar-me pela feliz conclusão do terrivel negocio que tanto nos incommodou. O Duque da Vitoria me encarregou de affiançar a Sua Magestade que podia dispôr do Exercito Hespanhol, no caso que D. Miguel reunisse alguma força, ou para estabelecer algum cordão nas fronteiras, ou para entrar em Portugal contra o Pretendente, e que, mesmo no caso em que o Governo Portuguez pedisse só a entrada de dous ou tres mil homens, elle tomaria o commando, pois que, depois do serviço de S. M. Catholica, nada ambicionava tanto como poder prestar serviço a S. M. Fidellissima, e mostrar a sua constante sympathia pela briosa Nação Portugueza.

Quando eu estava jantando, entrou o sr. Ferrer, e me entregou a participação de que é copia o n.º 6, pela qual V. Ex.ª me permittirá que eu o felicite, pois que a Regencia, desejando mostrar o apreço que faz da pessoa de V Ex.ª, pela parte que teve na feliz solução da negociação relativa á livre navegação do Douro, o nomeava Grão Cruz da Real e distinguida Ordem de Carlos III. Da mesma copia verá V. Ex.ª que, tanto eu como o Conde de Almoster e o meu Ajudante d'Ordens Don Miguel Ximenes, recebemos uma prova de apreço da Regencia, e peço a V. Ex.ª queira rogar a S. M. a permissão de podermos fazer uso das insignias correspondentes.

As noticias de Pariz pelo ultimo correio parecem confirmar a passagem do ex-Infante D. Miguel por França; mas talvez se refiram ás que deviam ter recebido de Toulouse.

Rogo a V. Ex.ª me queira, etc.

Madrid, 2 de Fevereiro 1841.

N.º 22. — *Confidencial.*

Ill.^mo e Ex.^mo Sr.

Tenho a honra de enviar a V. Ex.ª a copia da communicação que acabo de receber, n'este momento, do Ministro dos Negocios Estrangeiros em resposta ao meu Memorandum do dia 31 de Janeiro, ainda que datado de 3 do corrente. O quinto Artigo, relativamente ao *Ultimatum*, estava redigido de modo que julguei dever instar por que fosse alterado; é esta a razão da differença que V. Ex.ª notará na data e dia em que o recebi.

Don Manuel Maria d'Aguilar partirá em poucos dias, e já

se expediram as ordens para se levarem a effeito as medidas exigidas nos outros Artigos.

Eu farei ao sr. Ferrer as reflexões convenientes ácerca da entrega de desertores e criminosos.

Rogo a V. Ex.ª queira, etc.

Madrid, 8 de Fevereiro 1841.

N.º 23. — *Confidencial.*

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Tenho a honra de enviar a V. Ex.ª a inclusa copia do officio do Ministro d'Estado dos Negocios Estrangeiros, que, agora mesmo, recebo, não obstante trazer data de 4.

As noticias que hontem se receberam de Geneva não fazem menção do ex-Infante D. Miguel.

Rogo a V. Ex.ª, etc.

Deus Guarde a V. Ex.ª—Madrid, 9 de Fevereiro 1841.

N.º 24. — *Confidencial.*

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Antes de hontem, 14, tive a honra de receber o officio de V. Ex.ª, reservado N.º 11, acompanhado de tres documentos pelos quaes constava que o ex-Major Cabral havia chegado, no dia 23 do p. p., a Ayamonte, acompanhado por quatro soldados, e ostenta as tentativas que elle tinha empregado. Passei, immediatamente, á Secretaria da Guerra, e o Ministro Chacon, á minha vista, fez expedir as mais positivas ordens para que aquelle refugiado fosse, sem a menor demora, conduzido a Cuenca, onde ficaria residindo; fui, depois, vêr o sr. Ferrer, afim de passar a indispensavel communicação ao Ministerio da Guerra. O sr. Chacon, prestando-se a expedir aquella ordem antes da competente participação dos Negocios Estrangeiros, adiantou o negocio cinco ou seis dias.

Don Antonio Gonzales partiu, hontem á noite, para Londres. Pela manhã veiu ter commigo uma conferencia que, verbalmente, terei a honra de communicar a V. Ex.ª. Elle conta demorar-se poucas semanas em Londres; e espera poder ter

tempo para regressar por Lisboa. O sr. Gonzales, segundo a minha opinião, é a maior capacidade politica dos homens da epoca.

Muito se trabalha para que o Duque da Vitoria seja o unico Regente, conservando o commando do Exercito. Se isto acontecer, o que me parece provavel, Gonzales, segundo creio, será o 1.º Ministro: no caso contrario, será um dos Regentes.

Desde o principio da passada semana, que o sr. Ferrer me disse que a Regencia estava prompta a receber as credenciaes do sr. Lima, e que desejava, ao mesmo tempo, aproveitar a occasião de se reunirem os Officiaes-móres da Casa Real, etc., para celebrar a ceremonia de me armar cavalleiro, e pôr as insignias de Grão Cruz de Carlos 3.º; mas, mesmo no caso que eu, ainda hoje, não tenha a honra de receber a permissão de S. M., a recepção do sr. Lima está definitivamente determinada para o dia de amanhã.

Em outra occasião tive a honra de assegurar a V. Exª, pela gloria de S. M., e pela felicidade da nossa Patria, que a questão do Douro não era o pretexto com que a Regencia encobria tenções secretas a nosso respeito; e é com a maior satisfação que estou hoje tão convencido de que me não enganei, como o estou da minha propria existencia.

Parece-me que os negocios da Europa se têem complicado, ultimamente, sem embargo da feliz terminação da questão Egypcia.

Espero poder partir no domingo, 21, e, n'esse caso, terei no sabbado a minha audiencia de despedida.

Rogo a V. Ex.ª queira, em meu nome, etc.

Madrid. 16 de Fevereiro de 1841.

N.º 25 — *Confidencial.*

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Só hontem, de tarde, recebi o officio de V. Ex.ª, confidencial n.º 12, de 13 do corrente. Fui, immediatamente, ver o sr. Ferrer, a quem disse que V. Ex.ª estava tão pouco satisfeito com a redacção do Art. 5.º da sua resposta ao seu *Memorandum* de 31, que até estava resolvido a não fazer menção d'ella no Relatorio que estava preparando para apresentar ás Camaras.

«Valha-me Deos! Eu quero satisfazer ao sr. Magalhães; «mas é necessario que elle se lembre que tambem temos Ca«maras, e Camaras nas quaes ha de ser necessario ganhar

«e formar maioria. Vamos a ver por que não serve aquella «redacção.»

Taes foram as palavras do sr. Ferrer.

Disse-lhe que a palavra «solicitud» fazia ver que a Regencia tinha cedido a exigencias nossas; e que, a não apparecer como um acto seu, espontaneo, perdia toda a efficacia, e não mostrava sinceros desejos de fazer esquecer tudo quanto tinha havido de desagradavel. Immediatamente o sr. Ferrer redigiu o Artigo que V. Ex.ª verá da copia incluza que, hontem á noite mesmo, recebi, e com o qual julgo que V. Ex.ª ficará satisfeito.

Quando sahia do Gabinete do Ministro, achei na sala immediata Mr. Aston, a quem disse o que acabava de se passar, e o qual julgou que eu não devia demorar a sua participação a V. Ex.ª, e conformando-me, com a sua idea, a mandar por extraordinario, esperando que possa chegar antes de V. Ex.ª ter apresentado o seu Relatorio.

Pelo correio ordinario só poderia chegar na segunda feira, 1.º de Março.

Rogo a V. Ex.ª me queira fazer a honra, etc.

Madrid, 21 de Fevereiro 1841. (por extraordinario).

N.º 26 — *Confidencial*

Ill.mo e Ex.mo Sr.

No dia 24 tive a honra de receber o officio reservado, sem numero, de 19 do corrente no qual V. Ex.ª, de ordem de S. M., chama a minha attenção sobre o objecto do pagamento da divida d'este Governo ao de Portugal pelas despezas da Divisão Auxiliar que, em 1835, veio reforçar as tropas de S. M. C. contra o Pretendente, recommendando-me que falle com Mr. Aston, a quem Lord Howard escrevia, na mesma data, sobre o mesmo objecto.

Passei, immediatamente, a ver-me com o Ministro de S. M. B., o qual me leu o que Lord Howard lhe escreveu, assegurando-lhe que o Governo de S. M. ficaria mui satisfeito que se conseguisse do Governo Hespanhol que conviesse na nomeação de uma Commissão Mixta para liquidar as contas, e que, depois de feita a liquidação, se estabelecessem prasos certos de pagamento, ainda que mui prolongados fossem. Fui, em seguida, a casa do Conselheiro Lima, e alli obtive os esclarecimentos que me eram indispensaveis, e, depois de ter visto

ao Duque da Vitoria e aos senhores Gamboa e Chacon, redigi a Nota ou Officio, (copia n.º 1.) Fui, eu mesmo, entregal-o ao sr. de Ferrer, que me prometteu que o submetteria, sem demora, á Regencia, a qual se devia reunir n'aquella mesma tarde. Assim se verificou, e tenho a satisfação de informar a V. Ex.ª que a decisão da Regencia foi, em tudo, conforme ao que eu pedi, como V. Ex.ª verá da resposta do sr. Ferrer (copia n.º 2). Em poucos dias espero poder receber as lettras, que não serão a seis e a doze mezes, mas a um e dois annos, porque, até então, já aquelles fundos estam applicados. Mas, como as lettras sobre a Havana vencem o juro de seis por cento, poderá o Governo de S. M. negocial-as facilmente.

Amanhã verei o Ministro da Guerra, e combinarei com elle o necessario para que a Commissão Mixta tenha logar.

Peço a V. Ex.ª que não deixe de notar que foi no mesmo dia em que eu recebi as ordens de Sua Magestade a este respeito, que tratei com o Presidente da Regencia e com os Ministros da Guerra, Fazenda e Estrangeiros, e que a Regencia deliberou sobre a minha Nota, e de um modo tão satisfatorio.

Este procedimento justifica, completamente, as minhas repetidas asserções quanto aos sinceros desejos da parte da Regencia sobre o restabelecimento das mais intimas relações comnosco.

A copia n.º 3, é de um impresso em papel côr de sangue que hoje recebi. Não mando o original, porque o quero mostrar aos Regentes.

Rogo a V. Ex.ª me faça a honra de beijar a mão a S.M. e Altezas.

Madrid, 26 de Fevereiro 1841.

N.º 27 — *Confidencial — Reservadissimo.*

Ill.mo e Ex.mo Sr.

V. Ex.ª sabe, perfeitamente, que eu acceitei esta missão extraordinaria unicamente para o fim de restabelecer as nossas relações com o Governo produzido pela revolução de Setembro, e que, na presença de S. M., repetidas vezes se me disse que só se exigia de mim o sacrificio de dois ou tres mezes. Annui. Achavam-se já restabelecidas estas relações, e já tinham decorrido quatro mezes, quando V. Ex.ª se lembrou de

me encarregar, em 19 de Fevereiro, de solicitar o pagamento da divida em que este Governo está para com o de Portugal, pelas despezas da Divisão Auxiliar que entrou em Hespanha contra o Pretendente, dando-me, por unica instrucção, que me entendesse a este respeito com o Ministro de S. M. B. n'esta Côrte.

Por aquella espontaneidade com que sempre me dedico ao serviço de S. M. e do Paiz, no mesmo dia 24 em que recebi aquelle officio, não obstante estar prompto a partir, dirigi ao Ministro dos Negocios Estrangeiros a Nota de que remetti copia em 26, e, quasi que, sem o saber, me acho envolvido em um negocio para mim mui melindroso e mui desagradavel; porque para mim sempre o foi ter que tratar negocios pecuniarios. Mas, já que assim acontece, buscarei sair d'elle o melhor possivel, pondo o Governo de S. M. ao facto das circumstancias aqui existentes, e não tomando resolução alguma sem a determinação de S. M.

Pelas ultimas noticias vindas da Havana, soube este Governo que o da ilha de Cuba, para não deixar de satisfazer as lettras saccadas sobre elle pelo Ministro das Finanças, se tinha visto na necessidade de deixar de pagar o soldo, por inteiro, ás tropas da guarnição, a qual, nos dois mezes anteriores, tinha recebido só meio soldo, acontecimento que nunca tinha logar n'aquella Colonia, e que antevia a necessidade de demorar os pagamentos successivos. Esta noticia divulgou-se no dia 28, e a consequencia immediata foi que os possuidores de lettras sobre a Havana, querendo-as hoje descontar, só receberam 45 %. Apesar de estar doente de cama, logo que isto me constou escrevi, dizendo ao Ministro dos Negocios de Fazenda que eu necessitava vel-o antes de se levar a effeito qualquer resolução relativa ao modo de se verificar o pagamento das lettras acceites e protestadas.

Pela primeira vez me foi hontem possivel sair de casa, e estive com o sr. Don Agostin de Gamboa, a respeito de quem já, por muitas vezes, tenho tido a honra de dizer a V. Ex.ª o verdadeiro interesse que sempre evidenciou em tudo que diz respeito a S. M. F. e a Portugal. Animado dos melhores desejos, está prompto a fazer tudo que seja possivel e efficaz; mas a situação é tal que não foi possivel virmos a uma conclusão.

Em officio confidencial n.º 16, de 15 de Janeiro, eu disse a V. Ex.ª (o paragrapho d'este officio que principia: «Os officios recebidos no dia 10», etc.) Até hontem não tinha o sr. Gamboa podido satisfazer aquella somma.

Exceptuando os cincoenta mil homens que estão n'estas immediações, o exercito, que esteve sempre pago em dia, está já com dois mezes de atrazo. O do norte, que occupa as provincias vascongadas, apenas recebeu seis dias do mez de Janeiro; e no 1.º do corrente chegou pela posta um Ajudante d'Ordens do General Ribero, commandante d'aquelle exercito, avizando ter saccado sobre o Thesouro, e á vista, pela somma de quarenta mil duros. A's dez horas da noite houve grande reunião no Ministerio das Finanças para ver como accudir, no dia seguinte, áquelle pagamento que, a não se verificar, teria sérias consequencias, segundo avisava o General Ribero. Não foi possivel descobrir modo de haver aquella somma, e concluiu a reunião por dizer o Duque da Vitoria que, na manhã seguinte, elle daria os quarenta mil duros, comtanto que lh'os restituissem em tres semanas; e assim se lhe prometteu.

O *deficit* mensal é de trinta e tres milhões de reales de vellon, ou mil trezentos e vinte contos de reis.

As rendas sobre os arrendatarios das aguas ardentes, e sobre os arrendatarios de puertos, etc., estam adiantadas sem que o mesmo Governo saiba até quando. Sobre as aguas ardentes me disse o sr. Gamboa, hontem, que tinha livrado a favor de Sopo...(?), dezoito milhões, um a favor de Beltrão de Lis, e cinco mais a favor de um Biscainho cujo nome me esquece.

Uma companhia de capitalistas estrangeiros pertendia estabelecer um contracto do tabaco aqui, em tudo semelhante ao que existe em Portugal, e, em logar de dous milhões de duros que o tabaco hoje rende ao Estado, queriam dar cinco milhões e meio. O Governo, com muito gosto, annuiu; mas hoje os capitalistas recusam-se, porque não se atrevem a fazer o deposito de um milhão de duros, necessario, á vista do estado politico do paiz, o que tem contrariado muito o Ministro da Fazenda.

Parece-me que é desnecessario entrar em mais detalhes, chamando a attenção de V. Ex.ª sobre as circulares do Ministro da Fazenda que se tem publicado nos jornaes, e pedindo a V. Ex.ª que leia o artigo de fundo do *Correo Nacional* de hoje, pelo qual V. Ex.ª verá que, apesar dos maiores esforços das auctoridades, em consequencia das ordens do Governo e durante repetidos dias, não foi possivel achar em Valhadolid oito mil duros.

E' facil imaginar as scenas que este estado de finanças tem produzido entre os Regentes; e a que hontem á noite teve logar entre os Ministros do Reino, Justiça, Estrangeiros e Fazenda foi tal, que muito trabalho custou ao Duque conseguir que o sr. Gamboa não abandonasse o Ministerio.

Attendendo ao estado das finanças, á divergencia em que se acham os mesmos poucos homens de bôa fé e independencia, relativamente á questão da Regencia, querendo uns que sejam tres os Regentes, e outros que seja um só, sustentando qualquer das opiniões com razões de muitissimo peso: attendendo á actividade dos Republicanos, á terrivel opposição dos Moderados, e ás diligencias que uns e outros fazem, sem cessar, para alienar de Espartero a confiança do Exercito; é absolutamente impossivel que o espirito o mais perspicaz, que o pensador o mais profundo, possa antever a sorte d'este paiz no fim do proximo mez de Abril.

Espartero foi avisado de se terem afiliado nas sociedades patrioticas os sargentos do seu regimento de Luchona. A's onze horas da noite mandou dois officiaes do seu Estado Maior verificar se os sargentos estavam no Quartel, e apenas se encontraram quatro.

O regimento saiu de Madrid, e as sociedades patrioticas foram mandadas dissolver. Triste é, por certo, este quadro, e, pelo bem da humanidade e pelo nosso proprio interesse, como Portuguez, anciosamente desejo que o Duque da Vitoria possa conservar no Exercito a preponderancia que sobre elle tem exercido até agora.

Do que levo dito verá V. Ex.ª (1.º) que é impossivel que este Governo nos pague em dinheiro; (2.º) que qualquer lettra ou promessa, por mais formal e solemne que seja, ficará, segundo toda a probabilidade, reduzida ao mesmo estado em que se acham as lettras saccadas, no principio do anno de 1837, pelo Governo Portuguez e acceites pelo Hespanhol.

Na conferencia que hontem tive com o sr. Gamboa, quando ponderamos a incerteza das cousas existentes, lembrou-se elle que talvez fosse util e, em particular, na situação das nossas finanças, que talvez o Governo Portuguez quizesse fazer alguma transacção e que, não obstante não poder elle dar ordens para pagamentos sobre o arrendatario collectivo das aguas ardentes, pelos adiantamentos que já tinha feito, comtudo, como era uma Companhia de homens poderosos, talvez lhes fizesse conta entrar em alguma transacção, e ficou de lhes falar e de me avizar.

Já que comecei este negocio, e como não tomarei uma decisão final sem receber, a este respeito, ordens mui terminantes e claras, rogo a V. Ex.ª queira, sem demora, transmittir-m'as.

Queira V. Ex.ª em meu nome, etc.

Madrid, 5 de Março 1841.

N.º 28.—*Confidencial.*

Ill.^mo e Ex.^mo Sr.

N'este momento, hora de se fechar o correio, recebo a inclusa proposta que apenas tenho tempo de escrever.

De novo peço as ordens de S. M. a este respeito.

Deus Guarde, etc.—Madrid, 5 de Março 1841, ás 12 ¹/₄ da noite.

N.º 29 --*Confidencial—Reservadissimo.*

Ill.^mo e Ex.^mo Sr.

No dia 6, ás 8 da manhã, recebi um bilhete em que se me dizia:—«Ha grande novidade; e pede-se-lhe que esteja em casa de Gamboa ás 11 horas.»

Ali encontrei tres dos amigos do dono da casa, e pouco depois chegou Mr. Aston. No meu officio confidencial n.º 27, de 5, tive a honra de dizer a V. Ex.ª que na noute de 4 para 5, na sessão da Regencia, tinha havido uma scena tão séria entre os Ministros do Reino, Justiça, Estrangeiros e Fazenda, que, a muito custo, tinha o Duque da Vitoria podido conseguir que o sr. Gamboa deixasse de resignar o seu logar. Na sessão seguinte, na tarde do mesmo dia 5, a questão entre aquelles Regentes foi de tal natureza que o Ministro da Fazenda tomou a resolucão de se demittir.

Para ver se era possivel evitar que elle désse aquelle passo, teve logar a reunião em sua casa. A's duas, fui á casa do Duque da Vitoria, e o Ajudante de Campo, de serviço, me disse que os Regentes estavam com o Duque: mas que, como a ordem era para eu entrar sempre, sem annuncio, que me prevenia que o Duque estava no seu quarto. Ali achei todos os Regentes, menos o Ministro da Guerra. Falei na demissão de Gamboa, ponderando os inconvenientes graves que se seguiriam, particularmente faltando tão poucos dias para se abrirem as Camaras. Respondeu-me o sr. Cortina, dizendo-me: —«V. es estimado e considerado como uno de nosotros, e asi lo «tratamos com toda la franqueza.»

Especificou os motivos de queixa que tinha contra o Ministro da Fazenda, e concluiu: —«Esto ha llegado a tal punto «que si Don Agostin no dá hoy su demision, lo daré yo, el «señor de Ferrer y el señor de Becerra.»

O Duque estava mortificado; porque o sr. Gamboa era o

unico amigo verdadeiro que elle tinha na Regencia. Companheiros de Collegio, têem constantemente conservado a mais estreita amisade.

Voltei a casa de Gamboa e, ás tres horas, officiou elle á Regencia dizendo, em seis linhas, que a divergencia de opiniões que existia entre elle e alguns dos Regentes sobre objectos da maior gravidade, o obrigava a pedir á Regencia a sua demissão de Regente e de Ministro da Fazenda, se, constitucionalmente, o podia fazer.

Antes das quatro, recebeu resposta na qual se lhe diz que a Regencia, annuindo á sua representação, havia por bem acceitar-lhe a demissão de Ministro d'Estado, deixando, d'este modo, intacta a questão de Regente.

Ás 5 entrou o sub-Secretario d'Estado, Don Cesario, dizendo que Don J. M. Ferrer acabava de tomar conta do Ministerio da Fazenda.

Muitas pessoas de consideração se reuniram, depois, em casa do sr. Gamboa; e a opinião ali manifestada era que D. Agostin continuava a ser um dos Regentes, e que a Regencia não tem a faculdade de nomear-lhe successor. O sr. Gamboa conta entra os seus amigos o Arguelles, Quadros, e outras pessoas de muito peso. E' um homem da maior honra e bondade; e todos que com elle tratavam estavam certos da sua sinceridade e boa fé.

O ex-Ministro da Fazenda diz que a opposição dos seus collegas, evitando que elle levasse a effeito as medidas financeiras que tinha apresentado, é a causa da falta de dinheiro em que está o Thesouro, e que assim o mostrará nas Camaras. Os outros, fazendo justiça ás qualidades do sr. Gamboa como homem particular, poem em duvida a sua habilidade para dirigir as finanças do paiz em taes circumstancias. Uma pretenção do Ayuntamiento de Cadiz, a respeito do direito de Puertos, apoiada pelo sr. Cortina, e a que o sr. Gamboa não annuiu, foi um dos motivos da ultima altercação; mas o motivo principal é a inimisade que os srs. Ferrer e Cortina tem ao sr. Mendizabal, o mais intimo amigo de Gamboa.

Em 22 de Dezembro, expondo a V. Ex.ª as minhas idéas ácerca da situação d'este paiz, disse a V. Ex.ª: — «Mas o que ninguem duvida é que o Ministerio morrerá aos poucos dias de nomeada a nova Regencia». Os Ministros conhecem isto mesmo; e, desde já, se fazem a guerra entre si para que a mudança não seja completa, e poder cada um, de per si, conservar a sua pasta. A demissão do Ministro da Fazenda, assim como a completa ausencia do Partido Moderado nas elei-

ções, que tambem, na mesma carta annunciei a V. Ex.ª, e outros factos, já provam que me não enganei no juizo que então tinha formado do estado politico d'este paiz.

No dia 7 fui entregar ao sr. Ferrer a Nota de que é copia a inclusa. Achei-o triste. Renovou os protestos dos seus bons desejos a nosso respeito, e pediu alguns dias para me responder.

Esperando instrucções relativamente ao modo por que o Governo de S. M. quererá que se proceda á liquidação da divida, nada tenho adiantado com o Ministro da Guerra. O Governo Hespanhol tem reclamações contra o nosso Governo, que fará valer na occasião da liquidação.

Resta-me a honra de accusar a recepção do Officio confidencial de V. Ex.ª, n.º 15, que recebi hontem, com data de 3 do corrente, de cujo conteúdo fico inteirado.

Rogo a V. Ex.ª me faça a honra, etc.

Madrid, 9 de Março de 1841.

INSTRUCÇÕES

PARA A

MISSÃO DE MADRID

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

O acontecimento muito sério que acaba de ter logar em Hespanha, e que torna, n'este momento, sobremaneira importante a Missão Portugueza n'aquella Côrte, determinou o Gabinete de S. M. F. a confial-a, temporariamente, ao experimentado zelo e capacidade de V. E.ª, na persuasão de que, em circumstancias tão graves, quanto melindrosas, não poderia deixar de ser muito util ao serviço da mesma Augusta Senhora, o ter em Madrid um Ministro que, pela justa consideração de que goza, pela sua posição na sociedade, e pela sua intelligencia dos negocios publicos, pode representar dignamente, em Hespanha, os interesses de Portugal.

A abdicação da Rainha Maria Christina é já um facto consumado; e, por consequencia, deverá V. Ex.ª prudentemente abster-se de enunciar a esse respeito, de uma maneira manifesta, opinião alguma que possa compromettel-o, ou ser mal interpretada pelo espirito de partido.

As suas primeiras diligencias, antes mesmo de entregar a sua credencial, deverão dirigir-se a obter, não só do Ministro de Sua Magestade em Madrid, mas muito principalmente dos Ministros de Inglaterra e de França, e dos demais Membros do Corpo Diplomatico, as informações necessarias para se orientar, evitando dar qualquer passo que possa singularizal-o e ser considerado, por um ou outro partido politico, como

uma manifestação da opinião do seu Governo. Esta recommendação, aliaz escusada para uma pessoa como V. Ex.ª, applica-se, entre outras cousas, ao pequeno discurso que poderá pronunciar na occasião da sua apresentação, e mesmo á epoca da entrega da sua credencial, que talvez convirá não apressar (uma vez que isso possa ser sem affectação) no caso de as não haver ainda apresentado nenhum dos outros Ministros Estrangeiros.

Ao Presidente do Conselho e aos seus Collegas, manifestará V. Ex.ª, desde logo, alem do vivo interesse que Sua Magestade toma na felicidade da sua Augusta Prima, a Rainha Catholica, o desejo, não menos sincero, que anima o Gabinete Portuguez de manter e cultivar as relações de intima amizade entre dois Reinos visinhos, que, por tantos motivos de analogia devem, reciprocamente, considerar-se como Alliados naturaes.

V. Ex.ª, pela sua graduação e reputação militar, achará naturalmente, as maiores facilidades de contraír relações de confiança com o Marechal Duque da Vittoria, e deverá aproveital-as pelos meios de decorosa seducção, á qual aquelle afortunado General não será, naturalmente, insensivel, para lhe inspirar disposições amigaveis.

Com os demais Ministros e pessoas notaveis convirá que V. Ex.ª, successivamente, forme relações, para o que lhe não serão, certamente, inuteis as que já tem contraído durante a Guerra da Peninsula, e na emigração; e, sobretudo, deverão tender as suas diligencias a ligar-se com aquellas pessoas, ou sejam do Ministerio, ou de fóra d'elle, que exercerem maior influencia sobre o Presidente do Conselho.

V. Ex.ª, que perfeitamente conhece o caracter da Nação Hepanhola, saberá conseguir o fim acima dito sem grande difficuldade. Os Hespanhoes são, geralmente, francos e um tanto fastosos, resistentes a toda a influencia estrangeira ostensiva, e cedendo a ella sómente quando é exercida indirectamente. As idéas que querem manifestar do seu poder e da sua independencia, os excitam, naturalmente, a uma especie de antipathia contra as duas Nações que, no fundo, reconhecem como superiores, a Ingleza e a Franceza. Mas essa razão não existe para com Portugal e, em geral, todos os Hespanhoes, á excepção das classes populares, se acham naturalmente dispostos a favor dos Portuguezes que, a muitos titulos, consideram como irmãos.

A linguagem de V. Ex.ª, tanto official como particular, deve ser explicita e singela. Os desejos de S. M. F., dos seus

Ministros, e de toda a parte sizuda da Nação Portugueza, são os mais justos, e por isso se devem, altamente, declarar.

1.º—A conservação do Throno da Rainha, e do principio monarchico, principal garantia da paz interna; 2.º—A conservação da Liberdade, conseguida a tão caro preço, e que os Portuguezes a todo o risco saberão defender; 3.º— A Constituição de 1838, pacto de alliança e de reconciliação entre os Liberaes portuguezes; 4.º—A tranquillidade, a boa ordem publica, principal necessidade dos povos e principal obrigação do Governo.

Este programma é o que o Ministerio de S. M. se propõe, regeitando com desprezo as accusações de idéas retrogradas, no sentido que, actualmente, se dá a essa palavra, e ainda mais das de falta de nacionalidade, e de tendencia a sacrificar os interesses portuguezes aos Governos Estrangeiros.

A Missão de V. Ex.ª não é, por agora, destinada a negociações activas sobre as questões que existem entre os dois paizes. E' uma Missão de vigilancia, de observação, e de prevenção. O maior serviço que V. Ex.ª poderá fazer ao Throno e á Nação Portugueza, será o de contribuir, pela sua parte, quanto seja possivel, para garantir este Reino das consequencias que a revolução ultimamente effeituada na Hespanha pode fazer receiar, visto que a experiencia tem mostrado que as mudanças politicas, n'um dos dois Reinos, frequentemente se reproduzem no outro. Não tratamos agora de apreciar a revolução de Hespanha, mas o que é certo e que as circumstancias dos dois paizes, n'este momento, são mui diversas e, sobretudo, as accusações dirigidas contra a Rainha Regente de Hespanha, estam bem longe de poder applicar-se, nem á conducta politica, nem ao illibado caracter pessoal da nossa Augusta Soberana.

Aos Ministros Hespanhoes e aos Ministros Extrangeiros, convencerá V. Ex.ª, sem duvida, de quanto importa que se mantenha, nas circumstancias actuaes, a paz interna n'este Reino; porque, prescindindo dos argumentos de moralidade que assim o provam, a toda a Europa interessa que se se acalmem as paixões, e se ponha um termo ás reacções, que influem, tambem, nos corpos politicos, de massas menores para as maiores, assim como acontece no mundo phisico.

Para fallar sem mysterio, ao movimento que acaba de effectuar-se em Hespanha, não se podem reputar extranhas as Sociedades Secretas e os Clubs que, sem duvida, extendem as suas ramificações a todos os pontos da Peninsula. V. Ex.ª portanto, fará as maiores diligencias para descobrir e vigiar as relações d'essa natureza que possam existir com Portugal, e

para contrariar as suas intrigas clandestinas, por meios de persuasão, junto ás pessoas mais influentes nos mesmos Clubs e, sobre tudo, solicitando para esse fim a co-operação amigavel e franca do Governo Hespanhol, cujo interesse, sem duvida, consiste agora em pôr termo á Revolução, e que deverá convencer-se de que os principios que elle professa, publicamente, não são contrariados pelos principios, sinceramente liberaes, que dirigem o Governo Portuguez.

Estas verdades ainda mais facil accesso deverão encontrar nos Ministros de Inglaterra e de França, e V. Ex.ª reclamará o seu auxilio efficaz, para apoiar as suas diligencias. A influencia Ingleza parece ser a que prevalece agora em Madrid; e, por isso mesmo que ella não foi, talvez, estranha, inteiramente, aos ultimos acontecimentos d'aquelle paiz, poderá, com mais proveito e sem suspeita, exercer-se a nosso favor, visto que, certamente, não entra nas idéas do Gabinete Britannico o abalar os dois Thronos da Peninsula, nem mesmo occasionar, em Portugal, qualquer transtorno.

Com estes dois Agentes Diplomaticos escusado é recommendar a V. Ex.ª as precauções dictadas pela prudencia para se não comprommetter nem com um nem com outro, nas intrigas que, infelizmente, os dividem; pois que o Governo de S. M, deseja, sobretudo, manter-se, não só neutral, mas extranho, quanto seja possivel, a taes dissidencias. Em caso porém, não previsto, de colisões inevitaveis, exige a nossa posição, que a Inglaterra seja considerada nossa primeira Alliada, visto que essa Potencia é a que, em casos extremos, tem mais meios de nos offender, assim como mais interesses em nos defender.

Não se pode deixar de fazer menção aqui de um dos objectos essenciaes que V. Ex.ª deverá levar em vista, e vem a ser a nomeação, quanto antes, de um Ministro d'Hespanha para a nossa Côrte, cujo caracter offereça garantias, e mereça confiança, e que não venha estabelecer em Lisboa, ou de seu proprio motu ou por condescendencia com os intrigantes hespanhoes e portuguezes, pelos quaes será instigado, um fóco de dezordem e de embaraços para o Governo. Este negocio é tanto mais urgente quanto acaba de ser demittido o Encarregado de Negocios «Creuz», e substituido pelo Consul, que dizem pertencer ao partido exaltado.

Pouco mais resta a acrescentar ás idéas geraes indicadas nas presentes instrucções. A Quadrupla Alliança cessou de facto; porque acabou o objecto para que tinha sido contraída, e porque as dissenções entre a França e a Inglaterra as con-

stituem antes como rivaes do que como amigas, relativamente a Hespanha. O antigo Pacto de Familia morreu em 1808: varíam, portanto, todos os dados em que, ha seculos, se fundavam as relações da Peninsula com o resto da Europa. Esta consideração merece ser sériamente pezada, e o ha de ser pelo Governo Hespanhol, se lhe fôr, opportunamente, apresentada como motivo para estreitar relações de uma amizade com Portugal, fundada sobre a base de mutua independencia, á semelhança das que se tem estabelecido entre a Prussia e a Austria, para se defenderem, tanto da ambição da Russia, como da aggressão da França.

Não consta, até agora, que se tenha tratado do ajuste de casamento da Rainha Catholica; e V. Ex.ª informará a este respeito, assim como sobre tudo o mais e, especialmente, sobre a origem da ultima revolução, e perspectiva que actualmente apresente, expedindo para esse fim Correios, quando fôr necessario, ou servindo-se da cifra que lhe será fornecida. Emquanto á questão do casamento, não tem o Governo de S. M. idéas antecipadas. De entre todos os noivos de que se tem fallado, o que menos inconvenientes parecia apresentar seria o Filho do Infante D. Francisco de Paula; mas se V. Ex.ª, directa ou indirectamente, poder n'isto exercer alguma influencia, o mais conveniente seria não se concluir, por agora, nenhum ajuste, e ficar este importante negocio suspenso até á epoca da nubilidade da Rainha.

Os quatro negocios que haveria a tratar, seriam: 1.º — A reclamação de Olivença; 2.º — A divida do Governo Hespanhol pela manutenção das nossas tropas; 3.º — A navegação do Douro; 4.º — A ilhota na fóz do Guadiana.

Emquanto ao primeiro, deve-se esperar occasião favoravel, sem, comtudo, dar logar, por um silencio absoluto, a que se considere o negocio como prescripto, tendo em vista as circumstancias que, explicitamente, serão expostas n'uma Memoria que se remetterá a V. Ex.ª, devendo-se notar que existe uma promessa, por escripto, do sr. Mendizabal, durante o seu Ministerio, de que este negocio seria terminado por mediação ou arbitragem das Potencias amigas, depois da guerra civil.

Emquanto ao segundo das reclamações, informará a V. Ex.ª, cabalmente, o sr. Lima; devendo sempre promover-se, e d'aqui se expedirão, com a possivel brevidade, os esclarecimentos, cuja falta tem sido indicada, e que se poderem obter. Talvez que este negocio, habilmente tratado, offereça a unica alternativa razoavel de obter a restituição de Olivença, encontrando-se uma cousa com a outra; mas só com muita delicadeza.

e aproveitando uma occasião favoravel, é que este encontro se poderá promover.

Emquanto ao terceiro, a Convenção relativa ao Douro, foi apresentada, com o competente Regulamento, ás Camaras, e não tem sido já solicitada a brevidade da decisão, por se julgar necessario algum tempo para preparar a esse respeito a opinião publica, que, até agora, se tem manifestado adversa, por falta da necessaria illustração.

Emquanto ao quarto, a ilhota da fóz do Guadiana, é negocio que deveria ficar esquecido, e *in statu quo,* para não suscitar uma contenda difficil de terminar, e sobre um objecto de tão pouca monta para ambas as partes.

Sendo considerada a Missão de V. Ex.ª como temporaria, claro está que não exige, por agora, despezas de apparato, que aliaz seriam inuteis, vista a consideração pessoal que V. Ex.ª, independente de taes despezas, ha de, por certo grangear.

Incluso tenho a honra de enviar a V. Ex.ª o autographo e competente copia da sua Credencial, bem como o Passaporte para V. Ex.ª e para o sr. Conde de Almoster, e Capitão D. Miguel Ximenes, e comitiva.

Deus Guarde a V. Ex.ª — Secretaria d'Estado dos Negocios Estrangeiros, em 23 de Outubro de 1840.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Marquez de Saldanha.

Rodrigo da Fonseca Magalhães.